

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
INSTITUTO DE LETRAS

MARIA LIZ BENITEZ ALMEIDA

**A HISPANIZAÇÃO DO GUARANI EM MANUSCRITOS DAS REDUÇÕES
JESUÍTICAS NO PERÍODO ENTRE 1768 E 1831**

PORTO ALEGRE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

**A HISPANIZAÇÃO DO GUARANI EM MANUSCRITOS DAS REDUÇÕES
JESUÍTICAS NO PERÍODO ENTRE 1768 E 1831**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras, área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Coorientador: Prof. Dr. Leonardo Cerno

MARIA LIZ BENITEZ ALMEIDA

Porto Alegre, outubro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Simone Sarmento (Coordenadora)

Antônio Marcos Vieira Sanseverino (Vice-Coordenador)

CIP – Catalogação na Publicação

CIP - Catalogação na Publicação

Benitez Almeida, Maria Liz
A hispanização do guarani em manuscritos das
Reduções Jesuíticas no período entre 1768 e 1831 /
Maria Liz Benitez Almeida. -- 2022.
177 f.
Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Coorientador: Leonardo Cerno.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Guarani Reduacional. 2. Contato Guarani-Espanhol.
3. Hispanização. 4. Empréstimos Linguísticos. 5.
Reduções Jesuíticas. I. Altenhofen, Cléo Vilson,
orient. II. Cerno, Leonardo, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maria Liz Benitez Almeida

**A HISPANIZAÇÃO DO GUARANI EM MANUSCRITOS DAS REDUÇÕES
JESUÍTICAS NO PERÍODO ENTRE 1768 E 1831**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora e aprovada em sua forma final/com alterações indicadas pela banca.

Porto Alegre, 27 de outubro de 2022

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Orientador

Prof. Dr. Leonardo Cerno
Coorientador

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Harald Thun
Universidade de Kiel

Prof. Dr. Joachim Steffen
Universidade de Augsburg

Profa. Dra. Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Aos falantes de guarani
de ontem, hoje e amanhã.*

Meus agradecimentos para

Meu orientador, o professor Cléo, por suas palavras no CELSUL-2014: “queremos estudar todas as variedades, mas precisamos de mais pesquisadores. As vagas estão abertas lá na UFRGS”. Tomei aquilo como um genuíno convite! *Aguyje* ‘obrigada’.
Aguyje por tantos ensinamentos!

Agradeço a meu segundo orientador, o professor Leonardo. Sem sua ajuda, a conclusão desta tese não teria sido possível. Obrigada pela paciência, pelos ensinamentos e pela dedicação a meu trabalho.

Aos membros da banca, à professora Elisa Battisti, ao professor Joachim Steffen e ao professor Harald Thun pela atenta leitura e pelas considerações para o aprimoramento da pesquisa. Agradeço em especial ao professor Thun por ter me inspirado a estudar o guarani das missões por meio de suas pesquisas.

À professora Ada, minha orientadora de mestrado, pelas palavras de alento e por me mostrar que todos os caminhos são possíveis.

Às colegas e aos colegas que se transformaram em grandes amizades: Dania, Myrna e Fernando. Obrigada pelas trocas e pelo apoio nos momentos desafiadores.

A meus avôs, meus pais, *karai Pechito ha ña Luli (in memoriam)*, de quem aprendi minhas primeiras palavras em guarani.

A minha mãe, Ana, por ser um exemplo de persistência e de coragem na minha vida. Obrigada também ter sido uma de minhas fontes de consulta para a língua guarani. A meu padrasto Eliseo (*in memoriam*), por sempre ter me encorajado a perseguir meus objetivos. Suas palavras de estímulo ressoaram nas últimas etapas da tese.

Por fim, sou grata a Beto, meu esposo, meu companheiro de todas as horas, *gracias* por ser um instrumento de Deus na minha vida.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever o processo de hispanização do guarani, em contato com o espanhol, tomando por base um *corpus* de 54 cartas escritas por indígenas em Reduções Jesuíticas do Paraguai, no final do séc. XVIII e início do séc. XIX, mais precisamente entre os anos 1768 e 1831. A partir da análise de empréstimos e alternâncias de código contidas nesses manuscritos, o estudo busca identificar como se projeta essa hispanização ao longo do período, quais suas motivações (intra e extralinguísticas) e o que revelam sobre o contato linguístico guarani-espanhol. Para tanto, toma-se em consideração diferenças linguísticas e culturais, bem como processos de integração ao sistema do guarani, em posições e em classes gramaticais de um lado mais resistentes e, de outro, mais vulneráveis à hispanização. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho diacrônico, pautada na análise de documentos escritos, que tem por foco o contato da língua autóctone guarani com a língua de colonização, o espanhol, no contexto das Reduções Jesuíticas no Paraguai. A metodologia empregada segue uma análise de cunho quantitativo-interpretativo, complementada por análise qualitativa. Os empréstimos linguísticos constituem, nesse particular, elementos incorporados ao sistema e, portanto, de uso recorrente e coletivo (*langue*) (APPEL e MUYSKEN, 1996, p. 182). A eles somam-se fenômenos de ordem individual e idiossincrática, portanto, do âmbito do uso situacional da língua (*parole*), que dependem da competência linguística do falante na outra língua (Ibid., p. 182). O tipo de empréstimo priorizado nesta tese equivale ao que se denomina empréstimo de material linguístico (MAT), em contraposição ao empréstimo de padrão linguístico (PAT) (MATRAS; SAKEL, 2007). Nesse sentido, o estudo constatou, entre o período inicial (1768/1769), época da expulsão dos jesuítas das reduções no Paraguai, até os anos de 1831, um crescimento significativo da incorporação de material linguístico do espanhol no guarani, não apenas em termos de empréstimos lexicais e gramaticais, como também de alternâncias de código que refletem um avanço da presença social do espanhol, na oralidade, e o conseqüente aumento da competência bilíngue. Dentre os empréstimos lexicais, a pesquisa confirmou tendências já observadas em outros estudos (THUN, 2006; GÓMEZ-RENDÓN, 2008; KALLFELL, 2010; CERNO, 2011) e que apontam a primazia do empréstimo de substantivos, seguindo a sequência de verbos > advérbios > adjetivos. Dentre os empréstimos gramaticais, a ordem hierárquica em termos de recorrência incidiu especialmente em conjunções e, na ordem, em grau menor, preposições > pronomes indefinidos > conectores discursivos. A ocorrência de empréstimos lexicais e gramaticais confirma o modelo previsto por Thomason (2001) para situações de contato. Assim, nas primeiras três fases (1768-69, 1770, 1780), as classes atingidas localizam-se exclusivamente no nível lexical, com exceção da última fase, que começa a apresentar empréstimos gramaticais. No entanto, essa predominância do empréstimo lexical sugere que, nessas primeiras décadas, o contato com o espanhol era ainda casual. Nas últimas três fases (1790, 1800, 1810), ingressam já com maior frequência também empréstimos gramaticais, o que pressupõe o aumento do contato com a língua espanhola e, por conseqüência, da competência linguística em espanhol. Esse aumento da competência linguística em espanhol nas últimas três fases encontra respaldo no crescente emprego de alternâncias de código nesse período. Por fim, o estudo também dedica uma atenção especial aos processos de

adaptação fonética observados ao longo do *corpus*, assim como dos principais campos semânticos atingidos.

PALAVRAS-CHAVE: guarani reducional; contato guarani-espanhol; hispanização; empréstimos linguísticos; reduções jesuíticas.

ABSTRACT

This study's object is to describe the process of Guarani's Hispanicization, in contact with Spanish, based on a *corpus* of 54 letters written by indigenous people in Jesuit Reductions in Paraguay, by the end of the XVIII century and beginning of the XIX, more precisely between the years of 1768 and 1831. Based on the analysis of loans and code alternations in these manuscripts, the study seeks to identify how this Hispanicization is projected throughout the period, its motivations (intra and extralinguistic), and what they reveal about the Guarani-Spanish linguistic contact. For that, cultural and linguistic differences are considered, as well as processes of integration to Guarani's system in positions and grammatical classes that are more resistant, but also more vulnerable to Hispanicization. Therefore, it is a diachronic research, based on the analysis of written documents, whose focus is the contact of the autochthonous Guarani language with the colonization language, Spanish, in the context of Jesuit Reductions in Paraguay. The methodology follows a quantitative-interpretative analysis, complemented by a qualitative analysis. Linguistic subsidies constitute, in this particular, elements incorporated into the system and, therefore, of recurrent and collective use (*langue*) (APPEL and MUYSKEN, 1996, p. 182). Added to these are phenomena of an individual and idiosyncratic nature, therefore, within the scope of the situational use of the language (*parole*), which depends on the linguistic competence of the speaker in the other language (Ibid., p. 182). The kind of loan that is priority in this thesis is equivalent to the one called a loan of *matter borrowing* (MAT) (MATRAS; SAKEL, 2007), opposed to the loan of *pattern borrowing* (PAT). In that manner, the study has stated that, between the initial period (1768/1769), when the Jesuits were expelled from the Reductions in Paraguay, up to 1831, a meaningful increasing in the incorporation of linguistic material from Spanish to Guarani, not only in terms of lexical and grammatical loans, but also of code alternations that reflect an advance in the social presence of Spanish, in orality, and the consequent increasing of the bilingual competence. Amongst the lexical loans, the research has confirmed tendencies observed in other studies before (THUN, 2006; GÓMEZ-RENDÓN, 2008; KALLFELL, 2010; CERNO, 2011) that point out to the primacy of noun loans, following the sequence of verbs > adverbs > adjectives. Amongst the grammatical loans, the hierarchical order in terms of recurrence focused on conjunctions, and, in the order, to a lesser degree, prepositions > indefinite pronouns > discursive linking words. The occurrence of lexical and grammatical loans confirms the standard foreseen by Thomason (2001) for contact situations. In that manner, in the first three phases (1768-69, 1770, 1780), the affected classes are exclusively located in the lexical level, except for the last phase, which starts to present grammatical loans. However, this predominance of the lexical loan suggests that, in the first decades, the contact with Spanish was still casual. In the last three phases (1790, 1800, 1810), grammatical loans appear with a higher frequency, which leads to a conclusion of the increase of contact with Spanish, and, therefore, of the linguistic competence in Spanish. This increase of the linguistic competence in Spanish in the last three phases is supported by the increasing use of code alternations in this period. Finally, the study dedicates some special attention to the processes of phonetic adaptation observed throughout the *corpus*, as well as to the main semantic fields affected.

Keywords: Reductive Guarani; Guarani-Spanish contact, Hispanicization; Linguistic Loans; Jesuitic Reductions.

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Quadro 1: Variedades do Grupo 1 da família linguística Tupi-Guarani	26
Quadro 2: O guarani nas três comunidades linguísticas	30
Quadro 3: Reduções Jesuíticas.....	34
Quadro 4: Fases da escrituralidade indígena em guarani	39
Quadro 5: Textos do temporal: gêneros textuais.....	50
Quadro 6: Linguagem da imediatez e da distância	64
Quadro 7: Esboço tipológico do guarani e do espanhol.....	76
Quadro 8: Conjunto de manuscritos 1768-1831	80
Quadro 9: Critérios para definição da palavra independente em guarani	86
Gráfico 1. Produção textual impressa nas Missões	45
Gráfico 2: Presença de hispanismos numa perspectiva diacrônica	116
Gráfico 3: Adaptação fonética na integração de empréstimos do espanhol no guarani	120
Gráfico 4: Ocorrência das marcas do gênero epistolar	156
Tabela 1: Entrada de hispanismos, no período 1768-1769	90
Tabela 2: Empréstimos em termos totais, no período 1768-1769.....	92
Tabela 3: Entrada de hispanismos: fase 1770-1779.....	95
Tabela 4: Empréstimos em termos totais – fase 1770-1779.....	96
Tabela 5: Entrada de hispanismos, na fase 1780-1789	100
Tabela 6: Empréstimos em termos totais, na fase 1780-1789.....	101
Tabela 7: Entrada de hispanismos: fase 1790-1798.....	106
Tabela 8: Empréstimos em termos totais, no período de 1790-1798	106
Tabela 9: Entrada de hispanismos: fase 1800-1809.....	109
Tabela 10: Empréstimos em termos totais, no período de 1800-1809	110
Tabela 11: Entrada de hispanismos, na fase 1810-1831	112
Tabela 12: Empréstimos em termos totais, no período 1810-1831	112
Tabela 13: Perfil geracional dos escreventes e situação de contato	117
Tabela 14: Processos de adaptação fonética	121
Tabela 15: Empréstimos lexicais e gramaticais em <i>tokens</i>	124
Tabela 16: Empréstimos lexicais e gramaticais em <i>types</i>	125
Tabela 17: Empréstimos lexicais: escala de classes de palavras.....	125
Tabela 18: Empréstimos gramaticais: escala de classes de palavras.....	126
Tabela 19: Empréstimos gramaticais: classes de palavras	127
Tabela 20: Campos semânticos da organização pública: visão geral.....	130
Tabela 21: Campos semânticos da organização privada.....	137
Tabela 22: Campos semânticos do âmbito das relações comerciais e de trabalho.....	142
Tabela 23: Campo semântico da religião	146
Tabela 24: Formas de tratamento.....	148
Tabela 25: Média de ocorrências das formas <i>señor</i> e <i>don</i>	150
Tabela 26: Marcas textuais	152
Tabela 27/a: Média de alternâncias em cada fase analisada	157
Tabela 28/a: Média de alternâncias em cada fase analisada	158

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1: Ilustração da presença de línguas tupis na Costa Atlântica.....	23
Mapa 2: Origem e expansão do tupi-guarani.....	24
Mapa 3: Frentes de expansão missioneira.....	33
Figura 1: Famílias linguísticas do tronco Tupi	22
Figura 2: Manuscrito: “Estado de cuentas sobre ganado y otros bienes” - 1787/1788	41
Figura 3: Textos do guarani jesuítico no eixo temporal, entre a linguagem da imediatez e da distância... 66	
Figura 4: Excerto de um exemplo de manuscrito.....	78
Figura 5: Excerto da carta 1783/San Estanislao.....	153
Figura 6: Excerto da carta 1788/Santa Maria de Fe/b.....	153
Figura 7: Carta: 1794/Trinidad	154
Figura 8: Excerto da carta 1783/San Estanislao.....	155
Figura 9: Excerto da carta 1788/Santa Maria de Fe/b.....	155

LISTA DE SIGLAS ABREVIATURAS

ALGR-S	Atlas Lingüístico Guaraní-Románico: Sociología
ANA	Archivo Nacional de Asunción
SP	Espanhol
FR	Francês
GUA	Guarani
ING	Inglês
IPOL	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Ling�stica
LANGAS	<i>Langues Générales d'Amérique du Sud</i>
MAT	<i>Replication of linguistic matter</i>
PAT	<i>Replication of pattern</i>
PT	Português
RAE	<i>Real Academia de la lengua espa�ola</i>
SÉC	Século
TUPI-GUAR	Tupi-guarani
TUP	Tupi

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - O GUARANI E SUAS MÚLTIPLAS FACES: VARIAÇÃO INTERNA E SÓCIO-HISTÓRIA DAS REDUÇÕES	18
1.1 COMPLEXOS VARIACIONAIS DO GUARANI: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOLINGÜÍSTICOS.....	21
1.1.1 O guarani pré-colonial: origens e territorialidades	21
1.1.2 O guarani colonial: o guarani da província do Paraguai e o guarani das reduções.....	27
1.1.3 Criação e organização social das Missões Jesuíticas.....	30
1.1.4 O guarani das reduções: um espaço multiétnico e multilíngue	37
1.2 A ESCRITURALIDADE DA LÍNGUA GUARANI.....	39
1.2.1 Oralidade e escrituralidade no Paraguai colonial	39
1.2.2 As reduções jesuíticas: os primórdios da standardização	42
1.2.3 Standardização do guarani: os trabalhos lexicográficos de Montoya	43
1.3 USOS DA ESCRITA EM GUARANI.....	47
1.3.1 Entre os textos do espiritual e do temporal.....	47
1.3.2 Reflexão final: entre a colonização do guarani e a guaranização do colonizador	52
1.3.3 Resumo: a questão dos hispanismos (e dos lusismos).....	53
1.4 RESUMO PARA NORTEAR A PESQUISA	55
CAPÍTULO 2 – BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DE FONTES ESCRITAS.....	58
2.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E LIMITAÇÕES DO <i>CORPUS</i>.....	58
2.2 CONTEXTO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO “GUARANI ESCRITO”	60
2.2.1 O “repertório linguístico” dos falantes/escreventes.....	62
2.2.2 Dimensão diamésica: língua oral e registro escrito	63
2.2.3 Mudanças linguísticas induzidas por contato	66
2.3 EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO.....	68
2.3.1 Empréstimos de MAT e PAT.....	69
2.3.2 Processos de alternância.....	73
2.3.3 Esboço tipológico da língua guarani	74
2.4 COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E ASPECTOS METODOLÓGICOS	77
2.4.1 Coleta de dados	77
2.4.2 O <i>corpus</i>	78
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DE CARTAS EM GUARANI.....	85
3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS PARA A ANÁLISE QUANTITATIVA	85
3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS.....	89
3.2.1 Cartas do período 1768-1769	89

3.2.2	Cartas do período 1770-1779	94
3.2.3	Cartas do período de 1780-1789.....	100
3.2.4	Cartas do período de 1790-1798.....	105
3.2.5	Cartas do período de 1800-1809.....	108
3.2.6	Cartas do período 1810-1831	111
3.2.7	Síntese da análise diacrônica: tendência no período.....	115
3.3	ANÁLISE DIACRÔNICA DOS FENÔMENOS DE CONTATO.....	118
3.3.1	Processos de adaptação fonética.....	119
3.3.2	Classes de palavras ou categorias.....	124
3.3.3	Grau de hispanização em diferentes campos semânticos	129
3.3.3.1	Organização social no âmbito público	130
3.3.3.2	Organização social no âmbito privado	136
3.3.3.3	Relações comerciais e de trabalho.....	141
3.3.3.4	Domínio da religião.....	146
3.4	PRESENÇA DO ESPANHOL NO DISCURSO INDIVIDUAL.....	148
3.4.1	Formas de tratamento e títulos honoríficos	148
3.4.2	Marcas textuais do gênero epistolar	151
3.4.3	Alternância no uso de guarani e espanhol no plano da sintaxe	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
	REFERÊNCIAS	169

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o contato linguístico entre o guarani, língua autóctone da América do Sul, e o espanhol, como língua alóctone de colonização. Seu foco central é o resultado desse contato, expresso no conceito de “hispanização” como um processo de mudança do guarani com influência do espanhol. Essa hispanização e consequente apropriação de elementos do espanhol é, naturalmente, variável, conforme o período, o contexto social e geográfico, a situação de uso, a intensidade do contato, o grau de bilinguismo de um falante/escrevente a outro.

O recorte desta tese centra-se na hispanização do guarani em documentos escritos, no âmbito do temporal (THUN, 2008a), ou seja, de produções escritas fora do âmbito eclesiástico, em reduções jesuíticas dos séculos XVIII e XIX. Coloca-se, com isso, a pergunta sobre o que essas influências da língua de colonização sinalizam sobre o contato linguístico e a constituição do guarani como o conhecemos hoje, e que tem no *jopara*, denominação coloquial da variedade falada no Paraguai, o estado de mescla mais avançado. Esta pergunta geral, no entanto, comporta uma série de desdobramentos, entre os quais vale citar as seguintes perguntas específicas:

a) no plano linguístico interno, quais são os níveis linguísticos do guarani mais vulneráveis à entrada do espanhol, considerando os dados analisados e as especificidades inerentes a fontes escritas? Em outras palavras, quais as influências mais salientes e consolidadas que podem ser observadas nos documentos analisados, a ponto de aparecerem também nesse contexto das Reduções, apesar do controle dos jesuítas? E de que modo se dá essa incorporação de elementos do espanhol? Em quais condições se dá esse processo?

b) no plano linguístico externo, quais são as motivações sociopolíticas e históricas que levaram à incorporação de elementos hispanos ao guarani? De que modo o *status* social de cada língua atuou sobre esse processo? Em outras palavras, como as relações sociais e políticas influenciaram as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao uso das duas línguas?

A partir dessas perguntas de âmbito mais genérico e das informações de que dispomos sobre os inícios desse contato linguístico, esta tese se coloca como **objetivo geral** descrever de que modo e em que condições se dá a hispanização do guarani, tomando por base cartas manuscritas do final do séc. XVIII e início do XIX, em reduções jesuíticas do Paraguai. Esse objetivo tem sua relevância justificada, por permitir uma compreensão mais clara dos motivos e motivações da hispanização na “configuração” do guarani em suas diferentes facetas, ao longo do tempo.

Em situações de contato linguístico, há empréstimos de diferentes tipos, distinguidos entre “*replication of linguistic matter*” ‘replicação de material linguístico’ – como as de cunho lexical, morfológico e fonológico – e “*replication of pattern*” ‘replicação de padrão’, que incluem, empréstimos de ordem lexical, morfológica e fonológica, além de incorporações que abrangem o nível sintático (MATRAS, 2020, p. 149). Embora não desconheçamos os fenômenos de empréstimos de padrão, a partir do contato com o espanhol, tais como a mudança de ordem dos constituintes em guarani tradicionalmente SOV pela ordem SVO (DIETRICH, 2009), ou mesmo a formação da coordenação aditiva, a partir do pronome de 3ª p. do guarani *ha’e* ‘ele/ela (DIETRICH, 2009-2010, p. 343), enfocaremos, nesta tese, essencialmente no empréstimo de material linguístico. Para tanto, serão considerados principalmente os empréstimos lexicais, gramaticais e fonológicos. Além disso, incluir-se-á uma análise que considere fenômenos decorrentes da instância do bilinguismo, como *code-switching*.

Em termos específicos, o objetivo geral deste estudo implica os seguintes **objetivos específicos**:

- 1- Identificar as motivações para a hispanização, seja como incorporação de elementos exógenos, seja como recriação intralinguística por influência exógena (motivações, **por quê?**). Essas motivações podem ser intralinguísticas, por exemplo devido a lacunas/inexistência de um elemento X no sistema do guarani, como também podem ser de ordem político-linguística e conceptual, no sentido amplo, tanto pelo lado dos jesuítas, quanto pelo lado do guarani. Poder-se-ia também considerar, por exemplo, o destinatário de uma carta ou uma situação de fala mais geral. Desse objetivo deriva a pergunta “o que fica e o que se incorpora no sistema linguístico do guarani torna-se de domínio coletivo e é recorrente”? O que, por outro lado, é ocasional e de domínio individual, por exemplo o *code-*

switching, encontra contrariamente respaldo na situação comunicativa de contato entre línguas e falantes de mais de uma língua.

- 2- Fazer um levantamento dos processos de hispanização presentes no *corpus*, com vistas a uma tipologia que permita dimensionar outros aspectos do contato guarani-espanhol, entre os quais se podem citar as soluções adotadas para resolver demandas de comunicação (modo, **como?**). Uma pergunta central a ser considerada com relação a este objetivo diz respeito à distinção entre o que se mantém espanhol.
- 3- Apontar posições ou classes gramaticais, no sistema do guarani, que sejam mais resistentes ou mais vulneráveis à hispanização (posições no sistema, classes, **onde?**). Em outras palavras, onde, no sistema linguístico, se verifica uma propensão maior à hispanização, isto é, à incorporação de material linguístico do espanhol?

Para concretizar esses objetivos, obviamente, é preciso considerar uma série de fatores. Nesta tese, o dado de análise é de ordem escrita, ou manuscrita, e de ordem diacrônica, pois abrange cartas dos anos entre 1768 e 1831. O acesso a esses dados foi possível por meio de cópias cedidas pelo pesquisador Harald Thun, bem como por meu coorientador, Leonardo Cerno, que gentilmente disponibilizou-me parte de seu acervo de manuscritos, transcritos e traduzidos e, por fim, pela base de dados do projeto “*Langues Générales d'Amérique du Sud*” (LANGAS, [s.d.]).¹

O *corpus* de cartas exige, além disso, conhecimentos de uma variedade do guarani distante das variedades ainda faladas atualmente. Os conhecimentos da língua que a pesquisadora possui como falante nativa oriunda do Paraguai desempenham um papel relevante, mas seriam insuficientes, sem a parceria de uma rede de pesquisadores, entre os quais destaco Leonardo Cerno e Harald Thun.²

A tese estrutura-se em três capítulos essenciais. No primeiro capítulo, buscou-se esboçar o contexto histórico e linguístico do guarani e suas variedades à chegada dos colonizadores. Apresentou-se brevemente o início e o desenvolvimento do projeto

¹ O projeto dedica-se à transliteração, transcrição e tradução de línguas ameríndias como o quéchua, o tupi e o guarani. Está financiado pela Agência Nacional (francesa) de Pesquisa Científica (ANR), coordenado por Capucine Boidin y César Itier (2011-2015) (BOIDIN; CHAMORRO; MÉRET, 2014).

² Fico muito grata ao pesquisador Harald Thun por ter me prontificado as cópias dos manuscritos e por ter colocado em contato com o pesquisador Leonardo Cerno, que, através, de seus cursos de guarani reducional e agora como coorientador tem contribuído no desenvolvimento desta pesquisa.

jesuítico, seus principais locais, políticas e demografia. Esses dados mostram-se fundamentais para compreender as bases dialetais que embasaram os projetos lexicográficos desenvolvidos pelos franciscanos e, posteriormente, pelos jesuítas. No segundo capítulo, apresentam-se os principais conceitos e abordagens teórico-metodológicas que são mobilizados para a análise do *corpus*. Desse modo, a discussão acerca do emprego de fontes escritas para pesquisas sociolinguísticas desenvolve-se sobre o viés da linguagem da imediatez e da distância, sustentadas por Koch e Oesterreicher (2013). Tendo em vista que a pesquisa focaliza o fenômeno dos empréstimos e processos de alternância como resultado desse contato, são apresentados os principais pressupostos teóricos que auxiliarão na análise. No terceiro capítulo, em um primeiro momento, apresenta-se a composição do *corpus*, bem como os procedimentos metodológicos para o estudo quantitativo. Dentre os critérios utilizados, vale destacar a organização dos manuscritos em seis fases, correspondentes à respectiva década: **1768/69, 1770-1789, 1780-1789, 1790-1799, 1800-1809 e 1810-1831**.³ Em um segundo momento, na seção *Considerações gerais para a análise quantitativa*, apresenta-se a análise propriamente dita, que parte de uma aproximação quantitativa, com breves interpretações e comentários acerca das principais classes gramaticais afetadas em cada fase. Na seção *Análise diacrônica dos fenômenos de contato*, é discutida a presença de hispanismos de uso coletivo integrados no sistema da língua. Por fim, na seção *Presença do espanhol no discurso individual*, apresenta-se uma análise dos usos situacionais do espanhol no guarani. São abordados, por exemplo, casos em que há uso de formas de tratamento e de títulos honoríficos, assim como marcas características do gênero epistolar e alternâncias de código.

³ A primeira e a última fase não se enquadram no critério de uma década em virtude do recorte do período estipulado, no caso da primeira fase, e em virtude da disponibilidade de documentos, no caso da última fase.

CAPÍTULO 1 - O GUARANI E SUAS MÚLTIPLAS FACES: VARIAÇÃO INTERNA E SÓCIO-HISTÓRIA DAS REDUÇÕES

O etnônimo *guarani*, ao que tudo indica, tem raízes etimológicas na palavra *guarini* ‘guerra’ e *guaranihára*, cujo significado é ‘guerreiro’, segundo a definição feita pelo padre Antonio Ruiz de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guaraní* ([1639] 2011). Essa designação teria sido dada por outras populações, pois viam os guaranis como um grupo belicoso:

[...] as características aparentes apresentadas pelos grupos não são suficientes para explicar o próprio grupo citado, e muitas vezes eles nem sabem que são chamados por tal apelativo. Ao menos, no início da conquista isso foi uma prática comum. Tanto espanhóis quanto portugueses identificaram e classificaram as nações indígenas a partir da percepção de outra população. Na região do Paraguai os grandes linguaraces eram os Guarani e no litoral português os Tupi (SILVA, 2011, p. 55).

Os espanhóis, que tinham como fontes e intérpretes os guaranis, acabaram validando também apelidos pejorativos, acreditando que estavam registrando grupos ou etnias diferentes, “[...] ao identificar um grupo como Charrua, transmitiam a impressão que os Charruas preexistiam enquanto organização social desde tempos mais antigos.⁴ Quando na verdade, Charrua era apenas um estereótipo na língua Guarani, significando manchados, mutilados e sarnosos, justamente porque eles apresentavam determinados caracteres somáticos na pele que eram percebidos pelos Guarani” (SILVA, 2011, p. 57).

Como denominação étnica, a palavra *guarani* surgiu nos tempos coloniais e substituiu o termo *carijó* (ou *kari’o*) (NAVARRO, 2013). O padre Fernão de Cardim registrou que os carijós habitavam a costa brasileira até o Paraguai “[...] ha infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay” (CARDIM, 1585 *apud* NAVARRO,

⁴ Indício dessa distinção de aliados entre espanhóis/carijós podem ser constatados no relato de Hans Staden ([1557] 2017, p. 50), “Havia sido encarregado de fazer com que os Carijós, uma tribo amiga dos espanhóis, plantassem mandioca [...]” (Ibid, p. 50).

2013, p. 555).⁵ À chegada dos membros da Companhia de Jesus à Província Jesuítica do Paraguai (1604), o termo *carijó* já tinha sido substituído por guarani.⁶

Guarani, portanto, foi empregado, indiscriminadamente, ora para referir-se a grupos étnicos, ora para referir-se a línguas. Do ponto de vista étnico, desde a segunda metade do século XVI até o final da primeira metade do século XVII, empregou-se o termo *guarani* para denominar diferentes populações indígenas, alocadas em espaços geográficos distantes uns dos outros (SILVA, 2018, p. 30). A visão monolítica sobre populações tão diversas, segundo Wilde (2009a, p. 84), foi calcada pelas políticas do Estado colonial, que, uma vez implementadas pelos padres da Companhia de Jesus, buscaram

[...] primero unificar conjuntos sociales discretos en términos binarios -indio-español, cristiano-infiel, entre otras asignándoles lugares o territorios concretos en una estructura social, simplificando una amplia diversidad previa de pertenencias socioculturales (WILDE, 2009a, p. 84)

Os registros históricos produzidos pelos próprios jesuítas (1609-1768/9), como destaca Wilde (2009a), forneceram apenas panoramas gerais sobre as missões, sem dados sobre a composição étnico-linguística dos indígenas que compunham cada redução. Do mesmo modo, o registro documental a que se tem acesso, tais como as cartas anuais⁷ e crônicas, oferece apenas dados isolados. A história das missões jesuíticas, de um modo geral, foi vista como um todo único, alheio ao resto da sociedade colonial (TELESCA, 2009).⁸ Tal visão desconsiderou a diversidade étnico-linguística das reduções, bem como as interrelações existentes à época entre indígenas reduzidos e não reduzidos, apesar das proibições impostas pelos padres (SILVA, 2011).

⁵ Esses *carijós* fazem parte das populações indígenas encontradas pelos espanhóis na região do Rio da Prata, diferenciavam-se de outros grupos como os “[...] *chadules, tobatines, guaramberenses, itatines, y después los habitantes del Guairá, del Paraná y también del Tape*” (MELIÀ, 1992p. 20). A diferença entre eles radicava na organização sociopolítica, na forma de produção da cerâmica etc. além das diferenças dialetais da língua [guarani] (Ibid. 1992). A designação *carijó* também foi registrada no Auto de São Lourenço pelo padre Anchieta “*Yaupa Moçupiroka, Yequelj, guatapitiba, [...] Carijo oca, Pacuya, Araçatiba*” (NAVARRO, 2013, p. 555). Os *carijós* ocuparam as regiões de São Vicente, Santa Catarina, Rio de Janeiro e de tal designação deriva o gentílico “*carioca*”, que denomina pessoas originárias dessa região (Ibid, p. 555)

⁶ O jesuíta Diego de Torres frisou esse fato ao anotar que “*Ay en cada una de estas tres gobernaciones una lengua general que es gran alivio y ayuda para facilitar la conversión de los Yndios. La Guaraní corre no solo El Paraguay sino el Brazil y hasta Santa Cruz de La Cierra*” (BOLLO, 1609 apud SILVA, 2018, p. 24).

⁷ As cartas anuais são as correspondências anuais enviadas pelos jesuítas a seus provinciais (PIBERAM, [s.d]).

⁸ Adotamos a expressão “*sociedade civil*” utilizada pelos diversos autores que estudam o Paraguai colonial para se referir à sociedade crioula e mestiça fora dos recintos das reduções (MELIÀ, [1969] 2003).

Do ponto de vista linguístico, em estudos mais clássicos, o guarani era dividido em três complexos variacionais: a) o *guarani étnico*, falado pelos diferentes povos indígenas habitantes das regiões das atuais Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai; b) o *guarani paraguaio*, língua materna da maior parte dos paraguaios e c) o *guarani jesuítico*, língua em desuso a partir da expulsão dos jesuítas (1768) (MELIÀ, 1992).⁹ Estudos mais recentes, no entanto, demonstram que as variedades coloniais, quer dizer, o guarani jesuítico e o guarani paraguaio, precisam de uma caracterização diferenciada, já que compreendem outro tipo de variação (CERNO, OBERMEIER, 2013; THUN, CERNO, OBERMEIER, 2015).

Dentre as variedades que fizeram parte do processo de colonização, esteve, por um lado, o guarani *criollo* ou guarani paraguaio em formação e o guarani empregado nas reduções jesuíticas. O primeiro foi uma variedade predominantemente oral, cujos falantes foram os mestiços e os *criollos* (filhos de espanhóis, nascidos na região), que habitavam as regiões da Província do Paraguai e atual Corrientes-Argentina. O segundo, por sua vez, teve duas variedades distinguidas entre “guarani jesuítico” e “guarani reducional” (THUN, CERNO, OBERMEIER, 2015). O guarani jesuítico é resultado da estandardização e do uso escrito da língua, empregada principalmente por jesuítas; enquanto o guarani reducional abarca a variedade realizada na fala dos indígenas e materializada também em alguns textos escritos.

Conforme explica Cerno (2017), algumas variedades que compunham o guarani reducional deram base ao guarani *standard jesuítico*. Essa variedade, muito provavelmente, foi realizada na fala dos padres, como segunda língua (THUN, 2008b) e empregada nos textos escritos. Para Thun (2008b) teria havido duas variedades nas reduções, uma mais normatizada, falada pelos padres e outra alheia à normatização, falada pelos indígenas, que teriam sido mais

permeables al cambio lingüístico, éstos dialectos habrían recibido innovaciones y también continuado con tradiciones que quedaron excluidas de la variedad estándar, y ambos hechos irían construyendo una distancia estructural todavía poco conocida entre la lengua codificada y escrita por los jesuitas y la coloquial empleada por los indígenas en la vida cotidiana (CERNO, 2017, p. 2).

Outro aspecto a frisar é que os novos aportes sobre a composição étnica e linguística das reduções jesuíticas permitem observar a heterogeneidade desses espaços. Para o estudo da hispanização do guarani, tais exigências são especialmente salientes,

⁹ Entendemos que guarani étnico abrange as variedades faladas por indígenas entraram no processo colonial somente a partir do século XX (MELIÀ, 1992, p. 241)

tendo em vista a necessidade de analisar as configurações de contato e a aproximação dos complexos variacionais presentes no sistema em estudo (THUN, 2010b, p. 706). Tomando tais asserções como pontos basilares, neste capítulo, é preciso contextualizar sócio-historicamente e sociolinguisticamente os complexos variacionais do guarani. Vejamos.

1.1 COMPLEXOS VARIACIONAIS DO GUARANI: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS

1.1.1 O guarani pré-colonial: origens e territorialidades

O guarani pré-colombiano está marcado pela oralidade exclusiva. Dada a ausência de registros, o conhecimento sobre esses povos e suas línguas é realizado a partir de um enfoque multidisciplinar, que contempla diferentes áreas. Balizam, deste modo, esta seção pesquisas oriundas, em especial, da arqueologia e da linguística histórica, na tentativa de reunir dados que permitam uma aproximação às características do guarani antes da chegada dos europeus.

O guarani, em especial o pré-colombiano, não pode ser desprezado de sua relação, em termos linguísticos, do tupi, pois ambos são representações de uma língua ancestral, o *proto-tupi-guarani*, língua reconstruída a partir das pesquisas histórico-comparativas (DIETRICH, 2010b). Suas propriedades em comum, portanto, não seriam mais do que a herança do que um dia – acredita-se – tenha sido uma só língua.

A nomenclatura “tupi”, em especial na tradição brasileira do século XIX, de maneira genérica passou a designar as línguas faladas na Costa Atlântica quando da chegada dos europeus (NAVARRO, 2005; DIETRICH, 2010b).¹⁰ Tal nomenclatura derivaria do fato de ter sido a variante dos tupinambás, indígenas estabelecidos naquela costa, a primeira a ser registrada pelos europeus (DIETRICH, 2010b).¹¹ Assim, no

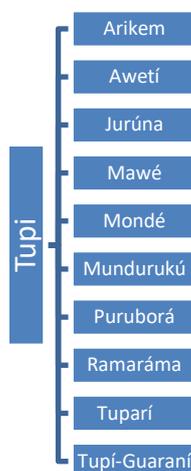
¹⁰ Na literatura brasileira, basta lançar um olhar sobre o romantismo que, na busca de uma identidade nacional, procura as raízes do Brasil na língua tupi, à guisa de exemplo, *Juca Pirama* (1850) de Gonçalves Dias. Temática que atravessa o pré-modernismo com o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) de Lima Barreto e vai até uma das principais obras literárias do modernismo brasileiro, *Manifesto antropofágico* (1928) de Oswald de Andrade, muito bem condensada na frase *Tupi, or not tupi that is the question*, no qual é veiculado a obra artística de Tarsila do Amaral, *Abaporu*, em tupi *abá* ‘índio’, *poro* ‘gente’, *u* ‘comer’, isto é, antropófago.

¹¹ Rodrigues (2010) explica que o termo tupinambá foi empregado entre os séculos XVI e XVII como etnônimo dos indígenas da Bahia, do Maranhão e do Pará que entraram em contato pela primeira vez com

espectro acadêmico, *tupinambá* passou a designar língua e tronco linguístico (*tupi*) e compõe o nome de uma das famílias linguísticas mais abrangentes desse tronco (*tupi-guarani*).¹²

Séculos antes da chegada dos europeus, acredita-se que havia um tronco tribal e linguístico, cujos falantes dispersaram-se por diversas razões. Desse tronco desprenderam-se dez famílias linguísticas, das quais a tupi-guarani é a mais proeminente, abrangendo um espaço territorial que vai “[...] da atual Argentina à Guiana Francesa, da costa do Brasil à Amazônia Peruana” (MELLO; KNEIP, 2017, p. 301). A figura a seguir propõe uma ilustração dessas dez famílias linguísticas:

Figura 1: Famílias linguísticas do tronco Tupi



Fonte: elaboração nossa, a partir da classificação feita por Rodrigues (1996) e Dietrich (2010a)

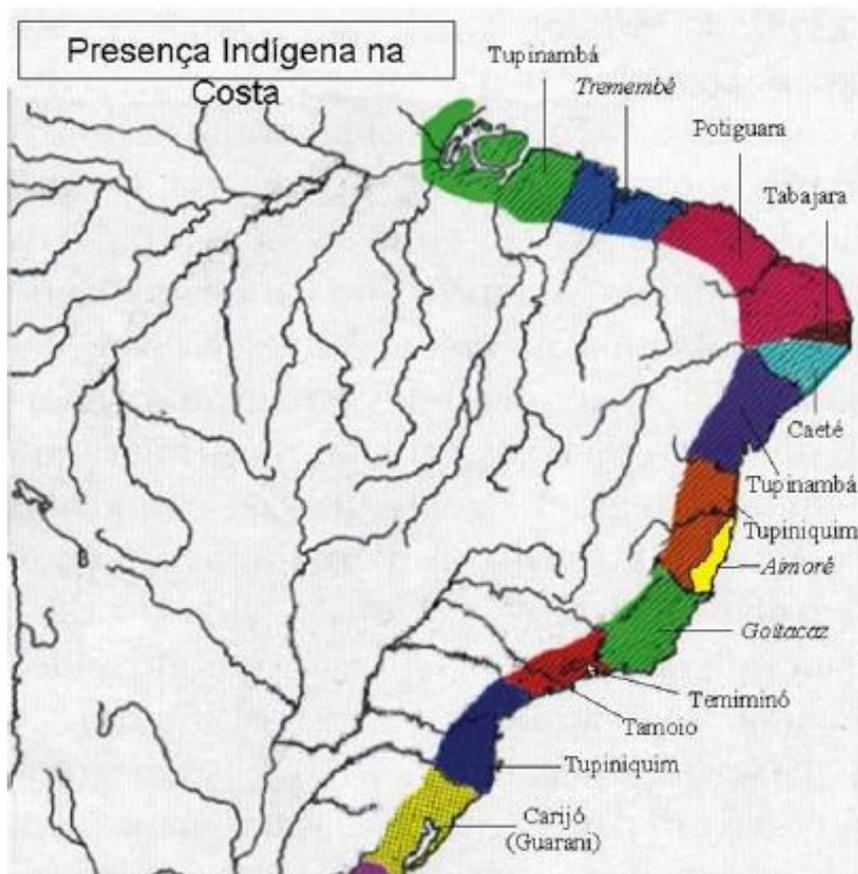
os europeus. Tupinambá como nome da língua falada por “[...] tupinambás do Rio de Janeiro, da Bahia, do Maranhão e Pará e pelos tupiniquins do Espírito Santo e sul da Bahia, pelos caetés do norte da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco e pelos potiguaras da Paraíba e do Rio Grande do Norte” (RODRIGUES, 2010, p. 30) – começou a ser empregada há apenas 50 anos.

O tupinambá, considerado língua extinta no século XVIII, teria dado origem às línguas gerais brasílica, paulista e amazônica. Da última deriva a língua *nhe'engatu*.

¹² Navarro (2005, p. 11) alerta, no entanto, que a denominação tupi não é recente, no século XVI já tinha “[...] dois sentidos, um genérico e outro específico. Como termo genérico, designava os índios da costa falantes da língua brasílica, apresentando o caráter de um denominador comum”. Como nome específico, nomeava os indígenas, habitantes de São Vicente (Ibid., p. 12). Isto é, para o autor, o tupi apresentava um denominador comum que compôs os nomes de outros povos falantes de uma mesma língua com variantes dialetais (tupinambá, tupiniquim, tupiguaé, tupiminó). Tanto é que o próprio Anchieta, de acordo com Navarro, ora empregava uma variante, ora outra, impossibilitando a distinção de duas línguas tupi e tupinambá. Já no século XVII, o tupi, explica Rodrigues (RODRIGUES, 2010), associou-se ao sudeste e sul do Brasil, visto que os bandeirantes em sua maioria eram descendentes de mães tupis e pais portugueses, tendo por língua materna o tupi e o português. No entanto, “[...] falavam uma variedade diferenciada da língua dos índios tupis, para a qual foi-se firmando então o nome língua geral e que hoje distinguimos como língua geral paulista”.

A família tupi-guarani bifurcou-se em duas grandes línguas, a tupi e a guarani, das quais brotaram variedades, umas ainda faladas até os dias atuais, outras em desuso (MELIÀ, 1992, p. 15). Essa cisão entre os tupis e os guaranis era ainda relativamente recente à chegada dos conquistadores na costa brasileira. Os tupis ocupavam quase toda a Costa Atlântica, de norte a sul, como ilustra o mapa a seguir de Duarte (2016, p. 3):

Mapa 1: Ilustração da presença de línguas tupis na Costa Atlântica

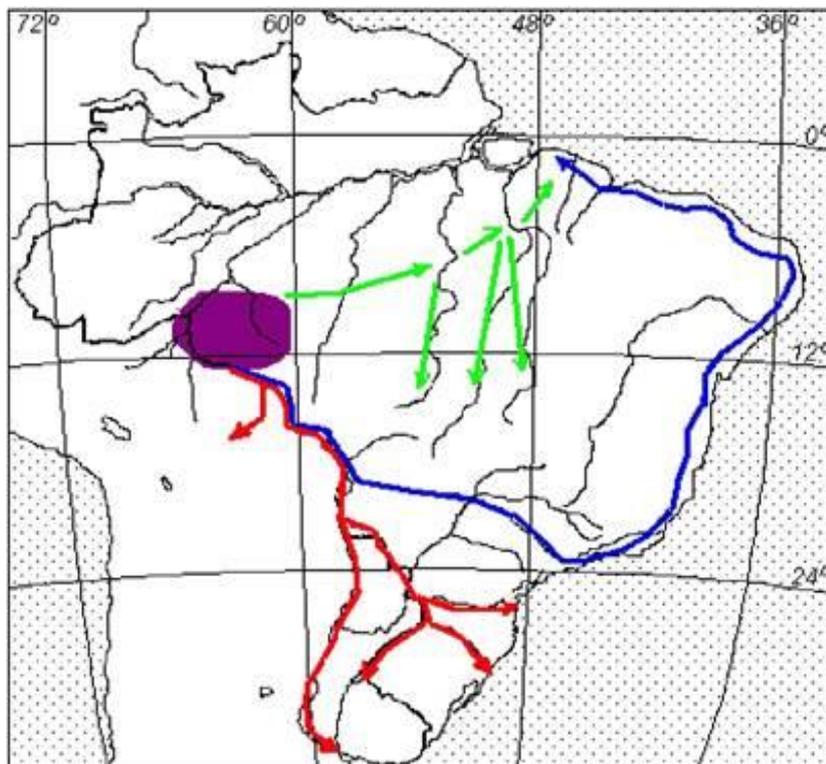


Fonte: Duarte (2016, p. 3).

No mapa, observa-se nas cores verde, azul, vermelho, marrom, roxo, laranja e azul turquês os diferentes grupos linguísticos ao longo da costa. Também estão ilustrados povos não tupis, como os povos *aimoré*, *goitacaz* e *tremembe*. Ainda no que diz respeito ao surgimento da família linguística tupi-guarani, na arqueologia (BROCHADO, 1989; NOELLI, 1999-2000) e na linguística (RODRIGUES, 1964) têm-se aventado diferentes hipóteses. No entanto, arqueólogos e linguistas coincidem em que a matriz de origem do

tronco tupi teriam sido as regiões da Amazônia.¹³ No que diz respeito à origem da família tupi-guarani e sua bifurcação em duas grandes línguas, pode ser observada no seguinte mapa:

Mapa 2: Origem e expansão do tupi-guarani



Fonte: Duarte (2016, p. 3).

Fonte: Mapa elaborado por Mello e Kneip (2017) que aponta a origem das famílias linguísticas e seus processos migratórios a partir das hipóteses aventadas na linguística.

Observa-se, em roxo, a possível área de origem do tronco tupi, as cores vermelha e azul mostram a separação da família linguística tupi-guarani das demais famílias linguísticas indicadas em verde. A família linguística tupi guarani teria descido mais ou menos até a altura do rio Paraguai, onde os tupis seguiram o percurso marcado em azul e os guaranis o percurso marcado em vermelho. Como mostram Mello e Kneip (2017), os guaranis tiveram uma separação, tendo um ramo penetrado as regiões da Bolívia, enquanto o outro ramo seguiu em direção ao sul até a Bacia do Paraná/Uruguai. Havendo

¹³ Por não ser o ponto central do presente estudo, apresentar-se-á a hipótese sustentada na linguística, segundo a qual se considera as cabeceiras do rio Madeira. Vale salientar que esta hipótese sustenta as conjecturas de que a distribuição e a dialetalização das línguas tupis e guaranis eram ainda relativamente recentes quando da chegada dos europeus. Isso explicaria a inteligibilidade existente entre ambas as línguas, apontadas já pelos próprios jesuítas (MONTROYA, [1640] 2011; MELIÀ, [1969] 2003).

descido até a altura do rio Paraguai, os tupis seguiram para o leste, subindo até o litoral (atual São Paulo), dispersando-se em toda a região da costa.

Quanto às motivações da cisão da família tupi-guarani das demais famílias, destacam-se aspectos de ordem demográfica (BROCHADO, 1989), além de diferenciação na organização social e econômica, o que lhes garantia a sobrevivência, pois

[...] os grupos tupi-guarani teriam desenvolvido, no âmago de seu complexo social, sistemas mais adequados de manejo do ecossistema e de organização social do trabalho, contribuindo para uma melhor adaptação desses grupos em proveito de seus parentes linguísticos (BROCHADO, 1989, p. 52).¹⁴

As razões apontadas por Brochado (1989) explicam também como essas línguas se isolaram e se desenvolveram de diferentes maneiras, dando origem a diferentes línguas e dialetos, agrupados em dez famílias linguísticas. No movimento migratório para o sul, apontado no mapa 2, percebe-se a separação entre o tupi e o guarani. Com o passar do tempo, os tupis foram separando-se em diversos grupos, dando origem aos “[...] *tupinambá*, *tupinaquim* (*tupiniquim*, *tupinanquim*), *tobajara* (*tabajara*), *tamoio*, *temimiño* (*temiminó*), *caete*, *maracajá*, etc.” (RODRIGUES, 1945, p. 335), os quais foram encontrados pelos europeus no século XVI na costa, de acordo com o mapa 1. No que diz respeito aos guaranis, Rodrigues também (1945) explica “[...] que se mantiveram ao sul, também se dividiram em tribos várias, sendo a sua maioria conhecida pelo nome de *carijó* (*kari’o*), estendendo-se desde o litoral até as regiões paraguaias, pelo sul do trópico de Capricórnio” (Ibid., p. 335).

¹⁴ Brochado (1989) oferece uma série de informações sobre a organização sociopolítica, horticultura e gastronomia dos tupis e dos guaranis. Do ponto de vista social, os tupis e os guaranis não se diferenciaram muito. Os tupis organizavam suas aldeias com uma ou duas casas, abrigando muitas vezes, dezenas, centenas de indígenas; os guaranis, por sua vez, organizavam-se por famílias extensas e cada uma delas ocupava uma casa. A organização social dos guaranis era patrilinear. Quanto ao cultivo, Brochado também afirma que os tupis desenvolveram uma horticultura avançada que lhes permitiu consumir plantas que ainda intoxicam a população mundial, tais como: o milho, feijões, amendoim, cacau, batata doce, abacaxi e tabaco. Brochado frisa que as plantas alimentícias cultivadas pelos tupis eram relativamente semelhantes. A agricultura praticada pelos guaranis caracterizava-se pela derrubada e pela queima, e dedicavam-se a cultivos menos tóxicos da mandioca. Melià (1992) expõe que as os artefatos cerâmicos fundamentam o fato de que os tupis se utilizavam de tipos de mandioca mais tóxicos, o que lhes demandava utensílios próprios para sua manipulação, enquanto os guaranis davam preferência ao cultivo de milho, batata, calabaca, diversos tipos de feijões e a mandioca doce. A dieta dos guaranis baseava-se na caça (especialmente a pesca), aliada a práticas alternativas tais como cultivo de larvas em troncos podres e criação de tartarugas em currais. Quanto à gastronomia, especificamente ao uso de temperos – vale mencionar algumas distinções trazidas por Brochado – os tupis da Amazônia por exemplo temperavam seus alimentos com abundante pimenta, sem o uso de sal, ao passo que os tupis da costa lançavam mão da pimenta e do sal, já na culinária dos guaranis o emprego de sal e pimenta era praticamente ausente.

Da família tupi-guarani surgiram aproximadamente 40 línguas, conforme aponta Rodrigues (2011). Dessas 40 línguas distinguem-se oito subgrupos; entre esses, o grupo 1, chamado por W. Dietrich “guarani meridional” (DIETRICH, 2010b), foi o grupo que entrou em contato com os espanhóis (MELIÀ, 1992) (ver quadro 1).

Quadro 1: Variedades do Grupo 1 da família linguística Tupi-Guarani

Grupo 1 guarani meridional	
1- Guarani clássico ou guarani antigo: documentado pelos jesuítas (sécs. XVII e XVIII)	5- Mbyá: (Brasil: SP, RJ, ES, PR, SC, RS, 5 mil falantes; Paraguai, entre Encarnación, Caazapá, San Juan Bautista e Pilar, 8 mil falantes; Argentina, província de Misiones, 2,5 mil falantes).
2- Avá-guarani ou nhandeva e dialeto apapocuva: Paraguai, dptos. Alto Paraná, Caaguazú, San Pedro, Canindeyú, Amambay (6 mil falantes); Brasil [MS, PR, SP, SC, RS] (4,9 mil falantes), (na Argentina, Misiones, 510 falantes).	6- Xetá: (Brasil: PR [Baixo Rio Ivaí, serra dos Dourados], moribundo, hoje há 3 falantes no grupo étnico de 82 pessoas.
3- Kaiowá/caiová/caingú/kaiowá/paĩ tavyterã: no Brasil MS, entre Dourados e a fronteira com o Paraguai, população 18 mil, 15 mil falantes; no Paraguai, Departamentos de Amambay, Canindeyú, Concepción, população 15 mil, pelo menos 11 mil falantes.	7- Guarani do Chaco: tradicionalmente chiriguano, dialetos ava (subdialetos simba e chané); izoceño (Bolívia, numa linha que vai de Santa Cruz a Yacuiba, 40 mil falantes ava, 11,5 mil falantes tapýi-izoceños, segundo Riester, 1994; Argentina, província de Salta, entre Pocitos e Orán/Embarcación; província de Jujuy, Libertador General San Martín e Ledesma, 12 mil falantes).
4- Avañe’ẽ (guarani paraguaio, Paraguai, Argentina [leste de Formosa e Chaco, norte de Santa Fé, Corrientes, poucos falantes em Misiones]; Brasil MS, no total aproximadamente 5 milhões de falantes, segunda língua oficial do Paraguai desde 1992.	8-Tapiete: (Argentina, província de Salta, na “Misión Tapiete” de Tartagal, 750 pessoas, e em Curvita, perto do rio Pilcomayo, a poucos quilômetros rio acima, na Bolívia.

Fonte: Dietrich (2010b, p. 11-12).

O *avañe’ẽ*, mencionado no item 4 do quadro 1, abrange o guarani paraguaio, falado no Paraguai, bem como variedades faladas em regiões da Argentina, como Corrientes, onde também é variedade nativa e tradicional. Nesse ponto, cabe salientar a diferenças entre essas duas variedades apontadas por Cerno (2011, p. 14), o “*Guaraní paraguayoy correntino son, en este sentido, variedades diatópicas de la misma lengua*”. Por outro lado, convencionou-se nomear a variedade registrada pelos jesuítas, nas reduções dos sécs. XVII e XVIII, de *guarani antigo* ou *guarani clássico*, conforme o item 1 do quadro (DIETRICH, 2010a) (RODRIGUES, 1964). As variedades do guarani faladas nas regiões do Paraná, do Tape e do Guaíra serviram de base aos trabalhos

lexicográficos de franciscanos e jesuítas, dentre os quais os trabalhos produzidos pelo padre Antonio Ruiz de Montoya (1639-1640) foram os mais difundidos.¹⁵

Devido à expansão territorial dos diferentes grupos, falantes do guarani étnico, resultaram diferenças nas variedades faladas nas regiões ocupadas pelas diversas etnias, que, no entanto, pertenciam a uma mesma família linguística (tupi-guarani), como visto (ver quadro 1). A variação das línguas e dialetos guaranis foi incrementada também pelo contato com outras etnias, cujas línguas pertenciam a famílias linguísticas diferentes, tais como as línguas do tronco Jê (MELIÀ, [1969] 2003). Presume-se que o guarani, como afirma Melià ([1969] 2003), tenha servido para os nativos, desde muito antes da chegada dos colonizadores, como uma espécie de língua geral que permitia a intercompreensão entre etnias diferentes.¹⁶

1.1.2 O guarani colonial: o guarani da província do Paraguai e o guarani das reduções

No processo de sistematização da língua, os jesuítas acabaram registrando as formas mais comuns, o que provocou “[...] *una evolución interna hacia la unificación de sus formas dialectales*” (MELIÀ, [1969] 2003, p. 106). As causas dessa unificação, explica Melià, derivam principalmente do caráter topodinâmico desses povos, que mantinham contatos com indígenas de outros povoados, somado às migrações decorrentes dos ataques dos bandeirantes (1620-1650).¹⁷ Além desses fatores, Melià ([1969] 2003) também expressa que essa unificação linguística respondeu à necessidade de reduzir as divergências linguísticas.¹⁸

Segundo Rodrigues (1996, p. 9), na segunda metade do século XVI, no Paraguai colonial, o guarani foi empregado como língua geral da região¹⁹,

¹⁵ Vale destacar que, antes das obras de Montoya, já havia uma série de trabalhos empreendidos por franciscanos com o intuito de traduzir os catecismos às línguas indígenas e o papel dos intérpretes era fundamental. A “Doctrina Cristiana” (1607) foi traduzida ao guarani por Fray Luis Bolaños e primeira gramática foi a elaborada pelo jesuíta Alonso de Aragona (1629?) (MELIÀ, 1992).

¹⁶ Em termos de Siegel (1985), língua geral aqui corresponde a coiné.

¹⁷ Por exemplo, em 1628 e 1629, sobreviventes aos ataques das Reduções do Guairá, Tape e Itatim, transmigraram para as regiões do Paraná e Uruguai, nas reduções de Candelária, São Cosme e Damião, Santa Ana e São José, reconfigurando a demografia local (MELIÀ, 1992, p. 95; SILVA, 2011, p. 89).

¹⁸ O autor também ressalta que essa unificação étnica e linguística dos indígenas de parte dos missionários respondeu ao desejo da economia linguística e a uniformidade social (Ibid., p. 94).

¹⁹ Fenômeno semelhante acontece nas regiões do Brasil colonial entre o tupi e o português, onde a língua geral paulista (LGP) foi resultado do contato entre o tupi e o português, cujo uso abarcou Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso do Sul e o norte do Paraná (RODRIGUES, 1996). A língua geral do Amazonas (LGA) também derivou da mestiçagem, produto da união de pais portugueses e mães indígenas, cuja língua foi o tupinambá. Seu uso foi estendido “[...] ao longo de todo o vale do Rio Amazonas e penetrado pelos

Nessa situação o guarani indígena se transformou pouco a pouco na língua comum (geral) aos mestiços (mancebos de la tierra), aos espanhóis aí estabelecidos e aos índios guaranis ou não, incorporados às atividades coloniais.

O guarani foi de uso geral em toda a extensão do Paraguai do século XVI (RODRIGUES, 1996). Uma vez traçada a separação geopolítica entre as reduções jesuíticas e o Paraguai colonial, as línguas desenvolveram-se de maneiras diferentes. Poderíamos dizer que, a partir desse período, o Paraguai colonial teve três comunidades linguísticas: a primeira circunscrita às reduções jesuíticas (1609-1767), o *guarani jesuítico*; a segunda relativa à sociedade da província do Paraguai, o *guarani crioulo* ou *mestiço*²⁰; e, por fim, a terceira foi uma variedade falada por indígenas que não ingressaram no processo de colonização, senão a partir do século XX (MELIÀ, 2002). Na primeira, o guarani foi língua dominante na oralidade, sendo sua escrita desenvolvida pelos padres e empregada nos âmbitos eclesiásticos e administrativos.²¹ Na segunda comunidade, o guarani não teve um suporte institucional similar ao desenvolvido nas reduções. Embora tenha sido a língua predominante na oralidade entre crioulos e mestiços – em contato intenso com a língua espanhola – não desenvolveu um sistema de escrita. A produção escrita, portanto, em todo o aparelho burocrático foi realizada exclusivamente na língua espanhola. Na terceira comunidade, assim como na segunda, o guarani manteve-se circunscrito à oralidade, sem o desenvolvimento de um sistema escrito guarani e sem a adoção de algum outro sistema. Além disso, diferentemente do guarani da sociedade civil, manteve-se afastado da sociedade colonial e, portanto, da língua espanhola.

Pouco se sabe sobre a variação ou desenvolvimento histórico do guarani crioulo e do guarani étnico devido à falta de registros escritos nessas línguas. Sobre o guarani crioulo, por exemplo, há apenas algumas considerações feitas recém no século XVIII,

afluentes desse rio, subindo pelo Rio Negro alcançou tanto a Amazônia venezuelana como a colombiana” (RODRIGUES, 1996, p. 10).

²⁰ Como disse Melià (1992, p. 108), falar espanhol, na sociedade civil colonial, naqueles tempos, era como falar uma língua estrangeira. Assim, o uso da língua indígena era tal que os governantes, no final do século XVII, manifestavam sua preocupação com a “invasão do guarani” a todas as esferas da vida cotidiana (MELIÀ, 2011, p. 426). Falavam-na crioulos (filhos de espanhóis) e mestiços (filhos de mães indígenas e de pais espanhóis).

²¹ Contudo, vale lembrar que alfabetização nas reduções jesuíticas não foi generalizada. Tomando por base as anotações realizadas por Peramàs (2004, p.77)), de maneira eufêmica, revelava que houve nas reduções uma elite letrada: “*No todos los niños eran instruidos en la lectura y en nociones de cálculo, sino tan sólo aquellos que pedía el bien de la ciudad*”. Nesse sentido, Neumann (2015) informa que essa elite letrada estava formada, principalmente, por filhos de caciques, para os quais estavam reservados a administração das reduções.

dentre elas a do padre jesuíta José de Cardiel, que, em 1758, teceu os seguintes comentários sobre o guarani colonial falado naquela época²²:

En una y otra ciudad [Asunción e Corrientes], los más saben castellano, pero en las villas y en todas las poblaciones del campo, chacras y estancias no se habla ni se sabe por lo común, especialmente entre las mujeres, más que esta lengua tan corrupta (CARDIEL, 1900, p. 392-3 *apud* MELIÀ 2002 p.59).

A “língua corrupta” é empregada pelo padre para descrever o estado de mistura no qual se encontrava o guarani crioulo. Dentre todas as variedades do período colonial, o guarani crioulo foi o mais exposto à entrada de hispanismos. Além dos aspectos sociopolíticos em que essas variedades se desenvolveram, vale lembrar também que cada uma delas constituía-se sobre diferentes bases dialetais. De Granda (1984, p. 220) sugere que o primeiro poderia ter base no dialeto carijó (gua. *kari’o*, sp. *cario*). Para Melià (1992), no entanto, além dos carijós, os dialetos *tobati* e *guarambaré* também teriam servido na composição daquela variedade. O guarani étnico, por sua vez, desenvolveu-se afastado da sociedade colonial, sem registro escrito na língua ou sobre a língua. Dentre as três comunidades linguísticas, as variedades das reduções jesuíticas foram as mais bem documentadas. O guarani jesuítico teve por base dialetos de diferentes regiões que embasaram os textos escritos por franciscanos e jesuítas. A primeira *Doctrina Cristiana* (1607), traduzida ao guarani pelo franciscano Luis Bolaños, tomou por base os dialetos da região do Paraná; a primeira gramática do guarani (1629?), feita pelo jesuíta Alonso de Aragona, baseou-se muito provavelmente nos dialetos das margens do rio Uruguai, região do Tape (MELIÀ, 1992, p. 22), O *Tesoro de la lengua guarani* (1639), do padre Montoya, registrou as variedades do Guairá. *Phrases Selectas* (1687), de autoria anônima, tomou por base as variedades das regiões de Santa Maria/San Javier (cf. MELIÀ, 1992, p. 31) e *Arte de la lengua guarani* (1696), de Pablo Restivo, também tomou por base as regiões do Tape (MELIÀ, 2002).

O seguinte quadro resume, de certo modo, a situação social do guarani em cada um dos espaços descritos, os dialetos que teriam contribuído em sua formação, usos da escrita, bem como a situação de contato com a língua espanhola:

²² O trecho foi extraído da *Declaración de la Verdad contra um libelo infamatorio impresso em português contra los PP. Jesuitas misioneros del Paraguay y del Marañón* (MELIÀ, [1969] 2003, p. 124).

Quadro 2: O guarani nas três comunidades linguísticas

	REDUÇÕES JESUÍTICAS	SOCIEDADE CIVIL	INDÍGENAS
ORALIDADE	Predominância do guarani	Predominância do guarani	Predominância do guarani
ESCRITURALIDADE	Predominância do guarani, español, latín	Espanhol (empregado quase exclusivamente para assuntos oficiais)	Ágrafa
BASE DIALETAL	Variedades do Guaíra, Tape, Paraná	<i>Kari'ó, tobatí, guarambare</i>	Dialectos indígenas primarios
SITUAÇÃO DE CONTATO COM ESPANHOL	Média	Alta	Baixa

Fonte: elaboração nossa.

A prática da escrita circunscreve-se às reduções jesuíticas e à sociedade civil. Na primeira, no entanto, a escrituralidade foi altamente desenvolvida, principalmente na língua guarani, na esteira da formação de uma cultura letrada. Além de sistematizar a língua nativa, os padres introduziram todos os instrumentos vinculados à atividade escrita (papel, tinta, imprensa, livros), formaram escritores e leitores indígenas que também produziram textos em variados gêneros (NEUMANN, 2015; CERNO, BRIGNON 2020). Na sociedade civil, por sua vez, a escrita em língua espanhola restringiu-se apenas a textos oficiais, sendo que, pelo menos até o século XVIII, o guarani continuava sendo a língua predominante na região. A respeito do uso estendido do guarani na sociedade civil, Melià (1992, p. 108) observa que “*Usar el español en el Paraguay era en la práctica ser un extraño y un extranjero*”.

Os aspectos extralinguísticos elencados influenciaram para que ambas as variedades (guarani reducional e guarani crioulo) evoluíssem de maneira muito diferente, provocando, inclusive, um distanciamento ainda maior daquele gerado entre o tupi e o guarani no período pré-colonial (MELIÀ, [1969] 2003).

1.1.3 Criação e organização social das Missões Jesuíticas

A vinda dos primeiros colonizadores ao Paraguai deu-se no início do século XVI, com a fundação de Assunção, em 1537. Pouco tempo depois, em 1541, Juan de Salazar y

Espinosa instituiu o primeiro *Cabildo* em Assunção.²³ Para fins de desambiguação, é importante mencionar que, na época colonial, a palavra *Paraguai* correspondia a um território mais amplo do que o da República do Paraguai atual, que compreendia “toda a bacia dos três grandes rios que convergem para o Prata, até aos Andes, do Chile ao Peru, bastante para o interior da Bolívia, do Brasil e do Uruguai” (LUGON, 1976, p. 22). O Paraguai fez parte do vice-reinado do Peru até 1776, ano em que foi criado o vice-reinado do Rio da Prata, cuja sede passou a ser a cidade de Buenos Aires. Em 1782, implementou-se um regime de intendências que abriu passo para que o Paraguai e Buenos Aires se constituíssem como duas administrações separadas “*a las que se sujetaban los 30 pueblos guaraníes divididos em cinco departamentos: Calendaria, Santiago, Yapeyú, San Miguel y Concepción*” (WILDE, 2009b, p. 265). No entanto, sua delimitação sociopolítica sofreu mudanças substanciais ainda no período colonial, o período da independência (1811), até depois da Guerra da Tríplice Aliança (1870).

Os jesuítas chegaram a pedido do governador Hernandarias de Saavedra que, em 1608, comunicara ao rei de Espanha, Felipe III, sobre as dificuldades de subjugar os 150.000 indígenas do Guairá. De acordo com Lugon (1976, p. 30), a Coroa Espanhola, diante da dificuldade de submeter os guaranis ao sistema de *encomiendas*, optou por aliar-se à Igreja, por meio da Companhia de Jesus, a fim de garantir a conquista territorial, pelo que respondeu ao governador, “Mesmo que possuíssemos as fôrças necessárias, os índios do Guairá só devem ser submetidos pelos ensinamentos do Evangelho”. Com essas palavras, começaram os trabalhos dos jesuítas na região. Assim, em 1609, a pouco mais de 200 quilômetros de Assunção, fundou-se a primeira redução chamada *San Ignacio Guazú*, localizada nas regiões do Paraná.²⁴

Cabe mencionar que, quando os jesuítas chegaram às regiões do Paraguai, as relações entre espanhóis e indígenas, entabuladas quase 70 anos atrás, estavam marcadas

²³ Os *Cabildos* foram uma instituição administrativa criada pela coroa espanhola, que serviam como uma espécie de prefeitura (ESTRAGÓ, 2011).

²⁴ Acerca das motivações geopolíticas para as instalações das missões nas regiões do Paraguai, Furlong explica que à época, para os portugueses o “*Paraguay era parte integrante de una misma expresión geográfica, esto es, del Brasil*” (FURLONG, p. 25 *apud* SILVA, 2011, p. 69). Naquele período, 1580-1640, “[...] com a União das Coroas Ibéricas, a imprecisão de limites entre possessões hispânicas e luso-brasileiras prosseguia durante todo o século XVII. Entretanto, os guaranis nas missões tinham plena consciência das suas terras e autonomia” (NETO, 2012, p. 168). Silva (2011) assinala que Ignacio de Loyola, general dos jesuítas, ao perceber as pretensões portuguesas, determinou que os primeiros jesuítas a chegar ao Brasil tinham que ser a serviço dos reis espanhóis. Os primeiros jesuítas chegaram ao Vice-reino do Peru em 1567, no ano seguinte, criaram a Província Jesuítica do Peru a partir da qual o território paraguaio, que pertencia à ordem jesuítica do Brasil, passou a pertencer ao Vice-reinado do Peru.

por alianças e desavenças.²⁵ No início, as alianças entre conquistadores e guaranis estabeleceram-se por meio do parentesco. Assim, fizeram-se *tovaja* ‘cunhados’, instituindo o sistema de *cuñadazgo*, pelo qual guaranis e espanhóis tornaram-se parentes e aliados (WILDE, 2009b).²⁶ Essa relação mudou, quando se implementou o sistema de encomenda, a partir do qual os indígenas passaram de parentes a serviçais.²⁷ Esse sistema foi uma forma de submeter indígenas a trabalhos forçados.

Os jesuítas chegaram nesse contexto de tensões às regiões do Paraguai, implantando em seu lugar um sistema reducional, que se pautou por um sistema político organizacional alheio aos governantes locais. As reduções tornaram-se, assim, uma opção para os indígenas que fugiam dos mercadores de escravos, oriundos principalmente de São Paulo e tornou-se uma opção para os que não queriam se submeter ao regime espanhol de encomendas. Segundo Neto (2012),

Muito embora os colonos na época quisessem a proximidade entre as missões e os núcleos urbanos, os jesuítas tentaram evitar o erro cometido no Norte do Brasil, onde os indígenas se tornaram vítimas fáceis dos mercadores de escravos. No Sul, os missionários defenderam com ênfase o modelo de segregação relativa a fim de resguardar os recém-convertidos do contato com os brancos.

Como se vê, as relações entre a sociedade civil e as reduções estiveram marcadas por conflitos de interesses. A segregação relativa certamente deve ter contribuído para instaurar também padrões de uso da(s) língua(s) e concepções linguísticas ligadas às relações sociais dos diferentes participantes.

Diferentemente do Brasil, onde a ocupação deu-se pelo litoral, o Paraguai foi inicialmente ocupado a partir de Assunção, portanto do interior. A implantação de missões jesuíticas teve várias etapas, nas áreas do Paraná (1609-1622), no Uruguai (1619-1629), no Iguazú e Acaray (1619), no Guairá (1610-1630), no Tape (1631-1636) e no

²⁵ A história paraguaia do século XX, segundo Melià, costuma retratar que a mestiçagem, produto daquelas relações, esteve permeada pela harmonia. No entanto, a realidade foi muito mais complexa. Após conflitos entre guaranis e espanhóis, iniciou-se um período de paz, por meio do sistema de *cuñadazgo*, em que guaranis se emparentaram aos espanhóis e passaram a ser *tovaja*. Essa fase teve seu apogeu nos anos da primeira metade do século e os anos finais do século XVI aproximadamente. De acordo com o registro feito pelo padre Lorenzana em 1620, “*llamaronse luego los índios y españoles de cuñados; y cada español tenía unas mancebas, toda la parentela la acudía a servir a su cuñado, honrándose con el nuevo pariente*” (MELIÀ, 2011, p. 429).

²⁶ Sobre as relações de parentesco na cultura guarani e seu sistema, Cerno (2018a, p. 23) mostra que o “[...] parentesco guaraní tradicional corresponde a una organización basada en la familia extensa o te’ýi, que es un clan político-religioso que guarda relaciones de intercambio económico, simbólico y de alianzas con otros clanes [...]”.

²⁷ Isso demonstra o que temos assinalado, o sistema de encomendas foi uma forma de escravização indígena, em que os espanhóis submetiam os indígenas a trabalhos forçados em troca do ensino da doutrina católica. Ao *encomendero* cabia a manutenção de um sacerdote local (ESTRAGÓ, 2011).

Itatim (1631-1634) (MAEDER, 1989, p. 49). Levou, no entanto, a três grandes focos/frentes de expansão, os quais foram as regiões do *Guairá*, de *Itatim* e do *Tape*, inclusive porque foram as que tiveram maior número de reduções fundadas e maior número de indígenas incorporados (Ibid., p. 50). O seguinte mapa dá a localização aproximada dessas três regiões:

Mapa 3: Frentes de expansão missioneira



Fonte: Campos (1983) *apud* Carvalho (2013, p. 274).

As missões jesuíticas do *Guairá*, localizadas ao sul do rio Paranapanema e ao norte do rio Iguazu, começaram a ser instaladas em 1610, em decorrência de uma estratégia de defesa das fronteiras espanholas, delimitadas a partir do Tratado de Tordesilhas (1494).²⁸ Pouco tempo depois, em 1612, o padre Antonio Ruiz de Montoya chegou a Assunção e logo partiu em direção ao *Guairá*, onde continuou com o trabalho de criação de novas reduções.

²⁸ As reduções jesuíticas responderam aos objetivos da conquista territorial espanhola por meio da conquista espiritual a cargo dos jesuítas, que atraíram indígenas às reduções com a promessa de proteção dos *encomenderos* que os estavam escravizando (FANTINI, 2010).

Ao todo, no *Guairá*, fundaram-se 13 reduções, das quais 11 foram destruídas, após vários ataques dos paulistas e bandeirantes. Sobreviveram apenas os habitantes das reduções de *Nuestra Señora de Loreto del Pirapó* e *San Ignacio del Ipaunmbucú*, que transmigraram, no ano de 1631, para uma região próxima às margens do rio Paraná, onde hoje se encontra a província de Misiones, Argentina. De acordo com Lugon (1976), calcula-se que, no auge das reduções no Guairá, chegaram a viver nelas entre 70 mil a 100 mil pessoas.

As 12 reduções do *Tape*, região do atual Rio Grande do Sul, ao leste do rio Uruguai, foram fundadas entre 1631 e 1635, destacando-se nelas a atuação do Pe. Roque González (NETO, 2012). A primeira redução foi a redução de São Nicolau, localizada no atual município de São Nicolau (CARVALHO, 2013).

Posteriormente, entre 1632 até 1645, foram instaladas as reduções de *Itatim*, à margem oriental do rio Paraguai, entre os rios Taquiri e Apa, nas quais predominou a etnia *Kari'ó* (SILVA, 2011, p. 151-152). Embora as três regiões, do Guairá, do Itatim e do Tape tenham sido os principais focos de ocupação, os missionários ainda instituíram reduções em territórios do Paraná e do Paraguai. As regiões ocupadas por essas reduções compreenderam o sul do rio Tebicuary até o leste do rio Uruguai. Ao todo, num período de 159 anos compreendido desde 1609 até a expulsão dos jesuítas em 1768 – somaram-se 57 reduções. Finalmente, restaram 32 povos. Uma descrição detalhada do conjunto das reduções encontra-se nas pesquisas de Silva (2011). O seguinte quadro, baseado nesse autor, apresenta a lista de reduções sem considerar as novas nomenclaturas recebidas, possíveis transferências ou reconstruções:

Quadro 3: Reduções Jesuíticas

Ano	Nome	Província	Observações
1609	San Ignacio Guazú del Iguaramygtá	Paraná	Conhecida também por San Ignacio del Paraguay, San Ignacio del Paraná ou San Ignacio. Foi estável até 1768.
1610	Nuestra Señora de Loreto de Pirapó	Guairá	Transmigrou ao final de 1631 e se instalou à margem do rio Yabebiry, afluente da margem esquerda do rio Paraná em 1632.
1610	San Ignacio del Ipaunmbucú	Guairá	Transmigrou ao final 1631, em 1632 instalou-se à margem do arroio Yabebiry (atual Misiones-Argentina).

1614	Iaguapúa	Paraná	Em 1630, integrou-se à redução de Corpus
1615	Nuestra Señora de la Anunciación del Itapúa	Paraná	Instalou-se à margem esquerda do rio Paraná. Em 1621, foi transferida à margem direita do mesmo rio.
1619	Concepción de Nuestra Señora	Uruguay	Estável até 1768.
1622	Corpus Christi	Paraná	Instalada à margem direita do rio Paraná, mudou-se para a margem esquerda do mesmo rio em 1647.
1619	Natividad de Nuestra Señora del Acaray	Paraná	Em 1632, parte de sua população juntou-se às reduções de Corpus e Itapúa.
1622	San Francisco Javier del Ibitirembetá	Guairá	Organizada próxima ao rio Teopotiatá, junto à área dos índios. Destruída.
1622	San Francisco Javier del Ibitirembetá	Guairá	Próxima ao rio Tapotiatá.
1625	San José del Tucuty	Guairá	Destruída
1625	Nuestra Señora de la Encarnación del Ñuatingi	Guairá	Destruída
1626	San Miguel del Ybitiruna	Guairá	Destruída
1626	Santa Maria la Mayor del Iguazu	Guaira	Chamada também por Nuestra Señora de las Nieves. Em 1633, transmigrou para a margem esquerda do rio Uruguay
1626	San Francisco Xavier del Yaguarités	Tape	Em 1629, transmigrou para a margem esquerda do Rio Uruguay, passando a ser chamada de San Francisco Xavier de Céspedes ou San Francisco Xavier del Tobatim.
1626	Siete Arcángeles del Tayaoba	Guaira	Destruída
1627	La Concepción de los Lanceros de Guañanos	Guaira	Destruída
1627	San Antonio del Iñiay	Guaira	Destruída
1627	Santo Tomé del Tayaoba	Guaira	Destruída
1627	San Pedro	Guaira	Destruída
1628	Jesús María	Guaira	Destruída
1628	Nuestra Señora de la Asunción del Ijuhy	Tape	Em 1629, passou para a margem esquerda do Rio Uruguay com o nome de Nuestra Señora de la Asunción del Acaraguá.

			Depois mudou-se para Mbororé. Tempo depois seus habitantes juntaram-se aos de Yapeyú. Em 1627, fundou La Cruz.
1628	Todos los Santos del Caaró	Tape	Chamada também de Mártires ou Santos Mártires del Japón de Caaró. Transmigrou para a margem esquerda do Rio Uruguai entre Concepción e Santa Maria Maior. Em 1704, mudou-se novamente para as proximidades do rio Paraná junto à redução de Corpus.
1631	San Carlos del Caapy	Tape	Também chamada de San Carlos Borromeu. Uma vez destruída pelos bandeirantes, os sobreviventes com a ajuda de indígenas de outros povos reergueram-na à margem esquerda do rio Uruguai no ano de 1639.
1632	San Tome	Tape	Em 1639, transmigrou para a margem direita do rio Uruguai.
1632	San Joseph del Ytaguatiá	Tape	Em 1638, transmigrou e se fixou entre povos de Corpus e São Ignacio Mini, na margem esquerda do rio Paraná.
1632	San Miguel de Arcanjo	Tape	Transmigrou em 1638 para a margem direita do rio Uruguai. Em 1687, transmigrou novamente para a banda oriental do rio Uruguai, fixando-se à margem direita do rio Piratini.
1632	Santa Teresa del Ybitiru	Tape	Em 1633, foi transferida à cabeceira do rio Jacuí. Depois de destruída, parte de seus habitantes integraram-se a Itapuã.
1632	San Joseph del Icario	Itatim	Destruída
1632	San Benito del Yatay ou Yutay	Itatim	Destruída
1632	Ángeles del Taruaty	Itatim	Destruída
1632	Natividad de Nuestra Señora del Taraguy	Itatim	Destruída
1633	Nuestra Señora de La Natividad	Tape	Em 1638, transmigrou para a Província do Uruguai com o nome de Apóstolos. Também chamada de Apóstolos San Pedro e San Paulo ou Santos Apóstolos. Fundiu-se com São Nicolau em 1651.
1633	San Joaquín	Tape	Destruída
1633	Santa Ana	Tape	Em 1637, transmigrou para as proximidades da margem direita do rio Paraná. Mudou-se novamente para o sul de Loreto, em 1660.

1633	Jesús Maria del Ybiticarai	Tape	Destruída.
1634	San Cristóbal	Tape	Destruída
1634	San Cosme y Damián	Tape	Em 1638, transmigrou para as proximidades do Rio Aguapey, logo incorporou-se à redução de Candelária. Em 1718, separou-se de Candelária e instalou-se ao norte do rio Paraná, próximo a Itapua.
1634	Andirápuca	Itatim	Uniu-se em 1634 a Yatebó.
1634	Tepoty	Itatim	Uniu-se em 1634 a Yatebó.
1635	Nuestra Señora de Fe del Taré	Itatim	Em 1659, transmigrou para a margem direita do rio Paraná e passou a chamar-se Santa Maria de Fe.
1635	San Ignacio Caagaçú.	Itatim	Em 1650, passou a se chamar San Ignacio de Ypané. Transmigrou em 1659 para a margem esquerda do rio Paraná com o nome de Santiago.
1682	San Francisco de Borgia	Tape	Fundada com parte da população de São Tomé.
1698	Santa Rosa de Lima	Paraná	Formou-se com parte da população de Santa María de Fé.
1685	Jesús	Paraná	Localizado junto ao rio Monday.
1687	San Luís Gonzaga	Tape	Formou-se com parte da população de Concepción.
1697	San Juan Bautista	Tape	Formou-se com parte da população de São Miguel de Arcanjo.
1690	San Lorenzo Mártir	Tape	Formou-se com a divisão da redução de Santa María la Mayor.
1706	Trinidad	Paraná	E colônia de São Carlos.
1707	San Ángel Custodio	Tape	Formou-se com parte da população de Concepción.
1746	San Joaquín	Tarumá	Foi fundada com índios Tobatines, Itatins e Tobas.
1751	San Estanislao	Paraguai	Fundada com índios Monteses e de Santa Maria da Fé (Itatines).

Fonte: Silva (2011, p. 80-84).

1.1.4 O guarani das reduções: um espaço multiétnico e multilíngue

Wilde (2009) aponta que as pesquisas sobre as missões jesuíticas guaranis pouco se debruçaram sobre a pluralidade e o dinamismo no interior das Missões. Certamente, o quadro 3 mostra a diversidade de etnias e as diferentes regiões onde houve fundações e atividade missioneira. A partir disso, é possível inferir que esses indígenas tiveram uma base étnico-linguística parcial ou até completamente diferente. Não obstante, como se verá, o modo de agir binário (*fieles-infieles* ‘fiéis-infiéis’, *reducidos-no reducidos* ‘reduzidos-não reduzidos’) dos colonizadores contribuiu para a simplificação da heterogeneidade desses povos, posto que operaram:

asignándoles lugares o territorios concretos en una estructura social, simplificando una amplia diversidad previa de pertenencias socioculturales (WILDE, 2009a, p. 85).

Desse modo, os indígenas, independente de seus traços culturais ou linguísticos, passaram por um processo de “guaranização”, conforme Silva (2011, p. 157), à medida que eram introduzidos no interior de uma nova cultura reducional indígena-cristã. Essa “guaranização”, portanto, alude à homogeneização dos diferentes povos desde o ponto de vista historiográfico, pela pena dos cronistas, desde o ponto de vista étnico-cultural e linguístico, pela pena e pelo trabalho dos padres. Na visão de Silva (2011), por exemplo, graças aos relatos dos cronistas, por muito tempo acreditou-se que o guarani tinha uma força tal capaz de “guaranizar” outros povos de cultura e línguas diferentes. Por outro lado, essas populações “[...] teriam sido [ao seu ver] ‘guaranizadas’ muito mais pela pena dos próprios cronistas, do que pelos próprios Guaranis” (SILVA, 2011, p. 42).

Contudo, Wilde (2009a) lembra que ainda que os padres preconizassem a unificação dos traços culturais, identitários e, acrescentamos, linguísticos das missões, esses binarismos foram relativizados na prática, pelo fato de os missionários assentarem reduções em lugares muito diferentes e cujos habitantes eram igualmente diversos. Somam-se a isso as particularidades socioculturais dos indígenas, para os quais as relações de parentesco atravessavam as fronteiras traçadas pelas reduções, pois estabeleciam vínculos tanto entre indígenas reduzidos quanto com os não reduzidos (Ibid., 2009a, p. 85).

Nesse contexto multiétnico, a língua guarani, que serviu como língua geral também foi um instrumento para a “guaranização” étnico-cultural dos povos indígenas, pelo fato de que “se atribuía o nome Guarani a populações que não eram Guarani, justamente porque elas falavam o idioma guarani, considerado língua geral do antigo

Paraguai” (SILVA, 2011, p. 44).²⁹ Como, porém, inferir aspectos da oralidade por meio da análise de documentos escritos, os únicos registros da língua guarani que nos permitem reconstruir seu estado e configuração na diacronia desse período? Cabe, para tanto, analisar melhor como se deu essa relação entre oralidade e escrituralidade. É o que veremos a seguir.

1.2 A ESCRITURALIDADE DA LÍNGUA GUARANI

1.2.1 Oralidade e escrituralidade no Paraguai colonial

A fim de prospectar os percursos da escrituralidade em guarani, Thun (2003) oferece uma proposta de análise cronológica, na qual aponta a existência de seis épocas ou fases: 1) época pré-colombiana; 2) época jesuítica (1609-1767/68); 3) pós-expulsão dos jesuítas; 4) o guarani na sociedade crioula do Paraguai independente; 5) a coleta de textos orais de povos indígenas e as traduções; 6) a fase pós-ditadura (Constituição de 1992). Este modelo não se restringe ao guarani jesuítico, senão abrange o guarani de um modo geral, como sistema de dialetos do grupo I (guarani meridional), conforme Dietrich (2010b, p. 11-12):

Quadro 4: Fases da escrituralidade indígena em guarani

I.	<i>Época precolombina</i>	<i>Oralidad exclusiva, importación dudosa de la escritura rúnica</i>
II.	<i>Época jesuítica (1609-1767/68)</i>	<i>Escrituralidad guiada y controlada.</i>
III.	<i>Después de la expulsión de los jesuítas:</i>	<i>Liberación y pérdida de la escrituralidad.</i>
IV.	<i>El guaraní en la sociedad criolla del Paraguay independiente:</i>	<i>Escrituralidad marginal.</i>
V.	<i>La recolección de textos orales y las traducciones:</i>	<i>Escritura ajena.</i>
VI.	<i>Después de la dictadura (Constitución de 1992).</i>	<i>Enseñanza guiada e inicios de la escrituralidad indígena emancipada.</i>

Fonte: Thun (2003, p.10)

²⁹ Meliá (1992, p. 96) comenta por exemplo que a redução de Yapeyú havia se formado a partir de nações indígenas com diferentes línguas que, porém, adotaram a língua guarani como língua comum. Sem embargo, cabe também lembrar a distinção que Meliá faz entre oralidade e escrita, uma vez que segundo ele, essa língua comum atendia às necessidades coloquiais, da vida ordinária, enquanto a escrita respondia a formas estandarizadas (Ibid., p. 100).

Como já tratado nas seções 1.1.2 e 1.1.3, a etapa II iniciou com os trabalhos lexicográficos e doutrinários de franciscanos e jesuítas, dentre eles, os de maior destaque são os produzidos pelo padre limenho Antonio Ruiz de Montoya (1639/1640). Nessa época, a escrita por parte dos indígenas foi regida pelo controle dos padres (THUN, 2008). A etapa III, período que, nesta tese, nos propomos estudar, é a que inicia a partir da expulsão dos jesuítas (1767/1768). Aqui, pela primeira vez, houve “empoderamento” ou “apropriação” (NEUMANN, 2015) da escrita por parte dos indígenas. Esse período corresponde à “etapa liberada” do controle dos jesuítas, que já haviam sido expulsados da região. Ao tempo em que inicia a etapa liberada, conforme Thun (2003), inicia por sua vez o declínio da escrituralidade, já que com a ausência dos jesuítas começou uma lenta decadência da escrituralidade em guarani, “*Sin sus gramáticos y filólogos, la lengua que éstos tanto estudiaban y amaban, también se perdía*” (MELIÀ, 1992, p. 97).

A expulsão dos jesuítas de todos os domínios da Coroa, decretada pelo Rei Carlos III, em 1767, e concretizada em 1768, começou uma virada da política linguística na região. Foi o início da entrada “oficial” da língua espanhola, que incutiu uma nova atitude linguística nas lideranças das reduções jesuíticas (*caciques* e *corregidores*) e cuja predisposição em aprender a língua do Rei foi manifesta na “carta dos trinta povos”: “*òpacatu ôre abe oroñemboène Carayñeê rehene*” ‘todos nós hemos de apreender a língua do Rei’ (1768/s.l./30 pueblos).³⁰

De acordo com Melià (2011), a variedade das reduções, com o decorrer dos anos, foi incorporando mais hispanismos³¹:

Durante muchos años, el guaraní sin jesuitas todavía fue jesuítico, pero se degradó hacia modos de hablar cada vez más híbridos, como aparece, de modo evidente, en un estado de cuentas sobre ganado y otros bienes almacenados y comercializados en los años 1777-1778 (MELIÀ, 2011, p. 437.

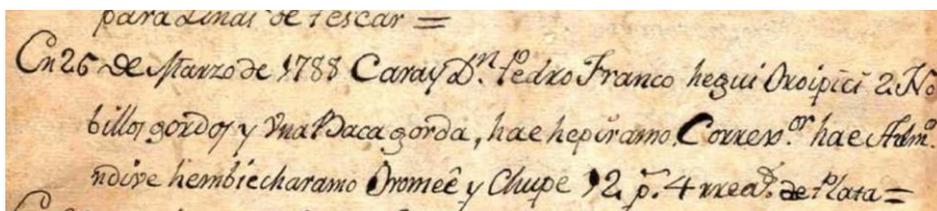
O “estado de cuentas sobre ganado y otros bienes” a que se refere o autor é em realidade de 1787/1788. Trata-se de um manuscrito sumamente híbrido com fortes

³⁰ As lideranças indígenas reagiram de maneira pacífica às novas mudanças de governo. Em setembro de 1767 foram recebidos, em Buenos Aires, pelo governador Francisco de Paula Bucareli y Ursua e meses depois, em 1768, redigiram a carta dos trinta povos endereçada ao Rei Carlos III, na qual manifestaram sua lealdade (COUCHONNAL e WILDE, 2014, p. 4) e sua predisposição em apreender a língua espanhola. Em 1770, por meio da Real Cédula, estabeleceu que “*en los Reinos de Indias, Filipinas y adyacentes, se observen los medios para conseguir que se destierren los diferentes idiomas que se usan en aquellos dominios y solo se hable el castellano*” (REAL CÉDULA/1770. LEGISLAÇÃO HISTÓRICA DE ESPAÑA. <https://archive.ph/ZH4d>. Acesso em 24/04/2022).

³¹ O autor assinala 59 documentos recopilados entre os anos 1768 e 1813, disponíveis hoje no *Archivo Nacional de Asunción* (ANA), Paraguai, de onde provém parte do *corpus* desta pesquisa (MELIÀ, 2011).

influxos de hispanismos em nível lexical e gramatical, além de apresentar vários casos alternâncias, como se pode constatar no seguinte excerto de um *fac simile*:

Figura 2: Manuscrito: “Estado de cuentas sobre ganado y otros bienes” - 1787/1788



Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

No documento, como se pode observar na figura acima, registram-se já frases completas em espanhol, como a que segue: *Oroipici* [tomamos] *2 Nobillos gordos y Una Baca gorda* ‘tomamos dois novilhos gordos e uma vaca gorda’. São frases regidas pelas regras internas da língua espanhola, o que sugere que os escreventes indígenas já estivessem num contato mais intensivo com a sociedade civil. Esse maior contato lhes possibilitaria, certamente, maior competência para reconhecer as categorias gramaticais e suas respectivas funções.

A etapa IV caracteriza-se pela “escrita marginal” do guarani. Não há registros sobre o uso da escrita em guarani, no âmbito público, durante o período do primeiro governador do Paraguai independente, José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840) (MELIÀ, 2011). No entanto, sugere-se que a política de isolamento implementada pelo governante teria contribuído na manutenção do guarani (ZAJICOVÁ, 2009, p. 30), pelo menos na oralidade. Tampouco houve uma política de ensino formal do guarani. Na oralidade, portanto, o guarani continuou sendo língua majoritária na região (Ibid., 30-31). O segundo governante, Carlos Antonio López (1844-1862), retomou a política de “castellanización” do país e, com o decreto de 1848, suprimiu as *távas* ‘povos’ apropriando-se das terras pertencentes às reduções (MELIÀ, 2011, p. 439). Do ponto de vista linguístico, institucionalizou o ensino do espanhol e implementou uma política de proibição do uso do guarani no ambiente escolar (ZAJICOVÁ, 2009, p. 33). Do ponto de vista étnico, o apagamento da identidade nativa aumentou com a adoção de sobrenomes espanhóis por parte dos indígenas (MELIÀ, 2011, p. 439). Trata-se, portanto, de uma fase em que não aparecem mais testemunhos do uso contínuo da escrita guarani.

O próximo governante, Francisco Solano López (1862-1870), implementou novamente a escrita, em guarani paraguaio, nos jornais no período da Guerra da Tríplice

Aliança (1864-1870) (LUSTIG, 2006; OBERMEIER, CERNO, 2017). Na “*Convención de Paso Pucú*” (LUSTIG, 2006), esboçou-se uma nova ortografia que se distanciava daquela implementada pelos jesuítas. De acordo com Obermeier e Cerno (2017, p. 10), o sistema ortográfico adotado em *Paso Pucu* buscava produzir uma escrita pensada para ser lida em público, pois “[...] no se habría pensado tanto en lectores concretos, sino en lecturas públicas donde se reproducían oralmente los textos para un auditorio conformado principalmente por soldados analfabetos” (OBERMEIER; CERNO, 2017, p. 10).

A etapa V caracteriza-se pela recolecção de textos escritos e orais; dentre esses trabalhos destaca-se a documentação de línguas indígenas, como a que fez León Cadogan, ao coletar cânticos religiosos do guarani mbyá, conhecidos como *Ayvu Rapyta* ‘Fundamento da palavra’. Antes de Cadogan, Kurt Nimuendaju havia também coletado as lendas dos apapocuva-guarani do Mato Grosso do Sul.

Por fim, a etapa VI equivale ao período que chega até a contemporaneidade, passando pelas ações políticas, como a oficialização do guarani no Paraguai e em outras regiões, e seu ensino nas instituições educativas. O guarani jesuítico, por seu turno, não voltou a ser escrito após a desapareção dessa sociedade.

1.2.2 As reduções jesuíticas: os primórdios da estandardização

Volo vos loqui linguis (1COR. 14.5) – evocando São Paulo, o padre Antonio Ruiz de Montoya introduz seu *Tesoro de la lengua guaraní* (1640), obra que inaugura os seus trabalhos lexicográficos em língua guarani.³² Com fundamento na análise teológica que faz do versículo bíblico, Montoya justificou o entendimento de que a língua é “*Instrumento único, que el Espíritu Santo dio para sanar las encaceradas llagas de la Gentilidad*”. Nessas palavras reside a gênese dos trabalhos linguísticos empreendidos pelos membros da Companhia de Jesus entre os guaranis, uma vez que não demoraram para perceber que a evangelização só seria eficaz se fosse feita na língua materna dos nativos. A variedade concebida nas Missões esteve, em princípio, a serviço da catequização indígena.³³ Conforme já se tratou, o guarani, nas reduções, foi empregado

³² Tradução: Eu quero que todos vós faleis em línguas.

³³ A questão linguística já se colocava como ponto central na evangelização dos indígenas na província eclesiástica do Peru. De modo que, a interpretação das passagens bíblicas de Rom. 10, 17 e Cor. 14.6-25, os missionários consideraram “*El conocimiento de la lengua com miras a la predicación es absolutamente necesaria; el sacerdote que se atiene solo a los ritos sin palabras no puede atribuirse el nombre de pastor*”

como língua oral e escrita, foi uma espécie de língua oficial (CERNO; OBERMEIER, 2013). Tendo em vista que o guarani funcionava como língua geral entre as diversas populações indígenas (cf. seção 1.1.2), foi adotado pelos padres, que o transformaram na variedade *standard*, com o intuito de responder à necessidade de unificar o discurso religioso e o código escrito. Essa estandardização resultou em adequações principalmente de ordem léxico-semântica, capazes de abranger o universo cristão, bem como a nova organização social em vias de implantação nas reduções. Neumann (2015) chama a atenção para o fato de que, a “[...] convivência com a língua escrita, intensificada pelo contato com os catecismos, não produziu imediatamente os resultados imaginados e, de nenhuma forma, relegou a oralidade a um patamar inferior (NEUMANN, 2015, p. 63)”.³⁴ Soma-se a esse fator o fato de que a alfabetização não estava estendida para toda a população, apenas uns poucos tinham acesso à leitura e à escrita.³⁵ Nesse sentido, Thun (2008a, p. 238) afirma que muito se sabe sobre a “normatização” do guarani nas reduções, mas pouco se sabe sobre a “normalização” dessa estandardização.³⁶ Ou seja, tanto as fontes lexicográficas, quanto os textos do espiritual revelam muito mais sobre a normatização da língua, do que sobre o uso concreto da língua nas relações sociais “normais” do dia a dia.

1.2.3 Estandarização do guarani: os trabalhos lexicográficos de Montoya

A estandardização do guarani foi empreendida por franciscanos a fins do século XVI e por jesuítas a fins do século XVII. Por meio dos trabalhos dos missionários, a escrituralidade das línguas indígenas, em especial, do tupi e do guarani, ganhou forma em

(MELIÀ, [1969] 2003, p. 48). Embora a política linguística da Coroa Espanhola, até Felipe II (1556-1598), primasse pela hispanização das Américas, não demorou para que o entendimento se inclinasse para o uso das línguas vernáculas no contexto da catequização (MELIÀ, 2008).

³⁴ Como aludido na seção 1.1.4, a composição étnica das reduções era heterogênea. Aliás, ao menos 25 dessas reduções eram compostas em parte por outros grupos étnicos que falavam línguas de outros troncos linguísticos. Cabe, portanto, inquirir em que medida o guarani poderia também ter recebido influxos de outras variedades.

³⁵ Sobre a produção escrita em guarani, Vega (2018), analisando o inventário feito nas reduções após a expulsão dos jesuítas, constata que, nas missões do Paraná e do Uruguai, dentre todos os livros, 13% foram produzidos em língua guarani. Em comparação com as produções em línguas indígenas em outras missões da América colonial, esse número é significativo. Apenas à guisa de exemplo, nas missões do Peru, apenas 1,76 % dos livros estavam vestidos em línguas indígenas.

³⁶ “En las bibliotecas jesuíticas de la Baja California existía solo un 0,71 % de libros en lenguas indígenas (opata, náhuatl, kayta y michoacano o tarasco). A su vez, en los inventarios de tres pueblos de misión en Moxos – en la provincia jesuítica del Perú – para los que contamos con datos, se evidencia una proporción de 1,76 % de libros en lenguas indígenas (moxo, chiquitano y chiriguano)” (VEGA, 2018, p. 13).

várias obras de cunho religioso que surgiram no século XVI. Num primeiro momento, os missionários não tinham catequeses por meio das quais pudessem pregar a doutrina de maneira unificada (MELGAREJO, 2006).

Antes das célebres obras lexicográficas do padre Antonio Ruiz de Montoya, os franciscanos começaram o labor linguístico na região. A primeira *Doctrina Cristiana* (1607) traduzida ao guarani, por exemplo, foi feita pelo franciscano Luis Bolaños (MELGAREJO, 2006). A primeira gramática, por sua vez, foi escrita pelo também jesuíta Alonso de Aragona, que trabalhou na região do Tape, intitulada *Breve introducción para aprender la lengua guarani* (MELIÀ, [1969] 2003).

As obras do padre Montoya estabeleceram uma norma gráfica, um modelo fraseológico e uma unificação léxica. Entre seus trabalhos destacam-se o *Tesoro de la lengua guarani* (1639), a gramática, junto a um dicionário intitulado *Arte y Vocabulario de la lengua guarani* (1640) e o *Catecismo de la lengua guarani* (1640). Todos voltados à formação linguística dos padres e à educação da fé dos indígenas, visto que nas escolas, por exemplo, o Catecismo de Montoya podia servir de cartilha (MELIÀ, [1640] 2008, p. 27). É importante destacar que o *Catecismo de la lengua guaraní* foi a prosa mais longa em guarani na época inicial da “conquista espiritual”.

Cerno (2017) explica que o empreendimento linguístico dos franciscanos e dos jesuítas, nos diferentes níveis da língua (gráfico, fonético, semântico e pragmático), buscou a criação de uma variedade que servisse para a evangelização. A criação da variedade *standard* (dicionários, gramáticas), como salienta o pesquisador, esteve aliada à tradução de textos doutrinários (orações, catecismos, sermões). Essa variedade, não obstante, prevaleceu na escrita, com realização, em alguma medida, na fala dos padres.

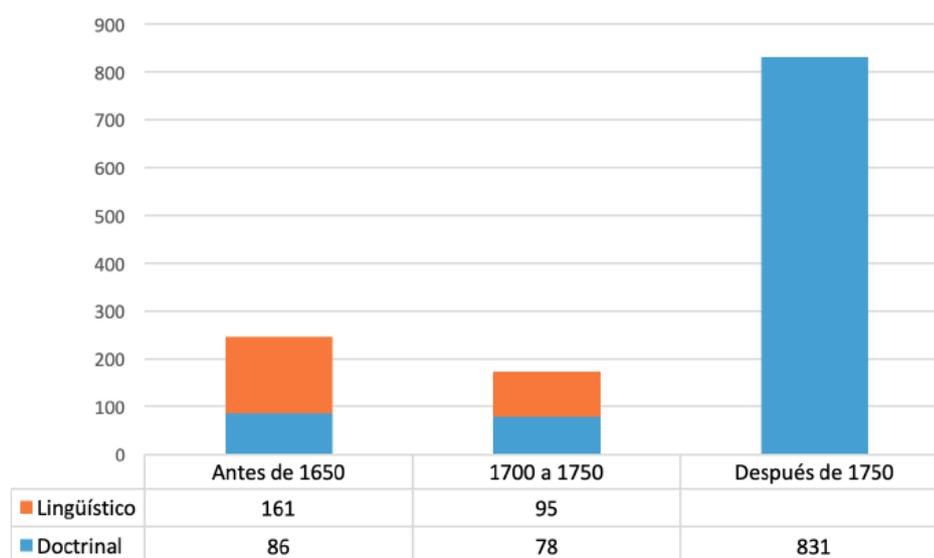
A produção textual em guarani dividiu-se em duas esferas. A primeira esfera corresponde ao plano metalinguístico, que incluiu a produção de fontes dedicadas à normatização da língua, cujo público eram os padres. Os jesuítas se utilizaram dessas fontes tanto para a tradução de obras doutrinárias, quanto para aquisição da língua e modelos para a comunicação oral. A segunda esfera encontra-se no plano doutrinal, que consistiu no emprego desse *standard* por meio da pregação, da evangelização, da repetição de catecismos e da confissão, cujo público foram os indígenas.

Desse modo, a língua, uma vez empregada também em textos doutrinários, serviu para pôr em prática a variedade *standard*, que, além de visar à remodelação do modo de vida dos indígenas, também poderia ter servido para remodelar a própria língua dos catecúmenos. A entrada da variedade *standard* na língua coloquial poderia ser

consequência do método pedagógico aplicado pelos padres aos indígenas, em que se recorria a técnicas mnemônicas, as quais consistiam na repetição e memorização de orações (MELIÀ, [1969] 2003 , p. 262). Peramás ([1793] 2004 , p. 78), que dá fé dessas práticas em suas memórias, afirma: “*Todos los domingos, después de recitadas las fórmulas del catecismo por todos [...]*”. Melià ([1969] 2003 , p. 263) ainda acrescenta que o repertório linguístico dos indígenas se viu ‘impregnado pelo vocabulário e formulações do catecismo’, “*Se sabían de memoria las oraciones, aunque les fuera más difícil explicarlas. Les gustaba repetir el texto de todos los días [...]*”.

A prática organizada do ensino da escrita do guarani aos indígenas, aliado à instalação da imprensa missioneira (1700-1727), contribuiu para a expansão de uma cultura textual nas missões, como bem comprovam os dados levantados por Vega (2018):

Gráfico 1. Produção textual impressa nas Missões



Fonte: Vega (2018, p. 15)

No gráfico acima apresentado por Vega (2018), constata-se que, nos primeiros anos, houve maior produção metalingüística para facilitar a aprendizagem do guarani por parte dos padres. A produção textual por meio de traduções de textos doutriniais – se bem que em menor proporção – esteve à par das produções lexicográficas, nos primeiros 50 anos.³⁷ Já a partir do séc. XVIII, observa-se uma queda da produção linguística, enquanto

³⁷ A doutrinação estava atrelada ao labor linguístico dos padres, como destaca Melià ([1969] 2003, p. 162), “*El hecho de que el misionero sea muchas veces lingüista, deriva no tanto de sus inclinaciones literarias y de su curiosidad humanista – aunque también mucho hay de ello – como de la naturaleza misma de la misión*”. O labor gramatical, aliado ao trabalho de tradução foi um desafio que levou os padres a lidarem

a produção doutrinal se manteve. Trata-se de um período de bonança nas missões, que possuía imprensa própria e uma grande produção de manuscritos (CERNO; OBERMEIER, 2013), aliada à contribuição indígena na escrita, além de um incremento da apropriação da escrita, ora como autores coadjuvantes, ora como autores diretos (NEUMANN, 2015; WILDE; VEGA, 2019, BOIDIN, CERNO, VEGA, 2020). É possível que o declínio da produção metalinguística responda ao encerramento da fase da normatização, para dar maior ênfase à normalização, isto é, ao uso efetivo da escrita em gêneros textuais mais diversos.

A partir de 1750, chama atenção o volume de produção textual não metalinguística. Trata-se do período do Tratado de Limites bem como dos conflitos da sociedade guarani com as potências ibéricas, que culminaram com as guerras guaraníticas (1753-1756). Embora essa catapulta tenha ocorrido em razão da publicação de dois volumes da obra *Ara poru aguïyey haba* ‘Sobre o bom uso do tempo’ (1759-1760), que foi a obra com maior tiragem nas reduções, considera-se que nesse período aumentou a necessidade de pacificar indígenas que perderam a guerra contra as potências coloniais.³⁸ Essa publicação, conforme Boidin, Cerno e Vega (2020), evidenciaria a consolidação de um público leitor nas reduções.

Enquanto no século XVII o enfoque da escrita embasou-se na tradução do espanhol ao guarani, produzindo textos bilíngues, no século XVIII surgem produções originais em guarani, permeadas por diversos gêneros. É um período em que a participação indígena aumenta na escrita (WILDE; VEGA, 2019; (MELGAREJO, 2006), como veremos a seguir.³⁹

com diferentes problemas teórico-metodológicos, fazendo com que, muitas vezes, lançassem mão de mecanismos léxico-semânticos para abordar conceitos e visões de mundo que seriam introduzidos por meio do evangelho (cf. MELGAREJO, 2006).

³⁸ A vésperas da expulsão dos jesuítas (1767) foram impressas 1500 cópias da obra *Ara poru aguïyey haba* ‘Sobre o bom uso do tempo’ (1759–1760) do padre Joseph Insaurralde. Boidin, Cerno e Vega (2020, p. 252) assinalam elementos que indicam o *Ara poru* como uma obra destinada a um público leitor formado nas reduções. A hipótese deles alicerça-se em dados linguísticos e extralinguísticos, dentre os quais destacam-se que o *Ara poru*: a) foi o primeiro livro em formato de livro de bolso; b) foi o livro em guarani com maior tiragem; c) o registro realiza-se na variedade *standard*; d) as marcas textuais como a alternância entre o singular e plural *nde* ‘tu’ e *peê* ‘vós’. O uso do pronome singular é incomum em textos doutriniais, o pronome de segunda plural emprega-se nas primeiras páginas desse texto e o livro se apresenta como um *irû* ‘companheiro’ dos jovens e, finalmente, e) as recomendações trazidas no texto sugerem ser um devocional, com reflexões, orações e meditações de uso individual.

³⁹ É preciso também lembrar que a colaboração indígena na escrita esteve sempre presente desde as primeiras fontes lexicográficas, seja na elaboração de textos eclesiais seja na elaboração de textos não eclesiais. Os indígenas participavam em caráter de informante ou de amanuense. Vale lembrar que o próprio Montoya ([1639] 2011), nas primeiras páginas de seu *Tesoro*, revelava: “*He tenido por intérpretes a los naturales* [...]”. Dentre os textos produzidos por indígenas, está Nicolás Yapugay, tradutor da obra “*Explicación del Catecismo*” e “*Sermones y ejemplos*”. Dele destacam-se não apenas sua destreza no

1.3 USOS DA ESCRITA EM GUARANI

1.3.1 Entre os textos do espiritual e do temporal

A produção textual das Missões costuma ser organizada em dois eixos: cronológico e temático (THUN, 2008a; CERNO, OBERMEIER, 2013; NEUMANN, 2015). O primeiro divide a atividade escrita em dois períodos: a) a etapa controlada, na qual a escrita indígena passava pelo crivo dos padres; e b) a etapa liberada, que se inicia após a expulsão dos membros da Companhia de Jesus (1768). A distinção cronológica permite, desde o ponto de vista histórico, reposicionar o papel do indígena na produção textual das reduções, pois a partir da expulsão dos jesuítas, iniciou-se um período de autogestão indígena por meio da escrita, sem a presença dos sacerdotes como agentes normatizadores e de controle.⁴⁰ O segundo eixo – estribado na distinção temática – separa as produções textuais eclesiais das produções textuais seculares (OBERMEIER, CERNO 2017; THUN, CERNO, OBERMEIER, 2015).⁴¹ Enquanto na esfera espiritual, predominam textos relacionados à religião, a aspectos metafísicos que, portanto, transcendem o terrenal, predominam na esfera temporal textos relacionados ao cotidiano.

Considera-se que tanto a separação cronológica quanto a temática contribuem, nesta pesquisa, para distinguir textos cuja escrita empregada nas reduções esteja mais próxima da variedade *standard* do que daquelas mais dialetais. Como se verá no decorrer da seção, do ponto de vista cronológico, a “etapa liberada”, em especial, permite levantar hipóteses acerca da autonomia indígena na produção escrita. Do ponto de vista temático, os textos “do temporal” teriam estado mais suscetíveis à entrada de hispanismos, o que os posicionaria mais próximos à oralidade (THUN, 2008a; CERNO, 2017).

trabalho tradutório, senão seu conhecimento linguístico e cultural, razão pela qual passou a ser um dos principais auxiliares dos missionários (MELGAREJO, 2006).

⁴⁰ Para Neumann (2015) houve uma tendência de colocar sob suspeita a autonomia que o indígena tinha para exercer a escrita. Sendo apenas um escrevente, um copista, que atuava sob as diretrizes dos jesuítas e respondendo aos interesses da Companhia de Jesus.

⁴¹ Sobre essa distinção está inspirada na obra do Padre jesuíta Eusebio Nieremberg, intitulada “De la diferencia entre lo temporal y eterno” (1684), traduzida ao guarani pelo Padre José Serrano e impressa na redução de Loreto em 1705. Essa obra foi utilizada pelos jesuítas como instrumento pastoral dos neófitos. A distinção entre o “[...] temporal y lo eterno está en relación con la finalidad de la vida del hombre. Nieremberg pretende que el lector internalice esta “diferencia” de manera vital y existencial. Las “cosas sobre la haz de la tierra”, lo temporal, son medios que se deben “usar” para alcanzar el fin, o sea la eternidad feliz junto a Dios, el creador” (GIL, 2010, p. 39).

A partir dessas distinções, Thun, Cerno e Obermeier (2015) propõem que os textos do temporal podem contribuir para um estudo dialetológico do guarani das reduções, pois, por ser uma produção menos controlada, tenderiam a aproximar-se (ou ao menos a dar pistas) sobre a realização da língua na oralidade. Essa visão insurge-se contra os estudos até então realizados, que analisavam a variedade do guarani das Missões quase que exclusivamente a partir dos trabalhos lexicográficos de Montoya ou das fontes “do espiritual”, obras que faziam uso de uma variedade mais *standard*.

Além disso, a distinção temática permite observar a predominância de tipos de documentos numa esfera ou noutra, bem como a diferenciação de finalidades, dos tópicos, dos contextos de uso e dos participantes em cada esfera (FISHMAN, 1965).

Quanto aos textos do espiritual, nota-se uma certa homogeneidade na finalidade, nos tópicos, nos contextos de uso e entre os participantes. A principal finalidade desses textos foi a pedagógica, que, segundo Obermeier (2017), precisa ser vista de uma maneira mais ampla, pois a produção religiosa não esteve apenas direcionada à educação cristã dos catecúmenos; esteve também direcionada à formação dos próprios padres, como foi visto na seção 1.2.1. Os contextos de uso da escrita religiosa foram as igrejas ou as congregações, enquanto os autores foram principalmente os padres, ainda que tenha havido casos excepcionais em que indígenas como Nicolás Yapuguay – autor dos *Sermones y ejemplos en lengua guarani* (1727) e a *Explicacion de el Catechismo* (1724) – da redução de Francisco Javier, escreveram ou reescreveram sermões. Thomas Brignon (2018, p. 288), inclusive, levanta a hipótese de que o trabalho tradutório nas reduções tenha sido uma atividade social, com alta participação dos nativos e não uma atividade monopolizada apenas pelos padres. Assim, as traduções de textos religiosos provavelmente contaram com alta participação dos nativos.

Na esfera temporal, por sua vez, os textos costumam ser mais heterogêneos, performando diversas finalidades, além de serem encontrados em variados contextos de uso, com pluralidade de participantes e diversos tópicos. Neumann (2015), apontando que a diversidade textual se acentuou no decorrer do século XVIII, identificou uma série de documentos, com suas respectivas características e períodos de produção, dentre os quais destaca: os bilhetes, as cartas, os memoriais, os relatos pessoais, as atas de *cabildos*, os estados de contas, as faturas, a escrita exposta em cruces, cartazes ou lápides e a narrativa histórica. Além desses registros textuais, também é possível apontar outros, tais como os manuais médicos e farmacêuticos (OTAZÚ, 2014; CERNO, 2017).

Quanto aos contextos de uso, em especial do século XVIII, Wilde e Vega (2019) identificam os *cabildos* e as milícias como principais espaços de produção escrita. Quanto aos participantes, como apontado acima, a alfabetização proporcionada pelos jesuítas não foi universal, ao contrário, privilegiou e criou uma elite letrada, que foi a responsável pela comunicação e pela administração local (NEUMANN, 2015). Ocorre que, por vezes, como ponderam Wilde e Vega (2019), dentro da comunidade, um mesmo indivíduo poderia exercer mais de um cargo ou função administrativa e, sendo escrevente, poderia ser o responsável pela redação de mais de uma forma de registro textual.

Ainda sobre os participantes, é importante esclarecer que, no contexto desta pesquisa, utiliza-se o termo remetente no sentido de quem assina a carta, pois, especialmente, no século XVIII, não era incomum que os documentos fossem escritos sob encomenda. Em muitos casos, era comum a assinatura de apenas um em representação de toda a comunidade: “*por mi y los demas del cavildo que no savem firmar*” (NEUMANN, 2015). No entanto, a autoria não era explícita em todos dos textos do temporal. A escrita anônima foi característica dos manuais, a exemplo do manual de medicina *Pohã Ñana* (1725) cuja autoria atribui-se ao padre Marcos Villodas. Outro registro que carece de autoria conhecida é a crônica histórica chamada *La Memoria* (1704-1705) (THUN; CERNO; OBERMEIER, 2015).

Segundo Neumann (2015), dentre os documentos remanescentes, após a expulsão dos jesuítas, houve uma preponderância do gênero epistolar, dada a nova situação política das reduções. Produziram-se cartas que versavam sobre tópicos político-administrativos com o objetivo de atender necessidades mais imediatas. Assim, as cartas escritas por indígenas, segundo o pesquisador, tinham os seguintes objetivos: i) mecanismo para requerimentos às autoridades hispânicas, ii) instrumento de comunicação entre guaranis e os administradores, entre os guaranis e os funcionários em Buenos Aires, e iii) veículo de contato pessoal entre indígenas rebelados.⁴² Em outros registros, como os bilhetes e a escrita exposta, também predominava o tópico político-administrativo, que buscava atender necessidades imediatas da comunidade local.

Manuais, diários e narrativas históricas, por sua vez, ostentavam caráter perene, tendo finalidade pedagógica, informativa, historiográfica, organizativa, e transcendendo às demandas meramente imediatas. Nesse tipo de registro, padres e indígenas apresentavam-se como participantes.

⁴² Vale lembrar que, após a expulsão dos jesuítas, a administração centraliza-se em Buenos Aires.

Quadro 5: Textos do temporal: gêneros textuais

Documento	Finalidade	Tópico	Contexto de uso	Participantes	
				Remetente	Destinatário
Bilhete	Informativa	Política	Reduções	-	Indígenas rebelados
Carta	Informativa/demandas/ agradecimentos/queixas/protestas	Política/ administração	Cabildos		Autoridades hispânicas/jesuítas e guarani/indígenas rebelados
Memorial	Demandas	Administração	Cabildos	corregidor/administrador	Autoridades hispânicas/jesuítas e guarani/indígenas rebelados
Diário	Registro de fatos do pasado, registrar o passado		Reduções	Anónimo	
Relato pessoal			Reduções		
Atas de cabildo	Registro político	Administração	Cabildos	corregidor/administrador	
Estados de conta	Econômica	Administração	Cabildos	corregidor/administrador	
Escrita exposta: cruces, cartazes, lápides	Religiosa Narrativa (registrar los hechos del pasado)	Política	Espaço externo das reduções	-	
Narrativa histórica			Reduções	Anónimo	
Manuais	Pedagógica	Medicina, agricultura, culinária, outros	Reduções	Anónimo	

Fonte: elaboração nossa a partir de Neumann (2015 p. 134-135) e Wilde e Vega (2019, p. 473).

Segundo Thun (2008a, p. 223), a dualidade entre o espiritual e o temporal permeou todas as esferas da vida dos indígenas: *“Esta nueva forma de vida [nas reducciones] sobrepasa lo estrechamente cristiano y entra en todos los compartimientos de la existencia individual y colectiva”*. De acordo com Thun, os indígenas passaram a acobertar sua nudez com roupas de algodão, modificaram sua culinária e passaram de recolhedores de víveres a agricultores e criadores de gado. Deslocada essa dualidade à produção textual das reduções, Wilde e Vega (2019, p. 464) argumentam que *“la producción textual de las misiones se orientó deliberadamente a hacer confluir lo*

espiritual y lo temporal, como parte de un programa más amplio de reforma de las costumbres y de estandarización de la subjetividad cristiana”.

Do ponto de vista funcional dos textos, a linha divisória entre o espiritual e o temporal é muito tênue, pois a função pedagógica de determinados documentos permeava ambas as esferas. Isso é verificável nas catequeses e sermões, assim como os manuais de medicina, culinária, instalação de reduções.⁴³ Do ponto de vista linguístico, essa diferenciação contribui para uma organização da tipologia dos registros textuais encontrados nas reduções, pois, além de facilitar a separação temática, contribui para uma primeira aproximação linguística, que permite entrever os registros predominantes em uma esfera ou em outra. Permitiria constatar se os textos do temporal, em especial após a expulsão dos jesuítas, eram mais diversos, abrangendo uma gama de aspectos maior da vida cotidiana dos falantes.

Outro aspecto a ser notado é que as finalidades, os tópicos, os contextos de produção e os participantes variavam na esfera do temporal. Enquanto a produção religiosa circunscrevia-se apenas às igrejas ou congregações, a produção do temporal abrangia outros contextos de uso, como a administração, a organização política e a organização econômica (WILDE; VEGA, 2019). Os participantes da esfera do temporal podiam ser igualmente padres, no entanto, a participação indígena fez-se mais visível, em especial, nos contextos de uso dos *cabildos* e das milícias, onde os indígenas desempenhavam diferentes cargos como os de corregedor, *cabildante*, xerife, mordomo, secretário, sargento, capitão, tenente (WILDE; VEGA, 2019). De acordo com Neumann (2015), o uso da escrita desvinculado das questões religiosas foi mais presente entre os secretários de *cabildos*, no exercício de suas atribuições.

Ainda no âmbito linguístico, a distinção temática é relevante quando se trata do estudo da relação entre língua *standard* e dialetos das reduções, visto que os textos do espiritual foram mais suscetíveis ao controle dos padres, que se preocuparam em resguardar a língua de influência da língua espanhola. É possível que os textos do temporal, mais suscetíveis às novidades do mundo civil, como já o assinalava Thun (2008a), possam fornecer pistas sobre a língua falada pelos indígenas, pois é na vida

⁴³ Obermeier (2017, p. 13) menciona que é provável que esses textos não tenham se conservado. Há apenas um resumo feito pelo padre Antonio Sepp “Pensamos que aquí en 1732 Sepp copia (de memoria o de un modelo escrito que tenía a alcance de manos) viejos textos modelos de una época en que la fundación de nuevas reducciones era más frecuente que en 1732”.

terrenal, nas demandas do cotidiano, que a língua precisa ser adaptada e reinventada diariamente.⁴⁴

Os textos do temporal, de acordo com Cerno e Obermeier (2013), portanto, podem dar pistas sobre o complexo dialetológico das reduções, que, por muito tempo, foi concebido apenas a partir dos textos religiosos, principalmente graças a uma maior conservação dos textos dessa esfera. Por outro lado, em relação aos textos do temporal, a tarefa é mais árdua, pois em caso de alguns gêneros (cartas indígenas) não houve preocupação de conservação desses registros; em outros casos (códices mais extensos, encadernados, etc.), foram negociados e comprados na época da independência, por colecionadores privados, ou bibliotecas e arquivos europeus, onde ficaram guardados por muitos decênios, e apenas nos últimos tempos, passaram a ser resgatados, por bibliotecários, historiadores e linguistas.

1.3.2 Reflexão final: entre a colonização do guarani e a guaranização do colonizador

Não é difícil perceber o impacto socioeconômico, cultural e linguístico que a colonização imprimiu aos indígenas das missões: a organização social, a inclusão das atividades econômicas da agricultura e pecuária, o contato (e, por vezes, imposição) de uma prática religiosa, a sistematização da língua. Há abundância de fontes (crônicas, cartas anuais e outros textos de jesuítas), produzidas a partir da ótica do colonizador, que permitem vislumbrar o teor dessas relações.

No entanto, poder-se-ia levantar hipóteses, do ponto de vista etnográfico, da existência de um processo inverso – ainda que menos registrado –, de influência dos indígenas nos costumes e práticas dos colonizadores. Thun (2008b, p. 142), ao reproduzir algumas observações apontadas pelo Pe. Anton Sepp, aponta que pode ter havido uma guaranização dos jesuítas “que ya comem *chipá*” ‘que já comem chipa’; ademais, o fator linguístico foi essencial para a incorporação dos jesuítas, ou, como explica Melià (2011, p. 433) “*La lengua fue para los jesuítas un medio para entender y ser entendido, un modo de ‘hacerse’ guarani con los guaraníes*”.

⁴⁴ Cerno e Obermeier (2013) ainda questionam se a comparação de textos “do eterno” e “do temporal” poderia confirmar a existência de duas variedades de guarani no recinto das Reduções.

1.3.3 Resumo: a questão dos hispanismos (e dos lusismos)

É importante salientar que os hispanismos podem ter tido igualmente correlatos integrados via língua portuguesa, considerando que, a partir da segunda metade do século XVI e durante todo o século XVII, foi o castelhano que forneceu ao português boa quantidade de empréstimos (HAFFN, 2009, p. 225-226). Foi o período da dominação espanhola (1580–1640). Por essa época, muitos escritores portugueses eram bilíngues em espanhol e português, como D. Francisco Manuel de Melo, talvez o mais ilustre de todos eles. Diga-se, de passagem, que já antes, em todo o século XVI, o castelhano era cultivado por poetas do porte de Camões, Diogo Bernardes e Pero de Andrade Caminha, entre outros. Thun (2008b) sugere que a hispanização do guarani das reduções seria incompleta se não se considerasse a lusitanização anterior à fase das missões, isto é, no tupi falado nas colônias e reduções portuguesas da costa atlântica. Desse modo, para entender a influência do espanhol no guarani, numa perspectiva diacrônica, é preciso considerar, ao menos, três fatores: a) a hispanização e lusitanização anterior às reduções, b) a hispanização não religiosa, isto é, paralela às reduções e c) a hispanização posterior às reduções.⁴⁵

Quanto à hispanização e lusitanização anterior às reduções, Cerno e Obermeier (2013) propõem que os campos semânticos do temporal foram mais suscetíveis a empréstimos indiretos de hispanismos e lusitanismos, oriundos das variedades indígenas faladas nos territórios do contato com as colônias pertencentes à Coroa Espanhola e à Coroa Portuguesa (por exemplo, o “guarani crioulo” e a “língua geral” da costa do Brasil)⁴⁶. Essas variedades têm sua origem nos contatos linguísticos entre o tupi e o português e entre o guarani e o espanhol. Além dos registros históricos, é possível ver, pela análise das línguas gerais, que o contato entre línguas indígenas e europeias precede as Missões, pois essas línguas “*estaban ya caracterizadas por una mayor presencia de elementos alóglotas que servían para denominar objetos, prácticas y técnicas importadas*

⁴⁵ Quanto à proximidade entre as línguas espanhola e portuguesa, vale lembrar a própria formação da Companhia de Jesus, que era uma ordem vinculada à igreja católica e que congregava membros de diversos países da Europa. Com base nisso Thun (2008b) chama atenção para o fato de que havia entre os jesuítas falantes de outras línguas (românicas: como francês, italiano; e não românicas: como o alemão), que não o espanhol (THUN, 2008b). Thun (2008b) infere que é muito provável que, por meio da influência das línguas maternas desses jesuítas, tenha, de algum modo, sido modificado o guarani dos padres, inclusive estruturalmente.

⁴⁶ A língua geral paulista (RODRÍGUES, 2010).

de Europa y que se habrían retransmitido, a su vez, al guaraní reduccional” (CERNO; OBERMEIER, 2013, p. 42).

Por esse mesmo ângulo, De Granda (1989-1993, p. 190), ao analisar os afro-portuguesismos no espanhol paraguaio, dá como exemplo o uso léxico *Pombero*, figura mítica da região do Rio da Prata. O pesquisador conclui que esse verbete já era conhecido e utilizado nas reduções do Guaira no século XVII⁴⁷, tanto é assim que Montoya registrou-o com o sentido de “[...] *los auxiliares y colaboradores de los bandeirantes brasileños*”, cuja função consistia em caçar indígenas para submetê-los à escravidão (GRANDA, 1989-1993, p. 190).⁴⁸ É possível que, ao registrar essa acepção, tenha se valido de informantes que já tinham contato com a prática da escravização de indígenas realizada pelos bandeirantes brasileiros. Portanto, as observações feitas por De Granda (1989-1993) vão ao encontro dos apontamentos de Thun (2008b), Cerno e Obermeier (2013) sobre a suposta lusitanização anterior à fase das reduções. É provável que a língua comum utilizada antes da redução jesuítica, que serviu de base às gramáticas e dicionários, já manifestasse marcas linguísticas do contato com os ibéricos.

Costuma-se atribuir aos jesuítas a entrada de hispanismos nas reduções. No entanto, essa visão talvez superestime o papel dos padres na hispanização. Outra porta de entrada, preterida pelos estudos mais antigos, é a dos empréstimos linguísticos realizados pelos próprios indígenas para suprir suas necessidades na esfera do temporal (THUN, 2008b).⁴⁹ Sem embargo, pouco se sabe acerca do modo da origem desses empréstimos, “[...] *no sabemos si el hispanismo es de producción casera o si viene de afuera*” (THUN, 2008b, p. 159).

Outro fator importante a ser lembrado é que a missão dos jesuítas era a de evangelização. Esse era o norte que os guiava também nos trabalhos linguísticos, ou seja, não eram apenas linguistas tentando entender o funcionamento da língua. Eles precisavam

⁴⁷ O *Pombero*, conhecido em guarani por *Karai Pyhare* ‘senhor da noite’, é uma figura mítica antropomorfizada de cor escura, que espreeita homens, mulheres e crianças nos campos durante a noite.

⁴⁸ Segundo de Granda, o lexema *pombero* teria evoluído semanticamente até construir-se no imaginário paraguaio na figura mítica que “Tanto en sus merodeos nocturnos como el rapto de niños y muchachos campesinos que se atribuyen, todavía hoy, al pombero em la mentalidad folk, no son sino el recuerdo colectivo, estilizado pero aún reconocible de la figura que, durante decenios del siglo XVIII, representó un motivo de terror constante para las áreas orientales del Paraguay”. O autor vai além quanto aos caminhos percorridos pelo léxico e levanta a hipótese de que seria de origem africana.

⁴⁹ Os argumentos de Thun (2008b) ancoram-se na célebre obra do P. Pablo Restivo cujo intuito consistia em atualizar o *Tesoro* de Montoya. Em sua obra “*Vocabulario de la lengva gvarani*” (1722), Restivo apontava sobre a necessidade de atualizar as obras de seu antecessor uma vez que “alguns termos teriam caído em desuso”. Segundo Thun, Restivo a criação linguística dos indígenas de três maneiras: a) coletiva “alguns dizem”; b) individual/anónimo “um indígena disse” e c) identificado “citando exemplos do indígena Nicolás Yapuguay”.

empregar essa língua com uma finalidade específica. Deste modo, dentre as hispanizações, é possível que tenha havido aquelas planejadas para ajustar a língua à religião, fazendo com que fosse possível expressar, em guarani, a cosmovisão europeia. De qualquer forma, não é improvável que também tenham ocorrido hispanizações não planejadas, ao arrepio da vontade dos padres, tanto no semântico como no léxico e no gramatical.

Como os processos envolvendo as línguas são vivos, os indígenas não exerceram apenas um papel passivo no que diz respeito aos processos de hispanização do guarani, ao contrário, tiveram participação ativa, que pode ser registrada de modo tripartido: a) as relações mantidas entre indígenas reduzidos e “indígenas infiéis”, conforme visto na seção (1.1.2); b) o contato que os indígenas poderiam ter mantido com os espanhóis, crioulos ou mestiços; e c) o contato com indígenas de outras reduções em decorrência das transmigrações.

Por fim, o estudo da hispanização do guarani não poderia ser feito sem considerar as ponderações feitas por Thun, Cerno, Obermeier (2015) e De Granda (1989-1993). Seria, portanto, um estudo incompleto atribuir o monopólio da hispanização apenas aos jesuítas, uma vez que os contatos entre indígenas com portugueses e espanhóis precede a implantação das reduções, não tendo deixado de existir quando de seu funcionamento e, por fim, tendo até mesmo sobrevivido à queda do empreendimento religioso. Também não se pode desconsiderar as inter-relações entre indígenas reduzidos e não reduzidos, que poderiam trazer, incorporado nos seus falares, resquícios de outros contatos diretos e indiretos com o espanhol e o português.

1.4 RESUMO PARA NORTEAR A PESQUISA

Dentre as variedades do complexo variacional do guarani apresentadas no decorrer deste capítulo, constatou-se que os textos produzidos nas reduções jesuíticas são os únicos registros que oferecem a possibilidade de um estudo diacrônico da língua. Viuse que, enquanto o guarani das reduções foi língua geral, empregada na oralidade e na escrituralidade, o guarani da Província do Paraguai também foi língua geral, no entanto, ficou restrito apenas à oralidade, sem deixar registro escrito. Entre essas variedades linguísticas destacam-se duas diferenças: a base dialetal e a maneira pela qual evoluíram;

e, por outro lado, ambas apresentam um aspecto comum, qual seja, a hispanização e a pertença ao mesmo grupo dialetal da família linguística tupi-guarani.

No guarani dos paraguaios, esse processo de hispanização foi mais acelerado, ao passo que, nas reduções, esse processo teria sido mais lento, conforme demonstram os registros. Para corroborar essa afirmação, trazem-se à tona comparações feitas pelo Pe. Cardiel (MELIÀ, [1969] 2003), que, sob uma concepção purista da língua, anotou as diferenças entre o guarani dos paraguaios (com muitos influxos de hispanismos) e o guarani dos indígenas reduzidos (sem hispanismos).

Diferentes estudos linguísticos, com base nos textos do temporal, vêm argumentando que, de toda a produção textual das Missões, esses textos são os registros que permitem um estudo sociolinguístico do complexo dialetal das reduções e, por sua vez, apresentam mais probabilidades de evidenciar a entrada de hispanismos (THUN, 2003/2008a; CERNO, OBERMEIER, 2013; CERNO, 2017). Para Cerno e Obermeier,

En primer lugar porque permiten una visión más general del complejo dialectológico del guaraní reduccional, conocido hasta ahora casi únicamente a través del corpus de escritos religiosos y de la obra lingüística de Ruiz de Montoya (CERNO; OBERMEIER 2013, p. 39).

Assim, do ponto de vista sociolinguístico, Cerno (2017) questiona acerca do grau de influência que a variedade *standard* do guarani teria exercido sobre as variedades faladas pelos indígenas. Levando em consideração que a alfabetização permaneceu restrita a uns poucos, em que medida a variedade *standard* teria influenciado a língua coloquial/comum das reduções? Sob a hipótese de que a variedade *standard* não tenha sido incorporada completamente por todos os indígenas, caberia perguntar se houve outra variedade diferente da *standard*, que fosse comum e viabilizasse a comunicação entre os diferentes grupos.

Partindo do pressuposto de que o indígena alfabetizado tenha empregado na oralidade algumas formas da variedade *standard*, é possível que essa variedade tenha influenciado as variedades dos demais indígenas? E em que medida o *standard* aprendido pelo indígena teria influenciado sua própria variedade? Teria havido um continuum entre escrituralidade e oralidade? Neumann (2015, p. 139) acena para essa possibilidade, ao afirmar que “[...] a memória oralizada seguia operando entre os guaranis, mesmo após o abandono da vida reduccional, pois mantinham o hábito de recitarem antigos textos”.

Por fim, ainda que a escrita seja mais conservadora do que se afirma, considera-se que há maiores possibilidades de se aproximar da oralidade ao analisar um *corpus* que conjugue registros do temporal (eixo temático) e da etapa liberada (cronológico). Para isso, no contexto deste estudo, em busca de textos que evidenciem marcas da língua falada, reuniram-se registros como cartas, atas de *cabildo* e estados de contas, cujas funções consistiam em demandas imediatas da comunidade indígena.

CAPÍTULO 2 – BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DE FONTES ESCRITAS

2.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E LIMITAÇÕES DO *CORPUS*

O objeto de estudo desta tese tem como foco central a variação e a mudança linguística do guarani, uma língua de matriz indígena, em contato com o espanhol, língua de matriz românica. O contato entre as duas línguas estende-se por um período de cinco séculos, que resultou em um modo de falar que, como já se viu, no primeiro capítulo, os paraguaios denominam de *jopara*. O objeto de estudo desta tese deve ser entendido assim em um sentido mais amplo, como uma contribuição à pergunta sobre como se constituiu o guarani, no tempo e no espaço, em contato com a língua colonizadora. O recorte que é priorizado por este estudo é o fenômeno do empréstimo linguístico.

Assim, portanto, consideramos que o estado, no caso, das variantes do guarani contemporâneo é em grande parte resultado de contatos com o espanhol, do qual recebeu influxos, ao mesmo tempo em que também contribuiu para a formação do espanhol paraguaio (DIETRICH, 1995). Nesse sentido, um estudo diacrônico poderá vislumbrar mudanças na língua guarani em contato com o espanhol. Um estudo com esse viés, conforme Gimeno-Menéndez (1983a, p. 210), permitirá observar mudanças do repertório linguístico de uma comunidade, pois é possível ver “[...] *detrás otros lugares y otras épocas*”. Ou seja, pode-se considerar que o estado, no caso, das variantes do guarani contemporâneo é resultado do bilinguismo dos falantes que favoreceram a recepção de influxos do espanhol em todos os níveis da língua: fonético-fonológico, lexical, morfossintático, pragmático, semântico e lexical em especial em novos domínios (DIETRICH, 1995).

Um dos desafios que se impõem, no entanto, para o estudo da hispanização do guarani falado, em tempos coloniais, advém da própria composição do *corpus*, que depende exclusivamente da escrita. Porque como lembra Ong (1998), a escrita constitui um reflexo mais ou menos (in)fiel da língua oral, que é a língua natural, primária dos seres humanos.

Apesar de ser possível, pela escrita, rastrear vestígios da oralidade, isso não elimina uma série de entraves metodológicos, tais como: i) a insuficiência do uso da escrita para os estudos sociolinguísticos; ii) a escassez dos documentos disponíveis; iii) a apreensão de dados extralinguísticos; iv) o mapeamento da variação e mudança linguística numa perspectiva pluridimensional. Visto em detalhes, isso significa o seguinte:

i) Discute-se a validade do uso da escrita como subsídio para os estudos sociolinguísticos devido a seu caráter mais conservador, quando comparado à fala e, portanto, menos permeável à variação e inovação intrínsecas à oralidade. Soma-se a isso o fato de que a variedade empregada nos textos escritos reducionais é a *standard*, variedade que difere daquelas empregadas na oralidade. No entanto, a única forma de aproximação à língua histórica é por meio dos textos escritos e toda a linguística histórica faz-se com registros escritos. Além disso, como se verá mais adiante, os textos não são uniformes, há textos que, por sua natureza, aproximam-se à oralidade.

ii) Outra dificuldade imposta a esta pesquisa diz respeito à composição do *corpus*, que fica à mercê dos dados disponíveis, em termos de conservação. A região guarani-falante abarcou diferentes setores geográficos e sociais, os documentos mais bem conservados, porém, são os de uma comunidade linguística, as reduções jesuíticas. Para a história do guarani jesuítico, as fontes mais bem conservadas até hoje são os textos do espiritual, escritos normalmente na variedade *standard*, dos quais vários inclusive foram impressos e tiveram difusão oficial, enquanto, os textos do temporal, normalmente manuscritos e com uma circulação interna que favoreceu sua queda em mãos privadas, onde permanecem até hoje. Por outra parte, esses documentos nem sempre estiveram bem conservados em arquivos e bibliotecas. Apesar dessas limitações elencadas, têm sido descobertos, nos últimos anos, manuscritos que estão sendo digitalizados, recuperados e colocados à disposição dos pesquisadores. Especialmente o projeto *Langues Générales d'Amérique du Sud* (LANGAS) tem disponibilizado textos epistolares.

iii) Embora a escrita permita vislumbrar alguns dados extralinguísticos, tais como o perfil do escrevente, seu grupo social e contexto sociocultural e histórico, com os quais é possível compreender melhor as condições de produção do texto, seu alcance é insuficiente para uma análise mais aprofundada. Portanto, faz-se necessário recorrer a outros campos do conhecimento – como a História e a Antropologia – para reconstruir as condições de produção da época. Esse aporte transdisciplinar é fundamental para uma

compreensão mais ampla de todos os fatores envolvidos na hispanização do guarani e, de modo mais amplo, na sua mudança linguística.

iv) Em um campo de estudo em que predominam as análises da língua falada, o uso exclusivo de fontes escritas em estudos para a língua falada apresenta-se como entrave ao mapeamento da variação e mudança linguística. Essa questão envolve diretamente a dificuldade de perfilar o escrevente, que faz as vezes do “informante”. Os estudos dialetológicos monodimensionais privilegiavam somente um tipo de informante, tradicionalmente identificado como um *rural old man*, excluindo a participação “[...] das mulheres, dos jovens, das camadas sociais, não camponesas etc.” (THUN, 2009, p. 535). Do mesmo modo, o “informante” deste trabalho – no caso, escreventes dos séculos XVIII e XIX – também poderia ter sido um só tipo, uma vez que, nas reduções jesuíticas, o acesso à escrita era reservado aos homens. Conforme já se aludiu na seção 1.2.2, a escrita era exercida pela elite daquela sociedade, formada por *cabildantes*, corregedores, administradores, xerifes. Uma perspectiva de análise pluridimensional da variação e mudança linguística, nos termos apresentados por Thun (2009), pressupõe diferentes dimensões, dentre elas a diferença de classe social (diatrática), a variação e mudança entre homens e mulheres (diagenérica), o fator idade (diageracional) e o fator regional (diatópico). Apesar de não contar com esses dados extralinguísticos, dada a natureza desta pesquisa, muitos dados podem ser recuperados com o apoio de outras áreas, como a História. Além disso, cabe mencionar a contribuição dada por meio da conservação de crônicas e ensaios da época.

Por fim, vale destacar os desafios que impõe o estudo de uma língua que já não tem falantes. Embora as variedades contemporâneas do guarani facilitem a compreensão da variedade da época, também podem apresentar entraves ao pesquisador, uma vez que há limitações impostas pela distância temporal e pela diferença dialetal entre a variedade do pesquisador e a variedade das Reduções. Essas questões já foram discutidas na seção 1.1.1.

2.2 CONTEXTO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO “GUARANI ESCRITO”

O objeto de estudo da presente tese, conforme já se enfatizou, tem pé nos dois níveis, da oralidade e da escrituralidade, como concepções que se observam na materialidade do “meio” escrito e que precisam ser levados em conta na análise, pois não

se restringem a uma relação dicotômica, e sim se manifestam em um *continuum* entre a linguagem da imediatez e da distância, como se verá no decorrer do capítulo, seguindo Koch e Oesterreicher (2013). Por essa razão, o pano de fundo do guarani “falado nas reduções jesuíticas” e sua posição social precisam ser devidamente considerados na análise, embora o *corpus* provenha do âmbito escrito.

A análise das cartas dos séculos XVIII e XIX requer, inicialmente, um olhar que seja capaz de observar e reconstruir o contexto de produção de escrita com as idiossincrasias do período. Não obstante, como foi tratado na seção anterior, analisar um passado que carece de registros imagéticos, sonoros e escritos, inclusive sequer há cartas de cunho pessoal, impõe ainda mais limitações para apreender as interrelações entre os falantes da época, suas competências linguísticas, suas atitudes, valorações e comportamentos sobre as variedades linguísticas, incluindo aqui o contato com o espanhol. As atitudes e valorações dos padres sobre o emprego de hispanismos no guarani encontram-se com certa frequência em registros históricos. Sem embargo, escasseiam informações acerca das atitudes e valorações que os indígenas tinham sobre essa língua alóctone e em relação à incorporação de hispanismos, o que dificulta precisar com exatidão qual o *status* que esses empréstimos assumiram entre eles, e qual o grau de prestígio atribuído às práticas linguísticas em questão.

Faz-se necessário, portanto, indagar, conjecturar e imaginar o contexto do “guarani escrito”, a partir de fragmentos como os documentos em análise, a fim de entender como um neologismo ingressa e se propaga. É preciso considerar que, apesar de as cartas serem atividades individuais, podem, no entanto, manifestar regularidades do uso coletivo. O escrevente pode servir-se de hispanismos, porém o que determinará tal uso é o fato de essa forma estar disponível no ambiente, num contexto de contato com outra comunidade linguística. Porém, o que pode determinar a mudança de uma língua é, como diz Coseriu (1979, p. 72), a generalização e o uso recorrente de uma inovação que, uma vez coletivizada, se incorpora como um *integratum* (ATENHOFEN, 1996) no sistema da língua receptora. A recorrência de determinadas inovações poderá acentuar tais indícios.

Conforme enfatizado no capítulo anterior, o escrevente dos manuscritos que constituem o *corpus* desta tese ocupou, sem dúvida, uma posição privilegiada na organização sociopolítica das Reduções, teve domínio da variedade escrita e, por sua vez, da variedade *standard* do guarani. Junto à variedade *standard*, que predominou no meio escrito e em situações formais, coexistiram outras variedades e variantes autóctones que ficaram restritas à oralidade e, por consequência, ao não oficial (CERNO, 2017). O

contato interlingual e intervareietal sugere, portanto, que o escrevente não tenha ficado alijado dos diferentes estilos da língua e das possibilidades de escolha linguística apresentadas por cada situação, pois é “[...] *imposible que en todos los tipos de situaciones se utilice únicamente un estilo*” (COSERIU, [1988] 1992, p. 38). Nesse ponto, cabe explicitar, ao menos teoricamente, como avaliar o que os escritos mostram sobre as competências linguísticas dos escreventes das cartas analisadas. Isso nos leva à noção a seguir de “repertório linguístico”.

2.2.1 O “repertório linguístico” dos falantes/escreventes

Diante do que se expôs acima, a noção de “repertório linguístico” pode contribuir para elucidar os diferentes usos e escolhas de variantes e variedades linguísticas. Entende-se por “repertório linguístico” o conjunto de variedades que forma parte da competência do falante e, por extensão, também do escrevente (PÜTZ, 1996). Fatores extralinguísticos costumam ter um papel preponderante na escolha de uma variedade ou outra. A partir de Fishman (1965) e Pütz (1996), chegamos aos seguintes fatores determinantes da escolha linguística pelo falante: a) os *domains* de uso, b) os tópicos, c) o meio utilizado, d) a situação de uso e, por fim, e) o(s) interlocutor(es).⁵⁰

Aplicando isso a nossa pesquisa, no espaço das Reduções, é provável que as escolhas do estilo e das variantes linguísticas tenham se sujeitado aos tópicos (religiosos, econômicos, laborais, políticos, etc.), aos interlocutores (padres, chefes, autoridades, colegas, familiares e amigos), bem como aos domínios (igreja, família, escola, trabalho) em questão. Existe um caudal de fontes documentais que, embora incompletas ou imparciais, dão pistas sobre as diferentes modalidades de fala nos contextos sociais (CERNO; OBERMEIER, 2013).

Voltando ao meio escrito das Reduções, a escolha de terminada variedade ou estilo está influenciada por fatores extralinguísticos elencados anteriormente. Ademais, caberia considerar em que medida o interlocutor poderia ter interferido no estilo ou

⁵⁰ Coseriu ([1988] 1992) exemplifica, em casos envolvendo humor, que a escolha de determinada variante responde aos fatores extralinguísticos mencionados, dizendo que “[...] *se cuenta en alemán común, pero muchas veces lo principal se dice, p. ej. en berlinés o en el dialecto de Colonia, porque de lo contrario pierde la gracia*” (COSERIU, [1988] 1992, p. 97). Situação semelhante foi observada por Zajicová (2009), ao debruçar-se sobre o caso do guarani contemporâneo utilizado no jornalismo escrito, constatando seu uso como marcador de informalidade, humor, ironia.

variante empregados pelo escrevente das Reduções. Podem-se esperar diferenças na escolha de variedades, estilos e até de incorporação de inovações (hispanismos) em novos domínios.

2.2.2 Dimensão diamésica: língua oral e registro escrito

Estudos mais tradicionais primavam pelo uso da escrita como fonte principal e consideravam a oralidade apenas uma variante da escrita (ONG, 1998). Em outro enfoque, estudos dos contemporâneos, em especial do campo da sociolinguística, dão preferência à língua oral, por considerarem a escrita menos sujeita à mudança (FARACO, 2005) e – portanto – menos permeável aos fenômenos de variação e mudança, o que nos leva a caracterizar a escrita e a oralidade.

As principais diferenças entre elas, para Ong (1998, p. 97), fundamenta-se no fato de que a escrita é criada, artificial, estaciona diferentes acepções, definições, conceitos, sinônimos em fontes lexicográficas, oferecendo uma série de possibilidades ao falante. Em outras palavras, trata-se de uma tecnologia criada pelo ser humano e inserida na cultura, ao passo que a oralidade é biológica e precede a escrita.⁵¹ Além disso, o código gráfico é tradicionalmente assíncrono, enquanto a oralidade é simultânea, síncrona. Nas palavras de Koch e Elias (2018, p. 14), isso significa que a fala constitui-se em “seu próprio rascunho”, pois, com a (co)presença dos interlocutores “[...] ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas da produção verbal”. Por fim, a oralidade, sendo sincrônica e essencialmente presencial, não permite retrocessos, já que sua manifestação desaparece assim que for pronunciada, além de dispor de todo um cenário, que inclui gestos a seu favor para esclarecer possíveis ruídos (ONG, 1998).

Contudo, ainda que escrita e oralidade sejam modalidades diferentes, é possível encontrar continuidades, pois uma vez aumentada a difusão da escrita, a partir da era Gutenberg, há oralidades que se aproximam à escrita e há escritas que se aproximam à oralidade. Nesse sentido, Koch e Oesterreicher (2013) consideram que “[...] é possível verificar que a relação entre os códigos fônico e gráfico deve ser entendida no sentido de

⁵¹ O predomínio da escrita, segundo o autor, passou a ser tão abrangente que, uma vez institucionalizada, serviu e ainda serve de modelo à fala, fazendo com que resulte difícil pensar numa palavra desvinculada de sua representação gráfica. A fala precede historicamente a escrita. O *homo sapiens*, que já falava, existe aproximadamente há 50.000 ou 60.000 anos enquanto a escrita não mais do que 6.000 anos (ONG, 1998).

uma dicotomia estrita, enquanto a diferenciação entre ‘oral’ e ‘escrito’ estabelece um contínuo de possibilidades de concepção envolvendo uma escala de gradação bastante ampla (KOCH; OESTERREICHER, 2013, p. 157). Independente do meio, seja gráfico ou fônico, Koch e Oesterreicher ([1985] 2007, p. 29) argumentam que a escala entre concepção oral e escrita prevê dois polos, saindo de uma forte implicação interpessoal até uma implicação interpessoal nula. Considerando esse contínuo entre “oralidade” e “escrituralidade”, independente do meio, os autores propõem designar a primeira de “linguagem da imediatez” e a segunda de “linguagem da distância”.

A linguagem da imediatez caracteriza-se pela combinação de diferentes fatores, dentre os quais se destacam: a) diálogo, b) troca livre entre os participantes, c) familiaridade com o parceiro, d) interação *face-to-face*, e) desenvolvimento livre dos temas, f) caráter privado de familiaridade, g) espontaneidade, h) caráter participativo mais intenso e i) entrelaçamento com a situação. Em contrapartida, caracterizam a linguagem da distância fatores como a) monólogo, b) inexistência de troca entre os locutores, c) desconhecimento do parceiro, d) distância espacial e temporal, e) tema fixo, f) caráter público, g) reflexibilidade e h) caráter participativo pouco intenso, i) não entrelaçamento com a situação (KOCH e OESTERREICHER, 2013, p. 160). O quadro a seguir resume essa distinção:

Quadro 6: Linguagem da imediatez e da distância

	<i>Imediatez</i>	<i>Distância</i>
<i>Forma</i>	Diálogo	Monólogo
<i>Troca entre interlocutores</i>	Livre	Inexistente
<i>Relação com o parceiro</i>	Familiaridade	Desconhecimento
<i>Interação</i>	Interação <i>face-to-face</i>	Distância espacial e temporal
<i>Desenvolvimento dos temas</i>	Livre	Tema fixo
<i>Quanto à publicidade</i>	Caráter privado de familiaridade	Caráter público
	Espontaneidade	Reflexibilidade
<i>Participação</i>	Mais intensa	Menos intensa
<i>Entrelaçamento com a situação</i>	Presente	Ausente

Fonte: Koch e Oesterreicher (2013, p. 158)

Note-se que, por um lado, uma palestra, ou um sermão, tenderá a aproximar-se à escrita, pelo grau de formalidade e distanciamento entre os interlocutores. Por outro lado, em uma comunicação via carta privada, há uma relação pessoal entre remetente e destinatário e, onde o tópico se relaciona com fatos do cotidiano, a escrita estará suscetível

a uma maior aproximação da oralidade. Assim, com a existência de diferentes meios, o protótipo oral/escrito torna-se insuficiente.⁵²

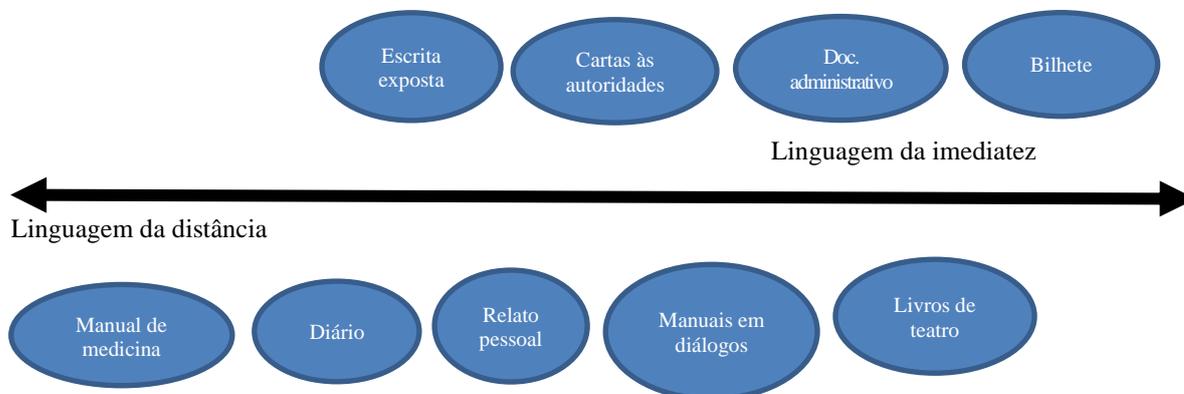
Nesse sentido, no Paraguai, durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), em uma sociedade de cultura escrita ainda incipiente, a escrita em guarani empregada em jornais de guerra não foi concebida para a leitura individual (OBERMEIER; CERNO, 2017). Menos ainda para um leitor alfabetizado como aquele das Reduções – senão estaria focada “[...] en lecturas públicas donde se reproducían oralmente los textos para un auditorio conformado principalmente por soldados analfabetos” (OBERMEIER; CERNO, 2017, p. 25).⁵³ Isto é, partiu-se de uma concepção oral para uma escrita do guarani. Despida de formalidades, aquela escrita buscou maior proximidade e intimidade com os soldados paraguaios; para tanto, empregou uma escrita que se aproximasse mais da oralidade, isto é, da variedade falada pela população da época.

Do mesmo modo, uma carta privada possui fortes implicações pessoais, maior grau de imediatez, embora se utilize do meio escrito. Ao deslocar esse aspecto para o contexto das reduções jesuíticas, embora não haja, entre o acervo disponível, cartas privadas, encontram-se outros manuscritos do âmbito temporal que podem ser organizados de acordo com o tipo de registros e tópicos, e que podem se aproximar da linguagem da imediatez ou da distância. Na seguinte figura, propõe-se um esquema para representar os diferentes tipos de registros, apresentados na seção 1.3.1, no contínuo da linguagem da imediatez e da distância.

⁵² Ong (1998) denomina de cultura de oralidade secundária aquelas nas quais a fala veicula-se por meios fônicos, como rádio, televisão e, atualmente, aplicativos de redes sociais.

⁵³ Obermeier e Cerno (2017, p. 25) assinalam que a grafia empregada nos jornais de guerra diferenciou-se da grafia empregada nas Reduções “*Por su parte, el sistema gráfico creado en el Paraguay había sido ideado más bien para la reproducción oral antes que para la lectura directa*” (LUSTIG, 2006, p. 252).

Figura 3: Textos do guarani jesuítico no eixo temporal, entre a linguagem da imediatez e da distância



Fonte: elaboração própria, a partir de Koch e Oesterreicher (2013).

Dentre os diferentes gêneros produzidos e conservados, escritos por indígenas, consideramos que os textos mais próximos à linguagem da imediatez sejam os textos da esfera do temporal, em especial, no âmbito administrativo. Destaca-se que, dentre os tipos apresentados acima, conservam-se especialmente textos administrativos e cartas de autoridades. Desde uma perspectiva vertical, pode-se observar a presença de uma escritura indígena relativamente autônoma entre os gêneros da “linguagem da imediatez”; e a presença de uma escrita mais controlada entre os gêneros da “linguagem da distância”.

2.2.3 Mudanças linguísticas induzidas por contato

As condições de produção das cartas que constituem o *corpus* desta pesquisa levantam questões de contato linguístico entre o guarani e o espanhol nas reduções jesuíticas dos sécs. XVIII e XIX. Weinreich (1963, p. 7-17) já alertava que uma comunidade linguística dificilmente é homogênea. O contato linguístico equivale, antes, à norma (THOMASON, 2001). Weinreich (1963, p. 17) definia, de um modo geral, o “contato linguístico” como o uso alternativo de duas ou mais línguas pelas mesmas pessoas. Essa definição levanta alguns questionamentos, tais como: onde e em que situações acontecem esses contatos linguísticos? E qual é o resultado desse contato em cada uma dessas línguas? Lacunas na língua receptora, assim como fatores

extralinguísticos como as posições hierárquicas das línguas e as atitudes linguísticas dos falantes também motivam a influência de uma língua sobre a outra, cabendo à língua dominante o papel de “língua-fonte” e à outra a de “língua receptora”.

O contato com outra(s) língua(s) e cultura(s), desse modo, desencadeia a necessidade de designar novas realidades a partir das trocas entre falantes de línguas – ou variedades – pertencentes a sistemas diferentes; de falantes pertencentes a universos histórico-culturais diferentes; de espaços de uso distintos. Essas trocas atendem às novas demandas. Elas incluem diferentes possibilidades que veremos na sequência. Em situações de contato linguístico, portanto, introduzem-se elementos novos que levam à ampliação do léxico de uma língua. Em outras palavras, “[...] *necesidad de designar nuevos lugares, conceptos, cosas y personas es, evidentemente, la causa universal de la innovación lexical.*” (WEINREICH, 1963, p. 126). A importação de artefatos, por exemplo, produtos em diferentes campos como a gastronomia, a vestimenta, a economia, a fauna de parte dos espanhóis, no contexto local, motivam o ingresso de novos lexemas à língua nativa. Para Ilari (1997, p. 127), as denominações acompanham as novas realidades, isto é, quando “técnicas ou noções são importadas de povos vizinhos, é comum que seja simultaneamente adotado o termo que as designava na cultura de origem”. As novidades trazidas pelos europeus foram acompanhadas, desse modo, por suas respectivas denominações, como nos exemplos do sp. *vaca* > gua. *vaka*; sp. *cebolla* > *sevói*; e sp. *zapato* > gua. *sapatu*.

Nas palavras de Winford (2013, p. 171), as atitudes dos falantes com relação às línguas exercem igualmente influência na entrada de empréstimos de outras línguas, pois a condição hegemônica exercida por uma comunidade sobre outra por si já direciona as escolhas linguísticas: “*the transfer of linguistic materials from a SL [língua fonte] into a RL [língua receptora] via the agency of speakers for whom the latter is the linguistically dominant, in other words, via RL agentivity*” (Ibid., p. 171).

Quais são, afinal, os tipos de influência que uma língua-fonte pode exercer na língua receptora? Winford (2013) assinala que, no contato linguístico, costumam ser distinguidas duas amplas categorias, a dos empréstimos e a das interferências⁵⁴ ou transferências. No entanto, caberia traçar as diferenças e similaridades entre empréstimos e interferências/transferências. Weinreich (1963, p. 37) distinguia duas fases da

⁵⁴ Evidentemente, cabe a ressalva sobre as críticas que se tem feito a esse termo, reservando-o para designar as transferências negativas de uma língua sobre outra. Para os fins deste estudo, não entraremos no mérito dessa questão.

“interferência”. A primeira diz respeito às interferências que acontecem na “fala” de bilíngues como resultado de seu conhecimento particular da outra língua. A segunda refere-se àquela transferência que acontece na língua que, devido a seu uso recorrente, pode ser considerado como parte da língua (Ibid., p. 38). Ou seja, enquanto a transferência é característica dos processos que envolvem a aprendizagem de outra língua, portanto de falantes bilíngues, pode-se assumir que os empréstimos fazem parte do repertório regular dos falantes monolíngues, como se verá na sequência.

2.3 EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO

O termo *empréstimo*, de modo geral, é de uso frequente na Linguística Histórica e Comparada, para tratar de elementos linguísticos oriundos de outras línguas ou dialetos (CRYSTAL, 1988). Weinreich (1963, p. 37-38) definia o empréstimo como o fenômeno que acontece quando

[...] un hablante de la lengua X usa una forma de origen extranjero, no como préstamo in situ de la lengua Y, sino porque la ha oído usar por otros en enunciados X, entonces ese elemento prestado puede ser considerado» desde el punto de vista descriptivo, como un elemento que se ha convertido en parte de la lengua X (WEINREICH, 1963, p. 37,38).

Encontra-se subjacente a essa definição mais clássica a ideia da integração de elementos de outras variedades ou línguas, impulsionada pelo fator contatual. Entende-se, portanto, por “empréstimo” a adoção e a difusão de inovações que se integraram ao sistema (COSERIU, 1979). Essa afirmação, contudo, abre o seguinte questionamento de ordem metodológica: como identificar um empréstimo (*integratum*) de uma ocorrência esporádica (*integrandum*), usando a distinção observada por Altenhofen (1996)? A respeito disso, Clyne (1967, p. 217) já questionava que uma ocorrência revelava pouco sobre o grau de integração de uma forma, dado que poderia tratar-se apenas do “uso de [...] um e mesmo falante em variação livre junto a uma palavra nativa, talvez como um fenômeno (individual) do bilinguismo do falante ou como meio estilístico [...]”. Esse impasse, segundo ele, pode ser contornado com a verificação do número de ocorrências do mesmo fenômeno “[...] pois só assim podemos descrever o caminho que vai do recebimento ocasional de certos falantes ou jornais ao reconhecimento geral e ao uso cotidiano do empréstimo”.

O empréstimo, dessa maneira, é um elemento integrado ao sistema (*langue*). Consoante Weinreich (1963, p. 37), quando o falante emprega uma forma por tê-la ouvido em outros enunciados, “[...] *entonces ese elemento prestado puede ser considerado desde el punto de vista descriptivo, como un elemento que se ha convertido en parte de la lengua*”. Por outro lado, vale notar que ocorrem diferentes tipos de empréstimos, conforme a intensidade do contato (THOMASON, 2001), que serão vistos na seção a seguir.

2.3.1 Empréstimos de MAT e PAT

Abordagens recentes sobre a temática dos empréstimos propõem a distinção entre *replication of linguistic matter* ‘réplica de material linguístico’ (MAT) da *pattern replication* ‘réplica de padrão’ (PAT) (MATRAS; SAKEL, 2007). A primeira consiste na reprodução direta de morfemas e formas/traços fonológicos de uma língua-fonte a uma língua receptora; a segunda, por seu turno, identifica reproduções dos padrões da outra língua (tradução ou calco), tanto do ponto de vista organizacional e da distribuição do significado semântico ou gramatical (SAKEL, 2007, p. 15). Ou seja, empresta-se apenas a estrutura da língua-fonte, mantendo as formas nativas (SAKEL, 2010, p. 4-5). Os dois mecanismos representam duas formas básicas em que elementos de uma língua são emprestados para outra (SAKEL, 2007, p. 15).

Quanto aos empréstimos de MAT vale observar que consistem na incorporação de material tanto lexical (palavras do inventário aberto) quanto gramatical (palavras do inventário fechado). As palavras do inventário aberto são aquelas de “significado léxico”, “[...] *que corresponde al qué de la aprehensión del mundo extralingüístico [...]*” (COSERIU, 1978 [1973], p. 136) e dizem respeito às palavras de significado lexemático (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios). Ao passo que as palavras do inventário fechado correspondem àquelas de “significado instrumental/funcional”, isto é “[...] *el significado de los morfemas, y, ello independentemente de si son palabras o no; así, por ejemplo, el, en el hombre, tiene significado de <<actualizador>>, y -s, en mesa-s, tiene el significado de <<pluralizador>>, etc.*” (COSERIU, 1978 [1973], p. 137). As palavras instrumentais ou funcionais (conjunções, preposições, artigos, pronomes, morfemas formativos etc.), desse modo, diferenciam-se das lexicais, porque são morfemas que carecem de autonomia (JEAN DUBOIS, [1978] 2014, p. 276).

Estudos recentes propõem hierarquias de empréstimos baseadas em dados empíricos de diferentes línguas em situações de contato. Alguns desses estudos pressupõem que as palavras do inventário aberto antecedem as palavras do inventário fechado. Muysken (2013, p. 212), por exemplo, afirmava que o nível lexical é a porta de entrada a outros níveis da língua, “*Key elements borrowed are words and in the wake of words, associated derivational morphological elements and idiomatic meanings or phrases*”. O léxico, diante disso, é “[...] *el campo más expuesto a las influencias; luego vienen los sonidos, luego la sintaxis; mientras que ‘la morfología..., fortaleza de la lengua, es la última en rendirse*” (DAUZAT, 1927 *apud* WEINREICH, 1963, p. 146).

Nesse tabuleiro, fatores extralinguísticos também influenciam as relações de uma língua sobre a outra, tais como as atitudes linguísticas dos falantes, as posições sociais que as línguas ocupam (WEINREICH, 1963), assim como a intensidade do contato. Nesse sentido, em relação à pergunta “em que medida esses fatores sociolinguísticos determinam as categorias afetadas pelos empréstimos?” (SAKEL, 2010, p. 2), Thomason (2001, p. 70) propôs uma hierarquia de empréstimos tendo como variável a intensidade do contato, que abrange o contato casual até o contato intenso, ou seja:

Contato casual: em uma situação de contato casual, costumam ser emprestadas exclusivamente palavras lexicais, que seguem a seguinte escala: substantivos > verbos > adjetivos > advérbios (Ibid., p. 70). Não há empréstimos de estruturas (PAT). Nessa fase, os falantes não são fluentes na língua fonte.

Contato um pouco mais intenso: em uma situação de contato mais intenso, começam a serem emprestadas algumas estruturas, dentre elas mudanças na ordem dos constituintes, palavras instrumentais (conjunções) e algumas características fonológicas (Ibid., p. 70). Alguns falantes apresentam uma certa fluência na língua-fonte.

Contato mais intenso: há mais condições que favorecem os empréstimos, dentre elas a existência de falantes mais proficientes nas duas línguas, assim como também a ocorrência de atitudes mais positivas com relação à língua-fonte. Aumenta o empréstimo de palavras do inventário fechado, tais como afixos. Intensificam-se também os empréstimos estruturais e fonológicos (Ibid., p. 70).

Contato intenso: aumentam os empréstimos estruturais. Nesse nível de contato evidencia-se a perda de traços fonológicos. Registram-se mudanças substanciais na ordem dos constituintes, adição ou perda de categorias morfológicas, dentre

outras (Ibid., p. 71). Em uma situação de intenso contato, aumenta o grau de conhecimento da outra língua. O avanço da proficiência bilíngue, portanto, propicia os empréstimos estruturais PAT, uma vez que esse tipo exige maior conhecimento da língua-fonte (SAKEL, 2010, p.17).

Na região da Bacia da Prata, as variedades do guarani moderno que se encontram em contato intenso com o espanhol são o guarani paraguaio e o guarani correntino. Dentre os primeiros estudos sobre os empréstimos de MAT, em especial no nível lexical, destaca-se o estudo de Morígino (1989). Estudos mais recentes, como os de Thun (2006), Gómez Rendón (2008), Kallfell (2010) e Cerno (2011) oferecem estudos quantitativos e qualitativos sobre a hispanização dessas variedades nos diferentes níveis.

Gómez Rendón (2008, p. 292) encontrou no guarani paraguaio a presença de 28,5% de empréstimos do espanhol por informante. Cerno (2011), que também oferece uma análise similar com relação ao guarani correntino, registrou uma média de 30% (tokens) de hispanismos por informante. Para o guarani paraguaio, constatou-se um total de 28,5% de empréstimos, dos quais 63,9% foram lexicais e 36,1% gramaticais (em *tokens*) (GÓMEZ-REDÓN, 2008, p. 293). Para o guarani correntino, os resultados foram muito similares, com 65,7% de empréstimos lexicais e 34,3% de empréstimos gramaticais. Tendo em consideração a hierarquia de empréstimos a que alude Thomason (2001), é compreensível a proeminência dos empréstimos lexicais nessas variedades, tendo em vista que essas comunidades se encontram em intenso contato com o espanhol. Chama a atenção, no entanto, o percentual também muito semelhante de empréstimos gramaticais.

Stolz e Patzelt (no prelo) assinalam que os estudos comparativos de línguas em contato em diferentes contextos permitem elaborar uma hierarquia das preferências de cada categoria dos empréstimos gramaticais. Segundo o pesquisador, Matras apresentou uma hierarquia que segue a seguinte escala de empréstimos instrumentais: *mas* > *ou* > *e* > / *adversativo* > *disjuntivo/alternativo* > *conjuntivo* (MATRAS, 1998 *apud* STOLZ e PATZELT no prelo, p. 11). Sakel (2010, p. 4) e Winford (2013, p. 176) também constataram a mesma escala, revelando que a categoria mais emprestada, no caso das línguas indígenas, é a conjunção adversativa *pero* ‘mas’. O emprego da conjunção causal *porque* mostra-se igualmente produtivo nas 41 línguas pesquisadas na Mesoamérica, América do Sul e o Sudeste Asiático (STOLZ; PATZELT no prelo p. 15). Nas variedades do guarani correntino e do guarani paraguaio, por exemplo, verifica-se o uso de ambas as

conjunções com função semelhante à exercida no espanhol (GÓMEZ-RENDÓN, 2008; CERNO, 2011). Quanto à conjunção *porque*, Gómez Rendón (2008, p. 544) constata, além disso, que é a mais produtiva.

Outra categoria igualmente suscetível de ser emprestada é a dos artigos. Stolz e Patzelt (no prelo, p. 6) comentam, ao analisar o empréstimo da categoria dos artigos em três línguas indígenas (chamorro, nahuatl e guarani), que o ponto em comum entre elas é a ausência dessa categoria antes do contato com o espanhol. Como se vê, a falta de determinadas categorias pode motivar a entrada de empréstimos (WEINREICH, 1963). Nesse sentido, embora as línguas da família linguística tupi-guarani não possuíssem artigos definidos, contavam com um rico sistema de dêiticos, tais como os demonstrativos *ko* ‘este/a’, *umi* ‘aqueles/as’, dentre outros. Na passagem dos artigos do espanhol para o guarani paraguaio, observa-se que, por um lado, não é emprestado todo o sistema dos artigos, e sim apenas a forma feminina singular *la* ‘a’ e a forma masculina plural *lo(s)* ‘os’ (THUN, 2006). Por outro lado, constata-se que as funções adquiridas no guarani não são as mesmas da língua-fonte. Esse caso demonstra que nos empréstimos, tanto de MAT quanto de PAT, nem sempre são tomadas todas as funções da forma emprestada, podendo diferir das funções exercidas na fonte original (SAKEL, 2007, p. 16).

Quanto aos empréstimos de PAT, Sakel (2010, p. 17) menciona que não costumam aparecer em contextos de baixo grau de bilinguismo. Embora a presente tese não aborde os empréstimos de PAT, faz-se necessário, sem embargo, realizar breves apontamentos sobre essa forma de empréstimo. Nas obras lexicográficas de Montoya (1639-40), por exemplo, já se podem constatar diferentes mecanismos de empréstimos de PAT. Cita-se o caso do desenvolvimento da função da forma *hae*, apresentada por Montoya, em sua gramática, como a conjunção aditiva *y* ‘e’. A coordenação aditiva não é tradicional nas variedades do tupi-guarani. A forma *hae*, com o valor de conjunção aditiva, formou-se a partir do pronome pessoal de 3ª p. *ae*, que, por sua vez, assim como no tupi antigo, advém de um demonstrativo (DIETRICH, 2009, p. 14). Dietrich ainda indica que, nas variedades do guarani, aconteceu semelhante processo, apresentando todas elas uma conjunção aditiva derivada da 3ª p. em kaiowá *ha*, em mbya *ha’e* e em guarani do Chaco *hare*. Em guarani paraguaio e correntino, encontra-se a forma correspondente *ha*, com a mesma função (CERNO, 2011, p. 216).

Outro caso de empréstimo de PAT que merece destaque é a gramaticalização do quantificador. As línguas tupi-guarani não apresentavam uma marca gramatical de plural. As variedades modernas (paraguaio e correntino) desenvolveram um sufixo *-kuéra* (para

bases orais) ~ *-nguéra* (para bases nasais) com essa função a partir da variante mais extensa do sufixo de aspecto nominal *-kué(ra)* (CERNO, 2020, p. 13). O gênero tampouco é marcado gramaticalmente nessas variedades. No entanto, é notável que nos empréstimos de MAT essas formas tenham ingressado com o gênero expressado na língua-fonte (*che-maestra* ‘minha maestra’, *che-maestro* ‘meu maestro’). Soma-se a esse aspecto a duplicação da pluralização do morfema plural da língua-fonte *-s* com o morfema plural da língua-receptora *-kuéra*, como mostra um exemplo coletado por Gómez Rendón (2008, p. 282): *brasileiros-kuéra* ‘brasileiros’.

Ao que tudo indica, a marcação de gênero também parece influenciar alguns lexemas nativos nos quais se pode encontrar os sufixos de gênero do espanhol <-a> e <-o>, como sugerem os seguintes exemplos derivados da forma hispana *burro*: *výro* ‘tonto’ e *výra* ‘tonta’ (ALCARAZ; CANESE, 2015, p. 114-115). Por fim, resta mencionar ainda a ordem dos constituintes, que igualmente equivale a uma categoria afetada especialmente em uma situação de intenso contato. Dietrich (2009) comenta que variedades do guarani constantemente se veem afetadas pela ordem SVO do espanhol, modificando o padrão original das línguas nativas SOV para SVO.

Em suma, o empréstimo linguístico é integrado ao sistema da língua receptora. Há, porém, uma série de usos linguísticos de ordem individual e situacional, que cabe elucidar na seção a seguir.

2.3.2 Processos de alternância

Os processos de alternância de código (*code-switching/code-mixing*) são processos de outra natureza, em comparação ao fenômeno dos empréstimos. As alternâncias dependem das competências individuais do falante (APPEL; MUYSKEN, [1987] 2005); os empréstimos, como foi visto na seção anterior, estão integrados ao nível do sistema e, portanto, são de domínio relativamente coletivo na língua receptora. As alternâncias, por sua vez, pressupõem um grau mais avançado de competência bilíngue.

A alternância pressupõe, assim, um nível de bilinguismo de parte do falante, uma vez que exigem conhecimentos estruturais, sintáticos da outra língua.

Romaine (1995, p. 121), tomando por base Gumperz, assinala que a alternância é baseada na justaposição de alternâncias pertencentes a dois sistemas gramaticais diferentes. Nesse sentido, costuma-se distinguir entre a alternância intra-sentencial e a

alternância inter-sentencial. A primeira é aquela em que a troca acontece dentro dos limites de uma sentença, sem mudança de tópico ou de interlocutor; a segunda, por sua vez, é aquela em que a troca acontece nos limites de uma sentença. Este é o critério adotado aqui para distinguir *code-switching* e *code-mixing*. Thun (2008, p. 360-361), analisando esses fenômenos no guarani, menciona que o *code-switching* abrange orações completas, enquanto o *code-mixing* diz respeito aos elementos que se alternam no interior da oração, sem atravessar os limites dessa.

2.3.3 Esboço tipológico da língua guarani

Embora a influência do espanhol no nível fonético-fonológico não seja o foco desta pesquisa, é prudente contextualizar o tópico em análise, a transferência de “material lexical hispanófono” e sua integração e adaptação às características gerais da língua guarani, especialmente no que a distingue do espanhol. O guarani apresenta seis vogais orais, a vogal baixa /a/, as vogais médias /e/ e /o/, as vogais altas /i/, /í/ e /u/. A todas elas correspondem seis vogais nasais /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/ e /ĩ/ (DIETRICH, 2010a, p. 18). A principal diferença entre o sistema vocálico do guarani com o sistema vocálico do espanhol é a vogal central /i/.

O sistema consonantal do guarani antigo, por sua vez, assim como o vocálico, continua relativamente idêntico ao guarani moderno, isto é, constitui-se de 14 fonemas: /p/, /t/, /k/, /kw/, /ʔ/, /mb/, /nd/, /ŋg/ (realizadas [m], [n] e [ŋ] em contextos nasais) /ŋgw/, /ɣ/, /ɣw/, /s/, /tʃ/, /h/, /v/, /j/ (realizada [j] em contextos nasais) e /r/. O que o diferencia do guarani do espanhol é a presença, no guarani, da oclusiva glotal /ʔ/, a ausência da fricativa labiodental /f/, da lateral /l/ e da vibrante múltipla alveolar /r/ e vale notar que o espanhol não possui a fricativa glotal /h/.⁵⁵

Do ponto de vista interno, cabe apontar que a fricativa glotal surda /h/ presente, hoje, no guarani paraguaio, evoluiu primeiramente de uma africada dental surda */ts/ do proto-tupi guarani para uma fricativa dental surda /s/, ou seja, a evolução teria seguido a seguinte ordem: /ts/ > /s/ > /h/ (DIETRICH, 2013, p. 82-83). Nos tempos das missões, a evolução desse fonema estava justamente em desenvolvimento, razão pela qual pode-se

⁵⁵ Guasch (1996, p. 1996) também aponta a ausência dos seguintes fonemas: “[La] ‘Cultura Guaraní’ considera inexistente la *b* labial como también la *d* linguodental, si no es en los grupos *mb* y *nd* seguidos de vocal. *Mb* e *nd* son fonemas iniciales de palabra, característicos del guaraní. Otra consonante compuesta es *ng*, cuya exacta pronunciación, como la de *mb*, *nd*, se ha de aprender de viva voz. *Nte* (sólo) es un sufijo”.

encontrar em Montoya o seguinte registro: *quaraçĩ* [kwara'si] 'sol' [grafia jesuíta] > *kuarahy* [kwara'hi] 'sol' [grafia do guarani paraguaio]. Do mesmo modo, a africada palatal */tʃ/ do proto-tupi guarani evoluciona para a fricativa alveolar surda /s/ no guarani paraguaio, no entanto se mantém africada em outras variedades contemporâneas como o mbya guarani (DIETRICH, 2013, p. 84). Essa evolução parece ter estado igualmente em curso nos tempos de Montoya, uma vez que, no *Tesoro*, pode-se encontrar tanto a forma *çĩ* [si] 'mãe' quanto a forma *chỹ* [tʃĩ] 'mãe'. A forma *çĩ* sugere, forma mais antiga, provavelmente uma desafricativização de /tʃ/.

Quanto à estrutura silábica, o guarani possui dois tipos básicos: VC, V. Não apresenta encontros consonantais, bem como consoantes em posição final de palavra, e, além disso, a maior parte das palavras é oxítona. Assim, em empréstimos que ingressaram numa fase inicial da colonização, encontramos adaptações silábicas constantes por meio da síncope ou da epêntese na incorporação de léxico do espanhol para o guarani. Como exemplo, pode-se citar sp. *botón* e pt. *botão* > gu. *botõ*; sp. *cruz* e pt. *cruz* > gu. *kurusu* (CERNO, 2011, p. 61). O caso de *kurusu*, por exemplo, já aparece registrado no *Tesoro* de Montoya, o que atesta sua integração precoce.

O guarani é uma língua do tipo aglutinante e isolante. Contrariamente ao espanhol, que é uma língua flexiva e fusional. O guarani, portanto, vale-se de muitos prefixos e sufixos nominais e verbais para a construção de sintagmas complexos (DIETRICH, 2010a, p. 19). Isto é, os morfemas estão claramente delimitados, o que facilita sua segmentação (PALACIOS, 1999). Além disso, como ressalta Dietrich:

[...] das posposições locativas tônicas, os nomes podem apresentar sufixos átonos locativos, de grau, como diminutivos, aumentativos, intensivos, de aspecto, de quantificação, de negação, de diversos tipos de nominalização e, no tupinambá, até de caso sintático. Os verbos podem ter prefixos de pessoa, de modo, de voz, de nominalização e sufixos de tempo, de aspecto e de nominalização (DIETRICH, 2010a, p. 19).

Palacios (1999, p. 39) traz alguns exemplos, para ilustrar essa relação:

(1) *o-je-guero-hory-ta*
3^a-passiva-aplic-festejar-fut.
'Será festejado'

(2) *o-mo-ñe-mbyasy-uka-gui*
3^a-caus-refl-lamentar-caust-causal-posp
'Porque fez-lhe se lamentar'

Como já foi aludido na seção anterior, o guarani não possui algumas categorias gramaticais, como os artigos definidos e indefinidos e a flexão de número e de gênero. A tabela a seguir resume as características tipológicas das duas línguas em contato (espanhol e guarani):

Quadro 7: Esboço tipológico do guarani e do espanhol

	guarani (tupi-guarani)	espanhol (indo-europeia)
tipo	aglutinante, polissintética	fusional, analítica
transitividade	ativo-inativo	nominativo-acusativo
Número	pl. léxico (não obrigatório)	plural morfológico
Gênero	Natural	Gramatical
determinação	justaposição	Hipotaxes
relaciones locativas	posposições	Preposições
TAM	Partículas	sufixação, vs. Auxiliares
posse /existência	predicação nominal	predicação verbal
partes da oração	verbos vs. não verbos	nome, verbo, adjetivo, advérbio
ordem de palavras	SOB	SVO

Fonte: Quadro tipológico (ALMEIDA; BARANGER; CERNO, 2022).

A tabela permite observar diferenças estruturais entre o espanhol e o guarani. Dentre as principais diferenças está o fato de o guarani comportar-se como uma língua assindética, cujas relações frasais não se desenvolvem por meio de conectores (justaposição) (GÓMEZ RENDÓN, 2012).⁵⁶ Outra característica a destacar é que o guarani também apresenta o aspecto incorporante, o qual consiste na incorporação do objeto direto antes da raiz verbal (SOV). Para muitos, como acentua Dietrich (2010b), o aspecto incorporante é de natureza polissintética, característica compartilhada com as demais línguas tupi-guarani, dentre elas, o próprio tupi antigo.

⁵⁶ Curt Nimuendaju, ao registrar as línguas apapokúva e guarani manifestou a falta de conjunções nas orações coordenadas. O recurso empregado era a justaposição, seguida do advérbio *ave* ‘também: ñati’u mbarigui ave < mosquitos, bariguis também < mosquitos e bariguis (DIETRICH, 2013).

2.4 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS* E ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.4.1 Coleta de dados

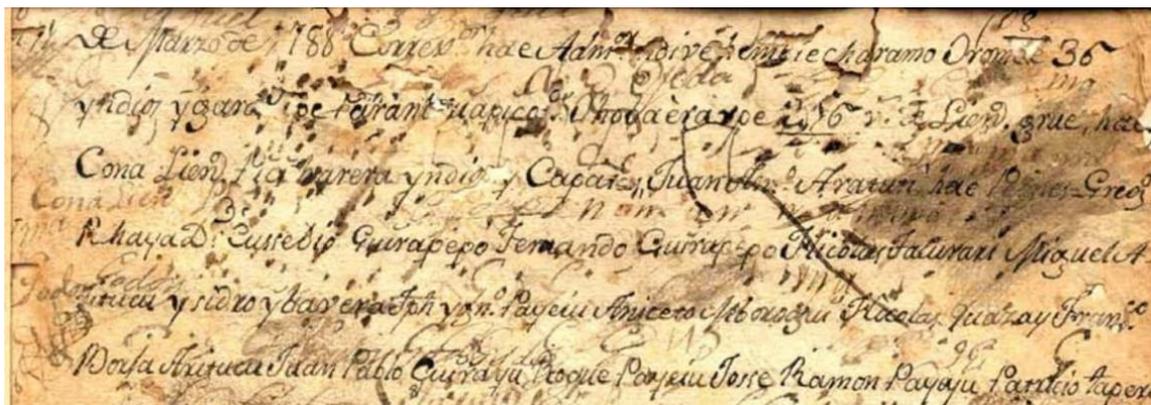
Antes de ter acesso à recopilação e aos originais dos documentos contidos no repositório do *Archivo Nacional de Asunción* (ANA) foram disponibilizadas cópias pelo Prof. Harald Thun, da Universidade de Kiel, Alemanha. Buscando encontrar uma versão mais legível, visto que algumas páginas estavam danificadas, foi feita também pesquisa, via *online*, diretamente no *Archivo Nacional de Asunción*, no qual se encontrou apenas a *Carta del Corregidor y Cabildo de Santa María de Misiones, al gobernador, pidiendo la expulsión de algunos arrendatarios*, datada no ano de 1788. Após outras buscas, foi encontrada uma íntegra da recopilação feita por Yegros, Durán e Melià (2011).⁵⁷

Tanto na recopilação feita presencialmente, via cópias, quanto via *online*, é possível observar que, além da dificuldade inerente à caligrafia, há ainda partes que contêm rasuras, cortes de linhas, borrões, anotações externas sobrescritas e traspassamento de tinta de um lado para o outro da folha, como se pode constatar na figura a seguir.⁵⁸

⁵⁷ Também tivemos acesso à compilação de *corpus* organizados por Leonardo Cerno, do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* – (CONICET-Argentina), que, além de transcrever e traduzir os documentos contidos no ANA, também reuniu uma série de documentos da mesma época e parte deles alocados no LANGAS.

⁵⁸ Em janeiro de 2019, realizei uma visita ao *Archivo Nacional de Asunción*, na qual constatei que, lamentavelmente, os originais se encontravam já em estado avançado de deterioração. Até a data da visita, os documentos não possuíam qualquer tipo de método químico preventivo de infestação; folhas por isso já se encontravam corroídas por insetos, o que impedia seu manuseio direto. Além da degradação decorrente da própria natureza, há aquela decorrente do ser humano: com intuito de arquivar as cartas, muitas vezes a margem direita foi cortada, para que coubesse na pasta. O corte, feito com finalidade arquivística e burocrática, no entanto, descuidou a parte escrita, perdendo-se, assim, parte do texto dos documentos, como pode ser conferido nas figuras 4 e 5. Essa informação nos foi concedida pela pesquisadora Angélica Otazú durante minha visita à Assunção no mês de janeiro de 2019.

Figura 4: Excerto de um exemplo de manuscrito



Fonte: Portal Guaraní

Além disso, vale acrescentar que há documentos aos quais tivemos acesso apenas por meio da transliteração feita por terceiros. Boa parte do *corpus*, portanto, está formada por documentos transliterados e traduzidos por tradutores do projeto LANGAS⁵⁹. A falta de acesso direto aos originais, em certa medida, vulnerabiliza o trabalho tendo em vista que os originais ficaram à mercê da interpretação de terceiros e sua transliteração, que não puderam ser controladas diretamente.

2.4.2 O *corpus*

O *corpus* desta tese está formado por um conjunto de 54 manuscritos, produzidos por lideranças indígenas das reduções jesuíticas do Paraguai, entre os anos de 1768 até 1831. Elencaremos, a seguir, os motivos que induziram à escolha desse recorte. Em primeiro lugar, parte-se do ano de 1768 por registrar uma série de mudanças sociopolíticas que, desde nosso ponto de vista, afetarão, significativamente, as atitudes linguísticas dos indígenas. Cabe lembrar, inicialmente, que, em 1768, concretiza-se a expulsão dos jesuítas, decretada no ano anterior. Essa decisão é muito sugestiva já que com ela inicia oficialmente a “etapa liberada”, isto é, a escrita produzida pelos nativos sem o controle direto dos padres. O ano de 1831, por sua vez, é a data em que se registra a última carta redigida no contexto das reduções jesuíticas. Em segundo lugar, partindo da premissa de que os jesuítas representavam a instituição reguladora da língua,

⁵⁹ LANGAS. Disponível em: <https://www.langas.cnrs.fr/#/recherche_corpus> Último acesso em: 30 de julho de 2022.

pressupõe-se que, com a partida deles, iniciou uma mudança nas atitudes linguísticas dos escreventes. Essas novas atitudes linguísticas orientarão a transição de uma escrita mais conservadora para uma mais inovadora. Em terceiro lugar, cabe lembrar que, em 1770, por meio da Real Cédula, o rei Carlos III decretou o uso exclusivo do espanhol nos domínios da Coroa, em detrimento das línguas nativas (BOIDIN, 2014, p. 18). Essa política linguística também contribuiu no aceleração da aprendizagem da língua espanhola por parte dessas últimas gerações.

Trata-se, portanto, de uma constelação comunicativa em que, por um lado, lideranças indígenas continuaram fazendo uso da escrita para seu autogerenciamento interno, mas em especial externo, com lideranças locais (especialmente governadores). Ou seja, a nova conjuntura sociopolítica colocou as últimas gerações das reduções jesuíticas em contato cada vez mais intenso com a sociedade civil e, por consequência, com a língua espanhola. Por outro lado – do ponto de vista do perfil desses escreventes – trata-se de um período que abrange pelos menos duas gerações de escreventes: a primeira, composta por herdeiros diretos da tradição jesuíta, que tiveram que estar ativos como escritores nas fases de 1768-69, 1770-1779, 1780-1789; e uma segunda geração que, a seu turno, reúne escreventes que não foram diretamente formados pelos padres, e que teriam tomado o ofício da escrita depois de 1780-1789.

Certamente, esses não são os únicos manuscritos indígenas remanescentes. Não se desconhece, por exemplo, o conjunto de cartas produzido durante o Tratado de Madri (1752-53), bem como as Proclamas de Belgrano (1810). No entanto, como se verá mais adiante, as características do contexto comunicativo no qual os dois conjuntos de manuscritos são produzidos destoam das características propostas para a composição do *corpus* da tese. A fim de compreender melhor essas diferenças, realizaremos algumas observações sobre os dois grupos de cartas que permitiram observar melhor suas particularidades.

As cartas de 1752-53 foram redigidas por lideranças indígenas que manifestaram seu desacordo sobre o Tratado de Madri. Embora sejam consideradas o prelúdio da “escrita liberada” (THUN, 2003, p. 10), pressupomos que os escreventes ainda estivessem numa situação de pouco contato com a sociedade civil, o que se reflete, como pudemos constatar, no baixo índice de ocorrências de elementos do espanhol. De um modo geral, é notável que, nesse período, os usos de hispanismos abrangem exclusivamente o nível lexical, dentre os quais se destaca a classe dos substantivos. Na maioria dos casos, usa-se o espanhol para denominar cargos administrativos, como *corregidor*, *gobernador*,

comisario, *rey* ou ainda noções relacionadas ao âmbito da religião, tais como *misa*, *rosario*, *cristiano*, *cura*. Não se constataram outras categorias lexicais, com exceção de uma única ocorrência do verbo *jurar*. A ausência de empréstimos gramaticais, nesse período, pode estar motivada pelo baixo bilinguismo dos escreventes.

As proclamas e ofícios, em guarani, proferidos pelo General Belgrano, no ano de 1810, foram enviados às lideranças indígenas das reduções e autoridades do Paraguai civil. É provável que essas proclamas e ofícios tenham sido traduções ao guarani das mensagens de Belgrano (CERNO, 2020, p. 17). No entanto, e o mais importante é que foram escritas em outra constelação comunicativa, isto é, por autoridades externas à comunidade linguística das reduções. Tais características fogem das premissas adotadas para a constituição do *corpus* da pesquisa. Contudo, não se descarta o potencial que esses manuscritos apresentam para um estudo comparativo com as cartas que compõem o *corpus* desta tese.

Realizadas essas considerações, passemos à identificação e caracterização dos manuscritos coletados para a composição do *corpus*. Ao todo, somam-se 54 manuscritos produzidos por indígenas, cujos temas versam sobre o “temporal”. Parte dos manuscritos estão alocados no repositório do ANA, Paraguay. Outra parte está disponível na página virtual do projeto LANGAS, no *British Museum Library*, de Londres, no *Archivo General de la Nación*, *Museo Mitre* (AGN), Buenos Aires. Segue o quadro com a descrição dos documentos que compõem o *corpus* da pesquisa:

Quadro 8: Conjunto de manuscritos 1768-1831

	Documento	Data	Local de envio	Remetente	Destinatário	Local do documento
1	1768/San Luís	28/02/1768	San Luís	Caciques	Governador	British Museum Library (Add 32605)
2	1768/San Borja	01/03/1768	San Borja	Juan Bautista Angelo Ayuaire	Governador	Brithis Museun, in Melia, 1999 (Dhos y esc) ⁶⁰
3	1768/s.l.	04/03/1768	s.l.	Juan Antonio Curigua	Governador Francisco Bucareli	AGN, sala IX, 6,10,7 ⁶¹
4	1768/s.l.30 Pueblos	10/03/1768	Buenos Aires - Espanha	Caciques dos 30 povos	Rey don Carlos III	Coleção de doc. Relativos à expulsão dos jesuítas (Brabo) ⁶²

⁶⁰ Informado por Neumann (2005, p. 350). Neumann registra somente oito documentos do ano de 1768.

⁶¹ Informado por Neumann (2005, p. 351)

⁶² Informado por Neumann (2005, p. 351)

5	1768/San Ignacio Guasu	?	San Ignacio Guazu	Isidro Mburua	Governador	
6	1768/San Miguel/a	25/04/1768	San Miguel	Valentín Ybarygua	Tenientes de Yapeyu	AGN, Sala IX, 3-3-4. Cliché Cecilia Adoue P1040732
7	1768/Trinidad	30/04/1768	Trinidad	Damasco Mbyri	Ao Administrador Don Silverio Solis	
8	1768/Yapeyú/a	26/06/1768	Yapeyú	Benito Tañuirā	Francisco Bucarelli	
9	1768/Itapúa	10/08/1768	Itapúa	Cristóbal Arira	Don Francisco de Bucarelli	AGN, Sala IX, 6-10-7.
10	1768/San Miguel/b	12/08/1768	San Miguel-	Then.te Dn. Valentin Ybarigua	Hernán Bruno de Zavala	AGN, sala IX, 6,10,7 ⁶³
11	1768/San Miguel/c	13/08/1768	San Miguel	Valentin Ybarigua	Governador Francisco Bucarelli	AGN, sala IX, 6,10,7 ⁶⁴
12	1768/Yapeyú/b	27/08/1768	Yapeyú	Narsiso Guyravo		AGN, sala IX, 6, 10,7
13	1768/Salto Chico	30/08/1768	Salto Chico	Miguel Guanuruma	Corregidor de Santo Domingo	AGN, sala X, 796, Banda Oriental, Real San Carlos, 1762-1768; anexa a una carta de N. Miquelerena a Diego de Salas. proporcionado por el grupo «Estudios lingüísticos-históricos del Uruguay”.
14	1768/s.l.	18/09/1768	s.l.	Chrysanto Tayuare	Francisco Bucarelli	AGN, sala IX, 6,10,7 ⁶⁵
15	1768/Yapeyu_c	26/09/1768	Yapeyu -	Diego Guacuyu	Governador Bucarelli	AGN, sala IX, 6,10,7 ⁶⁶
16	1769/Pueblo de Apóstoles	09/04/1769	Pueblo de Apóstoles	Corregidores y caciques	Governador Don Joseph de Añasco	
17	1769/San José	11/04/1769	San José	Mingu Cornelio		
18	1769/Concepción	13/04/1769	Concepción	Curimande	Governador Don Carlos Joseph de Añasco	Envoyé par César Pereira en mai 2016. Enviado por Cesar Pereira en may de 2016. Cliché 024-1/2.JPG
19	1769/Candelaria	22/04/1769	Candelaria	Ignacio Aracuyu	Governador Carlos Joseph de Añasco	
20	1769/Loreto	22/04/1769	Loreto	Basilio Gómez	Governador Carlos Joseph de Añasco	AGN, sala IX, 18-05-01, clichés César Pereira 026-1/2.JPG
21	1769/Santos Mártires	16/04/1769	Santos Mártires	Melchior Chavi	Governador Don Carlos Joseph de Añasco	British Library Museum, Manuscript, Add.32605, folio 98 (español recto verso), folio 100

⁶³ Ibid., p. 351).

⁶⁴ Ibid., p. 351.

⁶⁵ Ibid., p. 351.

⁶⁶ Ibid., p. 351.

						(guarani, recto verso).
22	1769/Sta. Maria de Fé	03/10/1769	Sta. Maria de Fé	Chirima		
23	1770/Itati	?	Itati	Antonio Ayarepii	Teniente general	LANGAS
24	1770/San Joaquin	12/11/1770	San Joaquin		Reconhecime nto do corregidor	ARCHIVO NACIONAL DE ASUNCIÓN
25	1770/Loreto	17/12/1770	Loreto	Guirayu	Governador e Capitão General Juan José de Vertiz y Salcedo	Archivo General de la Nación
27	1772/Corpus	20/05/1772	Corpus	Thomas Paraguayo	Senhor Administrador general Lezcano	Museo Mitre
26	1772/Concepción	30/08/1772	Concepción	D.n Pedro Curimanse y otros	Administrador General Juan Angel Lezcano	
28	1773/San Cosme		San Cosme	Chandi Hipolito	Governador	Archivo Gral. De la Nación (Argentina)
29	1773/s.l./a/ carta	11/03/1773	s.l.	Raimundo Tacurari	Capitan General Don Juan Angel Lezcano	Museo Mitre
30	1773/s.l. 2º carta	29/08/1773	s.l.	Raimundo Tacurari	Capitan General Don Juan Angel Lezcano	Museo Mitre
31	1775/Sta. Teresa	13/03/1775	Santa Teresa	Juan Cayurá	Capitão General	Original: publicado por Labougle en 1941 (buscar)
32	1778/Yapeyú	17/11/1778	Yapeyú	Juan Pastor Tayuaré	Corregidor de Yapeyú, Don Abraham Guirabo	Original: publicado por Labougle en 1941 (buscar)
33	1778/Yapeyú/vários					
34	1780/San Ignacio Guasu	28/04/1780	Sn Ignacio Guasu	Cabildantes	Then.te de Gov.or D.n Jose ph Barvosa P.C.	
35	1782/Jesus		No documento diz "San Estanislao"			
36	1783/San Estanislao	23/09/1783	San Estanislao	Corregidor e cabildo	Governador Pedro Melo de Portugal	ANA
37	1783/San Joaquin	27/06/1783	San Joaquin	Hermenegildo Curuguao	Governador Pedro Melo de Portugal	ANA
38	1786/San Miguel	14/07/1786	San Miguel		Primo Ybarenda – Gobernador Manuel de Lassarte	ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN ⁶⁷

⁶⁷ Archivo General de la Nación (AGN), Buenos Aires, sala IX, Interior, Leg. 9, expediente 13, folios 801 a 809 (BOIDIN, 2016).

39	1788/Sta. Ma.de Fe/a	19/08/1788	Sta. Maria de Fe	D.n MiguelÑanduti Y casiques	Gobernador Don Josef Antonio de Yegros	ANA
40	1788/Sta. Ma. de Fe/b	19/09/1788	Sta. Maria de Fe	Corregr. Dn. Miguel Nandutiyu	Governador	ANA
41	1788/s.l. estado de cuentas	Várias datas	Vários locais			ANA
42	1789/San Joaquin	03/02/1789	San Joaquin	Menegildo Curugua	Dn. Francisco Silvero	ANA
43	1792/Caazapa	?	Caazapa	Nómina de cabildantes		ANA
44	1794/Santísima Trinidad	04/02/1794	Santísima Trinidad	Juan Anguera		ANA
45	1800/Itapua	25/09/1800	Itapua		Do povo ao virrey	Em Lastarria, 1914. <i>Documentos para la historia argentina</i> , T.III, p. 367-367.
46	1800/Sta. Maria la Mayor	20/10/1800	Santa Maria la Mayor	Del pueblo	Virrey Avilés	Em Lastarria, 1914. <i>Documentos para la historia argentina</i> , T.III, p. 368-369.
47	1800/San Javier	20/11/1800	San Javier		Luis Ayuay ao Virrey Avilés	Em Lastarria, 1914. <i>Documentos para la historia argentina</i> , T.III, p. 364-365
48	1800/s.l.	?	s.l.		Damasio Guayare ao Virrey Avilés	
49	1806/Corpus/Maria Rosa	19/04/1806	Corpus	Arypí, María Rosa	?	ANA
50	1808/s.l. expediente promovido – Tomás Esperati					ANA
51	1813/Candelaria ?	?	Candelaria?	José Aripui	Al presidente da Junta de Asunción	ANA
52	1821/Loreto	26/12/1821	Loreto	José Martín Gómez	León Esquibel	
53	1827/San Miguel Corrientes	16/10/1827	Corrientes	Ramón Yrá	A seus paisanos	
54	1831/Bella Unión	08/02/1831	Bella Unión	Corregidores y varios	Ao Bernabé Magariños	

Fonte: elaboração nossa.

Quanto à identificação dos documentos, adotamos o critério de especificar primeiramente o ano em que o documento foi redigido, depois o local em que foi redigido, no caso de haver mais de um documento no mesmo ano, será feita a distinção de maneira alfabética: 1768/Loreto/a.

Como se verá no capítulo da análise, os documentos são organizados por “fases”, entendendo que ele compreende uma década, por exemplo, todos os documentos que datam desde 1770 até 1779 são categorizados sob o período de 1770-1779. No entanto, como foram incluídos documentos dos anos de 1768-1769 – anos da transição para a fase pós

jesuítica – que serão organizados como um período separado. O mesmo acontece com a fase 1810, que reúne apenas cinco documentos até 1831. Pela escassez de fontes, optou-se por reuni-los numa fase.

Feitas essas ponderações e explicitados os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam a presente tese, passemos à análise e interpretação dos dados, a partir do *corpus* escrito que acabamos de descrever.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO *CORPUS* DE CARTAS EM GUARANI

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS PARA A ANÁLISE QUANTITATIVA

Antes de iniciar a análise dos dados, cabem algumas considerações gerais sobre as premissas metodológicas adotadas para a análise quantitativa do *corpus*, bem como sobre as variáveis e os critérios adotados para a quantificação dos manuscritos.

Os hispanismos, ou a sua ocorrência, constituem, neste caso, a variável dependente do estudo, enquanto as variáveis independentes representam essencialmente os parâmetros da dimensão diacrônica (diferentes fases de produção dos manuscritos), dimensão diafásica (situação de escrita das cartas em oposição à oralidade), além de observações de natureza diastrática (classe social do escrevente) e diatópica (diferentes reduções de onde provêm os manuscritos). Dentre esses parâmetros, vale destacar que a variável <tempo> é a principal a ser considerada, visto que sinaliza uma mudança em termos de gradação e proporcionalidade de uso variável de hispanismos ao longo do período analisado (1768 a 1831). A variável <espaço>, por sua vez, não será considerada, ao menos neste momento, em vista do desequilíbrio no número de cartas entre as diferentes reduções. Soma-se à essa distribuição irregular dos documentos o fato de estarem ausentes, em parte das cartas analisadas, a identificação dos locais onde foram escritas, ou de onde foram enviadas.

Como exemplo, pode-se citar, para o ano de 1768, que de 15 documentos, provenientes de 10 localidades, três são da localidade de Yapeyú, enquanto três provêm da localidade de São Miguel, ou seja, 43% dos documentos concentram-se em apenas duas localidades. É provável, portanto, que o maior número de empréstimos se concentre nessas duas localidades, em comparação às demais, o que não significa que sejam localidades de mais influência de hispanismos com relação às demais. Por esses aspectos elencados, consideramos que a indagação dessa variável será mais pertinente em futuros estudos, pois no momento somente podemos realizar observações gerais, em virtude das restrições que o *corpus* impõe. Nesse sentido, para uma análise metodológica mais controlada.

A primeira parte da análise consiste em apresentar um estudo quantitativo que permita observar a entrada de elementos do espanhol contrastados com o número de palavras de origem guarani, o que possibilitará analisar, por exemplo, o percentual desses empréstimos. Para a quantificação de palavras guaranis foram adotados alguns critérios mínimos. As cartas, desse modo, foram quantificadas segundo a quantidade de “palavras”, entendendo por “palavra” o núcleo lexical unido a seus determinantes morfológicos, porém considerando ao mesmo tempo como palavras os morfemas instrumentais que indicam relações locativas (posposições), bem como os que marcam relações de coordenação e subordinação (conjunções), ou ainda a negação. Foram considerados como partes de uma palavra e não como palavras independentes os morfemas que se incluíam em uma destas cinco classes:

- 1- Morfemas que indicam flexão nominal ou verbal;
- 2- Morfemas que indicam uma mudança na categoria sintática da palavra (derivativos/derivacionais);
- 3- Morfemas lexicalizados;
- 4- Gramaticalizações;
- 5- Morfemas de tempo, aspecto e modo.

Quadro 9: Critérios para definição da palavra independente em guarani

Morfemas altamente imbrincados na estrutura sintáticas e pouco compatíveis com a estrutura do espanhol	Morfemas formativos: criadores de novas palavras	Morfemas lexicalizados	Gramaticalizações/palavras instrumentais
Prefixos pessoais ativos: <i>a-, ere-, o-, ja-, ña-, oro-, pe-</i>	Objeto incorporado, lexicalizado: <i>ĩ-ú</i> ‘beber’		Demonstrativos modificados com <i>-baè</i> : <i>cobaè</i> ‘isto’
Prefixos inativos de 3º p: <i>y-, h-, o-, gu-</i>	Prefixo de objeto genérico: <i>mba’e-, poro-</i>	Compostos lexicalizados: <i>carai-bebe</i> ‘ágel’	Pronomes dativos contabilizam-se como um: <i>orebe</i> ‘a nós’
Prefixos de diátese verbal: <i>je-, jo-, -mbo, -uka, oro-</i>	Afixos de participio: <i>t-emi-, -pĩ (r)</i>	Palavras com modificadores já lexicalizados: <i>aguñeb-ete</i> ‘muito bom’	Reduplicações: <i>yebñebĩ</i> ‘uma e outra vez’
Prefixo relacional: <i>r-</i>	Sufixos nominalizadores de nomes ou sintagmas nominais: <i>-baè, -hába, -hára</i>	Posposições compostas que funcionam como uma só morfema: <i>rehegua, peguarã</i>	Demonstrativos sufixados com conjunções ou partículas: <i>ha’e-rire, co-nico, aipo-ramo</i> ‘isto, isso’

Prefixo de modo optativo: <i>t (v)-</i>			
Sufixos de tempo: <i>-ne</i>			
Sufixos de aspecto: a) <i>-rã, -pota ~ -mbota</i> b) aspecto imperfectivo: <i>-ĩna</i> c) aspecto perfectivo: <i>-kue ~ -ngue, -ma</i> d) aspecto frustrativo: e) <i>-rãngue</i>			

Fonte: elaboração nossa.

Resumindo, serão considerados como “palavra” e contabilizados como uma unidade: os lexemas e seus morfemas flexionais e derivacionais, como explicado no quadro 8. Serão contabilizados também como palavras os morfemas que em guarani são partículas modais e evidenciais, pois, de certo modo, se equivalem aos advérbios do espanhol. Isso vale igualmente para as partículas pospostas (posposições) do guarani equivalentes às preposições do espanhol.

Também serão contabilizados como duas palavras os sintagmas livres construídos por dois morfemas, como por exemplo em *ore-rehe* ‘por nós’. Entretanto, o morfema descontínuo para a negação será contabilizado apenas como uma palavra, como no exemplo de *nd-a-i-pota-ri* ‘não o quero’. Isso vale para as palavras compostas, que serão consideradas uma unidade apenas – por exemplo, *tupã-o* ‘casa de Deus/igreja’. No que se refere aos sintagmas de determinação, por outro lado, serão contabilizados de acordo com seus constituintes; exemplo: *jagua-hũ* ‘cachorro preto’, *ju’i-akã* ‘cabeça da rã’, são contabilizados em cada caso como duas unidades. Vale destacar também que foram desconsiderados na quantificação topônimos ou antropônimos, tanto em guarani quanto em espanhol.

Cabe destacar que, além disso, para a primeira etapa da análise, não foram consideradas as sequências lexicais de casos de *code-switching*, de *code-mixing*. Essas ocorrências que, como vimos, fazem parte de um fenômeno diferente dos empréstimos e que também refletem as competências do escrevente na língua espanhola, serão analisados à parte, na seção 3.4. 3. Para a análise quantitativa, foram priorizados, desse modo, os elementos léxicos e gramaticais potencialmente integrados e, portanto, de uso coletivo e recorrente. Evidentemente, isso exige uma parcela de interpretação e análise qualitativa, combinando critérios formais e morfológicos com critérios de base sócio-

histórica. Por exemplo, um hibridismo, isto é, a mescla de elementos de espanhol incorporados na morfossintaxe da língua receptora guarani, que assim se combina com o morfema do guarani, sinaliza uma probabilidade maior de que se trata de um elemento do espanhol integrado ao guarani. O mesmo pode ser dito, se, por outro lado, um lexema ou morfema substitui ou modifica expressões ou estruturas nativas, indicando uma mudança nas ferramentas expressivas da comunidade nativa.

Tendo em vista, portanto, uma primeira aproximação ao objeto de análise da tese, procedeu-se à quantificação dos empréstimos em termos de *tokens* (número total de realizações individuais das palavras) e de *types* (tomando por base um lexema protótipo que corresponde às diferentes realizações / *tokens* registradas em determinado documento). Em suma, a classificação dos elementos provenientes da língua espanhola, registrados nas cartas que constituem o *corpus* de análise, toma por base os seguintes critérios:

- **Critério 1:** não serão considerados, na análise quantitativa, fenômenos de *code-switching*, pois, como referido, trata-se de um fenômeno de ordem individual, ocasional, cuja realização dá-se no âmbito da *parole*, por exemplo: “*Dezimos nosotros todos Los Capitanias*” 1775/Santa Teresa.
- **Critério 2:** não serão considerados, na análise, sintagmas ou partes de uma frase, isto é, estruturas que se encontram no âmbito da frase, por exemplo: “*Alc.de 1º voto, seis años Alc.de de la Hermandad quatro años*” 1770/Loreto.
- **Critério 3:** não serão consideradas expressões pontuais, como formas honoríficas: “*Excelentissimo Señor Governador y Capitan General*” 1770/Loreto.
- **Critério 4:** ainda no que se refere a títulos honoríficos, não serão consideradas aquelas formas constituídas de duas palavras, como por exemplo “Alferez Real”, e que apresentam um conceito unitário. No entanto, um apresentador simples como “*señor Lucas Cano*” “*don Lucas Cano*”, “*corregidor Lucas Cano*”, “*cacique Lucas Cano*” será contabilizado como um empréstimo.
- **Critério 5:** desconsideram-se, para os fins da análise quantitativa, topônimos e antropônimos.

A ênfase deste estudo, portanto, recai na mudança da variável <processo de hispanização> no eixo do tempo, ou, como se poderia dizer, na variação diacrônica da

hispanização, observada entre as fases em que foram produzidos os manuscritos em guarani. Como já aludido, embora a variável <espaço> se encontre comprometida, na esquematização dos dados proceder-se-á à agrupação dos dados de locais que apresentem mais de um manuscrito. Consideramos que esse procedimento permitirá realizar algumas inferências, ainda que não seja uma análise exaustiva, de integração de elementos do espanhol por redução. Desse modo, espera-se identificar as principais tendências e características da presença do espanhol no guarani escrito, ao longo do tempo, e sua correlação com fatores sociais e históricos. Por fim, quanto à transcrição das formas analisadas, cabe esclarecer que será respeitada a grafia adotada em cada ocorrência.

3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

3.2.1 Cartas do período 1768-1769

O “subcorpus” para esta fase (ou época) reúne 22 manuscritos provenientes de 15 reduções.⁶⁸ Não obstante, há três documentos sem indicação do local onde foram produzidos. Esse primeiro levantamento permite realizar algumas inferências sobre quatro aspectos fundamentais que merecem uma atenção especial:

- i) o contexto comunicativo em que se inserem as cartas (remetente, destinatário, tema, local);
- ii) os documentos que apresentam maior e menor entrada de hispanismos;
- iii) hispanismos mais recorrentes e ocasionais; e
- iv) implicações fonológicas e morfológicas.

Em relação ao contexto comunicativo, observa-se que as interlocuções se dão exclusivamente na esfera oficial. Os remetentes das cartas são essencialmente caciques, corregedores e administradores, isto é, membros da chamada “elite letrada”. Os destinatários, por sua vez, constituem-se principalmente de autoridades coloniais/locais,

⁶⁸ Os documentos correspondentes ao ano de 1768 foram coletados da base de dados (LANGAS, [s.d.]). No *site*, constam 16 documentos referentes a esse ano, no entanto, constatamos a duplicação de um dos documentos (1768/San Miguel/c). Um deles foi registrado sob o gênero nota – como “Nota al Gobernador Francisco Bucareli” –, enquanto o outro manuscrito foi registrado sob o gênero carta – “Carta al Gobernador Bucareli”. Ambos os documentos foram datados em 13 de agosto de 1768, sendo seu remetente Valentin Ybarigua. Constatada essa duplicação, tem-se no quadro 7, um total de 15 manuscritos correspondentes a esse ano, oriundos de nove localidades diferentes, sendo que dois dos manuscritos não possuem localidade especificada.

em especial governadores e administradores. O único manuscrito que, nesse sentido, sai da esfera local é a carta 1768/s.l./30 pueblos, endereçada ao Rei Carlos III. Os temas abordados nas cartas versam sobre assuntos relacionados à área administrativa e incluem normalmente manifestações de agradecimentos, pagamentos de tributos, denúncias, pedidos de ajuda econômica etc. Trata-se, portanto, de uma constelação comunicativa que geralmente sugere o emprego de um registro oficial, formal.

A seguinte tabela é uma primeira aproximação aos dados levantados e resume o conjunto de cartas a analisar nesse período. Apresenta-se o total de palavras em guarani em cada carta, o total de palavras em espanhol (em termos de *tokens* e de *types*) e o percentual de entrada desses elementos em espanhol, em cada documento. Cabe salientar que o total de *types* da fase é o resultado da soma de ocorrências na fase e não a soma individual dessas ocorrências em cada carta:

Tabela 1: Entrada de hispanismos, no período 1768-1769

Documento	Palavras em guarani Tokens	Palavras em espanhol Tokens / Types		Percentual de palavras em espanhol % Tokens / Types		Total de palavras
1768/San Luís	385	28	13	7%	3%	413
1768/San Borja	99	9	5	8%	5%	108
1768/s.l. Curigua	94	5	4	5%	4%	99
1768/s.l/30 pueblos	323	79	11	20%	3%	402
1768/San Ignacio Guasu	305	14	8	4%	3%	319
1768/San Miguel/a	38	8	7	17%	16%	46
1768/San Miguel/b	50	1	1	2%	2%	51
1768/San Miguel/c	47	7	4	13%	8%	54
1768/Trinidad	81	9	5	10%	6%	90
1768/Yapeyu/a	103	3	3	3%	3%	106
1768/Yapeyu/b	217	9	4	9%	2%	226
1768/Yapeyu/c	280	14	10	13%	3%	294
1768/Itapúa	45	7	3	12%	6%	52
1768/Salto Chico	17	2	2	11%	11%	19
1768/s.l.	105	7	4	6%	4%	112

1769/Pueblo de Apóstoles	282	18	7	6%	2%	300
1769/San José	71	4	4	5%	5%	75
1769/Concepción	223	15	6	6%	3%	238
1769/Candelaria	82	10	6	11%	7%	92
1769/Loreto	193	12	9	6%	5%	205
1769/Santos Mártires	287	22	9	7%	3%	309
1769/Santa Maria de Fé	335	9	7	3%	2%	344
Total	3662	292	49	7%	1%	3954

Fonte: elaboração nossa.

Neste primeiro momento, as inferências serão pautadas pelo número de ocorrências e recorrências de elementos do espanhol. Os 22 documentos apresentam um total de 3954 palavras, das quais 3662 *tokens* correspondem ao guarani, e 292 *tokens* ao espanhol, que, por sua vez, apresenta 49 *types*. Em termos de percentuais, tem-se 7% de *tokens* em espanhol e 1% de *types* em espanhol. Vale mencionar que o total de *types* na tabela corresponde ao período e não à soma de cada carta.

Quanto à localização, dos 22 documentos, dois não apresentam local especificado (1768/s.l./Curigua e 1768/s.l./30 pueblos), enquanto os 20 manuscritos restantes possuem locais que se distribuem em 15 localidades. Somente duas reduções apresentam mais de uma carta, Yapeyu, com três manuscritos, e San Miguel também com três manuscritos. As demais localidades apresentam apenas um documento.

O manuscrito com maior entrada de hispanismos é o documento 1768/s.l./30 *pueblos*, que soma 79 *tokens* e 11 *types*, o que equivale a 20% de *tokens* e 3% de *types*. A diferença entre *tokens* e *types*, nesse documento, advém da recorrência de dois substantivos (*corregidor* e *cacique*), com 62 *tokens*, uma vez que se trata de uma carta assinada pelos representantes dos 30 povos. Ou seja, dos 292 *tokens* do período, 62 *tokens* concentram-se em dois substantivos que, por sua vez, ocorrem numa mesma carta (1768/s.l./30 *pueblos*), representando 21% do total de hispanismos, em toda a primeira fase.

Para clarear essas relações, vale observar, na tabela a seguir, o total de *types* do período, com suas respectivas realizações, os quais são discriminados entre hispanismos de uso frequente e de uso ocasional. Para estabelecer essa distinção, estipulamos considerar de uso frequente as formas que apresentam mais de cinco realizações e de uso

ocasionais aquelas que apresentam menos de cinco realizações. Para o registro dos hispanismos na tabela, adotou-se a escrita do espanhol *standard*:

Tabela 2: Empréstimos em termos totais, no período 1768-1769

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Administrador, alabado, alcalde, almacén, apóstol, averiguar, azote, caballo, cabildo, cacique, capitán, cigarro, clérigo, colonia, corregidor, cruz, cura, doctrina, espíritu santo, don, esclavo, estancia, fraile, fuerte, gloria, gobernador, gracia, hacienda, Jesucristo, Jesús, licencia, lienzo, mayordomo, mesa, misa, naranja, portugueses, procurador, puesto, repartición, rey, santo, señor, servir, soldado, teniente, tributo, vaca, vestido	Rey (55), cacique (50), corregidor (43), cabildo (26), don (13), señor (13), administrador (8), licencia (5), misa (5)	Estancia (4), gracia (4), caballo (4), capitán (3), fraile (3), Jesucristo (3), soldado (3), procurador (2), repartición (1), santo (3), teniente (2), tributo (2), vestido (2), mayordomo (2), naranja (2), hacienda (2), doctrina (2), esclavo (2), cruz (2), almacén (2), clérigo (2), alabado (1), alcalde (1), apóstol (2), azote (1), cigarro (1), colonia (1), gobernador (2), gloria (1), gracia (1), Jesús (1), portugueses (1), fuerte (1), mesa (1), lienzo (1), espíritu santo (1), puesto (1), cura (1), averiguar (1), servir (1)
49 <i>types</i>	9 <i>types</i> / 220 <i>tokens</i>	40 <i>types</i> / 72 <i>tokens</i>

Fonte: elaboração nossa.

A primeira coluna da tabela 2 permite observar o número total de *types* no período; a segunda coluna por seu turno permite observar os *types* mais frequentes no período, com seus respectivos *tokens*; e, por fim, a terceira coluna apresenta os *types* menos frequentes acompanhado de seus respectivos *tokens*.

Certamente a discriminação de “usos frequentes” e “usos ocasionais” por si só não revela o grau de integração de um empréstimo. Vale acrescentar que, nesse período, aparecem formas que, pelos critérios estabelecidos, seriam consideradas de uso ocasional e que, no entanto, já faziam parte da norma do guarani, à chegada dos jesuítas.⁶⁹ Como se vê, é preciso complementar a distinção quantitativa com uma interpretação qualitativa que leve em conta outras variáveis (atos de fala, tópicos, registro), a fim de refinar a comparação entre uma fase e outra e, com isso, visibilizar de forma mais precisa as tendências em curso.

Dentre os empréstimos de uso mais frequente, chamam a atenção quatro substantivos: *rey* (com 56 ocorrências), *cacique* (com 50 ocorrências), *corregidor* (com

⁶⁹ Os hispanismos *caballo* > gua. *cabayu*, *cebolla* > gua. *seboi*, *vaca* > gua. *baca* são empréstimos antigos e foram registrados por Montoya em seu *Tesoro* (1639), o que revela o nível de integração no guarani que essas formas já possuíam à época.

45 ocorrências) e *cabildo* (com 26 ocorrências), seguidos por *don* (13 ocorrências), *señor* (13 ocorrências), *administrador* (11 ocorrências), *licencia* (6 ocorrências) e *misa* (5 ocorrências).

Dentre as formas menos frequentes, têm-se 40 hispanismos distribuídos em 38 substantivos (*estancia, gracia, caballo, capitán, fraile, Jesucristo, soldado, procurador, repartición, vaca, santo, teniente, tributo, vestido, mayordomo, naranja, hacienda, doctrina, esclavo, cruz, almacén, clérigo, alabado, alcalde, apóstol, azote, cigarro, colonia, gobernador, gloria, Jesús, portugueses, fuerte, mesa, lienzo, puesto, cura, espíritu santo*) e 2 verbos (*servir, averiguar*).

Dos 49 *types*, constata-se que a entrada de empréstimos do espanhol dá-se exclusivamente no campo lexical, com amplo predomínio de substantivos, os quais somam um total de 47 *types*, com 290 *tokens* e apenas 2 *types* de verbos, aos que correspondem igualmente 2 *tokens*.

Os dados levantados nessa fase também permitem constatar o papel de diferenças fonético-fonológicas e morfológicas. Aspectos de ordem grafemática podem, nesse sentido, indicar adaptações de ordem fonológica, como é o caso de *naranca* em lugar de ‘naranja’, em que a oclusiva velar surda /k/, representada com <c>, é empregada em lugar da fricativa velar surda /x/, ausente em guarani. Por outro lado, conserva a sequência fonológica CC do espanhol, sem adaptar os fonemas à estrutura silábica CV do guarani, isto é, conservando o encontro de duas consoantes <nc>.

Ainda no nível fonológico, observa-se a grafia do sp. <ll>, em exemplos como o substantivo *caballo*. Embora, no espanhol paraguaio, seja pronunciada com a lateral palatal /ɲ/, aparece em nosso *corpus* registrada com o grafema <y>, ou seja, como *cabayu*, em virtude da pronúncia do guarani, que usa a fricativa palatal sonora /j/. Em guarani paraguaio, no entanto, também é possível ouvir a pronúncia /kavaɭu/, com a incorporação do fonema /ɭ/, em coocorrência com /kavaju/ (MORÍNIGO, 1989). Já no guarani reducional e em nosso subcorpus, registra-se /kavaju/, ou seja, apresenta maior adaptação fonética desse empréstimo. Na mesma linha, vale destacar a ocorrência de eliminação de encontros consonantais, como na grafia do gu. *curuzu*, na integração do sp. *cruz*, em que a epêntese desfaz o encontro consonantal. Trata-se de uma adaptação fonética já registrada por Montoya em seu *Tesoro* (1639).

No plano morfológico, observam-se processos parecidos de combinação de morfemas do guarani com empréstimos do espanhol, como no exemplo do gu. *o-gracia* ‘sua própria graça’, em que o substantivo *gracia* recebe o prefixo <o->, para marcar o

‘possessivo reflexivo de 3ª p.’. Outro exemplo é dado pelos verbos *pagar* e *servir*, os quais são usados em combinação com as marcas pessoais de verbos ativos em guarani, como no exemplo do verbo *servir* antecedido do prefixo de 1ª p. sg. gu. *a-cerbi* ‘sirvo’, ou do mesmo modo o verbo *pagar*, na combinação da marca de 3º p. sg. gu *o-paga* ‘serve’. Em ambos os casos, ocorre a queda do <-r> final do infinitivo do espanhol. Uma provável explicação para essa queda de <-r> final reside no fato de que o guarani expressa a marca de pessoa por meio de prefixos em lugar de sufixos, como ocorre no espanhol. Há, contudo, também uma explicação fonológica que é preciso levar em conta, pois o guarani não apresenta consoantes em posição final de palavra.

Concluindo, podemos dizer que essa fase inicial, que imediatamente se segue à expulsão dos jesuítas em 1768, caracteriza-se pela entrada de elementos do espanhol exclusivamente no campo lexical. Constata-se o predomínio quase absoluto de substantivos, seguido de apenas dois verbos. Não ocorrem, portanto, empréstimos gramaticais. Esses hispanismos também apresentam adaptações fonético-fonológicas e integrações dos empréstimos à morfossintaxe guarani, característicos de um estado do contato linguístico em os sinais de bilinguismo ainda são muito incipientes. Fica a pergunta se esse quadro de dominância do guarani segue restringindo a entrada de hispanismos, ou se esse quadro sofre mudanças, nos períodos seguintes.

3.2.2 Cartas do período 1770-1779

O período seguinte caracteriza-se pelas mudanças na configuração política local. Em 1776, institui-se o vice-reinado do Rio da Prata, que teve por sede a cidade de Buenos Aires. Também foi instituído um novo Administrador Geral das Missões, Juan Ángel Lezcano, que teve como principal função regular a recepção e venda de produtos que chegavam das missões, assim como a cobrança de tributos (RANZAN, 2013, p. 5). Os manuscritos são endereçados a autoridades locais, dentre os quais governadores, administradores, tenentes e capitães. Os tópicos abordados nas cartas giravam basicamente em torno de assuntos administrativos, em que são feitas denúncias, como no exemplo a seguir que trata do esvaziamento da redução de Itati:

“Opa â Aba Rey rera pîpe oñenocêbaecue, [n]donemboyebîbei, hêtâme, hae aco ohecha ramo, Rey [n]dopagairi, hae opoirei, têtâ mo[m]bîrî rupi, Montevideo rupi, hae Rio grande rupi, opa răsâi Aba, oñeconchabado Carai

[n]dibe” – ‘*todos aqueles indígenas que foram tirados em nome do Rei não foram devolvidos a seus lugares, além disso não receberam o pagamento do Rei. E depois de tê-los soltado longe, por Montevideo e Rio Grande, esses indígenas se empregaram aos brancos*’.

Além disso, há denúncias de diversa índole: sobre a pobreza; sobre as necessidades econômicas; bem como falta de lideranças espirituais. A seguinte tabela apresenta um panorama dos manuscritos desta fase e com a respectiva proporção de palavras em guarani e em espanhol, em termos de *tokens* e *types* dos hispanismos que ingressam nesse período:

Tabela 3: Entrada de hispanismos: fase 1770-1779

Documento	Palavras em guarani	Palavras em espanhol		Percentual de palavras em espanhol %		Total de palavras
		Tokens	Types	Tokens	Types	
1770/Itati	413	38	17	8%	4%	451
1770/San Joaquin	295	16	8	5%	3%	311
1770/Loreto	1440	137	22	9%	2%	1577
1772/Corpus	123	11	4	8%	6%	134
1772/Concepción	60	6	4	9%	6%	66
1773/San Cosme	98	13	10	12%	9%	111
1773/s.l./a	99	23	15	15%	11%	122
1773/s.l./b	122	15	11	13%	9%	137
1775/Santa Teresa	274	22	7	8%	3%	297
1778/Yapeyú/a	348	16	9	5%	3%	364
1778/Yapeyu/b	218	24	12	11%	5%	242
Total	3490	322	71	9%	2%	3812

Fonte: elaboração nossa.

Para a fase de 1770-1779, coletaram-se 11 documentos que somam um total de 3812 palavras, das quais 3490 *tokens* são em guarani, 322 *tokens* são em espanhol e 71 *types* em espanhol. Em termos de percentual, esses números equivalem a 9% de *tokens* e 2% de *types* em espanhol. Comparando esses resultados com o período anterior, que apresentou 7% de hispanismos em termos de *tokens* e 1% em termos de *types*, constata-se um certo incremento da entrada de elementos do espanhol na presente fase. O que, no entanto, mais chama a atenção

é o aumento do dobro de *types*, isto é, de ocorrências de “tipos de” hispanismos, apesar do pouco tempo transcorrido, desde a expulsão dos jesuítas. Esse aspecto é ainda mais notório, se considerarmos a menor disponibilidade de manuscritos nesse período de 1770, apenas 11 documentos, quando do período anterior se têm 22 documentos, portanto o dobro.

Quanto à distribuição diatópica dos 11 manuscritos, dois não possuem localização especificada, outros dois concentram-se num mesmo local, enquanto o restante, sete documentos, distribui-se em sete pontos diferentes. Na comparação com a fase anterior (1768/1769), em relação aos pontos Yapeyú e Loreto, constata-se que, em termos de *tokens*, há aumento da entrada de hispanismos em Yapeyú, uma vez que o maior percentual de *tokens* na fase 1768/1769 não passa de 3%; na fase seguinte de 1770, já chega a 11%. O documento que apresenta maior percentual de hispanismos é 1773/San Cosme, com 12% de *tokens* e 9% de *types*.

O quadro a seguir apresenta um panorama dos empréstimos do espanhol de uso mais frequente e menos frequente no período:

Tabela 4: Empréstimos em termos totais – fase 1770-1779

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Administrador, alcalde, almacén, amén, azote, azúcar, arroba, charque, libra, manojo cabildo, cacique, capitán, cárcel, carpintero, chasquero, conchabar, corregidor, cristiano, cruz, deber, doctrina, don, encomienda, escuela, estancia, expedición, fanegas, gastar, gasto, general, gloria, gobernador, gracia, grillos, habas, hacienda, Jesucristo, Jesús, justicia, licencia, lienzo, mandar, mes, ministro, misa, ninguno, noviembre, ofício, padre, pagar, pasto, persona, pesos, poncho, preso, regidor, rey, rez, ropa, sábado, secretario, señor, teniente, toro, tropa, vaca, viaje, viernes, viuda, yegua	Rey (60), cacique (50), cabildo (30) corregidor (24), don (14), señor (14), hacienda (11), gobernador (11), capitán (7), gasto (7), administrador (6), pagar (5)	Preso (4), mandar (3), sábado (3), azúcar (2), estancia (2), expedición (2), fanega (2), gracia (2), grillos (2), lienzo (2), noviembre (2), padre (1), secretario (2), vaca (2), viaje (1), alcalde (1), almacén (1), amén (1), azote (1), cárcel (1), carpintero (1), chasquero (1), conchabar (1), cristiano (1), cruz (1), deber (1), doctrina (1), encomienda (1), escuela (1), gastar (1), general (1), gloria (1), habas (1), Jesucristo (1), Jesús (1), justicia (1), licencia (1), mes (1), misa (1) ministro (1), ninguno (1), ofício (1), pasto (1), persona (1), pesos (1), poncho (1), regidor (1), res (2), ropa (1), teniente (1), toro (1), tropa (1), viernes (1), viuda (1), yegua (1), arroba (4), charque (1), libra (3), manojo (1)
71 <i>types</i>	12 <i>types</i> / 239 <i>tokens</i>	59 <i>types</i> / 83 <i>tokens</i>

Fonte: elaboração nossa.

A presença de palavras do espanhol totaliza 71 *types*, dos quais 12 são de uso mais frequente, enquanto 60 são de uso menos frequente. Assim como no período anterior (1768/1769), as formas *rey*, *cacique*, *cabildo* e *corregidor* seguem sendo formas de uso

mais frequente. O primeiro empréstimo apresenta 60 *tokens*, o segundo 50 *tokens*, o terceiro 30 *tokens*, e o quarto aparece com 24 *tokens*. Ainda dentre as formas mais frequentes, destacam-se *don* (com 14 *tokens*), *señor* (14 *tokens*), *hacienda* (11 *tokens*), *gobernador* (11 *tokens*) e, por fim, *capitán* e *gasto* (cada um com sete *tokens*), *administrador* (seis *tokens*), além de do verbo *pagar* (cinco *tokens*).

Entre as formas menos frequentes, constata-se o aumento do emprego de verbos para 4 *types*, com 1 *token* para cada um (*deber*, *gastar*, *conchabar* e *mandar*). Vale mencionar que, nos documentos do período anterior (1768/1769), ocorreram apenas 2 *types* de verbos com apenas 1 *token* para cada um (*averiguar* e *servir*). Chama a atenção que, em ambos os períodos, a maior parte dos verbos esteja vinculada ao campo semântico da economia. Outro aspecto notável é a presença, pela primeira vez, em todo o nosso *corpus*, empréstimo gramatical, no caso do pronome *ninguno* ‘ninguém’, que inclusive possui um equivalente, em guarani, *avave*.

Esse período amplia, além disso, alguns aspectos de ordem fonético-fonológica e morfossintática. Em uma das cartas, encontra-se assim um caso de manutenção da eliminação de encontros consonantais, ou seja, uma realização adaptada de *cruz* como *curusu*. Outro exemplo, que nesse caso diz respeito a aspectos de ordem grafemática, mas que também parece indicar adaptações fonéticas, é o exemplo do sp. *capitán*, grafado <capitâ>, cuja grafia sugere, de um lado, uma possível assimilação regressiva, através da qual o fonema nasal /n/ nasaliza a vogal anterior. Por outro lado, a queda da consoante final justifica-se pelo fato já mencionado de o guarani não possuir consoante em posição final de palavra.

No nível morfossintático, observa-se já com mais frequência a incorporação de lexemas à gramática da língua receptora, como já se constatou na fase anterior. Os lexemas *mandar*, *gastar* e *pagar* vão prefixados pela forma <o->, que corresponde a um referente pessoal de agente ou um prefixo pessoal ativo e que, no caso, expressa a 3ª pessoa sg.: gu. *o-manda* < sp. *mandar*, gu. *o-gasta* < sp. *gastar*, gu. *o-paga* < sp. *pagar*. Do mesmo modo, os prefixos que expressam a marcação inativa da 3ª pessoa *i-*, grafado em nosso *corpus* como <y->, aparecem combinados com substantivos como sp. *capitán*, sp. *gracia* e sp. *secretario*, ou seja, gu. *y-capitâ* ‘seu capitão’ e gu. *y-Cecret.o* ‘seu secretário’. Ao se fazer uso do substantivo sp. *gracia*, o lexema hispano incorpora-se também à morfologia nativa, adotando a marcação da ‘3ª pessoa reflexiva’ com uso de <o->, nesse caso gu. *o-gracia* ‘sua própria graça’.

Os verbos do espanhol, nesta fase, também recebem nominalizadores (circunstancial, oracional) por meio da sufixação de morfemas como em gu. *o-manda-há* ‘o que manda’. Nesse caso, o sufixo *-ha* ~ *-haba* é um nominalizador circunstancial (DIETRICH, 2010; CERNO, 2011) que, uma vez sufixado ao verbo, como explica Montoya (2011 [1940], p. 196), expressa “tempo, lugar, instrumento, causa e modo com que se faz a coisa”. Em nosso *corpus*, esse sufixo combina-se com a marca pessoal da voz ativa do verbo <o->, expressando dessa maneira ‘o lugar, o tempo, o modo em que ele manda’, isto é, gu. *o-manda-ha*. Dito de outro modo, Cerno (2011, p.246) explica que esse morfema, nas variedades do guarani, faz com que os verbos adquiram significados de complementos circunstanciais com significados locais, modais ou de instrumento.

Integra-se também o nominalizador oracional *-bae*, morfema formador de atributo ou um sintagma nominal com valor atributivo (DIETRICH, 2010b, p. 73). Restivo (1791, p. 235) referia-se a esse morfema dizendo que “A los nombres da este romance el que es, lo que es”, que, em nosso *corpus*, aparece sufixado ao lexema sp. *deber*, grafado gu. *o-deve-bae* ‘a pessoa que deve/ o devedor’.

Os verbos *pagar* e *conchabar* ‘contratar’ combinam-se com o morfema *ye-* (para raízes orais) ~ *ñe-* (para raízes nasais) que, em guarani, originalmente expressa a voz reflexiva. Os verbos empregados no *corpus*, sp. *pagar* e sp. *conchabar* ‘contratar’, seguem as regras fonológicas do guarani. O primeiro, por se tratar de uma raiz oral, é grafado da seguinte maneira: gu. *o-ye-paga* ‘pagou-se’, enquanto o segundo, que apresenta um fonema nasal /n/, vai antecedido pelo alomorfe também nasal *ñe-* > gu. *o-ñe-conchabado* ‘contratou-se/foi contratado’. Em ambos os casos as formas hispânicas adaptam-se às regras fonológicas do guarani. Note-se que o verbo *conchabar* transfere-se ao guarani na forma de um particípio, e não com um infinitivo, *oñeconchabado*, em lugar de como seria esperado (nesse caso, gua. **O-ñe-conchaba*). Isso sugere que já devia haver certo conhecimento, mesmo que incipiente, da sintaxe da língua espanhola, referente, nesse caso, ao emprego da voz passiva.

O uso do morfema *ye-* ~ *ñe-*, em nosso *corpus*, parece apresentar novas funcionalidades, no caso da voz passiva ou da indeterminação do sujeito. Nesse sentido, Kallfell (2006, p. 342) constatou a ampliação da funcionalidade do reflexivo *ye-* ~ *ñe-* no guarani paraguaio, em que esse morfema não manifesta apenas a reflexividade, senão – por influência do espanhol – ora indica a voz passiva, ora indica formas impessoais como gu. *o-je’e* ‘diz-se’. Em nosso *corpus*, o verbo *pagar* aparece no seguinte excerto: “*hey ndaie rae Administrador General upe Tabape oyepaga porâne*” ‘contam que disse ao

Administrador Geral, estando na cidade [Buenos Aires], que será bem pago’. Percebe-se que, nesse contexto, o morfema *ye-* não expressa o valor de voz reflexiva, senão o de voz passiva. Já no seguinte excerto – “*opa rãsâi Aba, oñe conchabado Carai [n]dibe*” ‘todos esses indígenas empregaram-se [a si mesmos] com os brancos’ –, *ñe-* indica manter o valor de voz reflexiva, na combinação com o verbo *conchabar*.

Outro exemplo de integração ao sistema morfológico do guarani diz respeito à incorporação de verbos e substantivos aos morfemas de negação do guarani. São observadas, nos dados dessa fase, duas formas de negação do guarani: a) a negação de predicados verbais e nominais para a qual o guarani apresenta um morfema descontínuo *nd...i*, conhecido como ‘negação descontínua’ (DIETRICH, 2010b, p. 73) e b) a negação léxica, a qual se expressa por meio do sufixo *-eỹ*. Em nosso *corpus*, a negação descontínua no predicado verbal aparece, por exemplo, no gu. *nd-o-paga-ri* ‘não pagou’, onde o verbo sp. *pagar* incorpora os morfemas do guarani, para expressar, além da 3ª. p. mencionada anteriormente, também a negação. Note-se, portanto, que as “*dos partes del morfema abrazan toda la palabra verbal*” (CERNO, 2011, p. 207), sem esquecer também da opção de marcação da negação o uso do sufixo *-eỹ*, como no exemplo do gu. *cacique-eỹ*, com o que se expressa a ‘ausência/carência de cacique’.

Por fim, vale destacar a ocorrência de hispanismos na marcação da relação de genitivo, característica do guarani, que pospõe o elemento determinado ao seu determinante, como mostra o exemplo do gu. *rey perssona* < sp. *la persona del rey* ‘a pessoa do rei’ ou gu. *rey tropa* < sp. *la tropa del rey* ‘a tropa do rei’.

Em suma, pode-se concluir que, do ponto de vista quantitativo, apesar da menor disponibilidade de manuscritos, a fase de 1770-1779 apresenta maior entrada de hispanismos em comparação à fase anterior (1768/1769). As ocorrências de hispanismos são predominantemente lexicais. Embora predomine a classe dos substantivos, observa-se o aumento dos verbos que, nesta fase, apresentam 9 *tokens* distribuídos em 5 *types* (*pagar, deber, gastar, conchabar* e *mandar*). Outro dado importante é que se registra, pela primeira vez, em todo o *corpus*, a ocorrência do pronome *ninguno* ‘ninguém’. Resta ver se nas próximas fases haverá mais casos de coocorrências entre formas gramaticais do espanhol com o guarani.

3.2.3 Cartas do período de 1780-1789

Nesta fase, de um modo geral, os tópicos continuam versando sobre temas administrativos. Não se apresentam grandes mudanças com relação à constelação comunicativa. Os principais destinatários das cartas continuam sendo as autoridades locais.

Tabela 5: Entrada de hispanismos, na fase 1780-1789

Documento	Palavras em guarani	Palavras em espanhol <i>Tokens / Types</i>		Percentual de palavras em espanhol % <i>Tokens / Types</i>		Total de palavras
1780/San Ignacio Guasu	602	63	23	10%	4%	665
1782/Jesús	456	37	21	8%	5%	493
1783/San Joaquin	301	17	4	5%	1%	318
1783/San Estanislao	163	5	3	3%	2%	168
1786/San Miguel	335	16	13	5%	4%	351
1788/ Sta. Maria de Fe/a	39	1	1	3%	3%	40
1788/Sta. Maria de Fé/b	481	40	20	8%	4%	521
1789/San Joaquin	412	41	25	10%	6%	453
Total	2789	220	70	7%	2%	3009

Fonte: elaboração nossa.

Para essa fase, foram reunidos oito manuscritos que totalizam 3009 palavras com 2789 *tokens* em guarani e 220 *tokens* em espanhol que, por sua vez, correspondem a 70 *types*. Em termos de percentual, têm-se 7% de *tokens* e 2% de *types* em espanhol. Percebe-se que há uma queda de hispanismos em termos de *tokens* em comparação à fase anterior (1770-1779), que apresentou 9% de *tokens*; contudo, o percentual de *types* se mantém em 2%. É importante lembrar que para a composição do subcorpus desta fase não foi considerado o *Estado de Cuentas/1787-1788*, da redução de Sta. Maria de Fé, tendo em vista a priorização do gênero epistolar para a formação de todo o *corpus* da pesquisa. Não obstante, destaca-se o potencial de análise desse manuscrito, tendo em vista seu alto grau de hispanização, que pode sinalizar que certas variedades à época já apresentavam um grau de bilinguismo avançado.

Em termos da distribuição diatópica, metade dos documentos foi produzida em duas localidades, dois são de San Joaquin (1783/San Joaquin e 1789/San Joaquin), com uma diferença de seis anos entre cada carta, e os outros dois são da localidade de Santa Maria de Fé (1788/Sta. Maria de Fé/a e 1788/Sta. Maria de Fé/b) e datados no mesmo ano. Os quatro manuscritos restantes distribuem-se em quatro localidades respectivamente.

O quadro a seguir apresenta um panorama dos empréstimos de uso mais frequente e menos frequente, levantados nas cartas desse período:

Tabela 6: Empréstimos em termos totais, na fase 1780-1789

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Aceite, administrador, aguardiente, almacén, amén, averiguar, azote, azúcar, baqueano, bastón, batea, bermejón, buey, cabildo, cacique, capataz, capayu, cargo, cebada, cebolla, chasquero, cocinero, comadre, compadre, contramarca, corona, corral, corregidor, cuenta, cura, Dios, don, herrar, escribir, Espíritu Santo, estancia, estanciero, gobernador, gracia, hacienda, hasta, Jesucristo, justicia, licencia, lienzo, médico, mesa, misa, ni, ocupar, oficio, pleito, poblador, porque, puesto, rey, ración, semana, señor, señora, sidra, socorrer, suero, tacho, teniente, toro, tributo, vaca, valer, yegua	señor (26), don (22), rey (21), cabildo (18), administrador (18), cacique (6), corregidor (6), cura (6), estancia (6)	hacienda (4), capataz (3), Dios (3), semana (3), azúcar (2), médico (3), hasta (3), cebada (2), comadre (2), compadre (2), corral (2), estanciero (2), gracia (2), justicia (2), licencia (2), lienzo (2), pleito (2), poblador (2), porque (2), tacho (2), toro (2), tributo (2), vaca (2), señora (1), aceite (1), aguardiente (1), almacén (1), amén (1), averiguar (1), azote (1), baqueano (1), bastón (1), batea (1), bermejón (1), buey (1), capayu (1), cargo (1), cebolla (1), chasquero (1), cocinero (1), contramarca (1), corona (1), cuenta (1), herrar (1), escribir (1), espíritu santo (1), gobernador (1), Jesucristo (1), mesa (1), misa (1), ni (1), ocupar (1), oficio (1), puesto (1), ración (1), sidra (1), socorrer (1), suero (1), teniente (1), valer (1), yegua (1)
70 types	9 types / 129 tokens	61 types / 91 tokens

Fonte: elaboração nossa.

Conforme mostra a tabela acima, registra-se um total de 70 *types* de elementos oriundos do espanhol. As formas mais frequentes englobam nove substantivos, dentre os quais se destacam três que apresentam mais de 20 *tokens*: *señor* (com 26 *tokens*), *don* (22 *tokens*) e *rey* (com 21 *tokens*), seguidos de *cabildo* e *administrador* (com 18 *tokens* respectivamente) e *cacique*, *corregidor*, *cura* e *estancia* (com seis *tokens*,

respectivamente). Em comparação às fases anteriores, observa-se uma queda do emprego da forma *rey*, que parece ser, gradativamente, substituído pelo substantivo *señor* como forma mais frequente.

Dentre as formas menos frequentes, constata-se 61 *types*, distribuídos em 51 substantivos (*hacienda, capatas, Dios, semana, azúcar, médico, cebada, comadre, compadre, corral, estanciero, gracia, justicia, licencia, lienzo, pleito, poblador, tacho, toro, tributo, vaca, señora, aceite, aguardiente, almacén, amén, azote, baqueano, bastón, batea, buey, capayu, cargo, cebolla, chasquero, cocinero, contramarca, corona, cuenta, doctor, Espiritu Santo, gobernador, Jesucristo, mesa, misa, oficio, puesto, ración, sidra, suero, teniente, yegua*), 6 verbos (*averiguar, herrar, escribir, ocupar, socorrer, valer*), 1 adjetivo (*bermejón*), 1 preposição (*hasta*) e 2 conjunções (*ni e porque*). A maior parte dos substantivos também está relacionada com os campos semânticos da economia (*tributo, almacén, licencia*), principalmente com a criação de gado (*contramarca, estanciero, toro, vaca*), com a gastronomia (*cebolla, cocinero, cebada, sidra*), com a medicina (*suero, médico*) e com as relações sociais (*señor, señora, poblador, comadre, baqueano*). Os verbos, por sua vez, relacionam-se a vários campos semânticos, dentre eles principalmente economia e criação de gado (*ocupar, valer, herrar*).

Observa-se, nessa fase, indícios de manutenção das adaptações fonéticas dos empréstimos antigos como os casos de *azúcar, corral* e *cebolla*, que já haviam sido registrados por Montoya, em seu *Vocabulario*. A grafia desses empréstimos integrados, respectivamente <asuca>, <cora> e <seboi>, corrobora as adaptações fonéticas já observadas, como a elisão das consoantes em posição final de palavra. Outro exemplo é dado pelo empréstimo *sidra*, grafado <Cyra>, em que ocorre uma simplificação do encontro consonantal /dr/. Essa forma não está registrada no *Tesoro* nem no *Vocabulario* de Montoya, porém possui registro no *Vocabulario* de Restivo (1893 [1722]).⁷⁰

De um modo geral, constata-se as mesmas tendências observadas nos períodos anteriores, como a integração de lexemas hispânicos, que recebem morfemas de 3ª p. reflexivo, a negação descontínua, bem como morfemas nominalizadores, como se pode

⁷⁰ Nos casos de sp. *azúcar*, sp. *sidra*, sp. *cebolla* e sp. *corral*. O primeiro, grafado <asuca>, apresenta elisão de consoante em posição final de palavra, além disso, vale lembrar que se trata de empréstimo antigo, já registrado por Montoya em seu *Vocabulario*. O segundo, grafado <Cyra>, apresenta apagamento da obstruinte /d/ em *onset* complexo do grupo consonântico /dr/, motivada pelo fato de o guarani não apresentar encontro consonantal em seu sistema silábico. No terceiro exemplo, por sua vez, na grafia do hispanismo *cebolla* como <seboi>, a lateral palatal /ʎ/ é substituída por /y/, o que pode ter motivado também a apócope de /-a/ final. O quarto exemplo, por fim, a palavra *corral*, grafada <cora>, sugere a substituição da vibrante múltipla /r/, ausente no guarani, pela vibrante simples /r/, bem como a queda da consoante final.

constatar no seguinte exemplo do substantivo *misa*, incorporado como gu. *Omissabaè*, ou seja, ‘que dá missa’. O substantivo *misa* ‘missa’ é incorporado ao guarani como um verbo, daí resulta a combinação gua. *o-missa-baè* ‘que misseu/ que dá missa’, em que o nome espanhol, adquire, por um lado, o prefixo de 3ª p. de verbos ativos *o-* mais o sufixo nominalizador *-bae*, formador de atributo.

Um olhar sobre os processos de integração fonológica e morfossintática mostra que o leque de opções se amplia. No nível morfológico, observa-se a entrada do verbo sp. *averiguar*, combinado com o morfema formador de gerúndio *-bo* do guarani, como no exemplo do gua. *O-averigua-vo* ‘ele está averiguando’, combinação não constatada na fase anterior. O verbo do sp. *herrar*, por sua vez, é integrado combinando o prefixo de 3ª p. da voz ativa *o-* acompanhado do morfema da voz reflexiva *-ye*, resultando no gua. *o-ye-herra* ‘marcou-se’. O contexto em que é produzido, no entanto, sugere que o morfema *ye-*, como já mencionado, talvez apresente o sentido de voz passiva, expressada por meio do morfema reflexivo *-ye*. É o que mostra o seguinte excerto: “*Cobaèrupi oyeherra ramo oyehèhaba rehe oyehapĩbo*” ‘Com isso, estando todos misturados, são marcados com ferro quente’. Foneticamente, a grafia <*oyeherra*> sugere a conservação da forma [h] do espanhol arcaico (cf. MORÍNIGO, 1989).

Também se registram casos em que os substantivos são sufixados com o morfema prospectivo *-rãma* ~ *-rã*, como em gu. *asucarã* ‘futuro açúcar’, gu. *pleytorã* ‘futuro pleito’ e gu. *corre.orrãma* ‘futuro corregedor’. O sufixo *-rãma* expressa um estado ainda não alcançado como o de finalidade (CERNO, 2011, p. 184). Observando o contexto em que ocorrem essas formas, é possível constatar a presença de ambos os valores. A forma *asucarã*, que acontece no seguinte excerto gua. *ereñongatubaecue asucara môroti miri* ‘tens guardado [ingredientes] para fazer um pouco de açúcar branco’ expressa, com o sufixo *-rã*, um estágio ainda não atingido pelo ‘açúcar’. A forma *corr.orrãma*, empregada no excerto “*D.n Thomas Abacatu, Casique Principal hupigua yepe [n]dobaley ore Corr.orrãma*” ‘Embora Dom Thomas Abacatu seja o cacique principal, não nos serve/servirá para ser corregedor’, sinaliza-se que o sufixo *-ramã* expressa finalidade, e não um estágio ainda não realizado.

Ao lado de todos esses exemplos, também se constata a ocorrência de hibridismos como no exemplo do gua. *capayu* ‘capa amarela/soldado’ (CERNO, 2020, p. 22), cuja composição se dá a partir da junção da raiz hispana <*capa*> mais a raiz guarani <*yu*> ‘amarelo’. A entrada do lexema sp. *capataz*, por seu turno, realiza-se com a combinação do prefixo inativo de 3ª y- e do sufixo *-cuéra*, gu. *y-capataz-cuera* ‘seus capatazes’. Nesse

caso, o sufixo *-cuéra* – atualmente presente nas variedades do guarani paraguaio e do correntino – cumpre a função de pluralizador. Ao que tudo indica, essa função decorre do contato com a língua espanhola, visto que as línguas tupi-guarani pré-hispânicas não apresentavam flexão de plural. Apesar disso, o guarani antigo apresentava o morfema *-heta* ‘muitos’ com função de quantificador. Cerno (2020, p. 13), ao analisar esse fenômeno, manifesta que o sufixo plural *-cuéra* formou-se a partir do sufixo de aspecto nominal *-cuéra*, *-cue* em guarani antigo, que evoluiu em duas formas em guarani paraguaio e correntino, *-kue* para aspecto perfectivo e *-kuéra* especializou-se como pluralizador. Ao que tudo indica, na fase em questão, de 1780-1789, o sufixo *-cuera* parece estar já operando com essa nova funcionalidade, isto é, como pluralizador.

Nota-se o aumento da presença de classes gramaticais, que começou com uma pequena inserção na fase anterior. Aparecem a preposição *hasta*, as conjunções *ni* ‘nem’ e *porque*. A conjunção coordenativa *ni* aparece com 1 *token*, na carta 1789/San Joaquin, ao passo que a conjunção subordinativa *porque* apresenta dois *tokens*, com ocorrências distribuídas em cartas diferentes (1788/Sta. Maria de Fe/b e 1789/San Joaquin). A preposição *hasta*, por seu turno, apresenta um total de 3 *tokens* em uma mesma carta (1789/San Joaquin). Vale destacar que a preposição *hasta* coocorre com a forma nativa *pebe*, que em guarani é uma posposição. Não se pode dizer o mesmo quanto à ocorrência da conjunção coordenativa *ni* ‘nem’, tendo em vista que não havia um equivalente nativo para essa forma. A relação entre as orações coordenadas estabelecia-se por meio da justaposição, isto é, sem o emprego de conjunção e não existia uma conjunção negativa (DIETRICH, 2009, p. 14; CERNO, 2011, p. 216; KALLFELL, 2016, p. 249).⁷¹

O uso da conjunção subordinativa causal *porque*, cuja ocorrência acontece em contextos como no excerto “*Cobaè hupigua oroè anğa ndebe Señor porque nde ramo ererecoramo Cargo tubichaetebae ore opcatu rehe*” ‘Isto em verdade lhe dizemos, Senhor, *porque*, você, tem um cargo tão importante sobre todos nós’, introduz uma oração subordinada causal. A respeito desse empréstimo, Cerno (2011, p. 228) também comenta que essa função não existia em guarani antigo “*y que en la variedad del ‘guaranieté’*

⁷¹ A conjunção *y* já apresentou ocorrência na fase anterior, enquanto as demais são empregadas pela primeira vez. Poderia se dizer que a conjunção *y* à época já contava com um ‘equivalente’ *hae*, produto do contato com o espanhol, pois, como menciona Dietrich (2009, p. 14), a coordenação aditiva não é tradicional nas variedades do tupi-guarani. Desse modo, *hae*, com o valor de conjunção aditiva, apresentada por Montoya (2011 [1640]), deriva do demonstrativo de 3ª p. *ae*, que, por sua vez, assim como em tupi antigo, advém de um demonstrativo. Dietrich ainda indica que, nas variedades do guarani, aconteceu semelhante processo, apresentando todas elas uma conjunção aditiva derivada da 3ª p. em kaiowá *ha*, em mbyá *ha’e*, em guarani *chaqueño hare*. Em guarani paraguaio e correntino *ha* (CERNO, 2011, p. 216).

paraguayo se expresa con postposiciones locativas que indican contacto o fuente, como -re, -rehe, -rupi, -gui”. Essas conjunções constituem atualmente empréstimos integrados nas variedades do guarani, como o guarani paraguaio e o guarani correntino, com diferentes graus de integração fonética *pórke ~ póke ~ ke* (Ibid., p. 228). Situação análoga é observada no nheengatu – língua da mesma família linguística – que, em contato com o português, ao longo do tempo, também incorporou a conjunção coordenativa *mas* e a subordinativa *porque* (CÂNDIDO, CRUZ e OLIVEIRA, 1978, p. 96-97).

Em resumo, na presente fase há um aumento de elementos lexicais advindos da língua espanhola. Se bem predominam a classe dos substantivos como em fases anteriores, cabe destacar o aumento sensível do emprego de verbos, que alcançam um total de 6 *types* e 6 *tokens* respectivamente (*averiguar, herrar, escribir, ocupar, socorrer, valer*). Ainda entre os itens lexicais, ocorre 1 adjetivo (*bermejón*). O mais chamativo é que, na presente fase, começam a aumentar a entrada de empréstimos gramaticais, que atingem pelo menos duas classes, por um lado, a das conjunções, como a coordenativa negativa *ni* e a subordinativa *porque* e, por outro lado, a da preposição *hasta*. Cabe destacar que a preposição *hasta* possui equivalente em guarani, que é a posposição *pebe*. Em uma das ocorrências, inclusive, chama a atenção a coocorrência da forma hispana e da forma nativa numa mesma frase, o que sugere um uso pleonástico, como se pode observar no seguinte exemplo: *Hasta yayohecha yebĩ pebe* [grifo nosso] ‘até que nos voltemos a ver até’. O incremento de empréstimos gramaticais sinaliza, como se verá mais adiante, maior contato com a língua espanhola. Observa-se também o baixo indício de adaptação fonética, ao passo que os hispanismos incorporados apresentam combinações de integração morfossintática.

3.2.4 Cartas do período de 1790-1798

Para a década de 1790-1798, foram coletados apenas dois manuscritos de duas localidades diferentes, com uma diferença de quatro anos entre uma e outra. Os textos são, além disso, de gêneros diferentes. O documento de Caazapá/1790 é uma lista de cabildantes, enquanto o documento de Santísima Trinidad/1794 trata-se de uma carta. Cabe, portanto, salientar que a diferença de gêneros, num subcorpus pouco expressivo, pode, em certa medida, influenciar o resultado da análise. A seguir, apresenta-se a relação desses documentos e a presença de hispanismos:

Tabela 7: Entrada de hispanismos: fase 1790-1798

Documento	Palavras em guarani	Palavras em espanhol		Percentual de palavras em espanhol %		Total de palavras
		Tokens	Types	Tokens	Types	
1790/Caazapá	12	13	7	52%	37%	25
1794/Santísima Trinidad	245	19	11	7%	4%	263
Total	257	32	18	11%	7%	289

Fonte: elaboração nossa.

Os dois manuscritos apresentam um total de 289 palavras, das quais 257 *tokens* são em guarani, e 32 *tokens* em espanhol, aos quais correspondem 18 *types* hispânicos. O que mais chama a atenção, em termos quantitativos, diz respeito ao aumento significativo da presença de hispanismos, uma vez considerada a variável número de documentos. Comparado com a década anterior, da qual se recolheram oito documentos, o número reduzido de dois documentos faz pensar sobre as condições sócio-históricas para a escrituralidade em guarani. Uma hipótese pode ser o fato de que a geração, herdeira da tradição jesuíta, chegava ao fim, sem estar preparada uma nova geração de escreventes, que ao invés disso se encontrava ainda mais exposta à influência do espanhol. Essa influência se reflete igualmente no aumento considerável de *types*. Enquanto na fase anterior havia um total de 2% de *types*, no período de 1790 esse índice passa a um total de 7% de *types*. Esse aumento, como foi alertado, pode ter relação com o fato de o documento 1790/Caazapá pertencer ao gênero textual lista, apresentando um número considerável de léxico em espanhol, em especial de substantivos. Por se tratar de uma lista que apresenta a nomeação de novos cabildantes, é compreensível o aumento de substantivos em espanhol, tendo em vista que esses cargos e suas respectivas nomeações advém do mundo hispano.

A próxima tabela apresenta os hispanismos quanto a sua frequência de uso nos dois documentos analisados:

Tabela 8: Empréstimos em termos totais, no período de 1790-1798

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Alcalde, regidor, procurador, cabildo, Dios, rey, corregidor, cacique, jesuita, administrador, colegio, galpón, azúcar, trapiche,		Regidor (4), procurador (2), cabildo (2), Dios (2), rey (2), corregidor (3), cacique (2), colegio (2), azúcar (2), trapiche 2, caballo (2), alcalde

caballo, manso, primeramente, servir 18 <i>types</i>	(1), jesuita (1), administrador (1), galpón (1), manso (1), servir (1), primeramente (1) 18 <i>types</i> / 32 <i>tokens</i>
--	--

Fonte: elaboração nossa.

Nos dois documentos não se encontraram hispanismos com mais de cinco *tokens* que pudessem ser considerados como de uso frequente, o que é compreensível devido ao número reduzido de documentos disponíveis. Assim como em fases anteriores, os hispanismos compõem-se majoritariamente de substantivos: são 15 substantivos, um verbo (*servir*), um adjetivo (*manso*) e um advérbio (*primeiramente*) que, no caso, exerce a função de um conector discursivo. Não foi constatada a entrada de empréstimos gramaticais.

Foram poucos os casos de implicações fonéticas e morfossintáticas, nessa amostra. Chama a atenção a grafia dos hispanismos *caballo* e *azúcar*, empréstimos antigos, respectivamente como <*cabayu*> e <*asuca*>. A manutenção da adaptação fonética ao sistema do guarani registrada por Montoya quase três séculos antes, comprova a integração desses empréstimos ao guarani e, conseqüentemente, sua aquisição diageracional como elemento integrado. O mesmo, no entanto, não acontece no substantivo sp. *trapiche* ‘engenho’, onde também há um encontro consonantal /tr/, que, contudo, não sofre dissimilação, como seria de esperar na adaptação fonética ao guarani. Isso ocorre igualmente em relação ao substantivo sp. *galpón* ‘galpão’, grafado <*galpon*>, em que, portanto, não se evidencia graficamente a queda da consoante nasal /n/, além de se conservar a grafia da lateral alveolar /l/.

Ademais, repete-se a combinação de hispanismos com o pronome possessivo reflexivo de 3ª p. <*o-*>, como em gu. *o-cabayu* ‘seu próprio cavalo’. No entanto, no emprego do hispanismo *manso* acontecem junções morfológicas ainda não registradas no *corpus* em análise, em que se combinam morfemas de verbo ativo <*o-*>, de causativo direto *mbo-* (com bases orais) ~ *mo-* (com bases nasais) e de causativo indireto *-ka* ~ *-uka*. Vejamos como acontecem essas combinações a partir da incorporação do hispanismo *manso*: gu. *o-mo-manso-uca* ‘mandou fazer com que se torna-se manso’. Note-se que a base é formada pelo adjetivo *manso*, o que mostra que o guarani codifica uma qualidade (representada pelo adjetivo do espanhol) como um nome, uma vez que nessa língua não faz a distinção entre substantivo e adjetivo (ESTIGARRIBIA, 2021, p. 190). O prefixo ativo é seguido pelo causativo *-mo*, que tem por função formar um verbo transitivo a partir

de bases intransitivas (CERNO, 2011, p. 169). Vale lembrar que o morfema *mbo-* ~ *mo-* sempre vai antecedido do prefixo de 3ª p. de verbos ativos; no exemplo apresentado, temos o prefixo de 3ª p. *o-*. O morfema *-uca*, por sua vez, exerce a mesma função de *-mbo* ~ *-mo*, no entanto, sufixa-se a raízes transitivas (CERNO, 2011, p. 172). Ou seja, transforma verbos transitivos em ditransitivos e é introduzido um participante “extra”, que é o causador do evento original transitivo “[...] *en el cual el agente actúa sobre el paciente. Este causador es el objeto de verbo ditransitivo, marcado con un prefijo de la serie activa, mientras que el paciente aparece como un objeto directo y el agente como un objeto indirecto [...]*” (ESTIGARRIBIA, 2021, p. 199). Assim, na frase gu. *o-mo-manso-uca* ‘fez que alguém o amansasse’, há um intermediário que realiza a ação, cuja identidade não é revelada.

Nesta fase, a presença de hispanismos dá-se exclusivamente no nível do léxico. Apesar do predomínio dos substantivos, outras categorias também passam a ser atingidas, tendo ocorrência 1 verbo (*servir*), 1 adjetivo (*manso*) e 1 advérbio (*primeiramente*). Por fim, as ocorrências de hispanismos, nesta fase, não apresentaram indícios de incorporações fonéticas ou morfossintáticas.

3.2.5 Cartas do período de 1800-1809

Para a primeira década do século XIX, reuniram-se cinco manuscritos, advindos de seis localidades respectivamente. São elas as reduções de Itapúa, de Sta. Maria la Mayor, de San Javier, de Corpus, de Sta. Rosa de Lima e um dos manuscritos corresponde a um local não especificado na carta. Vale lembrar que, nos primeiros anos do séc. XIX, iniciam diferentes movimentos independentistas. Em 1810, o General Belgrado enviou suas proclamas em guarani às autoridades do Paraguai com a finalidade de obter a adesão da região ao governo de Buenos Aires (MELIÀ, 2011, p. 437). No ano seguinte, em 1811, o Paraguai declarou sua independência. Essa nova conjuntura acelerou a dissolução das missões. A tabela a seguir apresenta a relação dos documentos reunidos para a presente fase:

Tabela 9: Entrada de hispanismos: fase 1800-1809

Documento	Palavras em guarani	Palavras em espanhol		Percentual de palavras em espanhol %		Total de palavras
		<i>Tokens / Types</i>	<i>Types</i>	<i>Tokens / Types</i>	<i>Types</i>	
1800/Itapúa	45	2	2	4%	4%	47
1800/Sta. Maria la Mayor	106	4	3	4%	3%	110
1800/San Javier	127	13	8	11%	7%	140
1800/s.l./Damacio Guayaré	76	5	2	6%	3%	81
1806/Corpus	225	11	9	5%	4%	236
1808/Sta. Rosa de Lima	908	128	68	12%	7%	1036
Total	1487	163	80	10%	5%	1650

Fonte: elaboração nossa.

Os seis documentos totalizam 1650 palavras, das quais ocorrem 1487 *tokens* em guarani, 163 *tokens* em espanhol, aos quais correspondem 80 *types*. Em termos percentuais, têm-se assim 10% de *tokens* em espanhol; enquanto os *types* equivalem a 5%, o que já mostra uma elevação significativa em relação aos períodos anteriores. No que se refere à extensão dos documentos, chama atenção a grande disparidade entre uma carta e outra. O documento 1808/Sta. Rosa de Lima é o de maior extensão, pois apresenta um total de 1031 palavras, enquanto, entre os demais documentos, a maior extensão não passa de 266 palavras. O documento 1808/Sta. Rosa de Lima é, além disso, o que apresenta maior proporção de hispanismos, somando um total de 12% de *tokens* e 7% de *types*. No entanto, o documento 1800/San Javier, apesar de possuir uma extensão menor de palavras, em comparação à carta 1808/Sta. Rosa de Lima, apresenta o mesmo percentual de *types*, ou seja, 7%.

A tabela a seguir exibe a relação de hispanismos mais frequentes e ocasionais encontrados nos manuscritos desse período:

Tabela 10: Empréstimos em termos totais, no período de 1800-1809

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Libertar, vasallo, corregidor, Cabildo, alguacil, persona, Gracia, rey, cura, fraile, justicia, legra, Jesucristo, libre, vaca, capataz, mayordomo, propio, ganar, obligación, yegua, caballo, señor, almacén, tarea, estancia, grasa, sebo, hacienda gastar, diciembre, sacramento, Santísimo sacramento, lienzo, plata, trigo, atar, aprovechar, misa, pagar, unidades, vender, patrona, aguardiente, comino, pimienta, clavo, canela, chocolate, platero, gasto, carreta, tabla, cedro, español, diario, mula, licencia, maestro, sacristán, mes, ración, cargo, vez, tahonero, lechera, juramento, presentación, firma, dios, ni, pero, con eso, pesos, vara, vestido, para eso, cura santísimo, consumir, penar	Almacén (10), corregidor (9), ni (7), señor (6), cabildo (6), rey (5), mayordomo (6), libertar (5)	cura (4), justicia (3), Jesucristo (3), vaca (3), hacienda (3), gastar (3), estancia (3), atar (3), trigo (3), pagar (4), licencia (3), gracia (2), propio (2), caballo (2), plata (2), aprovechar (2), misa (2), patrona (2), gasto (2), maestro (2), sacristán (2), ración (2), pero (2) alguacil (1), vasallo (1), persona (1), fraile (1), legra (1), libre (1), capataz (1), ganar (1), obligación (1), yegua (1), tarea (1), grasa (1), sebo (1), diciembre (1), sacramento (1), santísimo sacramento (1), lienzo (1), unidad (1), vender (1), aguardiente (1), comino (1), pimienta (1), clavo (1), canela (1), chocolate (1), platero (1), carreta (1), tabla (1), cedro (1), español (1), diario (1), mula (1), mes (1), cargo (1), vez (1), tahonero (1), lechera (1), juramento (1), presentación (1), firma (1), Dios (1), pesos (1), vestido (1), con eso (1) para eso (1), cura santísimo (1), consumir (1), penar (1), vara (1)
80 types	54 tokens / 8 types	109 tokens / 72 types

Fonte: elaboração nossa.

Dentre os 80 *types* levantados, oito *types* estão entre os de uso mais frequente e 72 entre os de uso ocasional ou menos frequente. Dentre os empréstimos de uso mais frequente registrados nos documentos desse período, destacam-se 6 substantivos, a saber *almacén* (com 10 ocorrências), *corregidor* (9 ocorrências), *señor* e *cabildo* (com 6 ocorrências cada um), bem como *mayordomo* (6 ocorrências). Também chama a atenção o uso do verbo *libertar* (com 5 ocorrências) e da conjunção *ni*, a qual aparece com 7 ocorrências. Até a fase anterior, os substantivos mais recorrentes alternavam-se entre *rey*, *corregidor* ou *señor*. Nesta fase, entretanto, o substantivo mais recorrente é *almacén*. Também vale destacar que é a primeira vez que um empréstimo gramatical, no caso a conjunção *ni*, ocupa a coluna dos empréstimos mais frequentes.

A lista de hispanismos menos frequentes inclui 60 substantivos, a saber: *cura, justicia, Jesucristo, vaca, hacienda, estancia, trigo, licencia, gracia, propio, caballo, plata, misa, patrona, gasto, maestro, sacristán, ración, alguacil, vasallo, persona, fraile, legra, libre, capataz, obligación, yegua, tarea, grasa, sebo, diciembre, sacramento, santísimo sacramento, liezo, unidad, aguardiente, comino, pimienta, clavo, canela, chocolate, platero, carreta, tabla, cedro, español, diario, mula, mes, cargo, vez, tahonero, lechera, juramento, presentación, firma, Dios, pesos, vara, vestido*. Observações sobre os campos semânticos atingidos faremos mais à frente, embora já se possa constatar que a maior parte desses hispanismos está vinculada aos campos semânticos da economia, da gastronomia e das relações sociais (profissões).

Aparecem, na coluna dos empréstimos ocasionais, oito verbos (*gastar, pagar, vender, ganar, aprovechar, atar, consumir, penar*), 1 adjetivo (*propio*) e 3 conjunções (*ni, pero e para eso*), além de 1 conector discursivo (*con eso*). Observa-se um aumento gradativo do número de verbos, que, nas fases anteriores, chegava ao máximo de 6 *types*. Nesta fase, no entanto, aumentam sua presença, apresentando um total de 9 *types*, com um total de 21 *tokens*. A maioria deles relacionados ao campo semântico da economia (*libertar, gastar, pagar, vender, ganar, aprovechar, atar, consumir, penar*). Destaca-se o emprego de 1 *type-token* do adjetivo (*propio*), de 3 *types* de conjunções (*ni, pero e para eso*), sendo que *ni* apresenta um total de 7 *tokens*, *pero* 2 *tokens* e *para eso* 1 *token* e, por fim, 1 *type-token* do conector discursivo *con eso*.

Quanto a indícios de adaptação fonética, chama a atenção o emprego do hispanismo *caballo* grafado <*cavayu*>, o que indica tratar-se de empréstimo antigo.

3.2.6 Cartas do período 1810-1831

Na fase 1810-1831 acontece a independência da região da Coroa Espanhola. O Paraguai foi o primeiro país latino-americano a declarar sua independência, em 1811. O primeiro documento dessa fase data de 1813. Como foi explicitado, tendo em vista a escassez de documentos a partir de 1810, reuniram-se os manuscritos remanescentes dessa fase até as décadas imediatamente posteriores, em um mesmo bloco. Assim, essa fase engloba os registros que chegam até o último documento redigido em guarani reducional (1831/Bella Unión).

Tabela 11: Entrada de hispanismos, na fase 1810-1831

Documento	Palavras em guarani	Palavras em espanhol		Percentual de palavras em espanhol %		Total de palavras
		Tokens	Types	Tokens	Types	
1813/Candelaria	322	51	33	13%	9%	373
1813/Buenos Aires	129	9	5	4%	4%	138
1821/Loreto	51	14	10	19%	15%	65
1827/Corrientes	120	29	24	19%	16%	149
1831/Bella Unión	153	10	10	6%	6%	163
Total	775	113	75	12%	9%	888

Fonte: elaboração nossa.

Como é possível constatar na tabela, reuniu-se um total de cinco documentos, sendo que dois deles correspondem ao ano de 1813, um ao ano de 1821, o penúltimo ao ano de 1827 e o último documento ao ano de 1831. Cabe acrescentar que cada um desses documentos provém de um local diferente, a saber: Candelaria, Buenos Aires, Loreto, Corrientes e Bella Unión.

No total, foram registrados nos documentos desse período 883 palavras, envolvendo 775 *tokens* em guarani e 113 *tokens* em espanhol e 75 *types*. Em percentuais, esses números equivalem a 12% de *tokens* em espanhol, o que proporcionalmente confirma a tendência de crescimento do uso de hispanismos já observada na fase anterior, quando se registraram 10% de *tokens* em espanhol. Em termos de *types*, esses números se equivalem com 9% das ocorrências. Na comparação entre os manuscritos, os que apresentaram maior percentual de hispanismos foram 1821/Loreto e 1827/Corrientes, ambos com 19% de *tokens* em espanhol. A tabela a seguir reúne os hispanismos de uso mais frequente e menos frequente, levantados nos documentos dessa fase:

Tabela 12: Empréstimos em termos totais, no período 1810-1831

Empréstimos	Frequentes	Ocasionais
Presentación, justicia, favor Comandante, don, licencia Capitán, cepo, llave, uniforme Recibir, prisión, maltratar, oficial, soldado, convidar Sable, testimonio, castigar, orden, servir, rey, patria, ordenanza, obligación, respeto	Justicia (5)	Comandante (4), capitán (4), oficial (4), soldado (4), ni (4), hermano (4), don (3), cepo (3), castigar (3), porque (3), favor (2), servir (2), obligación (2), compañero (2), paisano (2), voto (2), cuartel (2), presentación (1), licencia (1), llave (1), uniforme (1), recibir (1), prisión (1), maltratar (1),

Retiro, servicio, remediar, gracia, porque, tributo, encomienda, presidente, ni carta oficio, compañero, campamento, costa, familia noticia, alguno, humildemente, circular, paisano, culpa, hermano, revolución, padecimiento, voto amparo, indefenso, provincia, subalterno, perseguir, amenazar, interés, regalo, desorden, escándalo, robo Dios, publicar, cacique cabildo, don, evangelio ejército, norte viaje, amigo, firmar cuartel, instrumento, ni uno		convidar (1), sable (1), testimonio (1), orden (1), rey (1), patria (1), ordenanza (1), instrumento (1), respeto (1), retiro (1), servicio (1), remediar (1), gracia (1), tributo (1), encomienda (1), presidente (1), carta oficio (1), campamento (1), costa (1), familia (1), noticia (1), alguno (1), rápidamente (1), circular (1), culpa (1), revolución (1), padecimiento (1), amparo (1), vicio (1), indefenso (1), provincia (1), subalterno (1), perseguir (1), amenazar (1), interés (1), regalo (1), desorden (1), escándalo (1), robo (1), Dios (1), publicar (1), cacique (1), cabildo (1), evangelio (1), ejército (1), norte (1), viaje (1), amigo (1), firmar (1), ni uno (1), humildemente (1)
75 types	Tokens 5 / Types 1	Tokens 108 / Types 74

Fonte: elaboração nossa.

Dentre os 75 *types*, somente um substantivo enquadra-se entre os hispanismos de uso mais frequente, a saber *justicia* (com cinco *tokens*). Os demais *types* não superam 4 *tokens*. São identificados, nos dados do período analisado, 58 substantivos: *comandante, capitán, oficial, soldado, hermano, don, cepo, favor, obligación, compañero, paisano, voto, cuartel, presentación, licencia, llave, uniforme, prisión, sable, testimonio, orden, rey, patria, ordenanza, instrumento, respeto, retiro, servicio, gracia, tributo, encomienda, presidente, carta oficio, campamento, costa, familia, noticia, circular, culpa, revolución, padecimiento, amparo, vicio, provincia, subalterno, interés, regalo, desorden, escándalo, robo, Dios, cacique, cabildo, evangelio, ejército, norte, viaje, amigo*. A grande maioria desses empréstimos já foi registrada em fases anteriores; sua recorrência mostra, portanto, que se trata de empréstimos integrados (*Integrata*) de uso já consolidado.

Paralelamente, foram levantados nos documentos desse período 10 verbos (*castigar, servir, recibir, maltratar, convidar, remediar, amenazar, perseguir, publicar, firmar*), 2 advérbios (*rapidamente* e *humildemente*), 1 adjetivo (*indefenso*), 2 pronomes (*alguno* e *ni uno*), e 2 conjunções (*ni* e *porque*), conforme observado em fases anteriores. Chama especial atenção o aumento significativo do número de verbos (equivalente a 10 *types*, nesta fase), e que, na fase anterior, havia chegado a um máximo de 7 *types*. O número de adjetivos mantém-se. Nesse caso, no entanto, é preciso ponderar que, embora *alguno* se classifique como um adjetivo, no contexto da carta, exerce a função de um

pronome. Em relação às conjunções levantadas, cabe a ressalva de que 4 *tokens* da conjunção *ni* ‘nem’ são provenientes de um mesmo manuscrito (1813/Buenos Aires).

De modo geral, observam-se nessa fase comparativamente menos indícios de adaptação fonética, apesar de se manterem algumas adaptações já constatadas em fases anteriores. Como assinalado anteriormente, apresentam-se indícios da possível assimilação regressiva do fonema nasal /n/, como no caso do substantivo *capitán*, grafado <capitâ>. É possível que essa realização tenha sido motivada pelo fato de o guarani não apresentar consoante em posição final de palavra, ou de o escrevente ter se baseado em um modelo de grafia já consolidado. Como exemplo novo têm-se, entretanto, os hispanismos *prisión* ‘prisão’ e *recibir* ‘receber’.

O primeiro exemplo é grafado como <plicion>, o que mostra que a vibrante /r/ é substituída pela lateral alveolar /l/. O notável é que, embora o guarani possua a vibrante /r/, optou-se pela lateral /l/, corrente no espanhol. O processo de lambdacismo evidenciado no exemplo pode ter sido motivado, por um lado, pelo fato de o guarani não apresentar encontro consonantal, o que pode ter dificultado a distinção, pelo falante de guarani, das sequências /pl/ e /pr/. Por outro lado, a troca do /r/ pelo /l/ pode ter sido motivada pela aproximação de ambos os fonemas.

O segundo exemplo é do verbo *recibir*, que aparece grafado <arrecibi>, ou seja, com acréscimo do prefixo da 1ª p. ativa <a->. No entanto, o que chama a atenção é a vibrante alveolar/múltipla /r/ em *onset* silábico; sua grafia, em posição inicial de palavra é <r->, ou seja <recibir>, mas aparece duplicada <rr>. Quer dizer, há uma marcação gráfica da vibrante múltipla alveolar com um duplo <rr>, fonema ausente em guarani. Essa grafia pode sinalizar uma possível presença da vibrante em posição intervocálica, o que evidenciaria uma consciência maior, por parte do escrevente, da existência desse fonema com sendo associado à língua espanhola. Um exemplo semelhante pode ser encontrado na grafia <caballu>, em que o fonema /λ/ do espanhol é marcado graficamente com a duplicação do <ll> (MORÍNIGO, 1989).

No nível morfossintático, destaca-se a grafia do hispanismo *convidar* <acombidamibaecue>, em que o verbo sp. *convidar* é combinado com três morfemas mais uma partícula do guarani. Inicialmente, tem-se o prefixo de verbos ativos de 1ª p. sg. <a-> gua. *a-convida* ‘convido’, seguido da partícula <-mi> gua. *a-convida-mi*, que tem como função atenuar afetivamente o sentido do verbo, isto é, para ser entendido como um pedido afetivo, polido. O acréscimo do morfema gua. *-baecue*, em guarani paraguaio *va'ekue*, derivado da junção do atributivo *-bae*, em guarani antigo, e *-va* em guarani

moderno, mais o sufixo nominal perfectivo *kue* (DIETRICH, 2010b, p. 71), traz consigo a ideia de passado, significando, desse modo, gua. *a-convida-mi-baecue* ‘fui eu quem convidou/fez o convite’. Diferente de *-baecue*, no exemplo do gu. *orecastigabaera*, o hispanismo *castigar* é combinado com o sufixo *-baerã*, formado a partir entre união o atributivo *-bae* e o sufixo nominal de aspecto prospectivo *-rã*. Por fim, o prefixo *ore-*, marca pessoal pertencente ao paradigma inativo, ora determina um nome, ora forma predicados nominais. Traduzindo, tem-se assim para gu. *ore-castiga-baerã* o significado de ‘somos os que seremos castigados/nos castigarão’.⁷²

Para finalizar a análise particularizada dos empréstimos do espanhol nos manuscritos em guarani, das diferentes fases em que se dividiu o *corpus* desta tese, vejamos as principais conclusões e tendências que se pode identificar.

3.2.7 Síntese da análise diacrônica: tendência no período

Ao todo, foram reunidos 54 documentos, agrupados em seis fases. A primeira delas abarca apenas dois anos 1768 e 1769, período em que ocorreu a expulsão dos jesuítas. Trata-se, portanto, da fase de transição formal da prática de escrita sob a tutela dos padres para uma “escrituralidade emancipada”. A grande produtividade de cartas nesse período pode estar refletida no número de manuscritos reunido, ao todo 22 cartas.

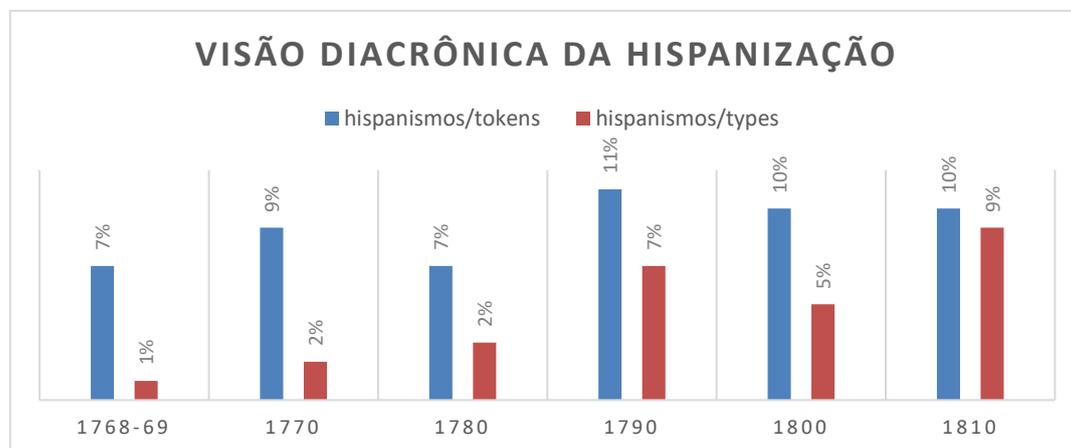
A segunda fase abarca a década de 1770-1779, para a qual foram reunidos sete documentos. A terceira fase abarca a década de 1780-1789 e se compõe de 11 documentos. A quarta fase, que abrange a década de 1790-1799, no entanto, apresentou apenas dois documentos. A quinta fase abarca a primeira década de 1800-1809, que está formada por cinco documentos. Por fim, a sexta fase, ampliada para o período de 1810-1831, reúne apenas seis documentos dos anos finais, que se estende até 1831, em virtude da crescente escassez de dados.

De modo geral, enquanto a produção de manuscritos em guarani diminui, ao menos considerando o que sobreviveu como documento até hoje, aumenta inversamente – pode-se concluir – a presença de hispanismos nesses manuscritos. O seguinte gráfico

⁷² O guarani, assim como outras línguas da família linguística tupi-guarani, possui uma distinção entre pronomes inclusivos e excludentes na 1ª p. do plural. No caso, para o paradigma ativo, a distinção está entre *ja-* ~ *ña-* (inclusivo) e *ro-* (excludente), para o paradigma inativo *ñande-* ~ *ñane-* (inclusivo) e *ore-* (excludente).

synthetiza, em uma visão diacrônica, a entrada de hispanismos em termos de *tokens* e de *types*, em cada uma das seis fases em que se dividiu o *corpus*:

Gráfico 2: Presença de hispanismos numa perspectiva diacrônica



Fonte: elaboração nossa.

A tabela aponta um aumento gradual da entrada de hispanismos. O gráfico mostra que, em 1768-1769, os hispanismos em *types* representam apenas 1% dos dados, enquanto os *tokens* sobem para 7%, o que sugere, por um lado, a baixa ocorrência de formas do espanhol e alta repetição de algumas formas. Por outro lado, a recorrência dessas formas, de um período a outro, pode sinalizar um uso coletivizado desses hispanismos. Porém, fica a pergunta sobre quanto desses hispanismos representam formas que efetivamente substituem guaranismos, isto é, em que o guarani já dispunha de um equivalente próprio? Nas fases seguintes, por outro lado, a presença de hispanismos vai aumentando gradativamente tanto em termos de *tokens* e de *types*, até a última fase, 1810-1831, quando, apesar da escassez de fontes, a presença do espanhol em termos de *types* sobe para 9% e, em termos de *tokens*, para 12%. A maior quantidade de *tokens* em relação a *types* pode sinalizar o predomínio de termos relacionados a determinados campos semânticos, o que será visto na seção 3.3.3. Não obstante, o aumento sensível de hispanismos, nessa fase, precisa ser visto com cautela, tendo em vista a peculiaridade de um dos documentos (1827/Corrientes), que apresenta alto influxo de hispanismos.

Por outro lado, o gráfico 2 indica uma possível divisão entre duas gerações: a primeira formada pelos escreventes herdeiros da tradição jesuíta, que possivelmente estendem sua atuação pelas três primeiras fases 1768/1769, 1770-1779 a 1780-1789; a segunda geração, que, por sua vez, abarca as últimas décadas 1790-1799, 1800-1809 até

1810-1831, e engloba escreventes que, de certo modo, se formaram à mercê de uma preparação “escritural” mais sistemática em guarani, dada a ausência de uma gestão programada dessa língua – que, pelo contrário, sofreu a imposição e expansão do espanhol, por parte da política linguística dos governantes que se sucederam nesse período:

Tabela 13: Perfil geracional dos escreventes e situação de contato

PRIMEIRA GERAÇÃO			SEGUNDA GERAÇÃO		
Menor influxo de hispanismos			Maior influxo de hispanismos		
Contato menos intenso			Contato um pouco mais intenso		
Formação “escritural” em guarani de influência jesuíta			Ausência de gestor central na formação “escritural” em guarani		
1768-1769	1770-1779	1780-1789	1790-1799	1800-1809	1810-1831
Domínio da presença e competência em guarani			Presença crescente do espanhol com medidas políticas de controle do Estado		

Fonte: elaboração nossa.

A primeira geração caracteriza-se, portanto, por escreventes que receberam uma formação direta dos jesuítas e que continuaram exercendo sua influência, possivelmente, durante duas décadas, isto é, até 1780, após a expulsão dos membros da Companhia de Jesus (1768/1769). Essa etapa demonstra um índice menor de hispanismos, mesmo considerando a política linguística adotada pelo Rei Carlos III, em 1770, que tornou obrigatório o uso do espanhol em todos os domínios da Coroa. Nas três primeiras décadas, portanto, os textos são mais monolíngues. Pressupõe-se que as atitudes linguísticas da primeira geração teriam estado mais influenciadas pela tradição jesuítica, o que explicaria o baixo influxo de hispanismos nos textos. Também é provável que o nível de contato com a sociedade civil tenha sido menor nas primeiras três décadas, o que indicaria que as competências linguísticas em espanhol ainda estivessem em estado incipiente. Esse fator poderia explicar a ausência de empréstimos gramaticais nas primeiras duas fases (1768-69, 1770-1779), uma vez que os primeiros registros do emprego de palavras gramaticais ocorrem somente a partir de 1788, ou seja, nos últimos anos da última década correspondente aos escreventes da primeira geração. Poder-se-ia, nesse sentido, inferir que a fase de 1780-1789 marca a transição de uma geração mais conservadora para uma menos conservadora. Essa hipótese evidentemente carece de mais estudos que ampliem

também a fonte de dados. Não obstante, é um ponto de partida para entender o processo de hispanização do guarani, objetivo central desta tese.

A segunda geração de escreventes, pode-se supor que teve sua atuação nas últimas três fases. É de esperar que essa produção escrita esteja em mãos de uma nova geração possivelmente nascida após 1768, que, de um lado, não teve o suporte direto dos jesuítas e nem desfrutou do mesmo acesso aos dispositivos de normatização da língua guarani. De outro lado, as reduções estiveram cada vez mais condicionadas às mudanças sociopolíticas da região, como no caso dos processos de independência e das políticas que motivaram um maior contato entre a comunidade linguística das reduções jesuíticas com a comunidade linguística da sociedade civil/*criolla*. Esses condicionadores externos, aliados aos resultados quantitativos descritos até aqui, apontam que os escreventes deviam estar cada vez mais expostos à língua espanhola.

Esses aspectos podem ser lidos, sob o prisma da ampliação da competência linguística em espanhol, por parte dos escreventes em guarani, e conseqüentemente de um bilinguismo cada vez mais difundido. Essa competência bilíngue certamente ampliou-se tanto no meio oral quanto no escrito, o que pode ser lido como um fator que poderia influenciar na funcionalidade que os falantes darão a essas línguas.

Concluindo, cabe acrescentar que a entrada de hispanismos, como mostrou a análise quantitativa de sua ocorrência nas diferentes fases entre 1768 e 1831, coloca em contato dois sistemas linguísticos e duas culturas distintas. A classe de palavras que se sobressai na incorporação dos hispanismos ao guarani dos escreventes é a dos substantivos. Esse resultado corrobora o que outros estudos já apontavam (GÓMEZ-RENDON, 2008; CERNO, 2011). Segue-se, na ordem: substantivo > verbos > adjetivos > advérbios. A descrição prévia dos processos de incorporação de material linguístico (MAT) do espanhol para o guarani, em cada fase, mostrou uma série de adaptações fonéticas e morfossintáticas que retomamos na sequência, em uma perspectiva mais intralinguística.

3.3 ANÁLISE DIACRÔNICA DOS FENÔMENOS DE CONTATO

Esta seção propõe uma análise da hispanização do guarani do ponto de vista intralinguístico, abordando os níveis atingidos: fonético, lexical e gramatical.

3.3.1 Processos de adaptação fonética

A hispanização do guarani introduziu uma série de fonemas inexistentes na língua nativa (cf. MORINIGO, 1989; THUN, 2008, CERNO, 2011; GÓMEZ-RENDÓN, 2008). Nesse ponto, vemos a necessidade de distinguir entre dois processos linguísticos: de um lado, a *integração fonológica* que ocorre em estágios mais avançados de competência nas duas línguas em contato, em que o indivíduo empresta determinado fonema que inexistente em sua língua ou o integra no sistema fonológico. Ou seja, como bem lembrava Weinreich (1963, p. 67) “[...] *si el hablante es bilingue, éste trata de reproducir el morfema prestado con sus sonidos originales* [...]”. Esse processo, desse modo, ocorre em estágios mais avançados de bilinguismo, porque pressupõe a competência para realizar determinado fonema. De outro lado, é preciso distinguir a *adaptação fonética* como um processo de “ajuste da pronúncia” de um fonema que inexistente na língua receptora e que por isso é realizado com uma pronúncia próxima já conhecida, e por essa razão adaptada. Nesse sentido, Weinreich (1963, p. 67) também afirmava que um falante monolíngue “[...] *más bien ‘obligará’ a los préstamos adaptarse a los patrones fonológico y fonético nativos*”.

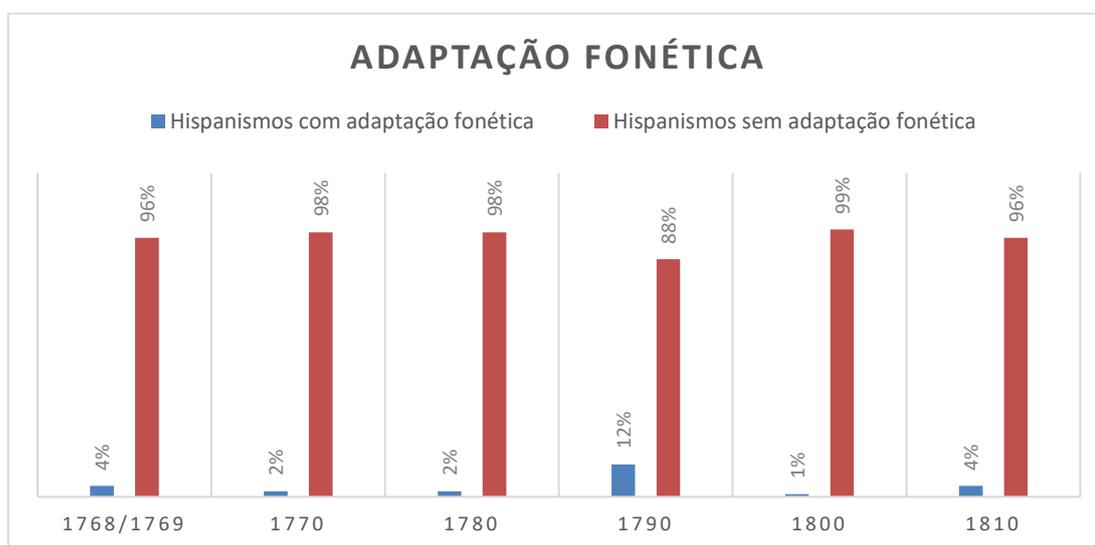
Nas cartas manuscritas analisadas neste estudo, enfocamos, por meio da grafia, indícios, sobretudo, de processos de adaptação fonética. Para exemplificar essa distinção entre integração fonológica e adaptação fonética, analisemos o empréstimo, já mencionado anteriormente, do sp. *caballo*, grafado nas cartas <cabayu>. Como /λ/ está ausente em guarani, é possível que o grafema <y> em lugar de <ll> sinalize a deslateralização para [j], corrente no guarani. Tampouco se poderia desconsiderar a hipótese de que se trataria de um “*yeísmo temprano*”, como já o cogitava Thun (2008b, p. 160). Tem-se nesse exemplo, portanto, uma adaptação fonética que se vale de uma pronúncia do guarani no lugar da pronúncia da língua-fonte, ou seja, [ka'βaɭo] > [kava'ɭu]. Quando Montoya grafou sp. *caballo*, em seu *Tesoro*, o fez usando o grafema <y>, portanto <cabayu>, o que indica que à época <cabayu> já devia ser de uso coletivo.

Casos de integração fonológica, por sua vez, podem ser exemplificados com empréstimos gramaticais como *la* e *lo* ou empréstimos lexicais como *lembu* ‘besouro’, em que a lateral /l/, fonema que não existia em guaraní, já aparece integrada ao sistema fonológico do guarani.

Nesse sentido, ao estudar a introdução de elementos hispanos no guarani, nos inícios da colonização, Morinigo (1989, pág. 88) afirma que a articulação de novos fonemas – como /λ/, /r/, /x/, /f/ – fez-se possível com o aumento paulatino do bilinguismo. Semelhante fenômeno foi constatado por Gómez Rendón (2008, p. 353), que, ao analisar os empréstimos das conjunções, observou que nenhuma alteração fonética havia sido realizada.

Assim, como no exemplo dado, pode-se elencar outros processos observados na análise do *corpus*. O seguinte gráfico apresenta um panorama geral da representatividade de empréstimos com adaptação fonética, em contraste com empréstimos que não sofrem adaptação fonética:

Gráfico 3: Adaptação fonética na integração de empréstimos do espanhol no guarani



Fonte: elaboração nossa.

Como se observa no gráfico, os indícios de adaptação fonética diminuem no decorrer das fases. Contudo, a fase de 1790 precisa ser lida com cautela, uma vez que o número de documentos apresenta um desequilíbrio em comparação às demais fases. O mesmo acontece com a última fase, 1810-1831, tendo em vista que, devido à escassez de manuscritos, reuniram-se cinco documentos em um período que abrange duas décadas. Há, dessa maneira, uma relação inversamente proporcional entre a presença de hispanismos e a marcação gráfica de adaptações fonéticas. Isto é, à medida que o uso de hispanismos se intensifica, como demonstrado na seção anterior (cf. tabela 14), a marcação gráfica de adaptações fonéticas diminui. Isso pode-se explicar certamente pelo

aumento da competência em espanhol, que muito possivelmente passa a estar mais presente nas reduções.

A seguinte tabela apresenta os principais fenômenos de adaptação fonética encontrados, com seus respectivos exemplos, seguidos de algumas interpretações sobre os condicionadores internos que poderiam ter motivado as grafias:

Tabela 14: Processos de adaptação fonética

Fenômeno	1768/69	1770	1780	1790	1800	1810
Queda de consoantes em posição final de palavra			Asuca	asuca		capitâ
Nasalização regressiva	capitâ	capitâ				
Eliminação de grupos consonantais	Curusu	Curusu	cyra			
Rotacismo	Alcarde					
Lambdacismo						Plicion
Substituição da lateral palatal	Cavayu		Seboi	cabayu	cavayu	

Fonte: elaboração nossa.

Os principais processos de adaptação fonética observados nos dados são a queda de consoantes em posição final de palavra, a nasalização regressiva, a eliminação de grupos consonantais, rotacismo, lambdacismo, dentre outras marcações gráficas que podem sinalizar dúvidas entre um fonema ou outro.

Um exemplo de queda da consoante em posição final de palavra é o sp. *azúcar* > gua. *asuca*. Esse processo, conforme visto na seção anterior, é motivado pela ausência de consoante em posição final de palavra, na língua guarani. No exemplo dado, além da apócope da consoante, também a sílaba tônica muda, tornando a paroxítona da língua-fonte em uma oxítone, como mostra o uso do acento nasal (^). Quando Restivo (1893 [1722], p. 33) registra essa palavra, observa: “*dicen tambien açucá*”, ou seja, indica que a palavra já tinha passado por uma mudança de tonicidade para se adaptar ao sistema do guarani. A tendência da mudança da sílaba tônica nos empréstimos também é constatada no guarani paraguaio atual (cf. MORÍNIGO, 1989), incluindo os exemplos citados na

tabela acima. Também há casos em que a sílaba postônica dos empréstimos é cortada, tal como no caso do sp. *almohada* ‘travesseiro’ [almoh'ada] > [armo'xa] (Ibid., p. 278).

Embora apareça somente um caso de nasalização regressiva, na grafia de sp. *capitán* <capitâ>, com ocorrência na primeira fase (1768/69), na segunda (1770) e na última fase analisada (1810), essa tendência se evidencia também em outros empréstimos do espanhol. Dentre os casos levantados pelo mesmo Morínigo (1989), cita-se o exemplo de *pelón* ‘calvo’, que em guarani paraguaio realiza-se como [pe'rõ]. Ainda cabe salientar que o hispanismo *capitán* ocorre com bastante frequência; de um total de 15 *tokens*, 10 *tokens* apresentam a grafia <capitâ>, enquanto 5 *tokens* conservam na grafia a nasal final <capitan>. Ou seja, a maior parte das ocorrências apresenta marcação gráfica que indica a nasalização regressiva.

Outro processo comumente observado é o da eliminação de grupos consonantais, seja por meio de epêntese vocálica como por exemplo no empréstimo de sp. *cruz* > *curusu*, seja pelo apagamento de um segmento consonantal como em sp. *sidra* > *cyra*. Citem-se ainda os casos de rotacismo e de lambdacismo nas grafias de palavras como sp. *alcalde* ‘prefeito’ > *alcarde* e sp. *prisión* ‘prisão’, grafado como <plicion>, motivado possivelmente pela ausência da lateral, em guarani.

Apesar de o *corpus* ancorar-se exclusivamente em produções do meio gráfico (cf. KOCH; OESTERREICHER, 2013), relacionadas à esfera pública – o que de fato o torna mais próximo à linguagem da distância – é possível encontrar nele indícios de adaptações fonéticas. A tabela sugere um número reduzido de palavras com indícios de adaptações, o que não implica, contudo, que, na oralidade, o restante ou parte dos hispanismos presentes no *corpus* não tenham sido realizados com adaptações fonéticas. O baixo índice de grafia com indícios de adaptação fonética pode ser interpretado como resultado da familiaridade com a escrita mais frequente de determinadas formas. Note-se que os hispanismos mais recorrentes (*cabildo*, *corregidor*, *gobernador*, *rey*, *cacique*, *señor*) não apresentam desvios ortográficos. É provável que os escreventes estivessem familiarizados com essas formas por serem de uso tradicional e talvez até dispusessem de modelos de escrita, uma vez que denominavam posições hierárquicas e faziam parte de um estilo formal. Nesse mesmo sentido, a tabela 14 acima sugere que dos 10 *types*, apenas 3 estão relacionados ao campo semântico das relações hierárquicas, 2 estão relacionados ao campo semântico da justiça, e o restante distribui-se entre os campos semânticos da fauna e da gastronomia.

Dessa distribuição decorrem os seguintes questionamentos: é possível haver uma relação entre campos semânticos e a adaptação fonética? Isto é, os lexemas do espanhol que se encontram à margem do campo semântico relacionado a posições hierárquicas e, portanto, vinculados a situações de baixa formalidade poderiam apresentar grafias fonéticas? Por outro lado, é possível que a familiaridade com a escrita de determinadas formas tenha influenciado uma escrita mais adequada aos padrões do espanhol? Nesse sentido, é preciso considerar que, de todos os hispanismos que ingressam no guarani, nos manuscritos analisados, é preciso prever uma parcela que ingressa via texto escrito, isto é, que se baseia em uma determinada referência escrita/grafemática.

Por outro lado, há que considerar que nem todos os desvios ortográficos sugerem adaptações fonéticas, uma vez que, nos textos analisados, muitas vezes, se verifica uma oscilação na escrita dos grafemas de uma mesma palavra. É compreensível que os escreventes das reduções apresentassem certa variação em seus escritos, mesmo porque, à época, também a língua espanhola ainda apresentava práticas e posições de standardização divergentes, ao longo de sua história.⁷³ Tomando como exemplo a palavra *almacén* – hispanismo de origem árabe – em nosso *corpus* é grafado ora como <almacen>, ora como <almasen>. Isso não deve causar estranheza, já que, à época, essa palavra sequer constava nos dicionários da língua espanhola (COVARRUBIAS, 1611 e DICCIONARIO DE AUTORIDADES, 1726-1739).

No entanto, os hispanismos antigos, integrados ao guarani, inclusive mencionados nas obras lexicográficas dos jesuítas, apresentam variações em alguns grafemas. Observa-se que, especialmente a partir de 1800, aparecem algumas oscilações ortográficas. Escreve-se <cavayu> em lugar de <cabayu>, <rei> em lugar de <rey> conforme a tradição jesuíta. A <ç> abre lugar para o <s> como em <asuca>, introduz-se a <z> como possível substitua da <ç>, segundo Cerno (2020), com a ausência dos jesuítas, passaria a remeter à língua portuguesa. É característica, nesse caso, a perda dos diacríticos com distinção funcional (Ibid., 2020).

⁷³ A primeira gramática da língua castelhana foi escrita por Antonio de Nebrija e publicada em 1492 e o primeiro dicionário *El Tesoro de la lengua castellana* foi publicado somente em 1611 por Sebastián de Covarrubias. É curioso que menos de 30 anos depois, em solo americano, Antonio Ruiz de Montoya publicava o primeiro dicionário do guarani, o *Tesoro de la lengua guaraní*. Em 1714 foi fundada a Real Academia Española e sob sua tutela, somente em 1726, foi publicado o primeiro volume do *Diccionario de Autoridades*.

3.3.2 Classes de palavras ou categorias

Conforme discutido no segundo capítulo, entende-se por empréstimos lexicais aquelas categorias que fazem parte do inventário aberto da língua, que inclui os substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. Os empréstimos gramaticais, por sua vez, fazem parte do inventário fechado, que engloba, por exemplo, os artigos, as conjunções, os pronomes e os conectores discursivos. A tabela a seguir apresenta o quadro geral da proporcionalidade de ocorrências, em *tokens*, de empréstimos lexicais e gramaticais em cada fase das cartas analisadas. Vale observar que, para a fase de 1790, conta-se com um número reduzido de cartas no *corpus*, o que pode explicar algum tipo de desequilíbrio nos resultados:⁷⁴

Tabela 15: Empréstimos lexicais e gramaticais em *tokens*

	1768-69		1770		1780		1790		1800		1810-31	
Lexical	292	100%	321	99%	214	97%	32	100%	152	93%	104	92%
Gramatical	0	0%	1	0,3%	6	2,7%	0	0%	10	6,5%	9	8,6%

Fonte: elaboração nossa.

Nesse quadro, chama a atenção que, na primeira fase (1768-69), não há nenhuma ocorrência de empréstimos gramaticais, ou seja, ocorrem apenas empréstimos lexicais. Seu uso aumenta gradativamente a partir da segunda fase (1770-1779), embora ainda com índice de apenas 0,3%, e atinge seu auge nas décadas de 1800-1809 e 1810-1831, quando se observam 10 e 9 *tokens*, perfazendo uma média 8% do total de empréstimos. No entanto, é necessário considerar a diversidade de formas que ingressam; em razão disso, cabe refazer o quadro acima da proporcionalidade de ocorrências entre empréstimos lexicais e gramaticais e considerar apenas os *types*:

⁷⁴ Detalha duas cartas, sendo uma de uma lista

Tabela 16: Empréstimos lexicais e gramaticais em *types*

	1768-69		1770		1780		1790		1800		1810-31	
Lexical	49	100%	70	97%	67	96%	18	100%	76	96%	71	96%
Gramatical	0	0%	1	1,3%	3	4,1%	0	0%	4	5%	4	5,3%

Fonte: elaboração nossa.

Levando em consideração a escala de empréstimos prevista por Thomason (2001, p. 69-72), é de se esperar que elementos de inventário aberto sejam o nível mais suscetível à entrada de hispanismos, uma vez que a incorporação de itens lexicais de outras línguas pode inclusive acontecer na ausência de bilinguismo. Essa progressão se confirma com os dados arrolados na tabela 17, onde se constata que a maior parte do material linguístico advindo do espanhol concentra-se no léxico. Por outro lado, há registros da presença de empréstimos gramaticais já na segunda fase (1770-1779), atingindo seu auge nas quatro décadas finais, de 1780-1789 a 1810-1831, nas quais ocorre uma média aproximada de 3 *types* por fase, representando classes diferentes.

Ressalvadas todas as limitações do *corpus*, contudo, fica evidente, entre os empréstimos lexicais, que os substantivos equivalem à classe mais produtiva em termos de empréstimos, enquanto entre os empréstimos gramaticais se sobressaem as conjunções. A título de comparação, vejamos na tabela a seguir como se realizam os empréstimos lexicais, em termos de *tokens*:

Tabela 17: Empréstimos lexicais: escala de classes de palavras

Empréstimos lexicais	1768-69		1770		1780		1790		1800		1810-31	
	<i>Tokens</i>	%										
Substantivos	290	99,3%	312	97,2%	207	96,7%	29	90,6%	130	85,5%	88	84,6%
Verbos	2	0,7%	9	2,8%	6	2,8%	1	3,1%	21	13,8%	13	12,5%
Adjetivos	0	0%	0	0%	1	0,5%	1	3,1%	1	0,7%	1	1,0%
Advérbios	0	0%	0	0%	0	0%	1	3,1%	0	0%	2	1,9%

Fonte: elaboração nossa.

A tabela mostra que o uso de hispanismos responde, em certa medida, ao modelo proposto por Thomason (2001, p. 70), segundo o qual – em uma situação de contato permanente – a entrada de material linguístico segue a seguinte sequência: substantivos > verbos > adjetivos > advérbios. Os dados demonstram que, dentre as categorias das classes abertas, os adjetivos e os advérbios são os menos suscetíveis. Verificando a presença dessas duas classes em outras variedades modernas, constatou-se que, no estudo realizado por Cerno (2011, p. 259) sobre o guarani correntino, os advérbios, à diferença de nosso *corpus*, superam os adjetivos, ao passo que no guarani paraguaio ocorre uma inversão. Gómez Rendón (2008) observou mais ocorrências de adjetivos, de maneira semelhante a nosso *corpus*.

Quanto aos empréstimos gramaticais, observa-se que ingressam no guarani empréstimos de quatro categorias do espanhol: as conjunções, os conectores discursivos, as preposições e os pronomes. A tabela a seguir apresenta uma relação das proporções desses empréstimos, na evolução de uma fase a outra:

Tabela 18: Empréstimos gramaticais: escala de classes de palavras

Empréstimos lexicais e gramaticais	1768-69		1770		1780		1790		1800		1810-31	
	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%
Conjunções	0	0%		0%	3	50%	0	0%	10	91%	7	78%
Preposições	0	0%	0	0%	3	50%	0	0%	0	0%	0	0%
Pronomes	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	0	0%	2	22%
Conectores discursivos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	9%	0	0%

Fonte: elaboração nossa

Em uma situação de contato linguístico permanente, mas numa situação mais intensa, segundo Thomason (2001), incorporam-se empréstimos gramaticais como conjunções, pronomes, preposições, afixos derivacionais e padrões sintáticos. Esses últimos não são abrangidos neste estudo, já que exigem outro tipo de análise. A tabela acima revela que, somente a partir da fase 1780, começam a ingressar palavras gramaticais. Isso sinaliza que, como destacado em seção anterior, passa-se de uma situação de contato menos intensa para uma situação de contato mais intensa, em que a competência em espanhol por parte dos escreventes lhes permite o conhecimento das estruturas gramaticais da língua-fonte e sua incorporação à língua receptora.

Em termos de proporção, a classe das conjunções é a mais produtiva. Desse modo, a entrada das palavras gramaticais segue a seguinte escala: conjunções > preposições > pronomes > conectores discursivos. A tabela a seguir apresenta a proporção dessas categorias em termos totais:

Tabela 19: Empréstimos gramaticais: classes de palavras

Ni	Conjunções			Preposições		Pronomes		Conectores discursivos	
	Porque	Pero	Para eso	Hasta	Alguno	Ni uno	Ninguno	Con eso	Primeramente
12	5	1	1	3	1	1	1	1	1

Fonte: elaboração nossa.

Como se observa na tabela, a conjunção disjuntiva *ni* é a mais empregada em todo o *corpus*, seguida pela conjunção causal *porque*, pela adversativa *pero* e pela conjunção de finalidade *para eso*. Registra-se somente uma preposição, *hasta*, que apresenta 3 *tokens*. Além disso, ocorrem dois pronomes – *alguno* e *ni uno* –, cada um com 1 *token*. Dentre os conectores discursivos registram-se as formas *con eso* e *primeramente*, cada um com apenas 1 *token*.

Em suma, os dados mostram que, em todas as fases analisadas, predominam entre os empréstimos lexicais os substantivos. Na primeira fase, por exemplo, do total de hispanismos registrados aparecem apenas dois verbos, sendo o restante formado por substantivos. Poder-se-ia inferir – sob o prisma da escala de empréstimos proposta por Thomason (2001, p. 70) – que a exclusividade de empréstimos lexicais, com alto grau de substantivos, na primeira fase, decorre de um contexto linguístico em que o contato com o espanhol nas Reduções ainda era relativamente casual, com conhecimentos incipientes da língua espanhola. Isso explica o predomínio de vocabulário não básico que remete à nomeação do mundo e não implica modificações na estrutura gramatical da língua. Estudando a hispanização do guarani paraguaio, Gómez Rendón (2008, p. 300), do ponto de vista interno, explica que a primazia da incorporação de substantivos advém de sua baixa complexidade morfológica e de sua independência sintática. Além disso, os nomes denotam entidades, o que facilita seu empréstimo a diferença da nomeação de ações. Por fim, também cabe lembrar que, no guarani, os nomes também exercem a função de verbos (como função predicativa, dada a natureza da oposição entre estas classes de palavras que

se expressa entre verbos vs não verbos). Isso faz que substantivos do espanhol sejam incorporados ora como nomes ora como verbos.

O aumento sensível dos verbos, constatado a partir da segunda fase, pode ser visto como indício de um maior contato com o mundo hispanófono, com as novas práticas de interação social e comercial. Não por acaso, sua ocorrência atinge respectivamente 21 e 13 *tokens*, nas duas fases finais de 1800-1809 e 1810-1831, perfazendo 13,8% e 12,5% de *tokens* do total de empréstimos observados. Assim o emprego de *verbos* como *pagar*, *deber*, *gastar* indicam a transformação da relação dos nativos com seu entorno. Também se vislumbram relações de vizinhança que podem ser associadas aos colonizadores, aos outros, no emprego por exemplo dos verbos *convidar*, *amenazar*, *perseguir*. A língua, dessa maneira, cada vez mais se associa a essas novas práticas e relações que vão se inserindo conforme aumenta a interação com a cultura do outro.

Em termos quantitativos, conforme já visto, a classe dos substantivos e dos verbos é seguida por conjunções, adjetivos e advérbios, que entretanto apresentam um índice de uso ainda bastante baixo, como mostra a tabela acima. Há a ocorrência de adjetivos apenas nas últimas três fases, enquanto para o advérbio se têm registros somente na última fase. Em contrapartida, as conjunções são as que apresentam maior número de ocorrências. Nos últimos anos da fase 1780, o uso da conjunção aditiva *ni* ‘nem’ começa a se acentuar e atinge seu ápice, em número de *tokens*, na fase de 1800, no manuscrito Sta. Rosa/1808, com um total de 7 *tokens*. A adversativa *pero* ‘porém’, por sua vez, apresenta uma única ocorrência em 1800, ao passo que a causal *porque* tem suas primeiras ocorrências em 1780, com 1 *token* no documento Sta. Maria de Fe/b/1788 e 1 *token* em San Joaquin/1789 e, finalmente, apresenta 3 ocorrências em 1810-1831, todas elas no manuscrito Candelaria/1813. Somente em 1800-1809 registra-se um exemplo de conector discursivo, no caso *con eso* ‘com isso’. Além disso, vale mencionar a ocorrência da preposição *hasta* ‘até’, que apresenta 3 ocorrências em um mesmo documento de 1789/San Joaquin. Não se constatou a presença de artigos definidos e indefinidos fora de contextos de *code-switching*, que serão analisados na seção 3.

Pode-se inferir, por fim, a partir dos resultados, que a cronologia da incorporação de material gramatical relaciona-se com o momento histórico e o grau de bilinguismo nas reduções. Isto é, à medida que a situação de contato se intensifica, aumenta a competência dos falantes na língua espanhola, a ponto de saber distinguir a estrutura gramatical da língua-fonte e incorporá-la à língua-receptora. Nessa perspectiva, é de se esperar que,

quando esse bilinguismo atinge seu grau mais elevado, também aumente o uso de hispanismos, até o ponto da alternância de código, como veremos na seção 3.3.3.

3.3.3 Grau de hispanização em diferentes campos semânticos

Estudos anteriores demonstram que a transformação da vida dos indígenas nas Reduções não atingiu apenas o nível espiritual, senão consistiu em uma modificação de todas as esferas do modo de vida dos guaranis (THUN, 2008a). Previamente à chegada dos jesuítas, explica Chamorro (2017, p. 229), tanto a administração comunitária quanto a religiosa recaíam sobre o líder da família. Poder secular e poder espiritual estavam amalgamados na mesma pessoa. Com a chegada dos jesuítas e com a implementação da catequese cristã, inicia-se, contudo, a cisão entre a vida secular e a vida espiritual. Aos indígenas é dado ocupar-se das diferentes funções da vida secular, sendo guiados no espiritual pelos jesuítas, que ostentavam a liderança espiritual da comunidade. Os indígenas, portanto, ficaram alijados do comando espiritual, apenas exercendo o papel de congregação.

No âmbito público, o projeto missionário instituiu espaços e relações sociais por meio de uma nova organização administrativa, jurídica e econômica (RAMÍREZ, 2007; WILDE, 2009a; CHAMORRO, 2017). Por sua vez, no âmbito privado, as relações de parentesco foram remodeladas conforme os padrões cristãos, a gastronomia sofreu influxo de novos ingredientes e a vestimenta viu-se alterada com o uso de novos acessórios. A nova organização social/hierárquica foi acompanhada por novas denominações, em parte impulsionadas pelos padres, em parte pelos próprios indígenas conforme se aproximavam à cultura hispana. Os jesuítas não mediram esforços para que a língua nativa acompanhasse a realidade que se impunha nas reduções. Testemunho de tal processo são as obras lexicográficas de Montoya (1639-1640), em que, pela criação de neologismos, cujo modelo vinha do espanhol ou incorporação de empréstimos diretos de essa língua.⁷⁵ Entretanto, repetindo o que observa Thun (2008a, p. 238), pouco sabemos sobre quanto dessas inovações propostas pelos padres caíram de fato no uso diário dos indígenas.

⁷⁵ Chamorro (2017) faz um cotejo entre os dicionários *Tesoro de la lengua guaraní* (1639) e o *Vocabulario de la lengua guaraní* (1640) das denominações em diferentes campos semânticos.

Ao focar o empréstimo de material linguístico tomando por base os principais campos semânticos⁷⁶ afetados pela hispanização, tem-se uma amostra do léxico com a qual se pode entender melhor as motivações e tendências de uso da língua espanhola, considerando as mudanças sociais em curso. Após uma primeira análise dos campos semânticos atingidos pelo *corpus* em questão, agruparam-se os dados em quatro grandes categorias, a fim de facilitar sínteses que permitissem visualizar as principais tendências no comportamento linguístico em relação aos diferentes segmentos de atuação e uso na sociedade:

- 1º) organização social do âmbito público, que apresenta, em certa medida, o aparelho burocrático (relações hierárquicas, estrutura institucional, práticas administrativas e relações jurídicas);
- 2º) organização social do âmbito privado (família, vizinhos, relações com o outro);
- 3º) economia (profissões/atividades, relações comerciais/pecuária, medições) e, por fim,
- 4º) o léxico da religião. Iniciemos com o primeiro campo semântico enfocado.

Vejamos em detalhes cada uma dessas categorias de campos semânticos.

3.3.3.1 Organização social no âmbito público

A seguinte tabela dá a visão geral dos resultados obtidos para os diferentes campos semânticos da organização social na esfera pública:

Tabela 20: Campos semânticos da organização pública: visão geral

1768-69	1770	1780	1790	1800	1810-31
---------	------	------	------	------	---------

⁷⁶ Entendemos aqui por “campo semântico” os conjuntos significativos que formam o léxico, de modo que “[...] las palabras padre, madre, abuelo, abuela, hermano, hermana, tío, tía, primo, prima..., forman, por ejemplo, ‘el campo semântico del parentesco’; oveja, cabra, vaca, caballo.... forman ‘el campo semântico del ganado’; silla, sillón, taburete, sofá, tresillo..., forman ‘el campo semântico del asiento’ (MOZAS, 1992, p. 287).

Relações hierárquicas	cacique, don, rey, esclavo, procurador, gobernador, teniente, soldado, mayordomo, señor, administrador	don, corregidor, señor, capitán, ministro, alcalde, regidor, administrador, gobernador, teniente, general, secretario, tropa	cacique, rey, cabildo, don, corregidor, administrador, teniente, gobernador,	alcalde, regidor, procurador, cabildo, rey, corregidor, cacique, administrador, capayu	corregidor, cabildo, alguacil, rey, mayordomo	comandante, don, capitán, comandante, oficial, soldado, rey, presidente, subalterno, ejército
Aparato institucional	colonia, repartición, fuerte	escuela, cárcel			colegio, galpón	cuartel, provincia
Práticas administrativas			licencia, escribir		firma	carta oficio, ordenanza, patria, circular, publicar, voto, retiro, noticia
Jurídico		justicia, azote, preso, grillos	azote, pleito, justicia	Libertar	libertar, justicia, libre, juramento	justicia, cepo, robo, castigar

Fonte: elaboração nossa.

Como mostra a tabela acima, identificam-se quatro campos semânticos que constituem a categoria organização social/pública. O primeiro e o mais significativo é o das denominações no campo das relações hierárquicas; o segundo diz respeito aos espaços sociais/institucionais; o terceiro refere-se à administração de modo geral; e, finalmente, o quarto denomina o aparelho jurídico. Note-se que o campo das práticas administrativas apresenta um maior número de ocorrências somente na fase final, que coincide com o aumento do contato com o mundo hispânico, em função das mudanças sociais em curso. Vejamos algumas observações pontuais sobre processos de integração e adaptação do léxico nesses campos analisados.

Relações hierárquicas

Tomando por base o *Vocabulario de la lengua guaraní* (MONTROYA, 1640), constata-se que, para quase a metade dos itens lexicais referentes às relações hierárquicas da tabela 20 acima, foram criados equivalentes com material da língua nativa. Esse esforço atende à concepção purista que os jesuítas sustentavam em relação às línguas. Dentre os 24 substantivos levantados nesse campo semântico, porém, 11 não apresentam entrada no *Vocabulario*. Vale destacar que boa parte das propostas de Montoya, criadas

com material linguístico nativo, segue diferentes mecanismos, seja com uso da tradução, seja por meio da ampliação ou mesmo substituição semântica (THUN, 2008). Há poucos casos, no entanto, em que Montoya registrou a forma hispânica, como no exemplo do sp. *capitán*, cuja entrada no *Vocabulario* aparece como *capitâ*.

Vejamos a seguir alguns exemplos de equivalências propostas por Montoya:

- *administrador* > *mba'e ri ñangarekokuára* ‘o cuidador das coisas’ (*Vocabulario*, p. 18)
- *rey* > *mburuvichavete* ‘chefe verdadeiro’ (Ibid., p. 352)
- *corregidor* > *porokuitára* ‘governador de gente’ (Ibid., p. 115)
- *cabildo* > *ñomono'õngáva* ‘lugar de reunião’ (Ibid., p. 82)⁷⁷
- *señor* > *jára* ‘dono’ (Ibid., p. 363)

Até onde se sabe, não existe um estudo mais preciso que faça um levantamento de quantas dessas equivalências passaram ao uso comum. O que se observa nas cartas analisadas é a ocorrência quase generalizada das formas lexicais do espanhol, portanto sem os equivalentes com material nativo.

Vale comentar que, na formação de novas denominações, um recurso muito usual consistia na distinção entre os referentes importados e os referentes locais, feita por meio da adição do sufixo *-(r)ete* ‘verdadeiro’ aos lexemas do guarani (BRIGNON, 2020, p. 54).⁷⁸ Há uma série de exemplos que apontam para essa prática, no campo das denominações da fauna. Cite-se o caso da forma *jaguara* ‘onça’, que passou a designar o animal doméstico trazido pelos europeus, o cachorro, enquanto o felino nativo passou a ser o *jaguar-ete* ‘onça verdadeira’. Ou seja, os animais importados ganhavam, por vezes, um nome já existente para indicar um animal que julgavam parecido; logo, para os referentes locais, que costumavam ser ‘a coisa, o ser’ entendido como verdadeiro, era adicionado o sufixo *ete*. O “animal verdadeiro”, portanto, era o local, o que já era conhecido pelos indígenas.

Por outro lado, ao que tudo indica, essas práticas observadas na denominação da fauna não se aplicaram para os referentes das relações hierárquicas, ou se aplicaram no sentido inverso. Assim, para a denominação do governante monarca, isto é, do *rey*, tomou-se o lexema *mburuvicha* ‘chefe de gente’ e se lhe adicionou o mesmo sufixo –

⁷⁷ Para o caso de *ñomono'õngáva*, Chamorro (239) comenta que os indígenas já estavam familiarizados com o primeiro sentido ‘reunião’, foi novo o significado institucional.

⁷⁸ Para ver outros exemplos, consultar o estudo realizado por Brignon (2020).

(*r)ete*, resultando na forma *mburuvichavete* ‘chefe verdadeiro’. Não obstante, a liderança do monarca é a que passou a ser a verdadeira, opondo-se a qualquer outra autoridade local. Nesse caso, o rei visto como verdadeiro era o estrangeiro, não o local. Essa mudança semântica estava amparada pelas leis das Índias, que proibiam “*que se consideraran monarcas a los señores naturales de estas tierras*” (BOIDIN, 2016, p. 15). Segundo Boidin, isso justificou que o termo *cacique* passasse a ser empregado para denominar os antigos *mburuvicha*, ficando seu uso reservado para o monarca ou para as autoridades locais.⁷⁹

Vale observar que a designação *cacique*, por sua vez, tem sua raiz no taino, língua indígena da região das Antillas, cujo significado era ‘aquele que tem súditos’ (RAMÍREZ, 2007, p. 46). É muito provável que tenha ingressado ao guarani por meio dos colonizadores e, portanto, se trate de uma hispanização de segunda mão.

Também é preciso ponderar que, embora essas novas denominações estivessem prescritas no *Vocabulario* (1640), aparentemente não tiveram um uso de fato entre os falantes. Ao verificar cartas anteriores (1752-1753) às analisadas nesta pesquisa, percebe-se que os exemplos citados (*rey, corregidor, cabildo*) já estavam em uso, o que demonstra que nem tudo que estava prescrito era de fato normalizado. Por outro lado, cabe mencionar que o trabalho linguístico dos padres não abrangeu todos os referentes (noções, artefatos) que ingressariam nas reduções. Isso explica, por exemplo, por que não se propôs um equivalente nativo para o título *don*, que muito cedo foi concedido aos filhos das lideranças locais.

Estrutura institucional

A vida nas reduções ressignificou o ambiente nativo introduzindo novos espaços sociais, formas de divisão política. Nas memórias do jesuíta desterrado Peramás ([1793] 2004), intitulado originalmente *Comentário sobre o regime e governo dos guaranis comparados com a República de Platón*, encontra-se um paralelo do projeto missionário de criação de uma cidade nos moldes ocidentais. Construíram-se casas, praças, templos, cemitérios, oficinas de artesão (Ibid., p. 33), ou seja, como diz Chamorro (2017), adaptaram-se algumas referências espaciais nativas e criaram-se outras.

No *corpus* analisado, detectaram-se nove hispanismos, dos quais apenas dois apresentam correlatos com material linguístico nativo no *Vocabulario* de Montoya:

⁷⁹ Segundo a autora, hoje em dia são poucas as comunidades indígenas que empregam o termo *mburuvicha* para se referirem a suas lideranças.

- *Escuela* > *ñembo'eháva* ‘onde se ensina’ (*Vocabulario*, p. 183)
- *Colegio* > *pa'i reyí, te'yi josuamo* (*Ibid.*, p. 102)

Verificando o *Vocabulario* de Restivo, constatou-se que tampouco há entradas com raízes nativas para designar esses referentes. Isso, pode sugerir, por um lado, que nem tudo pôde ser normatizado. Por outro lado, vale notar também que o vocabulário desse campo semântico apresenta ocorrências somente nas primeiras duas fases (1768-69/1770) e nas duas últimas fases (1800-1809/1810-1831).

Práticas administrativas

Com os jesuítas, instalam-se práticas administrativas, uma noção ocidentalizada do gerir da coisa pública. Os indígenas não apenas exerciam a prática da escrita, senão o faziam nos gêneros relacionados a essa esfera: escreviam cartas, elaboravam listas, faziam registros contábeis, emitiam circulares, redigiam cartas-ofício, assinavam-nas e realizavam publicações. A tabela 20 é, em certa medida, não apenas um testemunho da hispanização lexical da língua indígena, mas também a demonstração das práticas letradas às quais estavam vinculados à gestão das reduções.

Nesse ponto, o ato de escrever é central, uma vez que dá base às práticas ligadas a esse campo semântico. Na tabela 20, aparece a ocorrência do sp. *escribir* para o qual, no *Tesoro* (p. 269), registra-se um correlato criado a partir do lexema *kuatia* e cujo significado original estava vinculado à pintura, ao desenho. Essa raiz deve ter parecido produtiva aos padres, além de ser maleável, ampliando seu sentido para significar documentos, escrituras e, por fim, o próprio ato de escrever. No entanto, o que chama a atenção é que, mesmo havendo o lexema *hai*, cujo significado é descrito por Montoya como ‘risco, arranho, sinal’ – nas reduções se tenha preferido a raiz *kuatia* para denominar o ato desenhar letras de forma com a pena no papel.

No guarani paraguaio, embora em Guasch e Ortíz (1996, p. 548) o lexema *hai* conserve os sentidos de ‘arranhão, risco’, também lhe foi adicionado o sentido de escrever, sentido não registrado por Montoya. Em contrapartida, *kuatia*, no guarani paraguaio, perdeu a acepção de escrever, como bem o anotam Guasch e Ortíz (1996, p. 610), ao constatarem que ‘antiguamente en Montoya se dijo: *aikuatia: yo escribo*’. No entanto, uma vez que *kuatia* perdeu o sentido de ‘escrever’, ganhou vários outros sentidos relacionados a um dos instrumentos da escrita – a folha – podendo assim significar

também ‘papel, diário, carta, livro’ (GUASCH; ORTIZ, 1996, p. 610) e até ‘documento’ ou ‘assinatura’ (ALCARAZ; CANESE, 2015, p. 198). É possível encontrar essas raízes no guarani paraguaio. Entre os informantes de Kallfell (2016, p. 198), por exemplo, lê-se a seguinte formulação: “*Ha'éngo he'i ohecha hague la nde kuatia jehaipyre*” [grifo nosso] / ‘Ele disse que viu sua carta escrita’.

Por outro lado, não se desconhece que no guarani paraguaio, por exemplo, não é incomum o emprego do hispanismo *escribir*, como já o anuncia a ocorrência nos dados analisados da tabela 20. Do mesmo modo, note-se que, para designar uma carta, os jesuítas também cunharam a palavra *kuatia ñe'ẽ* ‘desenho ou papel falante’ que, segundo Morinigo (1989, p. 92), embora se tenha empregado por um curto tempo nas reduções jesuíticas, não demorou para que cedesse passo para o hispanismo *carta*, como pode ser constatado em nosso *corpus*.

Relações jurídicas

Ramírez (2007, p. 48) informa que, no período jesuíta, não havia atas processuais, não obstante, começaria a haver um registro de cumprimento de penas após a expulsão dos padres. Tanto os litígios civis quanto os criminais, conforme informa Ramírez, eram tratados pelos próprios caciques que, por sua vez, estavam sujeitos ao controle dos padres. A tabela 20 revela a existência de um aparelho jurídico em funcionamento dentro das reduções.

Como se pode constatar, a presença de hispanismos nesse campo acontece quase em todas as fases analisadas com exceção apenas da primeira fase. O notável é que, à diferença dos demais campos semânticos, as ocorrências hispanas do campo das relações jurídicas apresentam quase 100% de correlatos com material nativo, no *Vocabulario* (1640), como se pode constatar na seguinte sequência de exemplos:

- *Azote* > *nupãháva* ‘o que castiga’ (*Vocabulario*, p. 65)
- *Cárcel* > *yvyrakua róga* ‘casa de madeira com buraco’ (Ibid., 89)
- *Castigar* > *areko meguã* ‘tenho burla’, *ainupã* ‘bato-o’ (Ibid., 93)
- *Cepo* > sem correlato
- *Grillos, prisión* > *itakupysã* ‘corda de ferro do tornozelo’ (Ibid., 210)
- *Juramento* > sem correlato
- *Justicia* > *teko mbojojaha* ‘igualador do modo de viver’ (Ibid., 243)

- *Librar, soltar* > *amondo jepe* ‘soltei-o’, *apoi jepe ichugui* ‘soltei-o’ (Ibid., 251) São vários os verbetes libres.
- *Pleito* > *joguerekorekoháva* ‘cuidador da convivência’ (Ibid., 323)
- *Preso* > *yvyrakuápe omoĩnimbyre, yvyrakua rópe oĩva’e* ‘aquele que está na casa feita de madeira com buracos’ (Ibid., p 329)
- *Robar* > *apu’ã mba’e ri* ‘levador das coisas’, *che munda* ‘sou ladrão’ (Ibid., p. 353)

Somente as palavras *cepo* e *juramento* não apresentam correspondências. A quantidade de correspondentes para essas novas noções sugere que poderia ter havido uma forte regulamentação desse campo semântico, por parte dos jesuítas. De maneira que a proposta de equivalentes com o material nativo pode demonstrar uma preocupação de aproximar os indígenas a essas noções e conceitos, uma vez que, por meio deles, buscava-se a regulação do comportamento civil.

3.3.3.2 Organização social no âmbito privado

Estudos anteriores (FERGUSON, 1971 [1959]; MELIÀ, 1992) têm-se ocupado com a situação diglósica no Paraguai, na qual o guarani predomina no domínio privado, ao passo que o espanhol predomina no domínio público. Nas reduções jesuíticas, onde a língua materna dos indígenas era o guarani ou outra variedade indígena, é de se esperar sua proeminência nesse âmbito. Soma-se a isso o fato de que o contato com a língua espanhola estava ainda em desenvolvimento, o que pressupõe que haja menor presença de hispanismos nesse domínio. Podem-se identificar, nesse sentido, quatro campos semânticos, em particular, a saber: a família, a alimentação, a vestimenta e as relações sociais:

Tabela 21: Campos semânticos da organização privada

	1768-69	1770	1780	1790	1800	1810-31
Família			compadre, comadre			familia, hermano
Alimentação	naranja, cigarro	azúcar, haba, charque	aguardiente, cebada, sidra, azúcar, cebolla, suero	azúcar, trapiche	grasa, sebo, trigo, aguardiente, comino, pimienta, clavo, canela, chocolate	
Vestimenta	vestido, lienzo	ropa, lienzo, poncho	lienzo		lienzo, vestido	uniforme
Relações interpessoais	cristiano, portugueses	viuda, cristiano	poblador, ocupar	jesuita		recibir, maltratar, convidar, servir, remediar, obligación, padecimiento, indefenso, desorden, escándalo, perseguir, amenazar, paisano, amigo, persona

Fonte: elaboração nossa.

A tabela 21 mostra que os campos semânticos mais produtivos são o da alimentação e das relações interpessoais. Este último é especialmente representativo na última fase 1810-1831, o que novamente coincide com o período de maior contato com a cultura hispânica, conforme já se observou no campo das práticas administrativas. No entanto, o aumento de hispanismos na última fase, como já foi alertado, precisa ser interpretado com ressalvas, tendo em vista que a maior parte desses hispanismos se concentra em um documento (1827/Corrientes). Trata-se de um manuscrito sumamente híbrido, com alto índice de empréstimos e alternâncias de código, como se verá na seção 3.4.

Em contrapartida, o campo semântico da vestimenta é mais proeminente que o campo semântico da família. O campo da família mostra-se, portanto, mais resistente à introdução de hispanismos. No entanto, cabe lembrar que essa “improdutividade” relativa, mostrada na tabela, precisa ser vista com ressalvas, uma vez que o *corpus* está formado por manuscritos de caráter oficial. Essa característica não favorece, conseqüentemente, o tópico da família. Aliás, de modo geral, vocabulário do campo privado é o menos frequente nessas cartas justamente pelo teor oficial. Vejamos, entretanto, algumas observações que os dados, apesar disso, permitem apontar.

Família

As relações de parentesco na cultura guarani já foram objeto de estudo em pesquisas anteriores (THUN, DIETRICH, SYMEONIDIS, 2015; MELLO-WOLTER, 2009; DIETRICH, 2014; CHAMORRO, 2017; CERNO, 2018).⁸⁰ Não há dúvida, entre os autores, que o sistema tradicional de parentesco dos guaranis refletia costumes matrimoniais e sexuais muito distantes dos padrões cristãos. Por outro lado, esse também foi um dos campos semânticos mais trabalhados pelos padres, na tentativa de modificar o modo de vida dos nativos em favor dos preceitos da igreja. Nesse sentido, Dietrich (2014, p. 199-206) alerta que o *Vocabulario de la lengua guaraní* (1640) – sendo o registro mais antigo do guarani – é apenas uma miragem do sistema de parentesco dos nativos, considerando que os missionários tinham um especial interesse em erradicar práticas antigas, o que certamente impulsionou também mudanças linguísticas. Impôs-se, desse modo, uma estrutura familiar mais fechada (MELLO-WOLTER, 2009, p. 370) em detrimento da ideia de uma família extensa, ou seja, de um clã (DIETRICH, 2018, p. 206).

No *corpus* analisado, chama a atenção que há apenas quatro hispanismos relacionados ao campo semântico da família: *comadre*, *compadre*, *familia* e *hermano*. Evidentemente, é preciso considerar que os tópicos das cartas não favorecem a ocorrência de denominações desse campo semântico. Em relação à ocorrência da forma *familia*, vale lembrar que, no guarani, havia vários lexemas para designar esse conceito que, no entanto, não se aproximavam completamente ao sentido hispano.⁸¹ Os dados não permitem

⁸⁰ Esta seção não tem intenção de detalhar o sistema de parentesco nativo, senão trazer alguns apontamentos a partir dos hispanismos encontrados no *corpus*. Para mais detalhes, remetemos o leitor aos trabalhos citados.

⁸¹ Para constatar as diferenças nas concepções de família, na cultura guarani, toma-se como exemplo três lexemas, dois destacados por Cerno (2018b): *mu* e *tetarã* e *(t)-e'yí* comentado por Chamorro (2017). O lexema *mu*, portanto, referia ‘parente distante, com quem se trata, com quem se conversa, amigo, com se pode fazer trocas’, enquanto *tetarã* formado por *teta* ‘muitos’ e pelo sufixo de aspecto prospectivo *-rã*, isto

observar dados sobre o parentesco nuclear e oferecem poucos indícios sobre o parentesco político não nuclear.

Por fim, as formas *compadre* e *comadre* equivalem, pode-se dizer, a denominações influenciadas pelo catolicismo, as quais, no entanto, não possuíam equivalências no *Vocabulario*. Por outro lado, a ocorrência isolada de *hermano* ‘irmão’, que aparece no documento 1827/Corrientes, é usada no sentido fraterno, e não sanguíneo.⁸²

Concluindo, os dados, por tratarem de temáticas de cunho mais administrativo e público, conforme já se aludiu, não favorecem a ocorrência de termos deste campo semântico do âmbito mais privado que, além disso, se mostra bastante resistente à entrada de novas formas. Os exemplos registrados, contudo, sugerem uma aproximação o guarani às relações familiares e de parentesco do mundo cristão.

Alimentação

Nas trocas com os colonizadores, é de se esperar que o campo semântico da alimentação também sofra influências. Ingressam, deste modo, diferentes especiarias, acompanhadas por suas respectivas denominações, como a *pimienta*, o *comino*, o *clavo*, a *canela* e o *chocolate*. Os indígenas passam a cultivar e a consumir a leguminosa *haba*, a fruta *naranja*, a *cebolla* e o *trigo*.

Produzem-se derivados do gado como a *grasa* e o *sebo*. Aprende-se a produzir e a consumir a *sidra* e o *aguardiente* em detrimento de suas bebidas tradicionais como o *kaguĩ*, bebida feita à base de mandioca ou de milho ([1639] 2011, p. 232). Além disso, modificam-se a produção e o consumo de seu tradicional *pety*⁸³ – planta nativa das

é, ‘o que me aumentará’ (CERNO, 2018b, p. 63-64). *Mu*, portanto, segundo o pesquisador denomina o potencial parceiro ‘comercial’, com quem se poderia fazer trocas, via alianças; *tetarã*, por sua vez, refere os futuros membros da família, via casamentos, os que garantirão o prolongamento da prole (Ibid., p. 63-64). Segundo Cerno, portanto, as formas *mu* e *tetarã* adicionam um traço ‘distante’ à noção de parente. A raiz (*t*-*e*’*yi*, por sua vez, significa ‘conjunto’, nesse sentido, pode ser entendido por ‘meu grupo, minha parcialidade’ (CHAMORRO, 2017, p. 68). Poder-se-ia dizer que essa raiz serve como identificadora ou, como assinala Dietrich (2018, p. 207), indica a família extensa.

⁸² As denominações dos irmãos em guarani expressavam relações hierárquicas, pelo qual as distinções lexicais eram fundamentais. No caso do guarani paraguaio também se observa um deslocamento dessas denominações nativas em favor das formas *hermano/hermana*.

⁸³ O *tabaco*, voz árabe, que antes da colonização das Américas designava outro tipo de ervas (RAE), foi encontrado pelos europeus nos estágios iniciais da colonização. Segundo Navarro (2013, p. 380), tratava-se de ervas cujas folhas eram cheiradas, fumadas ou mastigadas. Vainfas (2000, p. 256) assinala que Fernão Cardim logo notou que essas folhas tinham propriedades medicinais e “Observou que os índios faziam umas ‘cangueras’ de folha de palma cheias desta erva seca, punham-lhe fogo numa das extremidades e a boca na outra, bebendo o fumo como se fosse vinho”. Note-se que Vainfas ainda salienta o emprego do verbo ‘beber’ por Cardim, uma vez que o “hábito de fumar não se havia difundido o suficiente para criar verbo próprio” (Ibid., p. 256). Os colonizadores não demoraram para importá-la para Europa. Em França,

Américas, segundo Vainfas (2000, p. 256), e cujas folhas eram cheiradas, fumadas ou mastigadas (NAVARRO, 2013, p. 280).

Considerando que esses produtos ou práticas de alimentação, por serem elementos novos, não possuíam correlato no guarani, também não são de tradução simples. O caminho para seu empréstimo encontrava-se assim facilitado. Além disso, essas práticas e produtos eram associadas à cultura do outro, nesse caso, de falantes de espanhol.

Vestimenta

Os dados permitem constatar a introdução de novos termos no campo semântico da vestimenta. Ingressam novos acessórios como o *vestido*, o *poncho*, o *uniforme*. O próprio nome genérico da vestimenta: a *ropa*; e a matéria prima da qual todas elas são produzidas: o *lienzo*. Como se pode constatar, nenhum desses hispanismos apresenta indícios de adaptação fonética. Semelhante procedimentos encontram-se no documento (1787-1788/Estado de Cuentas), que não faz parte do *corpus* da pesquisa, onde esses objetos aparecem em casos de *code-mixing*: “*Oromeê I Camisa y Calsonsillo de Lien.o*” / ‘demos uma camisa e calção de tecido’.

Há outros exemplos, em que esses hispanismos ingressaram com adaptação fonética e foram empregados dessa forma até os dias de hoje. Morínigo (1989, p. 86) dá como exemplos: sp. *zapato* > *sapatu*; sp. *alfiler* > *arapire*; sp. *almohada* > *aramboha*.

Relações interpessoais

Os dados também permitem observar o campo semântico das relações interpessoais, onde aparecem designações para ‘o outro em contato’, acompanhadas de novos comportamentos associados ao mundo hispano. A tabela 21 apresenta hispanismos, nesse campo, em quase todas as fases, no entanto, com um índice muito baixo nas primeiras três fases, onde aparecem apenas entre uma a duas ocorrências, enquanto na penúltima fase não se registra nenhum exemplo. Já a fase final (1810) ocorre um sensível aumento de hispanismos.

Nas primeiras fases aparecem as denominações do outro colonizador, como por exemplo *cristiano*, *portugueses*, *viuda*, *poblador* e *jesuíta*. É notável que, para a denominação *cristiano*, Montoya ([1640] 2011, p. 120) não tenha considerado as formas

foi introduzido por Jean Nicot, cujo nome deu origem à denominação científica nicotina (RAE). Cabe salientar também o emprego da denominação *tabaco*, ao que tudo indica, já estava em pleno uso na região. O Estado de Cuentas/1787-1788, declara sobre o “tabaco de pito”.

nativas, e sim proposto, sem reservas, os hispanismos *christiano* ou *Christo reheguára* ‘os que são de Cristo’. No entanto, o lexema nativo *karai*, segundo informa Morínigo (1989, p. 103), significava no guarani antigo ‘dono, amo, chefe de família’ e passou a significar ‘homem europeu’, ‘encomendeiro’, para depois carregar o sentido de ‘*cristiano*’. Dessa raiz originaram-se outros termos relacionados ao cristianismo como *mongarai* ‘abençoar, consagrar’ (GUASCH; ORTIZ, 1996, p. 624), que é empregado até hoje no guarani paraguaio. No entanto, Montoya ([1639] 2011, p. 239-240) já alertava a seus pares, em seu *Tesoro*, que o termo significava ‘astuto, manhoso’ e que os indígenas o aplicavam muito impropriamente aos espanhóis e aos cristãos e que, portanto, não poderiam se utilizar desse termo. Embora, no *Vocabulario* ([1640] 2002, p. 400), também se encontre um correlato para *viuda* > *imẽmanõva* ‘e’ ‘de quem morreu o marido’, ao que tudo indica preferiu-se a forma hispana. Por fim, ao empregar o hispanismo *paisano*, adotou-se, ao que tudo indica, uma nova noção político-geográfica.

Na última fase, que equivale ao período de maior presença do espanhol na sociedade, cresce o número de verbos que dizem respeito a práticas e comportamentos como *recibir*, *maltratar*, *convidar*, *servir*, *remediar*, *perseguir*, *amenazar*. Ainda da seara dos comportamentos, observam-se dois substantivos, a saber *desorden* e *escándalo*. Apesar das limitações do *corpus*, já é possível prever uma série de mudanças na vida social que igualmente denotam uma hispanização em curso.

3.3.3.3 Relações comerciais e de trabalho

Diferente do campo privado, as relações comerciais e de trabalho pressupõem uma interação mais aberta com a cultura do colonizador. Logo, é de se esperar também uma profusão maior de entrada de empréstimos do espanhol. Vejamos os resultados para os campos semânticos dessa categoria, na tabela a seguir:

Tabela 22: Campos semânticos do âmbito das relações comerciais e de trabalho

	1768-69	1770	1780	1790	1800	1810-31
Profissões/ Atividades	puesto	carpintero, chasquero, oficio, expedición	chasquero, baqueano, oficio, puesto, capataz, cocinero		platero, capataz, maestro, tahonero, tarea	
Atividades Comerciais/ Pecuária	tributo, almacén, estancia, hacienda, caballo, vaca	conchabar, pagar, encomienda, deber, almacén, gasto, estancia, hacienda, toro, vaca, yegua, gasto, pesos fanega, rez, tercio, noviembre, domingo, sábado, viernes, arroba, libra, manejo	tributo, almacén, cuenta, buey, estancia, ración, toro, corral, vaca, caballo, hacienda, contramarca, herrar. Ocupar	caballo, manso	ganar, almacén, gastar, pagar, vender, pesos, plata, estancia, vaca, caballo, hacienda, mula, ración, lechera,	tributo, servicio
Medidas			semana		unidades	
Instrumentos			bastón, tacho, batea, mesa		carreta, legra, tabla	

Fonte: elaboração nossa.

Conforme a tabela, identificaram-se quatro campos semânticos que compõem a categoria das relações comerciais e de trabalho, sendo eles: a) profissões/atividades, b) atividades comerciais/pecuária, c) medidas e d) instrumentos. Fica evidente que os dois primeiros são os mais produtivos em termos da entrada de hispanismos. Afinal, surgem novas profissões e práticas comerciais. A ocorrência mais reduzida de termos para medidas e instrumentos provavelmente se explica pelas características do *corpus*, pois também advém de inovações e ampliações como no caso da medição do tempo e da contagem do sistema numérico. Vejamos a seguir, em mais detalhes, o que se pode observar no comportamento desses empréstimos nesses campos semânticos.

Profissões/atividades

Nas reduções, os indígenas foram apresentados a uma série de novas profissões ou, como era corrente afirmar, de ofícios. Chamorro (2017, p. 291) comenta que os padres formaram os nativos em mais de 70 ofícios. Instituiu-se, desse modo, um novo sistema de trabalho e, por consequência, uma nova relação com o entorno, que, dessa forma, também redesenhou a noção de “espaço-tempo” (Ibid., p. 291).

A tabela 23 acima apresenta um total de 13 hispanismos, dentre os quais seis possuem correlato no *Vocabulario*, a saber:

- *Carpintero* > *yvyrapãndára* ‘labrador de madeira’ (Vocabulario, p. 91);
- *Cocinero* > *ñembiavykyhára, tembu’i apohára, tembi’u mbojypára* ‘fazedor de alimentos’ (Ibid., p. 100);
- *Platero* > *kuarepotiĩ apohára* ‘fazedor de metais’ (Ibid., p. 322);
- *Maestro* > *porombo’ehára* ‘ensinador de gente’ (Ibid., p. 263);
- *Oficio, ocupación* > *che ñangarekuáva* ‘o que está sob meus cuidados’ (Ibid., p. 297);
- *Oficio, cargo* > *che reko me’ëngáva* ‘ao que me dedico’ (Ibid., p. 297);
- *Tarea* > *tembiaporã há’ãngimbyre* ‘o trabalho que será feito’ (Ibid., p. 375).

Parte desses ofícios recebeu equivalentes em guarani. Chamorro (2017, p. 291) observa, por exemplo, que era termo comum, entre os indígenas das reduções, a palavra *mba’epo* ‘fazer as coisas com as mãos’, para designar ‘trabalho’. Essa denominação daria conta do sentido da forma hispânica *tarea*. Contudo, assim como “*la laboriosidad de los moros dio al español el significativo préstamo tarea*” (LAPESA, 1981, p. 135), também se observa aqui o emprego do hispanismo *tarea*, em lugar da forma nativa *mba’epo*.

Por outro lado, merece um comentário a ocorrência de *chasquero*, de origem quechua *chasqui* – cujo significado é ‘mensageiro’ (RAE, [s.d]). É possível que esse quechismo tenha ingressado ao guarani por meio do espanhol. O curioso é que, havendo em espanhol como prática antiga essa atividade, denominada *mansajero* ‘*el que lleva algún despacho próprio de una persona a outra*’ (COVARRUBIAS, 1611, p. 108), ainda

assim tenha-se optado pelo quechismo. Restaria ver, em que medida, esse uso estava estendido no contexto das reduções.

A falta de correspondência de todas essas inovações sugere, por um lado, a dificuldade de prever e, conseqüentemente, prescrever todas as novidades que estariam em curso futuramente nas reduções. Vale destacar que essas relações comerciais e de trabalho implicavam uma reorganização social significativa. Além disso, é preciso lembrar que se trata de um contexto em que já não havia mais a presença dos jesuítas como reguladores da normatização da língua. Também havia uma distância temporal considerável entre as obras lexicográficas de Montoya (1639-1640) e de Restivo (1893 [1722]) com as fases em que as cartas em análise foram produzidas. Assim, somado ao aumento do contato com a cultura e a língua hispana, é de se compreender que o empréstimo de material linguístico seja cada vez maior, como sugerem os dados da tabela.

Atividades comerciais/pecuária

O campo semântico das atividades comerciais, como mostra a tabela 23, é o mais atingido pela hispanização. Pela sua importância, incluímos nesse campo a pecuária como uma das atividades mais difundidas, ao menos como tópico das cartas. Todas as fases analisadas apresentam ocorrência de hispanismos, o que sugere, em certa medida, a constância e regularidade dessas atividades na área das reduções, de onde provêm as cartas analisadas.⁸⁴ Como bem lembra Brignon (2020, p. 62), pode-se observar uma mudança de paradigma do espaço, reorientado por um modelo pecuário, que se sobrepõe em detrimento da antiga paisagem de floresta, que originalmente constituía o *habitat* natural dos nativos. Esse deslocamento está refletido nos hispanismos observados na tabela 23.

Com exceção de duas fases (1790-1799 e 1810-1831), todas as demais fases apresentam consideráveis ocorrências de hispanismos. Das 28 ocorrências, somente 13 possuem correlatos no *Vocabulario*. Devido à grande quantidade, apontaremos apenas algumas propostas mais significativas. É de se esperar que boa parte dos hispanismos se concentre nos substantivos, por nomearem referentes alheios à cultura local. No entanto, observa-se uma alta concentração dos verbos, em comparação a todos os demais campos semânticos analisados. Nesse campo, ocorrem um total de sete verbos: *conchabar*, *pagar*,

⁸⁴ Os nativos, como lembra Thun (2006, p. 223), “[...] pasan de la recolección de víveres y del abandono periódico de sus plantaciones a criadores de ganado y de agricultores establecidos en un sitio [...]”.

deber, herrar, ocupar, gastar, vender, dentre os quais somente quatro apresentaram correspondentes no *Vocabulario*:

- *Pagar* > *ahepyve'ẽ* 'dou-lhe valor' (Ibid., p. 304)
- *Gastar* > *amongy (-vo)* 'diminuo' (Ibid., p. 206)
- *Ganar, adquirir* > *airumõ; añemomaba'e* 'torno-me dono' (Ibid., p. 205)
- *Vender* > *ame'ẽ heýra ri* 'dou...?' (Ibid., p. 396)

A ocorrência desses verbos revela a presença das atividades em curso na região. A população nativa estava cada vez mais familiarizada com as práticas comerciais, que incluía a ação de *pagar*, de *gastar*, de *ganar*, de *vender*. Assim como aprendiam a *herrar* seus animais, também aprendiam a serem contratados por outros, para prestar serviços.

Medidas

A reestruturação do campo semântico das profissões e das atividades comerciais, conforme visto, remodelou as práticas de quantificação, de medição das coisas e do tempo. A ocorrência de léxico nesse campo acontece, contudo, somente em três fases, dentre as quais a segunda (1770-1779) revela-se a mais proeminente. Considerando outros gêneros, como o 1787-1788/*Estado de Cuentas*, que não fazem parte de nosso *corpus*, é possível constatar um uso ainda mais proeminente das unidades de medida. Assim, pode-se constatar que os indígenas aprendem a medir o milho em *fanega*, o tabaco em *arroba*, o algodão em *libra*, a erva mate em *tercios* e passam a quantificar os dias da semana e os meses do ano em espanhol.

Embora a ocorrência dessas formas seja baixa, podem indicar, em certa medida, a familiaridade que os indígenas tinham com esses termos, o que pode ser confirmado com a proeminência desses hispanismos logo na segunda fase (1770-1779).

Por outro lado, é ainda mais compreensível a presença das formas hispanas para designar os dias da semana e os meses do ano, considerando que os próprios jesuítas não propuseram nenhum equivalente com material nativo. A ocorrência dessas formas aumenta, como se verá, em contextos fraseológicos.

Instrumentos

O contato com a cultura hispana também permitiu a incorporação de instrumentos. A tabela 23 revela a ocorrência de léxico desse campo somente em duas fases (1780 e 1800). No entanto, o fato de que essas ocorrências ficaram restritas apenas às duas fases mencionadas não implica que não tenham ocorrido também em outras fases.

De igual modo, vale destacar o uso desses hispanismos, no sentido de que revelam a presença de novos artefatos da cultura do colonizador e que ingressam com seus nomes de origem. Pode-se observar que ocorrências como *bastón*, *tacho*, *batea*, *mesa*, *carreta*, *legra* e *tabla* sugerem que esses instrumentos e objetos eram empregados fundamentalmente no meio rural.

3.3.3.4 Domínio da religião

Assim como no campo semântico da família, é de se esperar que o léxico da religião dos nativos fosse igualmente resistente. Entretanto, há que se considerar que a religião foi o principal alvo da normatização dos jesuítas. Ela impacta sobre a formação dos próprios escreventes, que incorporam a religiosidade cristã em uma série de expressões e fórmulas comunicativas usadas nas cartas. Isso explica o número representativo de exemplos de hispanismos registrados nas cartas, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 23: Campo semântico da religião

	1768-69	1770	1780	1790	1800	1810-31
Religião	Jesucristo, fraile, clérigo, Espírito Santo, apóstol, santo, misa, doutrina, gloria, Jesús, alabado, cura, gracia	Doctrina, gracia, Jesucristo, padre, gloria, amén, misa, cruz	Dios , cura, misa, Espírito Santo, amén,	Dios	Cura, fraile, Jesucristo, sacramento, santíssimo sacramento, misa, cura, sacristán, Dios	Dios , evangelio

Fonte: elaboração nossa.

Por tudo isso que foi mencionado acima, tem-se na religião um dos campos mais trabalhados linguisticamente pelos padres. No entanto, os próprios jesuítas perceberam que nem tudo seria passível de tradução ou de adequação à língua guarani. Exemplo dessas dificuldades é o caso do termo *Espíritu Santo*, para o qual nunca foi proposta alguma tradução ou equivalente. De todas as ocorrências, somente sete apresentam correspondentes no *Vocabulario*, como se pode constatar na seguinte sequência:

- *Santos* > *tupã voja* ‘vasalo de Deus’ (*Vocabulário*, p. 360);
- *Doctrina* > *ñembo’e* ‘ensinar-se’ (*Ibid.*, p. 157);
- *Gloria* > *toryvete apyre’y* ‘graça/alegria eterna’ (*Ibid.*, p. 207);
- *Alabado* (alabar) > *imombe’ukatupyra* (*Ibid.*, p. 29);
- *Cura* > *karai, pa’i* (*Ibid.*, p. 124);
- *Gracia* > *meguã, apirai* (*Ibid.*, p. 209);
- *Dios* > *Tupã* (*Ibid.*, p. 155).

Uma outra parte dos empréstimos lexicais do espanhol diz respeito à estrutura em funcionamento da própria Igreja Católica e que era transmitida por meio da Catequese. Dentre todos os hispanismos, contudo, a ocorrência da forma *Dios* se mostra especialmente relevante, visto que os jesuítas encontraram um correspondente no lexema nativo *Tupã*, que designava uma entidade, na cultura guarani. Seu significado original foi deslocado em favor do ‘Deus cristão’. É possível constatar no próprio *corpus* desta pesquisa a ocorrência de *Tupã*, o que comprova que seu uso estava disseminado. No entanto, no *corpus* das cartas, *Dios* se integra aparentemente com mais força a partir da fase de 1780. Isso pode estar ligado a um maior contato com o espanhol, que, sabemos, foi se tornando mais intenso até a última fase.

Em suma, concluindo a análise das tendências de hispanização do guarani, conforme diferentes campos semânticos, pode-se afirmar que esse processo refletiu as diferenças sociais e culturais entre o elemento nativo e o colonizador, ao longo das seis fases em que dividimos nossa análise. Apesar das limitações do *corpus*, condicionado pelos tópicos abordados, vinculados a funções administrativas e funcionais, parece evidente que a integração de hispanismos tende a crescer ao longo dessas fases, como reflexo da maior presença do espanhol e do significado que cada campo exerce. Constatou-se, novamente, seguindo a recomendação de Thun (2008a), a necessidade de

distinguir entre o esforço de normatização empreendido pelos jesuítas, que buscavam manter a pureza da língua, e a normalização que, de fato, seria esperada no uso diário pelos falantes de guarani.

3.4 PRESENÇA DO ESPANHOL NO DISCURSO INDIVIDUAL

Haveria inúmeras possibilidades para analisar o *corpus*, para além do nível da palavra, como se viu na seção anterior. As formas de tratamento, os títulos honoríficos, assim como as marcas que denotam conhecimento do gênero e a alternância de uso do guarani e do espanhol aparecem de forma muito saliente e produtiva nas cartas analisadas e exigem por isso uma atenção especial. Haveria, sem dúvida, muitos aspectos a analisar, porém, as condições de realização da tese, nos exigem prudência para não comprometer o que é possível descrever.

Em função dessas dificuldades, de empregar um método mais dedutivo (da teoria para o dado empírico), a análise do *corpus* deste estudo mostrou a maior pertinência para optar pelo caminho inverso de analisar indutivamente a presença do espanhol no nível da frase.

3.4.1 Formas de tratamento e títulos honoríficos

Merecem destaque nesse campo as formas de tratamento e títulos honoríficos. O emprego dessas formas pressupõe um interlocutor que hierarquicamente encontra-se numa posição superior à do escrevente e, linguisticamente, é falante de outra língua, nesse caso espanhol. Parte-se do pressuposto de que o perfil do interlocutor pode induzir o escrevente a lançar mão de formas de tratamento e de títulos honoríficos que respeitem essas relações preestabelecidas. A tabela a seguir apresenta um quadro geral do emprego dessas formas e dos exemplos mais recorrentes:

Tabela 24: Formas de tratamento

Formas de tratamento e títulos honoríficos	1768-69	1770	1780	1790	1800	1810
	22 cartas	11 cartas	8 cartas	2 cartas	6 cartas	5 cartas
Média por cartas	7,3	6,45	10	4,5	5,6	5

Exemplos	Señor governador/ Señor	Señor Gobernador	Señor teniente de Gobernador	Señor Adminis- -trador	Administrador Don/ Rey Don	Señor Vuestra Señoría/ Hermanos ciudadanos
	Gobernador Don/ Administrad or Don	/ Don teniente General	Don/ Señor Gobernado r	Corregid or	Carlos Cuarto/ Señor Gobernador/ Señor subdelegado	

Fonte: elaboração nossa.

A tabela apresenta uma média das ocorrências de formas de tratamento e de títulos honoríficos. Constatou-se um leve decréscimo nas últimas fases. A fase de 1780-1789 é significativamente mais produtiva em termos de emprego de formas e fórmulas de tratamento, apresentando uma média de 10 ocorrências por cartas; enquanto a fase de 1790-1799 é a que apresenta menor índice, com uma média de 4,5 por documento. Essa diminuição, como alertado anteriormente, deve ser interpretada sobre o prisma da diminuição de manuscritos, uma vez que se dispõe nesse período de apenas dois documentos. Além disso, vale lembrar novamente o problema de contar dois documentos de gênero textual diferente, já que um dos documentos é uma carta, enquanto o outro é uma lista.

Quanto ao uso das formas de tratamento e dos títulos honoríficos levantados, pode-se considerar que atende ao momento histórico da recente saída dos jesuítas, responsáveis pela distinção dessas relações hierárquicas. Provavelmente essas diferenças hierárquicas ainda estivessem muito latentes entre os herdeiros dessa tradição, a primeira geração de escreventes das três primeiras fases. É preciso lembrar também que, nesse período, encontrava-se em curso uma reconfiguração sociopolítica de novos governantes e representantes locais, externos à comunidade, com os quais os indígenas tentavam manter boas relações.

Por outro lado, observa-se, um predomínio do emprego das formas nominais em detrimento das formas pronominais, tanto nos atos alocutivos quanto nos atos delocutivos. As formas nominais mais usuais são *señor* e *don*, que, usualmente, ocorrem acompanhando títulos administrativos, como em *Señor Gobernador*, *Señor Administrador*, *Señor Virrey*, *Corregidor Don*, *Rey Don Carlos tercero*. Há casos em que as formas *señor* e *don* aparecem duplicadas, como no exemplo *Capitán General Señor Don*. Como se vê, os títulos administrativos mostram-se especialmente salientes.

Chama a atenção, do mesmo modo, que a forma de tratamento *Vuestra excelencia* ocorra de maneira muito restrita, apresentando uma ocorrência em 1768-69 e outra em 1800-1809. Seu uso predomina em fórmulas para despedida, características do gênero

carta, como se verá na próxima seção. Tal pode ser visto no exemplo da carta 1768/s.l., que termina com a seguinte fórmula: *Puesto â los Pies de V. E* ‘Posto aos pés de Vossa Excelência’. O mesmo pode ser observado na carta 1800/Itapua, em que o emprego de *Vuestra Excelencia* igualmente aparece na função de despedida: *Dios Guê V. Ex m.s a.s.*, ou seja, ‘Dios lhe guarde, Vossa Excelência, e lhe conceda muitos anos de vida’.

Outra fórmula de tratamento que merece atenção envolve a expressão *Señor Vuestra Señoría*. Embora seja registrada em apenas um documento da última fase (1810), há um total de 14 ocorrências em uma única carta de 1813/Candelaria, destinada ao presidente da Junta de Asunción. O emprego de *Vuestra Señoría* representa uma fórmula de mais alto nível (MATHIEU, 1982, p. 604). Sua duplicação com o acréscimo de *Señor* pode estar motivada pelo valor de prestígio que carrega.

De modo geral, a forma *señor* mostra uma presença expressiva acompanhando títulos administrativos e honoríficos, como já se viu. Por outro lado, a forma *don* costuma ser empregada, usualmente, no mesmo sintagma de *señor*, sem ser uma oposição, como no exemplo *Señor Administrador Don*. Embora se registrem casos em que somente seja empregada a forma *don*, como no exemplo <*Corregidor Don*>, a forma *señor* é, no entanto, em todo o *corpus* analisado, a mais expressiva, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 25: Média de ocorrências das formas *señor* e *don*

	1768/69	1770	1780	1790	1800	1810
Número de cartas	22	11	8	2	6	5
<i>Señor</i>	3,31	4,7	3,75	0	2	3,8
<i>Don</i>	1,27	0,9	2,25	0,5	1,3	0

Fonte: elaboração nossa.

Cabe mencionar que a tabela acima reúne as formas *señor* e *don* integradas nas fórmulas de tratamento analisadas nesta seção. Não foram contabilizadas aquelas formas cujos usos ocorrem de forma isolada. A tabela sugere que a forma *señor* parece ter tido mais difusão no contexto das reduções. Na primeira fase 1768-69, a forma *señor* apresenta uma média de 3,31 por carta, enquanto a forma *don* apresenta 1,27. Na última fase, por sua vez, somente ocorre a forma *señor*. Por outro lado, embora as reduções jesuítas tenham constituído uma comunidade linguística separada, vale notar que, no guarani

paraguaio, por exemplo, os falantes contemporâneos parecem preferir as fórmulas *don/doña/caballero* em lugar das fórmulas *señor/señora*, como mostra um estudo realizado por Alvar (2001 *apud* STEFFEN, M., 2010, p. 440).⁸⁵

A última fase 1810-1831 parece ampliar seu repertório de formas para além das formas tradicionais já mencionadas. Constata-se, por exemplo, o emprego do título *doctor* (*Al señor Doctor. Leon Esquiber*) e da forma *compañero* (*Estimadísimo Comp.o*), o que pode sugerir uma reconfiguração das relações sociais das quais participam novos atores.

Por fim, pode-se concluir que o emprego dessas fórmulas de tratamento e de títulos honoríficos responde a noções convencionais de cortesia e de protocolo que advêm de um contexto de relações sociais formais, nas quais as posições hierárquicas estão muito bem definidas. Como se viu, os títulos administrativos são os mais salientes, acompanhados ora da forma *señor*, ora da forma *don*, entre outras formas. Também se constatou a ausência de formas de tratamento pronominais, como *tu*, *usted*, *vos* mais características da oralidade, em que no Paraguai predomina o uso de *vos* (STEFFEN, M., 2010).

3.4.2 Marcas textuais do gênero epistolar

Esta seção dedica-se à análise do papel da variável gênero textual na incorporação de material léxico do espanhol, tendo em vista a função comunicativa da carta. O *corpus* da tese, conforme já se mencionou, contempla em quase sua totalidade a produção epistolar. Esse gênero, como comenta Sá Rebello (2011, p. 3), está constituído por textos escritos em forma de carta, que “ultrapassando os limites da simples comunicação, chegaram a formar um amplo espectro (cartas privadas, públicas, oficiais, abertas, doutrinárias ou científicas, poéticas etc.)”. Neste estudo, são analisadas cartas exclusivamente do âmbito oficial.

Quanto à estrutura interna da carta, Sá Rebello (2011, p. 3) também lembra que, apesar de não ter sido elaborada uma teoria sobre a arte da epistolografia, observa-se, no entanto, uma normatização que é característica desse gênero. Parte dessa normatização diz respeito à presença de remetente, destinatário, saudações, por extenso ou abreviadas, bem como de fórmulas de despedida. Nesse sentido, como já foi aludido, esta seção

⁸⁵ É usual o emprego de <ña> aférese de <doña> nas regiões do Paraguai.

propõe uma análise que considera as marcas textuais do gênero carta como motivadoras do emprego de material léxico do espanhol. É de se esperar que indígenas que, em um primeiro momento, tenham sido instruídos pelos jesuítas para usar esse gênero, tenham tido à disposição modelos prévios. Trata-se, portanto, de um gênero calcado no mundo hispano, empregado no contexto administrativo instituído pelos jesuítas.

Cabe salientar, por outro lado, que, para a presente análise, consideram-se como marcas textuais: nomes e títulos do remetente e do destinatário, dados do local e data, cumprimentos e despedidas. Também vale salientar que algumas marcas textuais se sobrepõem com os títulos honoríficos, visto na seção 3.4.1. Não consideramos, portanto, essas ocorrências como excludentes.

A tabela a seguir apresenta apenas as ocorrências de material discursivo em espanhol considerando essas marcas textuais. Não entra em questão, para os objetivos desta tese, a análise contrastiva da presença desses elementos na língua guarani.

Tabela 26: Marcas textuais

Marcas textuais em espanhol	1768/1769	1770	1780	1790	1800	1810
Número de cartas	22	11	8	2	6	5
Média por cartas	1,8	2	2,75	3	2,5	2,2
Exemplos	à 28 de Feb.o pïpe 1768, en 1° de Marzo de 1768 Años	San Juaquin y Noviembre doze de mil Setezientos Setenta, A Señor Gov., Dios le de mui Buenos Dias S.or Capitan General Dn Juan Angel	Año de mil setecientos, y ochenta, Por los demas del Cav.do y Caziques que no saben firmar	Pormi llos demas de Cavildos q. no saben firmar, Pueblo de la Santíssima Trinidad 1° de Febrero de 1794	Dios Guê a V. Ex.a m.sa.s, Santa Maria la Mayor Octubre 20 de 1800	El dia diez y nueve de Marzo pe, Al señor Doctor. Leon Esquiber

Fonte: elaboração nossa.

A média das marcas textuais do gênero por carta, segundo a tabela, é relativamente estável. Na primeira fase 1768-69, registra-se uma média de 1,8 marcas por carta, tendência que continua até a última fase 1810, que apresenta uma média de 2,2 marcas por cartas. O *corpus* analisado mostra que os dados do destinatário costumam encabeçar a carta, antecedidos por fórmulas de tratamento e títulos administrativos, como pode ser constatado no excerto a seguir.

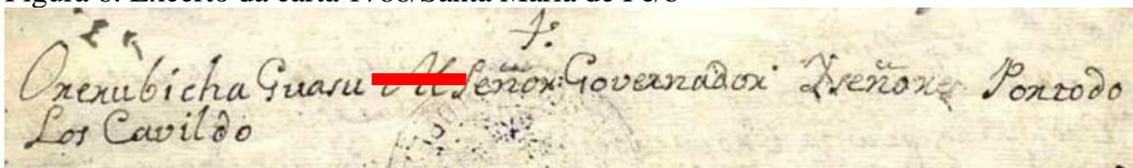
Figura 5: Excerto da carta 1783/San Estanislao



Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

Como mostra o excerto apresentado, observa-se o emprego da abreviatura em todas as palavras: *Sr. Govr y Cap.n Gral.* ‘Senhor Governador e Capitão Geral’. Em outros casos, os dados do remente podem ocorrer antecidos pela locução preposicional *al* ‘ao’, como se pode constatar no seguinte exemplo:

Figura 6: Excerto da carta 1788/Santa Maria de Fe/b



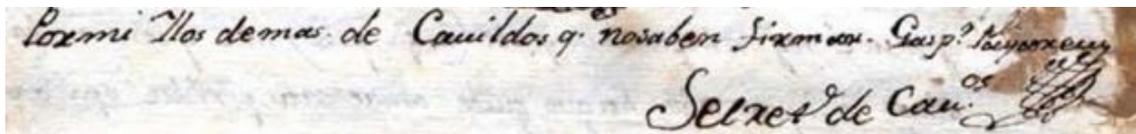
Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

O emprego da locução *al* ‘ao’, como se observa na carta, indica que seja uma forma de marcar, definir para quem vai endereçada a carta. Também é possível constatar que essas fórmulas, em alguns casos, cumprem às vezes funções de aposto *Al Señor Governador y señores* ‘Ao Senhor Governador e senhores’. Os exemplos também mostram que muitas vezes se empregam somente os títulos administrativos para especificar o destinatário, dispensando-se nomes e sobrenomes.

Em outros casos, nos cumprimentos iniciais, empregam-se fragmentos em espanhol característicos do gênero, como o demonstra o seguinte excerto: *Dios le de mui Buenos Dias S.or Capitan General Dn Juan Angel* ‘Deus lhe dê muito bom dia Senhor Capitão General Dom Juan Angel’ (1773/s.l/b). O uso desse tipo de fragmento denota o domínio de aspectos do discurso condizentes com o contexto em que a carta é redigida. Do mesmo modo, nas despedidas, não é incomum encontrar fragmentos como *Dios Guê a V. Ex.a m.sa.s* ‘Dios guie a Vossa Excelência e lhe conceda muitos anos de vida’ (1800/Itapúa).

Nas assinaturas/despedidas, por sua vez, encontram-se fragmentos como o seguinte:

Figura 7: Carta: 1794/Trinidad



Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

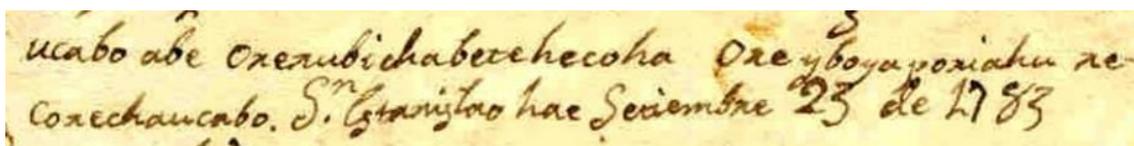
O excerto *Por mi e los demas de Cavildos q. nosaben firmar* ‘por mim e os demais do Cabildo que não sabem assinar’ – é significativo, pois sugere que a prática escrita não estava generalizada entre as lideranças indígenas. Conforme se aludiu no primeiro capítulo, a prática escrita não estava difundida entre todos os membros das reduções. Essa prática, cabe lembrar, restringiu-se à elite, formada em boa parte por filhos de caciques, aos quais competia a administração da coisa pública. Segundo Neumann (2015, p. 80), as competências eram díspares, ou seja, o domínio da leitura não implicava necessariamente o domínio da escrita. A escrita, portanto, parece não haver estado generalizada mesmo entre essa elite, como o demonstrou Neumann, por meio da análise de um documento de 1699, em que o corregedor delegou a escrita a um terceiro.⁸⁶

A especificação do local levanta a questão da toponímia. Contrariamente, porém, à tendência geral de adoção de topônimos de tupi-guarani tanto no espanhol, quanto no português, aparecem no *corpus* topônimos característicos das reduções, que é onde as cartas são escritas. Embora predominem denominações do campo religioso tais como Santa Maria, Trinidad, San Estanislao, também se conservam alguns topônimos nativos, em guarani, como Itapua, Caaguazu, Yapeyu.

A datação também ocorre, em sua totalidade, em língua espanhola, antecedida pela especificação do local, como se pode apreciar no excerto a seguir:

⁸⁶ Neumann (2015, p. 84) cita o excerto de uma carta de 1699 em que diz o seguinte “[...] *por no saber escrebir pedi al maestro de escuela desta Dotrina llamado Juan Pai [...] hiziese en mi nombre como lo hizo. D. Thomas Potira*”.

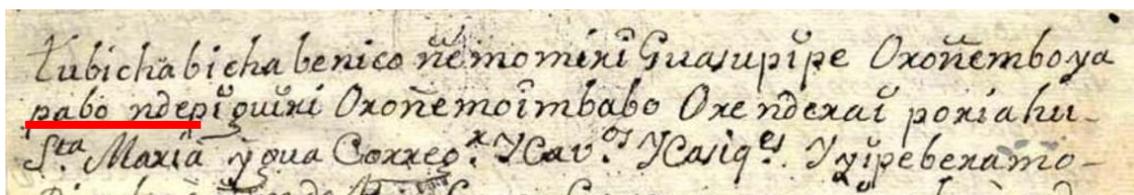
Figura 8: Excerto da carta 1783/San Estanislao



Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

É de se esperar que essas formas apareçam em espanhol, uma vez que os jesuítas não propuseram equivalentes com material nativo para os números, os dias da semana, nem para os meses do ano. Vale lembrar que, na tradição guarani, o tempo era medido pelas fases da lua (CHAMORRO, 2006). Ainda sobre a especificação do local, pode-se verificar, em alguns manuscritos, que esse dado ora pode aparecer no final da carta, seguindo o modelo canônico, ora pode ocorrer no início da carta, como se vê no excerto a seguir:

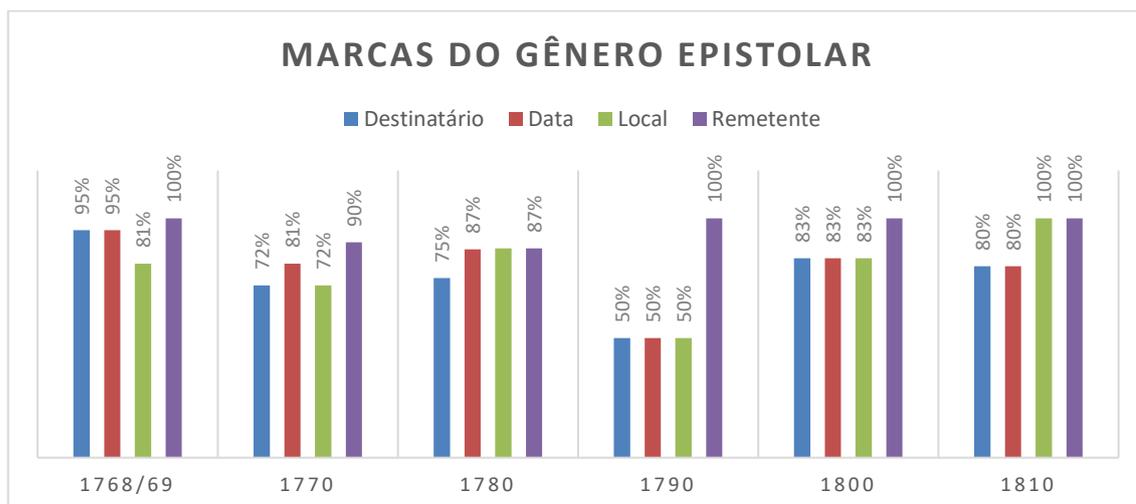
Figura 9: Excerto da carta 1788/Santa Maria de Fe/b



Fonte: Archivo Nacional de Asunción.

Por outro lado, é preciso ponderar também que nem todas as cartas apresentam o conjunto dos elementos internos esperados na estrutura de uma carta. Há documentos que apresentam ausência de algum dos elementos que caracterizam esse gênero. O gráfico a seguir dá uma visão geral da presença/ausência dos diferentes elementos, no *corpus* analisado:

Gráfico 4: Ocorrência das marcas do gênero epistolar



Fonte: elaboração nossa.

Apesar de a fase 1790-1799 incluir um documento questionável em termos do gênero, o gráfico comprova uma certa regularidade da presença das marcas textuais do gênero epistolar. Seria de esperar a diminuição dessas marcas textuais, vinculadas à prática escrita como consequência da ausência de uma instituição reguladora da língua. Melià (2011, p. 437), ao analisar a prática escrita desses últimos anos, afirmava, tomando por base registros escritos, que “[...] *el guaraní sin jesuítas todavía fue jesuítico, pero se degradó hacia modos de hablar cada vez más híbridos [...]*”. É inegável que, com a partida dos jesuítas, acelerou-se o contato com a língua espanhola, como aponta o aumento de hispanismos no *corpus* analisado. Essa aceleração conduziu, em certa medida, a perda da língua nativa. No entanto, apesar da possível “perda” da proficiência em língua guarani, a manutenção dos elementos internos da carta sugere, pelo menos, um conhecimento ainda ativo do gênero. Ao se tomar por base a carta mais híbrida do *corpus* proveniente de Corrientes/1827, constata-se que, apesar do alto influxo de hispanismos, conservam-se todos os elementos constituintes de uma carta: destinatário, remetente, local, data.

3.4.3 Alternância no uso de guarani e espanhol no plano da sintaxe

Nas seções anteriores, a análise contemplou essencialmente processos de integração de elementos lexicais e gramaticais no guarani. Isso significa, vale repetir, que,

ao focar o nível da palavra, se pressupõem elementos de uso coletivo e recorrente referentes ao âmbito da *langue* e que, em certa medida, foram incorporados desde um estágio ainda incipiente do conhecimento da língua-fonte, no caso, a espanhola. Os fenômenos de *code-switching* e *code-mixing*, por outro lado, são de outra natureza e atingem o âmbito da *parole*, do uso relativamente variável por cada indivíduo. Essas alternâncias entre línguas, contrariamente, pressupõem um grau mais avançado de competência bilíngue, sobretudo na língua em contato. Trata-se de um estágio de bilinguismo que permite ao falante formular frases inteiras regidas pelo sistema da língua-fonte.

O fato de nosso *corpus* ser proveniente do domínio escrito não invalida a correlação com o que acontece com a alternância na fala, mas é preciso estar ciente das diferenças que abarcam esses dois meios – escrito e falado (cf. KOCH; ÖSTERREICHER, 2013). Para o propósito da análise da ocorrência desses usos linguísticos nas cartas que compõem o *corpus* desta tese, usar-se-á o termo “alternância” para referir-se tanto aos processos de *code-mixing* quanto aos de *code-switching*.

A tabela a seguir propõe uma comparação do número de cartas com o número de casos de alternâncias em cada fase analisada. Pretende-se, desse modo, verificar inicialmente a frequência de ocorrência dessas alternâncias, para analisar o que isso revela sobre o estado da língua guarani, ao longo do período, no seu contato com o espanhol. Como, porém, o número de cartas é desigual, nas diferentes fases, a comparabilidade dos dados fica comprometida. Para contornar essa limitação do *corpus*, optou-se, por isso, por analisar a frequência da alternância de código em termos de sua média relativa de casos por carta. Vejamos a tabela a seguir, acrescida de exemplos de cada fase:

Tabela 27/a: Média de alternâncias em cada fase analisada

1768-69	1770	1780
22 cartas	11 cartas	8 cartas
3 alternâncias	6 alternâncias	9 alternâncias
Média por carta: 0,13	Média por carta: 0,5	Média por carta: 1,12
1- la Cathedral 2- y el hijo del Corregidor hasedo (n) de Platos su apelido 3- cinco Mayordomos	1- Encomienda de ciudad, 2- oyeporu [n]deMayordomo dies años, 3- omeê tres quartas de paño, 4- ymeêhaguerami abe tres quartas de paño y Cinco baras de Lienzo, 5- oyeporu ocho años, 6- Oficial de Ocho años	1- Domingo a Nueve de Enero oromeê yChupe, 2- Sabado a 8 de Enero óbahê, 3- Omongâru las Dose, 4- oroguerecobaè el Vicario de Jesu Christo, 5- oroguereco Sesenta mil Bacas hae once mil arrovas Mandiyu, 6- once mil arrovas, 7- ocupa cheheguĩ catorze muchachos, 8- los cantaros, 9- pero lo mesmo que noñepohanoi

Tabela 28/a: Média de alternâncias em cada fase analisada

1790	1800	1810-1830
2 cartas	6 cartas	5 cartas
2 alternâncias	3 alternâncias	42 alternâncias
Média por carta: 1	Média por carta: 3	Média por carta: 8,4
<p>1- uyapouca abe seis Canua (?), 2- Arruego de los casiques Fructuoso Berapoti,</p>	<p>1- orohecha Tres Missa cantada, 2- Dios guarde más años, 3- Cinco pesos plata Sepultura repi, 4- Veinte y cinco p.s Plata Pay omoinguebae, 5- una pieza Lienzo Santa Rosa rera pe, 6- obendeuca a quatro rr.s vara pe, 7- oyepaga quatro pesos, 8- vestido upe a dos p.s cada uno, 9- Peti de pito, 10- catorze pesos plata pipe, 11- quarenta y una baca ray de dos año, 12- como docientas u.s, 13- treinta y una sillars armasen hazienda ramo yyapo pipe, 14- Herramientas Az.da yservicio pe oyeporubae, 15- 20 de marzo pe oyapo, 16- hendubucabo Mal exemplo, 17- oyucauca Lechera manza, 18- haeramibe Buey Haz.da veinte y dos y tantos</p>	<p>1- segunda persona eregovernabae en este mundo, 2- el dia cinco de abril pipe, 3- un Cavo Quartelpe Opita, 4- el dia Siete de Abril pipe Ohoma, 5- Ohoma um Als un Cavo con Quatro Soldados con arma y Cartuyo, 6- Che ha un Cavo orereraha preso hasta Candelaria Quartelpe, 7- a las tres y quartos a la tarde ya Oreasegurama, 8- el Cavope ocastiga venty cinco asotes, 9- Cincuenta asotes nueve dias hei Cheve, 10- hasta las doce peve, 11- ndeausa artillero Otheniente omoña Sable pe, 12- erepagapane dos meses pebe, 13- porque dos vecesma nico, 14- Ocastiga veinte y cinco asotes, 15- Ore comandante de armasra, 16- omeene mal exemplo, 17- ndahechaucai mal Exemplo, 18- al grito [...] al momento ahecháma, 19- yasufri este mal manejo, las desdichas, calamidades, 20- el primer dia de desgracia oiqué, 21- los pueblos de las Misiones Parana arriba haè los pueblos Uruguay coti, 22- quince pueblos, 1817 años pipe á 12 de septiembre rupi, 23- Los paisanos Uruguayygua, 24- Diez años cumplidosma yarohasa padecimientos, 25- co año 1827 a 12 de septiembre pipe, 26- Superior Gobierno rendape dos representantes rehebé, 27- el Sr. Cacique principal D. José Ygnacio Bayay y el Sr. Secretario D. José Ignacio, 28- Dios mediante oroconseguí á la proteccion de aquel gobierno de la ciudad de Corrientes, 29- yayohú ñande felicidad, de nuestra provincia y los habitantes Hermanos, 30- Pehecháma ndayarecói el primer necesidad, un pastor Espiritual, 31- Es um gobierno co ñande Provincia pe, 32- pehecháma abé ñande Padre de la República, subalternos, 33- yayapomoâramo Justicia por la ley de Dios, la regla de la religion cristi[a]na, 34- ñandepersegui: amenaza oití Justicia âri, los paisanos Uruguayguá, õibaecué sobre las armas, 35- momentaneum enim quod laetat, aeternum quod excruciat, 36- ñande paisanos retá de armas, Uruguayygua, 37- Ah, hermanos míos, vamos a labrar de nuestro pais la gloria, 38- la proteccion de la</p>

capital de Corrientes, **39-** Nosotros huérfanos desamparados yarecóma un árbol de laurel, isombra pe, **40-** los lugares todo el pueblo ohecha hagua para eterna memoria, **41-** Viva la patria mil veces, **42-** Viva nuestro protector y defensor el Gobierno de la Capital de Corrientes. //

Fonte: elaboração própria.

De um modo geral, observa-se uma tendência de aumento do número de alternâncias, no período analisado. Diacronicamente, também chama a atenção que a proporção da presença de alternâncias e do número de documentos se inverte, ou seja, aumenta o número de alternâncias para o espanhol e diminui, aparentemente, a produção escrita, se considerarmos que a disponibilização de manuscritos de uma fase a outra coincide com o que foi produzido de fato. A primeira fase (1768-69), à diferença das demais, é a única que reúne mais de vinte documentos, chegando a um total de 22 cartas. Não obstante, é a única com menor presença de alternância com o espanhol, registrando apenas três casos que apresentam uma média de 0,13 de alternância por carta.

Na segunda fase (1770-1779), que reúne 11 manuscritos, registra-se o dobro de alternâncias em comparação à fase anterior 1768-69. Em 1780-1789, onde se reúnem oito documentos, há um total de nove alternâncias, que representam 1,12 por carta. Em 1790-1799, fase que se compõe por apenas dois documentos apresenta apenas duas alternâncias. As duas últimas fases são as mais dissonantes. A fase 1800-1809 compreende um total de seis documentos e apresenta um total de 18 alternâncias, superando em dobro, por exemplo, a fase 1780-1789. Em 1810-1831, por sua vez, devido à escassez de documentos, reuniram-se manuscritos que perpassam o limite de uma década, critério utilizado nas demais fases. Assim, das cinco cartas, duas são de 1813, uma de 1821, outra de 1827 e a última de 1831. Apesar da escassez de documentos preservados até hoje, constata-se que se trata da fase mais produtiva em termos da ocorrência de alternâncias entre o guarani e o espanhol. A vitalidade da presença do espanhol, nas cartas dessa última fase, é significativamente maior, chegando a um total de 42 registros de alternância para o espanhol, o que representa uma média de 8,4 ocorrências por carta. Em suma, fica evidente o aumento da alternância de línguas, do guarani para o espanhol, nos manuscritos analisados de uma fase mais antiga para a mais recente. A média de ocorrências por carta passou de 0,13 para 8,4, o que pode ser explicado pelo aumento da presença do espanhol, também na estrutura social e

administrativa, assim como também do conseqüente aumento e difusão do bilinguismo, com dominância crescente do espanhol.

Do ponto de vista extralinguístico, portanto, percebe-se que os referentes hispanos parecem ser motivadores do emprego dessas alternâncias. Assim, os elementos que dizem respeito à administração, à religião, ao comércio, de um modo geral, parecem atuar como gatilhos para essas alternâncias ao espanhol.

Analisando por outro lado, as motivações linguísticas das alternâncias para a língua espanhola, parece desempenhar papel determinante a constante busca de adequação às regras internas da língua-fonte. Vale destacar, nesse particular, duas dessas motivações que se mostraram mais significativas, no *corpus*: de um lado, a concordância nominal e, de outro lado, o emprego de palavras gramaticais, como artigos, pronomes e numerais, seguindo os padrões da língua-fonte.

Encontram-se, no *corpus*, excertos em espanhol que apresentam concordância nominal motivada pelo emprego dos numerais. Assim, embora os numerais tenham sido retirados da análise geral, é possível notar que seu uso, no contexto frasal, parece motivar a pluralização dos substantivos emprestados (Cf. CERNO, GUTIERREZ e CERNO, no prelo). Citem-se os seguintes exemplos:

- *cinco mayordomos* ‘cinco mordomos’,
- *setenta mil vacas* ‘setenta mil vacas’,
- *ocho mil vacas* ‘oito mil vacas’,
- *ome’ẽ* [‘deu’] *tres quartas de paño y cinco baras de lienzo* ‘deu três quartas de tecido e três barras de tecido’,
- *oyeporu* [emprestou-se] *ocho años* ‘usou-se oito anos’.

Em relação à concordância nominal dos artigos com os substantivos, vale lembrar que, no guarani, o plural não se marcava gramaticalmente; sua expressão se dava por meios lexicais. Isso sugere, como se vê, que esses sintagmas se regem, por isso, pelo sistema da língua espanhola.

Merece, assim, especial atenção, na análise das alternâncias de línguas, a presença dos artigos definidos do espanhol no uso do guarani. Seu emprego, no *corpus* da tese, é observado principalmente em três fases: 1768-69, 1780 e 1810-31. Vale lembrar que o guarani não possuía um elemento gramatical semelhante aos artigos do espanhol. Nas variedades contemporâneas, do guarani correntino (CERNO, 2011) e do guarani

paraguaio (THUN, 2008), os artigos são empréstimos integrados. No entanto, no caminho do espanhol para o guarani, esses artigos foram reduzidos na forma, além de sofrerem transformações, com ampliação de sua funcionalidade. No caso do Paraguai, comenta Thun, acontece inclusive uma espécie de empréstimo revertido, em que os artigos, imbuídos de novas funções no guarani, retornam ao espanhol paraguaio reestruturando essa classe gramatical.

A ocorrência dos artigos, no *corpus* analisado, dá-se exclusivamente no nível da frase, e não da palavra. Na fase de 1768-69, aparecem já o artigo feminino singular *la* ‘a’ e o artigo masculino singular *el* ‘o’. O primeiro exemplo ocorre na sequência *la Cathedral* ‘a catedral’; o segundo, na sequência *y el hijo del Corregidor* ‘e o filho do corregidor’. Seguindo a interpretação de Thun (2008), que toma por base os mesmos exemplos, é muito provável que, naquela fase, houvesse ainda desconhecimento da função gramatical do artigo. Assim, o segmento *la Cathedral* ‘a catedral’ não se classificaria como uma alternância. O mais provável, afirma Thun, é que, havendo somente uma catedral na cidade de Buenos Aires, os escreventes percebessem o artigo como parte integrante do nome próprio e não como um elemento gramatical. Com isso, não teríamos propriamente uma alternância.

No que se refere ao emprego do artigo *el* ‘o’ no exemplo *y el hijo del corregidor* ‘e o filho do corregidor’, fica a dúvida se realmente se trata de uma alternância no contexto da carta e no momento histórico da língua. É provável, nesse caso, que o artigo funcione igualmente como parte do substantivo *hijo* ‘filho’, ele vale para seu uso no segmento *del corregidor* ‘do corregidor’.

Do mesmo modo, na fase 1770-1779, há excertos onde os artigos antecedem fórmulas de tratamento, como analisado na seção 2. Não é incomum encontrar nessa fase, expressões como: *el Señor Gov.r D.n Franc.co de Paula Bucareli* ‘o senhor Governador dom Francisco de Paula Bucareli’. Seria possível inferir que, nessa fase, o artigo não tenha sido ainda percebido com um elemento gramatical, e sim como parte do nome?

Por outro lado, a fase 1780-1789, destoa das anteriores, uma vez que a escrita guarani começa a receber influxos gramaticais, em especial das conjunções e preposições. No entanto, o emprego de artigos aparece ainda restrito ao seu uso diante de substantivos do espanhol, logo em casos de alternância de código. Os exemplos *Omongaru* [alimentou] *las Dose* ‘alimentou às doze’ e *oguerootabe* [transportou] *los cantaros* ‘transportou os cântaros/vasos’ trazem, por sua vez, aspectos interessantes do ponto de vista tipológico do guarani e do espanhol. Vale lembrar que o guarani distingue o gênero e o número por

meio de recursos lexicais e não por meios gramaticais.⁸⁷ Além disso, enquanto a marcação do plural é obrigatória em espanhol, em guarani era de uso facultativo (THUN, 2006, p. 379). Novamente, constata-se a concordância tanto de número, quanto de gênero, entre os artigos e os substantivos, conforme o padrão da língua espanhola. Não se poderia, nesse caso, desconsiderar a distância temporal dessas ocorrências com aquelas da fase 1768-69. Para Thun (2006, p. 380), esses usos apresentam-se como verdadeiras alternâncias, pois é provável que os escreventes possam já ter estado em contato mais intenso com a língua espanhola, o que lhes propiciava maior conhecimento não só do léxico, como também da gramática da língua colonizadora.

Conforme já se assinalou, registra-se um interstício no emprego dos artigos que vai de 1780 até 1800 e que pode ser explicado pela escassez de documentos que se encontram à disposição. Em 1800, no entanto, os artigos voltam a aparecer, embora exclusivamente para especificar o local onde foi redigida a carta, em topônimos formulaicos como *Santa Maria la Mayor* ‘Santa Maria a Maior’, ou antecedendo fórmulas de tratamento *En el Rey Nro Sr Dn Carlos 4º* ‘no nome de nosso rei senhor dom Carlos quarto’. Poderia novamente o uso do artigo ser interpretado apenas como uma espécie de “reprodução aloglota”, como diz Thun? Finalmente, na fase 1810-1831, anos em que escasseiam sobremaneira os manuscritos guaranis, há um salto tanto no emprego das alternâncias, quanto na ocorrência dos artigos. O uso mais ostensivo dessa categoria acontece no documento 1827/Corrientes. Trata-se de um documento redigido por lideranças dos povos refundados em San Miguel (atual Corrientes) e San Carlos (atual província de Corrientes, Argentina), em que se pede aos indígenas para deixarem de serem missioneiros e passarem a ser correntinos, isto é, argentinos. Os exemplos *el primer dia de desgracia oiqué* [entrou] ‘o primeiro dia de desgraça entrou’ e *Los paisanos Uruguayyãgua* [de Uruguai] ‘os paisanos uruguaios’ dão testemunho de um massivo uso da alternância que conserva a sintaxe da língua doadora. No bojo do discurso da carta, há uma mudança identitária e linguística, com abandono da identidade missioneira, atrelada à língua guarani, em prol de uma identidade nacional que coloca o espanhol como recurso expressivo possível do povo.

Resumindo, observa-se que, em todas as fases analisadas, o emprego dos artigos ainda se dá no nível da alternância, e não como um empréstimo integrado, como acontece nas variedades contemporâneas como a do guarani correntino e do guarani paraguaio. Em

⁸⁷ O lexema *eta* ‘muitos’ servia, no guarani antigo, para marcar a quantidade e os lexemas *kuimba’e* ‘macho’ e *kuña* ‘fêmea’ para introduzir distinção de gênero, pelo uso regido pelo contexto.

ambas as variedades, porém, como se mencionou, o paradigma dos artigos do espanhol sofreu uma redução formal. No caso do guarani correntino, de acordo com Cerno (2011, p. 179), foi emprestado somente o artigo definido *el* ‘o’ e *lo(s)* ‘os’; e, no guarani, paraguaio ao contrário, predomina até hoje, basicamente, a forma feminina *la(s)* ‘a’ juntamente com *lo(s)* ‘os’ para plural. Esses artigos não funcionam como determinantes como em espanhol, e sim como um elemento de referência anafórica ou intratextual que, no guarani tradicional, era expressa por meio dos demonstrativos (Ibid., 2011).

Pode-se concluir, por fim, como mostra a tabela acima, que houve um aumento ostensivo do emprego da alternância de línguas, motivado, em parte, pela busca de adequação às regras do espanhol (concordância nominal de plural e de gênero) e ao preenchimento de lacunas, como a ausência de artigos e de determinados numerais. A frequência de ocorrência das alternâncias, por outro lado, e a crescente diminuição da produção de cartas revelam, em termos de proporção, um uso cada vez maior do espanhol, tanto no plano extralinguístico, da sociedade, quanto no plano das competências linguísticas em guarani e em espanhol. O aumento da alternância pode sinalizar a morte do guarani reducional, claramente na escrituralidade, o que não se reflete necessariamente no nível da fala, conforme o demonstram as pesquisas do ALGR sobre o guarani atual. Essa perda da funcionalidade da escrita e do ensino da norma é a primeira a ser substituída pela língua dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs-se a contribuir com um estudo do contato linguístico entre o guarani e o espanhol em uma perspectiva diacrônica, no período compreendido entre os anos de 1768 até 1831. Uma das dificuldades para uma análise histórica da variação e mudança da língua guarani em contato com o espanhol é a falta de registros das falas desse período. As únicas fontes que podem jogar alguma luz sobre a situação linguística da população nativa, nesse período, são fontes escritas. E, apesar de se ter conhecimento da existência de outras variedades de guarani, tomou-se por base, para este estudo, a única variedade para a qual franciscanos e, posteriormente, jesuítas (1609-1768) desenvolveram um sistema de escrita, nas reduções jesuíticas. O *corpus* assim constituído reuniu 54 manuscritos do período pós-jesuítico (1768-1831), produzidos num lapso temporal de 63 anos. Para a sua análise, o estudo adotou como foco central a integração de empréstimos, especificamente de material linguístico, enfocando aspectos fonético-fonológicos, lexicais e gramaticais. Além disso, buscou-se identificar os principais campos semânticos em que se deu a entrada desses empréstimos, bem como distinguir, contrastivamente, o impacto e significado de processos característicos do nível ocasional, tais como as alternâncias de código e usos linguísticos ligados especificamente ao gênero “carta”.

O processo de hispanização foi, desse modo, descrito em diversos níveis, levando em conta as seguintes partes: 1) em primeiro lugar, foi apresentado um panorama diacrônico das incorporações hispanas em nível lexical e gramatical, em cada fase em que se dividiu a produção dos manuscritos; 2) em segundo lugar, traçou-se um quadro quantitativo das classes de palavras mais afetadas, analisando as respectivas motivações para adoção dos empréstimos; 3) em terceiro lugar, fez-se apontamentos sobre os processos de adaptação fonética mais comuns, observados no *corpus*, e o que indicavam sobre o contato linguístico e a vitalidade do guarani; 4) em quarto lugar, analisaram-se os campos semânticos mais produtivos à entrada de hispanismos; 5) em quinto lugar, debateram-se aspectos referentes à prática escrita, como o emprego de formas de tratamento e elementos internos do gênero epistolar; 6) por fim, em sexto lugar, analisou-

se o papel e avanço das alternâncias de código (*code-switching* e *code-mixing*), ao longo do período.

Para os fins da análise diacrônica, a organização dos documentos por fases, tomando por critério uma década, mostrou-se metodológica e conceptualmente elucidativa. Com isso, dividiu-se o *corpus* em um total de seis fases (1768-69, 1770-1779, 1780-1789, 1790-1799, 1800-1831). Os resultados da análise em fases distintas levantaram, além disso, a possibilidade de se identificar, nesse período, duas gerações principais de escreventes: uma primeira geração composta por indígenas formados diretamente pelos jesuítas, que perdurou possivelmente nas fases 1768-69, 1770-1779, 1780-1789; e uma segunda geração (1790-1799, 1800-1810, 1810-1831) que, nessa perspectiva, seria composta por escreventes formados pela elite local e que, portanto, não tiveram influência direta dos padres.

Analisando por esse prisma geracional, de duas gerações de escreventes, as primeiras três fases apresentaram exclusivamente empréstimos lexicais, com exceção dos últimos anos da fase 1780-1789, na qual se começou a incorporar empréstimos gramaticais. Vale lembrar que a tradição jesuítica se caracterizava por uma postura essencialmente purista, no uso do guarani, ou seja, evitava-se “misturar” as línguas. Nessa linha, foram inclusive criados, especialmente neologismos, com material linguístico do guarani, para abranger novos termos e conceitos do colonizador, sobretudo da religião cristã. Assim, a primeira fase (1768-69) contém 7% de hispanismos, em termos de *tokens* e apenas 1% em termos de *types*, o que sugere a recorrência de poucos *types* hispanos.

A segunda fase (1770-1779), ao contrário, apresenta um aumento expressivo de *tokens*, cujo percentual sobe para 9%; duplica-se, além disso, a ocorrência de *types* a um total de 2%.

A terceira fase (1780-1789), apesar da queda do número de *tokens*, 7%, apresenta um aumento do número de *types* para 2%, o que demonstra que a incorporação de diferentes formas vai aumentando gradativamente, ao passar de uma fase a outra.

Nas últimas três fases, que se poderia atribuir a uma nova geração de escreventes mais desvinculados da tradição jesuítica, observa-se um aumento sensível da incorporação de hispanismos. A fase 1790-1798 apresenta um total de 11% de *tokens* e 7% de *types*, e a última fase chega a 12% de *tokens*, com 9% de *types*.

Analisando, portanto, os resultados sob o prisma das duas gerações de escreventes, constatou-se que, na primeira geração, a escrita em guarani mostra-se mais conservadora, apresentando quase que exclusivamente empréstimos lexicais, com baixo percentual de

types. Isso sugere uma competência ainda centrada no guarani, em grande parte, não apenas por um monolinguismo ainda dominante em guarani, mas também pela consciência da sistematização do guarani, impulsionada no trabalho dos jesuítas. Empregos de palavras gramaticais começam a surgir somente nos últimos dois anos 1780-1789, o que justamente sugere uma transição de uma escrita mais conservadora para uma escrita menos conservadora, de uma competência mais incipiente em língua espanhola para uma competência mais avançada. O aumento dessa competência em língua espanhola, por outro lado, também pode ser interpretado como resultado da intensificação da presença do espanhol e, conseqüentemente, do contato com a sociedade externa às reduções jesuíticas.

No que diz respeito aos empréstimos lexicais, as classes de palavras realizam-se na seguinte escala de frequência: substantivos > verbos > advérbios > adjetivos. Como é de se esperar, corroborando outros estudos (GÓMEZ RENDÓN, 2008 e CERNO, 2011), a classe dos substantivos é a que fornece o maior número de empréstimos, seguida por verbos, cujo emprego aumenta de 4% de *tokens*, na fase 1768/1769, para 14%, na fase final de 1810-1831. As classes com menos empréstimos são os advérbios e os adjetivos. Quanto aos empréstimos da classe dos verbos, vale salientar que a maioria remete a práticas introduzidas pelos colonizadores, em especial, no que diz respeito às práticas econômicas, como: *gastar, pagar, deber, valer, conchabar*.

Por outro lado, em relação aos empréstimos gramaticais, a escala segue a seguinte ordem: conjunções > preposições > pronomes > conectores discursivos. Dentre as conjunções, identificou-se apenas uma coordenativa, a disjuntiva *ni* ‘nem’, e duas subordinativas, a explicativa *porque* e a adversativa *pero* ‘mas’. Dentre elas, a forma predominante, em termos de *tokens* é a disjuntiva *ni*. Não se constatou o emprego da conjunção aditiva *y*, a não ser apenas na realização do calco *ha’e* ou em segmentos de alternâncias.

Em relação aos indícios grafemáticos que sinalizam algum tipo de adaptação fonética, os processos mais recorrentes foram os seguintes: a) a elisão de consoante em posição final de palavra, seguindo a estrutura do guarani; b) a eliminação de grupos consonantais, normalmente por meio de epêntese; c) casos de rotacismo e de lambdacismo; dentre outras marcações gráficas que podem sinalizar relutâncias decorrentes do grau de domínio do espanhol e de familiaridade com a escrita, no emprego de um fonema ou outro.

Outro ponto analisado, os principais campos semânticos atingidos pela hispanização, jogou luz sobre aspectos não apenas do contato linguístico, mas também do contato cultural, de modo mais amplo. Certamente, faz-se necessário considerar as limitações que os tópicos das cartas impõem a esse tipo de análise, uma vez que se trata de manuscritos de teor oficial, cujos principais temas abordados foram ligados a questões do âmbito da administração. No entanto, os dados permitiram observar que o campo semântico das relações hierárquicas foi, no *corpus* analisado, o campo mais atingido pela hispanização. Essa tendência explica-se, em parte, pelo contexto em que esses manuscritos foram produzidos. Vale lembrar que se trata de um período de reconfiguração sociopolítica, no qual os indígenas buscavam manter boas relações com as autoridades locais. Não por acaso, o campo semântico das relações hierárquicas é seguido, em termos de representatividade do número de hispanismos, pelo campo econômico/pecuário, no qual ingressam substantivos que nomeiam animais de criação e artefatos, assim como também verbos referentes às práticas comerciais.

No que se refere à prática escrita e ao gênero textual, foi constatado, nos dados, um uso considerável de formas de tratamento e de títulos honoríficos do espanhol, que representam elementos textuais característicos do gênero epistolar. O uso de formas de tratamento tais como *señor*, *don*, *vuestra excelência*, muitas vezes antecedendo títulos honoríficos como por exemplo *capitán*, *administrador*, *rey*, apareceram com frequência, em todo o *corpus*. Esses usos podem responder ao conhecimento do protocolo necessário em comunicações, nas quais as relações hierárquicas estão muito bem estabelecidas. O emprego de elementos internos do gênero epistolar, por sua vez, mostra-se regular em todas as fases analisadas, o que sugere que, embora a competência em guarani, para os tópicos tratados, comece a diminuir nas últimas fases, o conhecimento sobre o gênero se mantém.

Por fim, a análise das alternâncias de código (*code-switching e code-mixing*), entre guarani e espanhol, mostrou uma presença crescente nas últimas três fases, o que pode ter sido motivado pela intensificação do contato com a cultura externa. Esse maior contato impulsionou, certamente, o aumento da competência em língua espanhola, permitindo o emprego de frases completas regidas pela estrutura da língua espanhola e aumento do grau de bilinguismo em guarani e espanhol.

Concluindo, pode-se afirmar que o presente estudo contribui para compreender de que modo, por quais razões e motivações, e em quais níveis e setores do contato guarani-espanhol se dá com maior vigor e vitalidade a hispanização da língua da população nativa

no âmbito das reduções jesuíticas. Fica a pergunta, como reiteradamente mencionamos a partir de Thun (2008a), sobre o que a normatização e a normalização sinalizam sobre as atitudes linguísticas dos indígenas. Em função do *corpus*, do período abordado, do tipo de dado – eminentemente escrito – trata-se evidentemente apenas de um recorte que, no entanto, serve para balizar novos estudos e fornece uma base de apoio importante. O que se espera é justamente avançar nos estudos e estimular novas frentes de pesquisa, que correlacionem por exemplo a hispanização e a manutenção das marcas essenciais do guarani, sua variação interna e sua mudança, na oralidade e na escrituralidade, no espaço geográfico e social, enfim na pluridimensionalidade que a análise da sua configuração pode propiciar.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. L. Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai. **Tese: Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2005a.
- ALBUQUERQUE, J. L. Nacionalismo na fronteira: brasiguaios e campesinos na fronteira Brasil-Paraguai. **Apresentação de Trabalho**, 2005b.
- ALBUQUERQUE, J. L. **Identidade e cidadania na fronteira entre o Paraguai e o Brasil**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife: [s.n.]. 2007. p. 1-14.
- ALCALÁ, G. R. **Ideologia autoritária**. Brasília: Funag, 2005.
- ALCARAZ, F. A.; CANESE, N. K. D. **Ñe'eryru**. Asunción: Universidad Católica de Asunción, 2015.
- ALG. **Gramática guaraní**. Asunción: Servilibro, 2018.
- ALMEIDA, M. L. B.; BARANGER, E.; CERNO, L. Estudio comparativo de tres escenarios contactuales entre el guaraní y el español: contacto colonial postjesuítico (s. XVIII), nacional paraguayo (s. XIX) y contemporáneo indígena. **Texto apresentado no Evento: 20TH ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION OF PORTUGUESE AND SPANISH-LEXIFIED CREOLES (ACBLPE)**, Augsburg, 2022.
- ALONSO, A. **El problema de la lengua en América**. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1935.
- ALTENHOFEN, C. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norteamericanas. Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, 2013.
- ALTENHOFEN, C. O "território de uma língua": ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, O. A. L. D. R. N.; MOZZILLO, I.; CORTAZZO, M. N. &. **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora da UFPel, 2014. p. 69-103.
- ALTENHOFEN, CLÉO VILSON ; KLASSMANN, MÁRIO SILFREDO. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**, São Paulo, 1984. 119-126.
- ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa**, São Paulo, 1996. 11-16.
- APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam: René Staelenberg, [1987] 2005.
- APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.
- ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Stuttgart: Steiner, 1996.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BETZ, W. **Deutsch und Lateinisch. Die Lehnbildungen der althochdeutschen Benediktinerregel**. Bonn: Bouvier, 1949.
- BISONHIM, K. **EM BUSCA DA ESTRUTURA SÓCIO-ESPACIAL DA REDUÇÃO DE SAN FRANCISCO DE BORJA: A SOBREVIVÊNCIA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO**. Porto Alegre: UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Tese, 2011.
- BOIDIN, C. Jopara: una vertiente sol y sombra del mestizaje. In: DIETRICH, W.; SYMEONIDIS, H. **Mawetí - Tupí - Guaraní**. Berlín: Lit Verlag, 2006. p. 303-331.
- BOIDIN, C. Textos de la modernidad política en guaraní (1810-1813). **Corpus: archivo virtuales de la alteridad americana**, v. 4, n. 2, p. 1-21, 2014.
- BOIDIN, C. Pensar la modernidad/colonialidad en guaraní (XVI-XVIII). **Cuaderno de Antropología**, Buenos Aires, v. 44, p. 7-25, 2016.
- BOIDIN, C. Pensar la modernidad/colonialidad en guaraní (XVI-XVIII). **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, 2016. 7-25.
- BOIDIN, C.; CERNO, L.; VEGA, F. "This Book Is Your Book": Jesuit Editorial Policy and Individual Indigenous Reading in Eighteenth-Century Paraguay. **Ethnohistory**, 2020. 248-267.
- BOIDIN, C.; CHAMORRO, G.; MÉRET, G. Introdução al dossier "Fuentes en lenguas amerindias de América del Sur". **Corpus Archivos virtuales de la alteridad americana**, julho/ dezembro 2014. 1-13.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; SERÓN, J.-C. P. **El oficio del sociólogo: presupuestos epistemológicos**. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2002.

- BRAVO, P. G. **Los procedimientos de traducción en los términos biológicos:** de la adopción al calco semántico. X Encuentros: La traducción de los clásicos: problemas y perspectivas. Madrid: [s.n.]. 2005. p. 165-178.
- BRIGNON, T. ¿Un punto ciego para la historia de la traducción en Hispanoamérica? El guaraní en las misiones jesuíticas del Paraguay y su relevancia para la cultura letrada rioplatense. In: COOR. MANUEL ALCÁNTARA, M. G. M. F. S. L. **Lingüística y Literatura:** Memoria del 56° congreso internacional de Americanistas. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2018. p. 282-292.
- BRIGNON, T. De Montoya a Restivo. Apuntes para un estudio sistemático de los vocabularios castellano-guaraní en el Paraguay jesuítico (1640-1722). **CESXVIII**, n. 30, 2020. 37-67.
- BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, São Paulo, p. 65-82, 1989.
- CAMARA JR, M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1965.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMPOS, H. C.; SEGOVIA, C. F. El Periodismo de Guerra en el Paraguay (1864-1870). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006.
- CÂNDIDO, G. V.; CRUZ, A. D.; OLIVEIRA, G. A. D. Empréstimos de conjunções e subordinadores do Português em Nheengatu. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 50, 1978. 90-107.
- CANESE, N. K. D. Cultura y Bilingüismo en el Paraguay. **Suplemento Atropológico**, Asunción, v. 8, n. 1-2, 1993.
- CANESE, N. K. D.; ALCARÁZ, F. **Gramática Guaraní.** Asunción: Servilibro, 2001.
- CAPUZ, J. G. **La inmigración léxica.** Madrid: Arco Libros, 2004.
- CAPUZ, J. G. **La inmigración léxica.** Madrid: Arco Libros, 2005.
- CARDUM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Rio de Janeiro: J. LEITE & Cia., [1583/1601?] 1925.
- CARVALHO, M. L. B. D. **Das terras dos índios a índios sem terras. O estado e os guarani do Eco'y:** violência, silêncio e luta. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 2013.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.
- CERNO, L. **Descripción fonológica y morfosintáctica de una variedad de la lengua guaraní hablada en la provincia de Corrientes (Argentina).** Rosario: Tesis de Doctorado. Facultad de Humanidades y Artes de la Universidad Nacional de Rosario, 2011.
- CERNO, L. **Variedad estándar y lengua común reduccional. Sobre el léxico del cuerpo humano y la medicina en la lexicografía jesuítica y en el ms. Pohã Ñanã (1725).** Jesuit colonial medicine in South America. A multidisciplinary and comparative approach. Medicina jesuítica en la América del Sur colonial. Una aproximación multidisciplinaria. Proceedings of the 9th International Congress on Traditional Asian Medicines (IC. Kiel: [s.n.]. 2017.
- CERNO, L. "Hermana, dize el varón a su hermana o prima". Ruiz de Montoya, la lexicografía jesuítica y el parentesco. **Estudios Paraguayo**, XXXVI, n. 1, 2018a. 19-43.
- CERNO, L. Parientes próximos, parientes lejanos, una mirada estructural al sistema de parentesco del guaraní antiguo. **Mundaú**, Maceió, 4, 2018b. 52-79.
- CERNO, L. Unidad y diversidad del guaraní posjesuítico. La expresión de la pluralidad como rasgo de fragmentación dialectal y normativa. **Revista argentina de historiografía lingüística**, 2020. 11-29.
- CERNO, L.; GUTIÉRREZ, M.; STEFFEN, J. The Emergence of New Plural Marking Strategies in the Languages of Colonial Paraguay. **Multidirectional Transfer in Letters Written in Guarani an Spanish (1750-1830)**, Murcia, no prelo.
- CERNO, L.; OBERMEIER, F. Nuevos aportes de la lingüística para la investigación de documentos en guaraní de la época colonial (Siglo XVIII). **Folia Histórica del Nordeste**, Resistencia, p. 33-56, 2013.
- CERNO, L.; OBERMEIER, F. Nuevos aportes de la lingüística para la investigación de documentos en guaraní de la época colonial (Siglo XVIII). **Folia Histórica del Nordeste**, Resistencia, p. 33-56, 2013.
- CHAMORRO, G. Percepción del tiempo en el guaraní. In: DIETRICH, W.; SYMEONIDIS, H. **Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní":** Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur. [S.l.]: [s.n.], 2006. p. 203-222.
- CHAMORRO, G. **PHRASES SELECTAS:** Un diccionario manuscrito castellano-guaraní anónimo. **Corpus**, Mendoza, v. 4, p. 2-19, fev. 2014.
- CHAMORRO, G. **Cuerpo Social:** historia y etnografía de la organización social en los pueblos guaraní. Asunción: Tiempo de la Historia FONDEC, 2017.
- CLYNE, M. Zur Beschreibung des Gebrauchs von sprachlichem Lehngut unter Berücksichtigung der kontaktbedingten Sprachforschung. **Zeitschrift für Mundartforschung, Wiesbaden**, n. 2, 1967. 217-225.

- COOR. HARALD THUN. **Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Sociología (= ALGRS), Comentarios. II:** Mapas. Kiel: Westensee-Verlag, v. 2, 2002.
- COSERIU, E. Língua histórica e dialeto. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, [1980] 2017. 9-27.
- COSERIU, E. **Comptencia Lingüística. Elementos de la teoría del hablar.** Madrid: Gredos, [1988] 1992.
- COSERIU, E. Semántica y gramática. In: COSERIU, E. **Gramática, semántica y universales.** Madrid: Gredos, 1978 [1973]. p. 128-147.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história.** São Paulo: Presença, 1979.
- COSERIU, E. **Lições de linguística geral.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología.** México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de Linguística Hispánica, 1982.
- COSERIU, E. **Comptencia Lingüística. Elementos de la teoría del hablar.** Madrid: Gredos, 1992 [1988].
- COUCHONNAL, A.; WILDE, G. De la política de la lengua a la lengua de la política. Cartas guaraníes en la transición de la colonia a la era independiente. **Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana**, p. 1-28, 2014.
- COVARRUBIAS, S. **Tesoro de la lengua castellana o española.** [S.l.]: [s.n.], 1611.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DICCIONARIO de Autoridades, 1726-1739. Disponível em: <<https://apps2.rae.es/DA.html>>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- DIETRICH, W. El español del Paraguay en contacto con el guaraní. In: KLAUS, C. Z. **Lenguas en contacto en Hispanoamérica: nuevos enfoques.** [S.l.]: [s.n.], 1995. p. 203-216.
- DIETRICH, W. Cambio del orden de palabras en lenguas tupí-guaraníes. **Cadernos de Etnolingüística**, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2009.
- DIETRICH, W. Sintaxis del guaraní chaqueño (chiriguano, tupí guaraní): la cláusula y las relaciones intercausales. **Amerindia**, n. 33/34, p. 333-363, 2009-2010.
- DIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V. & W. D. (.). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2010a. p. 9-25.
- DIETRICH, W. Tempo, aspecto y evidencialidad en guaraní. **LIAMES**, Campinas, 2010b. 67-83.
- DIETRICH, W. A língua apapokúva-guarani registrada por Nimuendajú. **Tellus**, Campo Grande, 13, n. 24, 2013. 77-98.
- DIETRICH, W. Conservação e inovação no campo léxico do parentesco: o caso do Mbyá e do Guaraní Paraguaio (Tupí-Guaraní). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, 6, n. 1, 2018. 195-219.
- DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS. **Censo Nacional de Población y Viviendas.** Asunción: DGEEC, 2012.
- DUARTE, F. B. Diversidade Linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias. **Caletroscópio**, 4, 2016. 27-62.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix-Ltda, 2014 [1978].
- ESTIGARRIBIA, B. Mecanismos de derivación morfológica en el guaraní paraguayo. In: AL, B. E. E. **Historia y Lingüística guaraní: homenaje a Bartomeu Melià.** Buenos Aires: [s.n.], 2021. p. 187-222.
- ESTRAGÓ, M. D. Conquista y Colonización (1537-1680). In: TELESKA, C. I. **Historia del Paraguay.** Asunción: Taurus, 2011. p. 63-86.
- FANTINI, O. J. **Obedeciendo a la instrucción de compendiar:** registros de viagens de jesuítas nas Cartas Ánuas na Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII). São Leopoldo: Dissertação de mestrado. Unisinos, 2010.
- FARACO, C. A. Empréstimos e neologismos: uma breve vista histórica. **Alfa**, São Paulo, 2001. 131-148.
- FARACO, C. A. **Lingüística Histórica:** uma introdução aos estudos da história das línguas. 2º. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. In: DIL, A. S. **Language structures and language use.** Standford: [s.n.], 1971 [1959]. p. 1-26.
- FIORENTIN, M. I. Inmigrantes brasileiros radicados no Paraguai: dilemas identitários e hibridismo cultural. **Paraguay desde las Ciencias Sociales**, Buenos Aires, p. 74 - 86, 2013.
- FISHMAN, J. Who speaks what language to whom and when? **La Linguistique**, 1965. 67-88. Disponível em: <<https://www.pdf-archive.com/2014/02/12/fishman-who-speaks-what-language-to-whom-and-when/fishman-who-speaks-what-language-to-whom-and-when.pdf>>.
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, 23, n. 2, 1967 [1959].

- GARDNER-CHLOROS, P. Contact and code-switching. In: HICKEY, R. **The handbook of language contact**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 188-207.
- GIL, F. M. De la diferencia entre lo temporal y eterno. Crisol de desengaños con la memoria de la eternidad, postrimerías humanas y principales misterios divinos, de Juan Eusebio Nieremberg S. J. **Bicentenario de la Revolución de Mayo, Instituto Bonaerense de Numismática y Antigüedades, Bolsa de Comercio de Buenos Aires**, Buenos Aires, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/7036/1/diferencia-temporal-eterno-juan-nieremberg.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2020.
- GÓMEZ RENDÓN, J. Dos caminos del mestizaje lingüístico. **Letras**, Caracas, 54, 2012.
- GÓMEZ-RENDÓN, J. **Typological and social constraints on language contact: amerindian languages in contact with spanish**. Amsterdam: Amsterdam Center for Language and Communication, v. Tese de doutorado, 2008.
- GOODY, J. **Cultura escrita en sociedades tradicionales**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- GRANDA, G. D. Calcos sintácticos del guaraní en el español del Paraguay. **Nueva revista de filología hispánica**, Ciudad del México, 1979. 267-286.
- GRANDA, G. D. Hacia una valoración del proceso de interferencia léxica del guaraní sobre el español paraguayo. **Cuadernos de literatura**, Chaco, n. 3, 1984. 25-60.
- GRANDA, G. D. Estudios lingüísticos sobre el español paraguayo. **Estudios paraguayos**, Asunción, XVII, n. 1-2, 1989/1993. 169-319.
- GRANDA, G. D. Dos afro-portuguesismos léxicos en el español paraguayo (Pombero y Macatero). **Estudios Paraguayos**, Asunción, 1989-1993. 184-200.
- GRANDA, G. D. El sistema de elementos gramaticales evidenciales o validadores en Quechua-Aru y Guaraní paraguayo. Estudio comparativo. **Revista andina**, Cusco, 1996. 457-469.
- GUASCH, A. **El idioma guaraní: gramática y antología de prosa y verso**. Asunción: CEPAG, 1996.
- GUASCH, A.; ORTIZ, D. **Diccionario castellano guaraní - guaraní castellano**. Asunción: CEPAG, 1996.
- GUERRERO RAMOS, G. **Neologismos en el español actual**. Madrid: Arco Libros, 1995.
- HAFFN, I. Investigação histórica do bilinguismo na Península Ibérica a partir do século XV - Até o século XVII. **ÉTUDES ROMANES DE BRNO**, A. Nováka, 2009. 225-233.
- HAUGEN, E. The Analysis of Linguistic Borrowing. **Linguistic Society of America**, 26, n. 2, 1950. 210-231.
- HOLM, J. Contact and change: pidgins and creoles. In: HICKEY, (. R. **The handbook of language contact**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 252-261.
- ILARI, R. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 1997.
- IPOL. Instituto de Investigação e desenvolvimento em Política Linguística, 2015. Disponível em: <<http://ipol.org.br/paraguay-emiten-por-primera-vez-un-decreto-presidencial-en-guarani/>>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- JEAN DUBOIS. **Diccionario de Linguística**. São Paulo: Cultrix, [1978] 2014.
- KALLFELL, G. Uso de las voces verbales del yopará, en comparación con las del guaraní. [S.l.]: [s.n.], 2006. p. 333-354.
- KALLFELL, G. **¿Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas? Gramática del jopara**. Münster: Tese. Westfälischen Wilhelms-Universität zu Münster, 2016.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano**. Madrid: Gredos, [1985] 2007.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Linguagem da imediatez - linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua / Language of immediacy - language of distance: orality and literacy from the perspective of language theo. **Linha d'Água**, São Paulo, 26, 2013. 153-174. Trad. Hudinilson Urbano e Raoni Caldas.
- LAGORIO, C. A.; FREIRE, J. R. B. Aryon Rodrigues e as Línguas Gerais na historiografia linguística. **DELTA**, São Paulo, v. 30, p. 571-589, 2014.
- LANGAS. Langues Générales d'Amérique du Sud, [s.d.]. Disponível em: <https://www.langas.cnrs.fr/#/recherche_corpus>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Gredos, 1981.
- LEGISLACIÓN histórica de España, 20---. Disponível em: <<https://archive.ph/ZH4d>>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- LÉRY, J. D. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução de SÉRGIO MILLIET. [S.l.]: BIBLIOTECA DO EXÉRCITO, [1578] 1961.
- LEWANDOWSKI, T. **Diccionario de Linguística**. Madrid: Cátedra, 1982.

- LOPES, E. **Fundamentos de lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LUGON, C. **A república "comunista" cristã dos guaranis**: 1610/1768. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1976.
- LUSTIG, W. La lengua del "Cacique Lambaré" (1867), primer modelo de un guaraní literario. In: DIETRICH, W.; SYMEONIDIS, H. **Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní"**. **Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur**. Münster: Lit Verlag, 2006. p. 241-258.
- MACHÓN, J. F. La estancia de Curupayti del pueblo de Trinidad (antecedentes históricos de los pueblos correntinos de Loreto y San Miguel). In: PAGE, (.). C. A. **EDUCACIÓN Y EVANGELIZACIÓN. LA EXPERIENCIA DE UN MUNDO MEJOR X JORNADAS INTERNACIONALES SOBRE MISIONES JESUÍTICAS**. Córdoba: MEC, 2005. p. 45-52.
- MACHUCA, M. R. **El guaranihablante ante la justicia**: de los primeros documentos hacia una terminología jurídica en guaraní. Kiel: Verlag, 2007.
- MAEDER, E. J. A. La población de las misiones guaraníes (1641-1682). Reubicación de los pueblos y consecuencias demográficas. **Estudios Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 12, n. 31, p. 49-68, 1989.
- MARCHUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2019.
- MARTINET, A. Prefacio. In: WEINREICH, U. **Lenguas en contacto. Descubrimientos y problemas**. [S.l.]: [s.n.], 1963. p. 7-11.
- MATHIEU, N. D. C. Testimonios del uso de 'vuestra merced', 'vos' y 'tú' en América (1500-1650). **Thesaurus**, 1982. 602-644.
- MATRAS, Y. Borrowing. In: ADAMO, E.; MATRAS, Y. **The Routledge Handbook of Language Contact**. London: Routledge, 2020. p. 148-158.
- MATRAS, Y.; SAKEL, J. Investigating the mechanisms of pattern replication in language convergence. **Studies in Language**, 2007. 829-865.
- MELGAREJO, A. O. **Práctica y Semántica en la Evangelización de los Guaraníes del Paraguay (S. XVI-XVIII)**. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2006.
- MELGAREJO, A. O. Contribución a la medicina natural: Pohã Nãna, un Manuscrito inédito en Guaraní (Paraguay, S. XVIII). **Corpus**, 2014.
- MELIÀ, B. Un catecismo bilingüe en guaraní y castellano. In: MONTOYA, A. R. D. **Catecismo d ela lengua guaraní**. Asunción: CEPAG, [1640] 2008. p. 5-35.
- MELIÀ, B. Un catecismo bilingüe en guaraní y castellano. In: MONTOYA, A. R. D. **Catecismo de la lengua guaraní**. Asunción: CEPAG, [1640] 2008. p. 5-33.
- MELIÀ, B. El arte de la lengua guaraní y sus ediciones. In: MONTOYA, A. R. D. **Arte de la lengua guarani**. Asunción: CEPAG, [1640] 2011. p. 25-36.
- MELIÀ, B. **La lengua guaraní en el Paraguay colonial**. Tradução de Antonio Caballos, Demetrio Núñez Luis Antonio Alarcón Pibernat. Asunción: Editora Litocolor S.R.L., [1969] 2003.
- MELIÀ, B. **La lengua guaraní en el Paraguay colonial**. Tradução de Antonio Caballos, Demetrio Núñez Luis Antonio Alarcón Pibernat. Asunción: Editora Litocolor S.R.L., [1969] 2003.
- MELIÀ, B. **La lengua guaraní del Paraguay**: historia, sociedad y literatura. Madrid: Mapfre S. A., 1992.
- MELIÀ, B. **Elogio de la lengua guarani**. Asunción: CEPAG, 1995.
- MELIÀ, B. Escritos guaraníes como fuentes documentales de la historia paraguaya. **História Unisinos**, São Leopoldo, 2005. 5-18.
- MELIÀ, B. Historia de lengua guaraní. In: TELESCA, C. I. **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2011. p. 425-445.
- MELIÀ, B. La lengua guaraní dependiente en tiempos de Independencia en Paraguay. **Journal de la société des américanistes**, v. 97, n. 2, p. 153-174, 2011.
- MELIÀ, B. La interculturalidad y la farsa del bilingüismo. **Abehache: Associação Brasileira de Hispanistas**, v. 2, p. 89-94, 2012.
- MELIÀ, B.; TELESCA, I. Los pueblos indígenas en el Paraguay: conquistas legales y problemas de tierra. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 6, 1997.
- MELLO, A. A. S. D.; KNEIP, A. Novas evidências linguísticas (e algumas arqueológicas) que apontam para a origem dos povos tupi-guarani no leste amazônico. **Literatura e Linguística**, 2017. 299-312.
- MELLO-WOLTER, R. M. **El parentesco en el guaraní**: estudio contrastivo diacrónico y sincrónico de su léxico. Valência: Tese de doutorado, 2009.
- MENÉNDEZ, F. G. Hacia una sociolingüística histórica. **Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante**, Alicante, 1983a. 181-226.
- MERINO, M. A. **El cambio de lengua en Orihuela. Estudio sociolingüístico-histórico del siglo XVII**. Murcia: Poblàgrafic, 1994.

- MÈTRAUX, A. The Guarani. In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**. Whashington: United States Government Printing Office, v. 3, 1948. p. 69-94.
- MONTOYA, A. R. D. **Tesoro de la lengua guaraní**. Asunción: Montoya, [1639] 2011.
- MONTOYA, A. R. D. **Vocabulario de la lengua guaraní**. Asunción: CEPAG, [1640] 2002.
- MONTOYA, A. R. D. **Cetecismo de la lengua guaraní**. Asunción: CEPAG, [1640] 2008.
- MONTOYA, A. R. D. **Arte de la lengua guaraní**. Asunción: Montoya, [1640] 2011.
- MONTOYA, A. R. D. **Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani o más bien (Tupi)**. Viena: Imprenta I y R del Estado de Viena, 1876.
- MORÍNIGO, M. A. Sobre los Cabildos indígenas de las Misiones. **Revista de la academia de Entre Rios**, 1946. 29-37.
- MORÍNIGO, M. A. **Raíz y destino del guaraní**. Asunción: Imprenta Salesiana, 1989.
- MOZAS, A. B. **Gramática práctica**. Madrid: EDAF, 1992.
- MOZZILLO, I. **O mito da pureza lingüística confrontado pelo conceito de code-switching**. Anais do CELSUL. [S.l.]: [s.n.]. 2008. p. 1-8.
- MUYSKEN, P. Scenarios for language contact. In: HICKEY, O. R. **The Handbook of language contact**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 261-281.
- NAVARRO, E. D. A. **Método moderno de tupi antigo**. São Paulo: Global, 2005.
- NAVARRO, E. D. A. **Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo: Global, 2013.
- NETO, M. **A utopia possível: missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico**. Brasília: FUNAG, 2012.
- NEUMANN, E. **Letra de Índios. Cultura escrita, comunicação e memória indígena nas Reduções do Paraguai**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015.
- NEUMANN, E. S. **Práticas letradas guarani: produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII)**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado: Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2005.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, 1999-2000. 218-269.
- OBERMEIER, F. Los géneros didácticos en la literatura jesuítica rioplatense. "In memoria del Dr. Walter Rela". **Estudios Históricos**, Rivera-Uruguay, Diciembre 2017. 1-22.
- OBERMEIER, F.; CERNO, L. El Padre João Pedro Gay (1815-1891) y su contribución a la historia social del guaraní de Corrientes. **Corpus**, 7, 2017. 1-17. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/corpusarchivos/1774#entries>>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus Editora, 1998.
- ORG. ROSÂNGELA MORELLO; ANA PAULA SEIFFERT. **Inventário da língua guarani mbya**. Florianópolis: Garapuvu, 2011.
- PALACIOS, A. **Acerca del contacto de lenguas: español y guaraní**. I SIMPOSIO INTERNACIONAL SOBRE O BILINGÜISMO: COMUNIDADES E INDIVIDUOS BILINGÜES. Galicia: [s.n.]. 1997. p. 807-817.
- PALACIOS, A. Variación sintáctica en el sistema pronominal del español paraguayo. **Anuario de Lingüística Hispánica**, Lima, v. XIV, p. 451-474, 1998.
- PALACIOS, A. Lenguas en contacto en Paraguay: español y guaraní. In: PINO, C. F.; LAN, N. L.-V. **Variedades lingüísticas y lenguas en contacto en el mundo de habla hispana**. Bloomington: Books Library, 2005. p. 44-52.
- PALACIOS, A. A. **Introducción a la Lengua y Cultura Guaraníes**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1999.
- PERAMÁS, J. M. **Platón y los guaraníes**. Asunción: CEPAG, [1793] 2004.
- PEREIRA, D. L. T. Expansão dos tupi-guarani pelo território brasileiro: correlação entre a família lingüística e a tradição cerâmica. **Topos**, 3, n. 1, 2009. 29-80.
- PIBERAM. Dicionário Pibram, [s.d]. Disponível em: <<https://dicionario.pibram.org/%C3%A2nua>>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- PORTAL GUARANÍ. Documentos en guaraní 1770 A 1850 - Archivo Nacional de Asunción - Investigación de Bartomeu Meliá. **Portal Guarani**. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/807_bartomeu_melia_lliteres/21948_documentos_en_guarani_1770_a_1850_archivo_nacional_de_asuncion_investigacion_de_bartomeu_melia_.html>. Acesso em: 18 julho 2018.
- PUSINERI, A.; ZALAZAR, R. El periodo prehispánico. In: TELESKA, C. I. **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2011. p. 49-62.
- PÜTZ, M. Sprachrepertoire / Linguistic repertoire. In: GOEBL, (.) H. **Contact linguistics: an international handbook of contemporary research**. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1996. p. 226-232.

- RABADÁN, R. **Equivalencia y traducción**: problemática de la equivalencia traslémica inglés-español. León: Universidad de León, 1991.
- RAE. Real Academia de la lengua española, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.rae.es/>>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- RANZAN, A. C. **Escrita, ação indígena e a troca de vassalagem de 7 povos missionários na fronteira meridional (1770-1801)**. Natal: [s.n.]. 2013.
- REBELLO, L. S. Introdução: Sêneca, da vida e da obra: ideias inspiradoras e atuais. In: SÊNECA, L. A. **Sobre a brevidade da vida**. [S.l.]: [s.n.], 2011. p. 7-21.
- REINALDO VAINFAS. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2000.
- REIS, R. C. P. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. Londrina: Tese. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.
- RESTIVO, P. **Arte de la lengua guaraní**. [S.l.]: [s.n.], 1791.
- RESTIVO, P. **Vocabulario de la lengua guaraní**. [S.l.]: Ed. de Christian Friedrich Seybold. Kohlhammer, 1893 [1722]. Disponível em: <<https://archive.org/details/restivo-1893-lexicon-hispano-guaranicum-vocab-guarani/page/n89/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 08 set. 2022.
- ROBL, A. Língua e recorte da realidade. **Letras**, Curitiba, p. 3-20, 1975.
- RODRIGUES, A. Diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani. **Separata dos arquivos do museu paranaense**, Curitiba, IV, n. XIV, 1945. 333-354.
- RODRIGUES, A. As línguas gerais sul-americanas. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 4, p. 6-18, 1996.
- RODRIGUES, A. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: VOLKER, O. N.; DIETRICH, W. **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-104.
- RODRIGUES, A. D. A classificação do tronco linguístico Tupí. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 12, n. 1-2, 1964. 99-104.
- RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, 3, n. 2, 2011. 233-251.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. Oxford: Basil Blackwell, [1989] 1995.
- ROMAINE, S. **El lenguaje en la sociedad. Una introducción a la sociolingüística**. Barcelona: Ariel, 1996.
- ROMAINE, S. **El lenguaje en la sociedad: una introducción a la sociolingüística**. Barcelona: Ariel, 1996.
- SAKEL, J. Types of loan: Matter and Patter. In: MATRAS, Y.; SAKEL, J. **Grammatical Borrowing in Cross-Linguistic Perspective**. Berlin - New York: [s.n.], 2007. p. 15-29.
- SAKEL, J. Grammatical borrowing from Spanish/Portuguese in some native languages of Latin America. **Language Typology and Universals**, Berlim, 2010. 04-16.
- SAUSSURE, F. D. **Curso de Linguística Geral**. [S.l.]: Editora Cultrix, 2006.
- SIEGEL, J. Koinés and koineization. **Language in Society**, 14, n. 03, 1985. 357-378.
- SILVA, A. L. F. D. **Reduções jesuítico-guarani**: espaço de diversidade étnica. Dourados: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.
- SILVA, A. L. F. D. **QUANDO TODOS SÃO GUARANI**: a guaranização indígena em escritos do século XVI nas Províncias do Rio da Prata. Dourados: Universidade Federal de Dourados (doutorado), 2018.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- SPINASSÉ, K. P. As interferências da língua materna e o aprendizado do Alemão como Língua Estrangeira por crianças bilíngües. **Pandaemonium germanicum**, 2006. 339-362.
- STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. Porto Alegre: L&PM, [1557] 2017.
- STOLZ, T.; PATZELT. Romancization and Hispanicization worldwide, no prelo.
- SUZE, S. **Os guarani e a redução jesuítica**: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno. São Paulo: Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.
- TELESCA, I. Identidad y territorio en Paraguay antes de la independencia. **Froteiras**, Dourados, p. 47-82, jan/jun 2009.
- THE international Council of Onomastic Sciences, [s.d.]. Disponível em: <<https://icosweb.net/publications/onomastic-terminology/>>. Acesso em: 2020 ago. 28.
- THOMASON, S. G. **Language contact**. Edinburg: Edinburg University, 2001.
- THOMASON, S. G. **Lnaguage Contact**. George Square, Edinburg: Edinburg University, 2001.

- THUN, H. Evolución de la escriptualidad entre los indígenas Guaraníes. In: RIDRUEJO, O. E.; FUENTES, M. **SIMPOSIO ANTONIO TOVAR SOBRE LENGUAS AMERINDIAS**. Tordesillas: Universidad de Valladolid, 2003. p. 9-23.
- THUN, H. A dos mil la uva, a mil la limón. Historia, función y extensión de los artículos definidos del castellano en el guaraní jesuítico y paraguayo. In: SYMEONIDIS, O. W. D. H. **Guaraní y Mawetí-Tupí-Guaraní**. Berlín: Lit Verlag, 2006. p. 357-414.
- THUN, H. La hispanización del guaraní jesuítico en "lo espiritual" y en "lo temporal". Primera parte: el debate metalingüístico. In: STEHL, O. T. **Kenntnis und Wandel der Sprachen**. [S.l.]: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2008a. p. 217-240.
- THUN, H. "La hispanización del guaraní jesuítico en 'lo espiritual' y en 'lo temporal'. Segunda parte: Los procedimientos". In: DIETRICH, E. W.; SYMEONIDIS, H. **Geschichte und Aktualität der deutschsprachigen Guaraní-Philologie**. Berlín: Lit Verlag, 2008b. p. 141-169.
- THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. D. A. (.). **Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens**. Londrina: [s.n.], v. VII: vozes, veredas, voragens, 2009. p. 531-558.
- THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, P.; (EDS.), E. S. **anguage and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. Vol. 1: Theories and methods. Berlín: Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.
- THUN, H.; CERNO, L. **Guaranihape tecocue - Lo que pasó en la guerra (1704 - 1705)**. Kiel: Verlag, 2015.
- THUN, H.; WILKIN, R. **A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813)**. Tradução de Cléo Wilson Altenhofen e Gerônimo Loss Bergmann. São Leopoldo: [s.n.], 2018. 31-46 p.
- TRAILL, E. L.; ÁVILA, A. V.; PINAL, G. E. B. **Diccionario básico de lingüística**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.
- VEGA, F. R. La dimensión bibliográfica de la reducción lingüística. La producción textual jesuítica en guaraní a través de los inventarios de bibliotecas. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, p. 1-36, 2018.
- VERA, H. **Diccionario del paraguayó estreñido**. Asunción: Servilibro, 2008.
- VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Libreria Almedina, 1994.
- WEBER, H. Prólogo del editor. In: COSERIU, E. **Comptencia lingüística. Elementos de la teoría del hablar**. [S.l.]: [s.n.], [1988] 1992. p. 7-9.
- WEINREICH, U. **Lenguas en contacto. Descubrimientos y problemas**. Venezuela: [s.n.], 1963.
- WHORF, B. L. **Lenguaje, pensamiento y realidad**. Barcelona: Barral Editores, 1971.
- WILDE, G. Territorio y etnogénesis misional en el Paraguay del siglo XVIII. **Fronteiras**, Dourados, 11, n. 19, 2009a. 83-106.
- WILDE, G. **Religión y poder en las Misiones Guaraníes**. Buenos Aires: Sb, 2009b.
- WILDE, G.; VEGA, F. De la indiferencia entre lo temporal y lo eterno. Élités indígenas, cultura textual y memoria en las fronteras de América del sur. **Varia Historia**, Belo Horizonte, 35, n. 68, 2019. 461-506.
- WINFORD, D. Contact and Borrowing. In: RAYMOND, E. H. **The Handbook of language contact**. Oxford: Wiley, 2013. p. 170-187.
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. **Dicionário de termos lingüísticos**. Lisboa: Cosmos, v. II, 1992.
- YEGROS, N. Y. D.; DURÁN, M.; MELIÀ, B. **Documentos en Guaraní**. Asunción: MEC, 2011.
- ZAJICOVÁ, L. **El bilingüismo paraguayó: usos y actitudes hacia el guaraní y el castellano**. Frankfurt: Vervuert, 2009.
- ZAJICOVÁ, L. VARIACIÓN ESTILÍSTICA EN EL CONTACTO LINGÜÍSTICO: EL CASO DEL GUARANÍ Y EL ESPAÑOL EN PARAGUAY. **Études romanes de Brno**, República Tcheca, v. 2, n. 30, p. 203-211, 2009.